

Mark Twain

As Aventuras de
**Huckleberry
Finn**



RELÓGIO D'ÁGUA

Mark Twain

As Aventuras de
**Huckleberry
Finn**



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: As Aventuras de Huckleberry Finn (O Companheiro de Tom Sawyer)
Título original: *The Adventures of Huckleberry Finn (Tom Sawyer's Comrade)*
(1885)

Autor: Mark Twain

Ilustrações: E. W. Kemble

Tradução: Sara Serras Pereira

Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com) sobre ilustração de E. W. Kemble

© Relógio D'Água Editores, maio de 2020

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

ISBN 978-989-783-033-4

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt



HUCKLEBERRY FINN.

AVISO

Será perseguido em tribunal quem tente encontrar um motivo nesta narrativa; será degredado quem tente encontrar nela uma moral; quem tente encontrar aqui uma intriga será fuzilado.

POR ORDEM DO AUTOR
ATRAVÉS DE G. G., CHEFE DE ARTILHARIA.

EXPLICAÇÃO

Neste livro são usados diversos dialetos, nomeadamente: o dialeto dos negros do Missouri; a forma mais extrema do dialeto das regiões remotas do Sudoeste; o dialeto vulgar de «Pike County»; e quatro variantes alteradas deste último.

Os seus contornos não foram adivinhados, nem traçados ao acaso, mas sim escrupulosamente, com o apoio e sob a orientação de uma familiaridade pessoal fidedigna com esses diversos falares.¹

Apresento esta explicação dado que sem ela muitos leitores seriam levados a supor que todos estes personagens se esforçavam, sem o conseguir, por falar da mesma forma.

O AUTOR.

¹ Como é natural, tais matizes nem sempre serão identificáveis na versão portuguesa. (*N. T.*)

As Aventuras de Huckleberry Finn

Cenário: Vale do Mississípi

Época: Há Uns Quarenta ou Cinquenta Anos

Capítulo I

Tu não sabes nada sobre mim se não tiveres lido um livro chamado *As Aventuras de Tom Sawyer*, mas isso não interessa. Esse livro foi feito pelo Sr. Mark Twain, e ele disse quase sempre a verdade. Disse sobretudo a verdade, apesar de haver umas coisas que exagerou. Ora isso não é nada. Eu cá nunca vi gente que não mentisse uma vez por outra, tirando a Tia Polly, ou a Viúva, ou talvez a Mary. Isso da Tia Polly — ou seja, a Tia Polly do Tom — e da Mary, e da Viúva Douglas, está tudo explicado nesse livro, que é um livro que diz quase sempre a verdade, se bem que às vezes exagere, como eu já disse antes.



A CASA DA VIÚVA.

Ora a maneira como o livro acaba é assim: eu e o Tom encontrámos o dinheiro que os ladrões tinham escondido na gruta e ficámos ricos. Ficámos com seis mil dólares cada um — tudo em ouro. Aquilo era um montão de

dinheiro quando o empilhámos todo junto. Ora, o Juiz Thatcher pegou nele e pô-lo a juros, e rende-nos um dólar por dia a cada um, todos os dias do ano — mais do que uma pessoa consegue gastar. A Viúva Douglas tomou-me por filho, e decidiu que me ia sivelizar; só que era duro viver numa casa o tempo todo, sendo a Viúva em tudo tão decente e de uma regularidade tão pavorosa; e por isso, quando já não podia mais, fugi de fininho. Enfei-me mais uma vez nos meus trapos velhos e no meu barril, e senti-me livre e satisfeito. Mas o Tom Sawyer veio atrás de mim e disse que ia formar um bando de ladrões, e que eu podia fazer parte se voltasse para casa da Viúva e fosse respeitável. Por isso voltei para trás.

A Viúva chorou para cima de mim e chamou-me pobre vitelo e mais uma data de outros nomes, também, mas nunca os dizia com maldade. Enfiou-me outra vez nas roupas novas e eu não podia senão suar e suar e sentir-me todo empertigado. E assim lá recomeçou tudo como antes. Ao jantar, a Viúva tocava uma campainha, e tinha de se aparecer a tempo. Quando se chegava à mesa, não se podia começar logo a comer, tinha de se esperar que a Viúva baixasse a cabeça e resmungasse umas coisas por cima dos pratos, apesar de não haver nada a dizer sobre eles — quer dizer, nada, a não ser que eram cozinhados separados uns dos outros. No barril dos restos é diferente: fica tudo misturado, confundem-se os sucos de umas coisas e das outras, e todas ficam melhores.



A APRENDER SOBRE MOISÉS E OS JUNCOS

Depois do jantar, a Viúva puxou do livro e falou-me do Moisés e dos Juncos, e eu estava ansioso por aprender tudo o que lhe tinha acontecido. Só que em breve ela deixou escapar que o Moisés já tinha morrido há uns anos largos, e a partir daí deixei de me interessar por ele, porque não sou de acreditar em mortos.

Daí a pouco tive vontade de fumar, e pedi autorização à Viúva. Mas ela disse que não. Dizia que fumar era um hábito reles e sujo e que eu devia tentar deixar de o fazer. Há gente que é mesmo assim. Criticam as coisas sem saberem de que é que estão falar. Lá estava ela a preocupar-se com o Moisés, que não lhe era nada, nem servia para nada, já que estava morto, claro, e ao mesmo tempo a culpar-me por fazer uma coisa que era boa. Além disso, tomava rapé, ela — mas claro que isso era aceitável, porque ela própria o fazia.

A irmã dela, a Miss Watson, uma velha solteira um tanto magra, com óculos, tinha vindo há pouco viver com ela, e agora encurralava-me com o livro de ortografia. Puxava bastante por mim durante coisa de uma hora, e depois a Viúva mandava-a abrandar. Eu não teria conseguido aguentar muito mais. Depois durante outra hora era um enfado de morte, e eu ficava irrequieto. A Miss Watson dizia: «Não ponhas os pés aí em cima, Huckleberry» e «Não te sentes assim todo retorcido, Huckleberry — as costas direitas»; e daí a pouco: «Para de te esparramar e de te espreguiçar dessa maneira, Huckleberry — porque não te portas como deve ser?» Depois contou-me tudo sobre o lugar mau, e eu disse: «Quem me dera lá estar.» Então ela zangou-se, embora eu não tivesse dito aquilo por mal. O que eu queria era ir para um sítio qualquer; só queria uma mudança, não era esquisito. Ela disse que era uma maldade eu ter dito o que disse; que ela não diria tal coisa por nada deste mundo; que *ela* ia viver de maneira a ir para o lugar bom. Ora, eu cá não via vantagem nenhuma em ir parar ao mesmo lugar que ela, por isso decidi de uma vez por todas nem sequer tentar. Mas nunca o disse em voz alta, porque só iria criar problemas e não traria bem nenhum.



Uma vez que tinha falado no assunto, continuou e contou-me tudo sobre o lugar bom. Disse que, lá, a única coisa que havia para fazer era andar todo o dia às voltas, a cantar, com uma harpa na mão, para todo o sempre. Por isso não fiquei com uma grande ideia daquilo. Mas nunca disse nada. Perguntei-lhe se ela achava que o Tom Sawyer iria lá parar, e ela disse que nem por sombras. Eu fiquei contente por ouvir esta resposta, porque queria que ele e eu ficássemos juntos.

A Miss Watson não parava de me dar bicadas, e eu sentia-me cansado e sozinho. Por fim acabaram por reunir lá dentro os pretos e rezaram, e depois foi toda a gente para a cama. Eu subi para o meu quarto com um coto de vela e pousei-o em cima da mesa. Depois sentei-me numa cadeira perto da janela e tentei pensar nalguma coisa alegre, mas não valia a pena. Sentia-me tão sozinho que mais me apetecia morrer. As estrelas brilhavam; ouviam-se os lamentos das folhas que restolhavam na floresta; ouvi uma coruja, ao longe, piando porque alguém tinha morrido, e um noitibó e um cão a uivarem por alguém que ia morrer; o vento tentava segredar-me qualquer coisa que eu não percebia e fiquei com arrepios no corpo todo. Depois, lá ao longe no bosque, ouvi aquele som: o som que faz um fantasma quando está a tentar contar-nos alguma coisa que o aflige mas não consegue fazer-se entender, e por isso não pode descansar na sua campa e tem de andar por aí todas as noites aos gemidos. Fiquei tão abatido e assustado que desejei mesmo ter companhia. Daí a nada veio uma

aranha a subir pelo meu ombro; dei-lhe um piparote e a vela pegou-lhe fogo — antes que eu pudesse mexer um dedo ficou toda encarquilhada. Eu não precisava que ninguém me dissesse que aquilo era um sinal terrivelmente mau e que me ia trazer azar, por isso tive medo e sacudi o pó da roupa. Levantei-me e andei às voltas repetindo os mesmos passos três vezes, e benzi-me de cada uma delas; e depois ateí uma pequena mecha do meu cabelo com um fio para afastar as bruxas, mas sem grande convicção. Isto era o que se fazia quando se encontrava uma ferradura e se tornava a perdê-la em vez de a ter pregado por cima de uma porta, mas eu nunca tinha ouvido dizer a ninguém que fosse uma maneira de afastar a má sorte depois de se ter matado uma aranha.

Sentei-me de novo, todo a tremer, e puxei do meu cachimbo para fumar; porque agora a casa estava num silêncio de morte, e por isso a Viúva não iria notar. Ora, depois de um grande bocado ouvi o relógio ao longe na cidade batendo, bum—bum—bum, doze badaladas; e tudo ficou silencioso outra vez — mais do que nunca. Daí a nada ouvi estalar um galho no escuro por entre as árvores — era qualquer coisa a mexer. Sentei-me quieto e fiquei à escuta. Logo a seguir pude ouvir com uma certa dificuldade um «miiiau! miiiau!» lá em baixo. Aquilo era coisa boa! Fiz também «miiiau! miiiau!», o mais baixo possível, e depois apaguei a luz e escapuli-me pela janela para o telheiro. Daí escorreguei até ao chão e rastejei por entre as árvores, e, claro, lá estava o Tom à minha espera.



HUCK A ESCAPULIR-SE

Capítulo II

Seguimos em bicos de pés por um carreiro no meio das árvores até ao limiar do quintal da Viúva, encolhendo-nos para que os ramos não nos arranhassem a cabeça. Quando íamos a passar pela cozinha, eu tropecei numa raiz e fiz barulho. Agachámo-nos e ficámos parados. O grande preto da Miss Watson, que se chamava Jim, estava sentado à porta da cozinha; podíamos vê-lo bastante bem, porque havia uma luz atrás dele. Levantou-se e esticou o pescoço, à escuta, durante um minuto. Depois disse:

— Quem é istô?



SEGUIRAM EM BICOS DE PÉS.

Ficou à escuta mais algum tempo; e depois saiu em bicos de pés e ficou parado mesmo entre nós; quase lhe podíamos ter tocado. Bem, devem ter-se

passado um a um vários minutos sem que se ouvisse um único som, apesar de ali estarmos os três tão perto uns dos outros. Eu sentia uma comichão algures no tornozelo, mas não me atrevi a coçá-la; depois comecei a sentir comichão na orelha; e a seguir nas costas, mesmo no meio dos ombros. Parecia que ia morrer se não me pudesse coçar. Ora, tenho notado a mesma coisa imensas vezes desde então. Se a pessoa está com gente fina, ou num funeral, ou a tentar dormir quando não tem sono — se estiver em qualquer sítio onde não seja próprio coçar-se, há de ser logo nessa altura que vai sentir comichões por toda a parte, em mais de mil sítios do corpo. Daí a pouco o Jim diz:

— Falá, quem és tu? O quê és tu? Macacos mê mordam sê eu não 'tou a ouvir qualquer coisa. Ora, eu sei o quê é quê vou fazer. Vou ficar aqui sentado à êscuta até ouvir outra vez.

Então sentou-se no chão entre mim e o Tom. Encostou as costas a uma árvore e esticou as pernas até que uma delas quase tocava numa das minhas. Comecei a ficar com comichão no nariz. Tornou-se tão grande que me vieram as lágrimas aos olhos. Mas não me cocei. Então comecei a sentir comichão também por dentro. Depois por baixo. Não sabia como é que ia conseguir ficar quieto. Esta aflição deve ter durado uns seis ou sete minutos; mas pareceu muito mais do que isso. Tinha agora comichões em onze lugares diferentes. Achava que não ia aguentar nem mais um minuto, mas cerrei os dentes e preparei-me para resistir. Nesse instante o Jim começou a respirar profundamente; a seguir começou a rressonar — então daí a pouco já eu estava outra vez à vontade.

O Tom fez-me um sinal — uma espécie de barulhinho com a boca — e lá fomos nós pela calada, de gatas. Quando tínhamos avançado dez pés, o Tom falou baixinho: queria atar o Jim à árvore por graça. Mas eu disse que não; que ele podia acordar e armar um sarilho, e depois descobria-se que eu não estava em casa. Então o Tom disse que não tinha velas que chegassem, e que ia entrar de fininho na cozinha e arranjar mais algumas. Eu não queria que ele tentasse. Disse que o Jim podia acordar e aparecer. Mas o Tom queria arriscar, por isso esgueirámo-nos lá para dentro e arranjámos três velas, e o Tom deixou na mesa cinco cêntimos pela paga. Então saímos. Eu estava ansioso por me ir embora; mas era impossível acalmar o Tom, que teve de rastejar, de gatas, até onde

estava o Jim e pregar-lhe uma partida. Eu fiquei à espera, e pareceu-me um bom bocado — estava tudo tão silencioso e abandonado!

Assim que o Tom voltou, cortámos pelo carreiro que contornava a cerca do quintal, e aos poucos fomos chegando ao cimo íngreme do monte do outro lado da casa. O Tom disse que tinha feito o chapéu do Jim deslizar-lhe da cabeça e que o tinha pendurado num ramo mesmo à sua frente, e que o Jim se tinha mexido um bocadinho, mas sem acordar. Mais tarde o Jim disse que as bruxas o tinham enfeitiçado e posto em transe e que o tinham passeado por todo o Estado e que depois o tinham sentado outra vez debaixo das árvores e lhe tinham pendurado o chapéu na árvore para mostrar quem estava por trás daquilo tudo. Da vez seguinte em que falou no assunto o Jim disse que o tinham levado até Nova Orleães; e, a partir daí, sempre que contava a história, ia um bocado mais longe, até que passado algum tempo começou a dizer que o tinham passeado pelo mundo inteiro, e que o tinham deixado morto de cansaço, e com as costas cheias de bolhas da sela. O Jim tinha um orgulho monstro na sua história, e tanto assim que deixou de ligar aos outros pretos. Havia quem andasse milhas para ouvir o Jim falar; ele passou a ser mais respeitado do que qualquer outro preto da região. Havia pretos de fora que ficavam embasbacados de boca aberta a olhar para ele, como se ele fosse um prodígio. Os pretos costumam sempre contar histórias de bruxas no escuro à volta do fogão da cozinha; mas agora de cada vez que um deles começava a falar, dando a impressão de saber muita coisa sobre o assunto, o Jim intervinha e dizia: «Hum! Tu não sabês nada sobrê bruxas!» e o preto tinha de calar a boca e de se ir sentar ao fundo da cozinha. O Jim trazia sempre uma moeda de cinco cêntimos pendurada ao pescoço por um cordel, e dizia que era um amuleto que lhe tinha dado o Diabo em pessoa, que lhe tinha dito que com aquilo ele podia curar qualquer doente, e que para apanhar bruxas quando quisesse lhe bastava dizer uma certa palavra — só que o Jim nunca contou a ninguém que palavra era essa. Vinham pretos de todos os lados e davam ao Jim tudo o que tinham em troca de uma olhadela à tal moeda de cinco cêntimos, mas não lhe tocavam, porque a moeda tinha estado nas mãos do Diabo. O Jim tornou-se tão convencido por ter visto o Diabo e por ter sido passeado pelas bruxas que deixou de prestar para criado.



JIM.

Quando eu e o Tom chegámos ao pé do cimo do monte e olhámos de longe para a cidade lá em baixo, viam-se três ou quatro luzes acesas, onde havia gente doente, talvez; as estrelas por cima de nós brilhavam, mais bonitas do que nunca; e lá ao fundo ao lado da cidade estava o rio, com uma milha inteira de largura, terrivelmente calado e majestoso. Descemos o monte e encontrámos o Jo Harper e o Ben Rogers, e mais dois ou três dos rapazes, escondidos na antiga curtição. Então desamarrámos um barco, remámos duas milhas e meia rio acima, até à grande cicatriz na encosta, e saímos para a margem.

Fomos até uma sebe de arbustos, e o Tom fez toda a gente jurar que guardava segredo, e depois mostrou-nos um buraco no monte, logo na parte mais densa dos arbustos. Então acendemos as velas, e rastejámos lá para dentro apoiados nas mãos e nos joelhos. Passadas umas duzentas jardas, o túnel tornou-se mais largo. O Tom ia apalpando por entre as passagens, e daí a pouco agachou-se por baixo de uma parede onde não se teria notado que havia um buraco. Seguimos por um sítio estreito e chegámos a uma espécie de sala, muito húmida, pegajosa e fria, e aí parámos. O Tom disse assim:

— Ora bem, vamos formar um bando de ladrões e chamar-lhe o Bando do Tom Sawyer. Todos os que quiserem fazer parte têm de prestar juramento e de assinar o seu nome a sangue.



O BANDO DE LADRÕES DO TOM SAWYER.

Todos queriam, por isso o Tom puxou de uma folha de papel onde tinha escrito o juramento e leu-o. O texto jurava que todos os rapazes seriam fiéis à quadrilha, e que nunca revelariam nenhum dos seus segredos; e que se alguém fizesse qualquer coisa a um dos rapazes do bando, o rapaz que fosse mandado matar essa pessoa e a sua família teria de o fazer, e não podia dormir nem comer antes de os ter matado e de lhes ter espetado no peito uma cruz, que era a insígnia do bando. E ninguém que não pertencesse ao bando podia usar essa marca, e se o fizessem seriam processados, e se voltassem a fazê-lo seriam mortos. E se alguém que pertencesse ao bando contasse os seus segredos, cortava-se-lhe a garganta, e depois a sua carcaça era queimada e as cinzas espalhadas por toda a parte, e o seu nome era apagado da lista de sangue, e nunca mais seria mencionado pelo bando, mas sim amaldiçoado e esquecido para todo o sempre.

Todos disseram que era um juramento bonito a valer, e perguntaram ao Tom se tinha sido ele próprio a inventá-lo. Ele disse que sim, em parte, mas que o resto era tirado de livros de piratas e de livros de quadrilhas, e que todos os bandos a sério tinham de ter um juramento assim.

Alguns pensaram que seria melhor matar as *famílias* dos rapazes que revelassem os segredos. O Tom disse que era boa ideia, por isso pegou num lápis e acrescentou essa parte. Depois o Ben Rogers disse:

— E aqui o Huck Finn, que não tem família; com'ê que vais fazer com ele?

— Então, não é verdade que ele tem pai? — perguntou o Tom Sawyer.

— Sim, ele tem pai, mas nos últimos tempos nunca se consegue encontrá-lo. Costumava ‘tar deitado c’os cães na curtição, bêbado, mas já vai pra um ano ou mais que ninguém o vê por aqui.

Puseram-se a discutir o problema, e estavam para me excluir, porque diziam que toda a gente tinha de ter uma família ou alguém para matar, ou que senão não era justo para os outros. Ora, ninguém conseguia pensar numa maneira de resolver o problema — e todos estavam abatidos e calados. Eu estava quase a chorar; mas de repente pensei numa solução, e ofereci-lhes a Miss Watson: podiam matá-la. Todos disseram:

— Ah, ela serve. Muito bem. O Huck pode ficar.

Depois todos espetaram um espinho no dedo para terem sangue para assinar, e eu pus a minha marca no papel.

— E agora — disse o Ben Rogers —, qual vai ser o tipo de atividade deste Bando?

— Roubo e homicídio, mais nada — disse o Tom.

— Mas quem é que vamos roubar? Casas, ou gado, ou...

— Coisas! Roubar gado e coisas assim não é roubo, é assalto — disse o Tom Sawyer. — Nós cá não somos assaltantes. Isso não é um estilo decente. Somos salteadores. Paramos diligências e carruagens na estrada, de máscaras postas, e matamos as pessoas e levamos-lhes os relógios e o dinheiro.

— Temos de matar sempre as pessoas?

— Oh, claro. É o melhor. Algumas autoridades pensam que não, mas em geral considera-se melhor matá-las — a não ser umas quantas que trazemos aqui para a gruta, e ficamos com elas até ao resgate.

— Resgate? O que é isso?

— Não sei. Mas é o que eles fazem. Vi nos livros; portanto claro que é isso que temos de fazer.

— Mas como é que podemos fazer uma coisa se não sabemos o que é?

— Ora, que culpa tenho eu? É o que *temos* de fazer. Não vos disse já que é o que vem nos livros? Querem mesmo fazer diferente do que vem nos livros, para sair tudo às avessas?

— Oh, isso é muito fácil de *dizer*, Tom Sawyer, mas por que artes vamos nós resgatar essa gente se não sabemos o que é que temos de lhes fazer? Isso é que eu quero perceber. Vamos lá, tu *achas* que é o quê?

— Pois, não sei. Mas talvez guardar as pessoas até estarem resgatadas queira dizer que ficamos com elas até estarem mortas.

— Pronto, *isso* já é alguma coisa. E chega. Não podias ter dito antes? Guardamos as pessoas e esperamos que sejam resgatadas até à morte. Hão de ser um belo estorvo, também — a comerem tudo e sempre a tentarem fugir.

— Que conversa a tua, Ben Rogers. Como é que hão de fugir se estiver um guarda de olho nelas, pronto a pregar-lhes um tiro ao mínimo movimento?

— Um guarda! Pois, essa *é* boa. Portanto alguém tem de ficar a pé a noite toda, sem nunca poder dormir, só para ficar a olhar para elas. Eu acho isso uma loucura. Porque é que não havemos de poder pegar numa moca e resgatá-las logo que aqui chegam?

— Porque não é assim que vem nos livros, por isso e por mais nada. Portanto, Ben Rogers, queres fazer as coisas como deve ser ou não? É essa a questão. Não achas que as pessoas que fizeram os livros sabem o que é que está certo fazer? Achas que *tu* lhes podes ensinar como as coisas são? Nem pensar. Não, senhor, vamos mas é continuar a resgatá-los como é costume.

— Pronto, eu não me importo; mas digo na mesma que é de loucos. Olha, e também matamos mulheres?

— Bem, Ben Rogers, se eu fosse tão ignorante como tu tentava disfarçar. Matar mulheres? Não! Nunca se viu uma coisa dessas nos livros. Trazemo-las para a gruta, somos sempre bem-educados com elas, e num instante apaixonam-se por nós e nunca mais querem voltar para casa.

— Bom, se é assim eu concordo, mas não tenho fé nenhuma nisso. Em três tempos ficamos com a gruta a abarrotar de mulheres e de homens à espera de serem resgatados, que nem há de sobrar espaço para os ladrões. Mas faz como quiseses, eu cá não tenho nada a dizer.

O pequeno Tommy Barnes tinha adormecido, e quando o acordaram assustou-se e pôs-se a chorar e a dizer que queria ir para casa ter com a mãe e que já não queria ser um ladrão.

Então todos fizeram troça dele e chamaram-lhe bebé chorão: isso enfureceu-o e ele disse que ia imediatamente contar todos os segredos. Mas o Tom deu-lhe cinco cêntimos para o calar e disse para irmos todos para casa, que nos encontrávamos na semana seguinte para roubar e matar umas pessoas.

O Ben Rogers disse que não podia sair muito, só aos domingos, e por isso queria começar no domingo seguinte; mas todos os rapazes disseram que estava mal ser num domingo, e isso resolveu o problema. Combinaram reunir-se para marcar um dia assim que possível. A seguir elegemos o Tom Sawyer primeiro capitão e o Jo Harper segundo capitão do Bando e então fomos para casa.

Eu trepei pelo telheiro e deslizei pela janela adentro mesmo antes da alvorada. A minha roupa nova estava toda coberta de gordura e de lama, e eu estava estafado.



O HUCK DESLIZA JANELA
ADENTRO.

Capítulo III

Bom, de manhã levei um belo sermão da velha Miss Watson por causa da minha roupa; mas a Viúva não me ralhou, só limpou a gordura e a terra, e tinha uma expressão tão triste que eu pensei que ia tentar portar-me bem durante algum tempo. Depois, a Miss Watson levou-me ao armário para rezar, mas não deu resultado nenhum. Ela disse-me que rezasse todos os dias e que teria tudo aquilo que pedisse. Mas não era assim; eu experimentei. Uma vez ganhei uma linha de pesca, mas nenhuns anzóis. Assim, sem anzóis, não me servia para nada. Pedi os anzóis três ou quatro vezes, mas por alguma razão não pude fazer com que funcionasse. Um dia, daí a algum tempo, pedi à Miss Watson que tentasse por mim, mas ela disse que eu era um tolo. Nunca me disse porquê, e eu por muito que pensasse não consegui perceber.



O SERMÃO DA MISS WATSON.

Uma vez sentei-me no bosque e pensei muito sobre isso. Disse a mim próprio que, se uma pessoa pode ter tudo aquilo por que reza, porque será que

o Diácono Winn não pede de volta o dinheiro que perdeu com os porcos? Porque é que a viúva não recupera a caixa de rapé de prata que lhe roubaram? Porque é que a Miss Watson não engorda? Não, pensei eu, não pode ser. Fui contar isto à Viúva e ela disse que o que uma pessoa podia conseguir a rezar eram «dons espirituais». Isto era complicado de mais para mim, mas ela explicou-me o que queria dizer: que eu devia ajudar as outras pessoas, fazer tudo o que pudesse pelas outras pessoas, e prestar-lhes atenção o tempo todo sem nunca pensar em mim próprio. Isto, pelo que eu percebi, incluía a Miss Watson. Saí para o bosque e fiquei a matutar nisso muito tempo, mas não me parecia que trouxesse nenhuma vantagem — a não ser para as outras pessoas. Então por fim decidi que não ia preocupar-me mais com aquilo e pronto. De vez em quando a Viúva levava-me de parte e falava da Providência de uma maneira que me fazia água na boca; mas no dia seguinte a Miss Watson pegava no assunto e dava cabo de tudo outra vez. Eu achei que se via bem que existiam duas Providências, e que um pobre patife se podia safar na Providência da Viúva, mas que se fosse parar à da Miss Watson estava perdido. Pensei naquilo tudo e decidi que pertenceria à Providência da Viúva, se ela me quisesse, embora não percebesse em que é que isso lhe podia melhorar a existência, já que eu era tão ignorante, desprezível e grosseiro.

O Velho já não era visto há mais de um ano, e eu estava satisfeito: não queria vê-lo mais. Sempre que estava sóbrio e conseguia pôr-me as mãos em cima, costumava desancar-me; apesar de eu quase sempre fugir para a floresta quando ele andava por perto. Ora, por esta altura encontraram-no afogado no rio, umas doze milhas acima da cidade, pelo que disseram as pessoas. Quer dizer, julgaram que era ele; disseram que esse homem afogado era exatamente do seu tamanho, maltrapilho, com o cabelo mais comprido do que era costume — tudo como o Velho. Mas não puderam perceber-lhe nada da cara, porque tinha estado tanto tempo na água que já não parecia de todo uma cara. Disseram que estava a flutuar de barriga para cima na água. Pegaram nele e enterraram-no na margem. Mas eu não fiquei satisfeito muito tempo, porque calhou pensar numa coisa: eu estava cansado de saber que um homem morto não flutua de barriga para cima, mas de barriga para baixo. Por isso, nessa altura, soube que este não era o Velho, mas uma mulher vestida com a roupa de um homem.

Então fiquei preocupado outra vez. Pensei que o Velho ia voltar outra vez, e depressa, e desejei que assim não fosse.

Durante um mês brincámos aos bandidos de vez em quando, e depois eu desisti. Todos os rapazes fizeram o mesmo. Não tínhamos roubado ninguém, não tínhamos matado nenhuma pessoa, só tínhamos andado a fingir. Costumávamos esconder-nos na floresta e cair em cima dos criadores de porcos e das mulheres com carrinhos de mão que levavam coisas de jardinagem para o mercado, mas nunca capturámos nenhum deles. O Tom Sawyer chamava aos porcos «lingotes», e aos nabos e coisas dessas «julharia». Íamos para a gruta conferenciar sobre o que tínhamos feito, sobre quantas pessoas tínhamos matado e marcado. Mas eu não via o que é que se ganhava com aquilo. Uma vez o Tom mandou um rapaz correr com um pau em brasa, a que ele chamava uma divisa (que era o sinal com que reuníamos o Bando), e depois disse que tinha tido notícias secretas através dos seus espiões de que no dia seguinte uma companhia inteira de mercadores espanhóis e ricos árabes ia acampar na Cova da Gruta com duzentos elefantes, seiscentos camelos e mais de mil mulas de «cairga», todas carregadas de diamantes; iam estar acompanhados por uma guarda de quatrocentos soldados apenas, e portanto nós íamos armar uma emboscada, como ele dizia, matá-los todos e saquear-lhes as mercadorias. Disse que tínhamos de dar lustro às nossas pistolas e às nossas espadas e de nos pôr a postos. O Tom nunca conseguia nem sequer ir atrás de um carrinho de nabos, mas mesmo assim precisava sempre de ter as espadas e as pistolas a brilhar, apesar de estas não passarem de tábuas e vassouras — podíamos dar-lhes lustro até nos caírem os dedos e haviam de continuar a não valer um tostão furado. Eu não acreditava que pudéssemos ganhar a uma tal multidão de espanhóis e árabes, mas queria ver os camelos e os elefantes, por isso, no dia seguinte, um sábado, lá estava na emboscada. Assim que ouvimos o sinal, saltámos para fora da floresta e desatámos a correr pela encosta abaixo. Mas não havia espanhóis nem árabes, nem havia camelos nenhuns nem elefantes nenhuns. Não passava de um piquenique da catequese, e de criancinhas, ainda por cima. Nós dispersámos o ajuntamento e perseguimos as crianças pela cova acima; mas não conseguimos mais do que alguns bolos e compota, se bem que o Ben Rogers tivesse apanhado uma boneca de trapos e o Jo Harper um livro de cânticos e

outro de salmos; só que aí a professora investiu sobre nós, fazendo-nos largar tudo e fugir.



OS LADRÕES DISPERSADOS.

Eu cá não tinha visto diamantes, e disse isso ao Tom Sawyer. Ele disse que havia imensos ali, quer eu acreditasse quer não, e árabes, também, e elefantes e coisas. Eu perguntei porque é que então não os tínhamos visto. Ele disse que se eu não fosse tão ignorante e tivesse lido um livro chamado *Dom Quixote* não teria de fazer esse tipo de perguntas. Eram tudo encantamentos. Estavam ali centenas de soldados, elefantes, tesouros, e assim por diante, mas nós tínhamos uns inimigos, a que ele chamava os mágicos, que tinham transformado tudo isso numa catequese de crianças. Eu disse que estava bem, que nesse caso a coisa a fazer era atacar os mágicos. O Tom Sawyer disse que eu era um pateta.

— Ora — disse ele —, um mágico podia chamar uma data de génios, e eles faziam-te em pedacinhos como se não fosse nada antes que tivesses tempo de dizer água-vai. Eles são tão altos como árvores e tão grandes, de largura, como igrejas.

— Ora — digo eu —, imagina que arranjam os génios para *nos* ajudar — não podemos ganhar aos outros tipos?

— E como é que os vais arranjar?

— Sei lá. Como é que *eles* os arranjam?

— Bem, eles esfregam uma velha lâmpada de latão ou um anel de ferro, e então os génios saem desenfreados, com trovões e relâmpagos a dispararem pelos ares e turbilhões de fumo, e obedecem a tudo o que os mandam fazer. Para eles não é prodígio nenhum arrancar pela raiz a chaminé de uma fábrica e golpear com ela a cabeça de um vigilante de catequese, ou de outro homem qualquer.

— E quem é que os faz andar tão agitados?

— Quem esfregar o anel ou a lâmpada, é claro. Eles pertencem a quem esfregar o anel ou a lâmpada, e têm de fazer tudo o que ele lhes peça. Se ele lhes disser para construírem um castelo de quarenta milhas de comprimento feito só de diamantes, para o encherem de pastilhas elásticas, ou de outra coisa qualquer, e para irem buscar a filha do imperador da China para casar com ele, eles têm de o fazer, e têm de o fazer antes do amanhecer do dia seguinte. E mais: têm de transportar o palácio pelo país todo e de o levar para onde a pessoa quiser. Estás a perceber?

— Bem — digo eu —, eu cá acho que eles são um bando de idiotas por não ficarem com o palácio para eles em vez de andarem para aí a trabalhar para os outros. E mais, se eu fosse um dos génios, aquele que pensasse que só por esfregar uma lâmpada velha qualquer eu ia deixar o que estava a fazer para vir a correr ter com ele bem podia esperar.

— Mas que conversa, Huck Finn. Não vês que *tinhas* de vir quando alguém a esfregasse, quer quisesses quer não?

— O quê? Eu que era da altura de uma árvore e da largura de uma igreja? Está bem, então, eu *vinha*, mas era para o pôr a trepar à árvore mais alta que houvesse nesse país.

— Que chatice, Huck Finn, não vale a pena falar contigo. Parece que não percebes nada — és um perfeito imbecil.

Fiquei a pensar nestas histórias durante dois ou três dias, e depois decidi ver se havia alguma verdade nelas. Arranjei uma velha lâmpada de latão e um anel de ferro, fui para a floresta e, pensando construir um palácio para depois o vender, esfreguei sem parar até estar encharcado em suor, mas não serviu de nada, não veio génio nenhum. Então pensei que tudo aquilo era apenas mais uma das mentiras do Tom Sawyer. Eu acho que ele acreditava nos árabes e nos

elefantes, mas eu pensava de maneira diferente. Quanto a mim, aquele piquenique tinha mesmo todo o ar de ser uma coisa da catequese.



RUBBING THE LAMP.

A ESFREGAR A LÂMPADA.

Capítulo IV

Bem, passaram três ou quatro meses e o inverno já ia avançado. Eu não tinha faltado muito às aulas e sabia soletrar, ler e escrever mais ou menos, e recitar a tabuada até seis vezes sete, trinta e cinco. Quanto a mim, não iria mais longe do que isso nem que pudesse viver eternamente, e de qualquer forma não tenho grande fé em matemáticas.

A princípio detestei a escola, mas habituei-me depressa. Sempre que me sentia mais cansado do que era costume fazer gazeta, e no dia seguinte sentia-me melhor e mais satisfeito. Por isso, quanto mais ia à escola, mais fácil se tornava. E também me comecei a habituar aos modos da Viúva, que já não me pareciam tão severos. O que me punha mais nervoso era ter de viver numa casa e dormir numa cama, mas antes de chegarem os dias frios às vezes escapava-me e ia dormir para a floresta, assim ficava mais descansado. Preferia os meus antigos hábitos, mas começava a habituar-me e a gostar também um bocadinho dos novos. A Viúva dizia que eu estava a progredir lenta mas seguramente, que estava contente comigo e que não tinha vergonha de mim.



!!!!

Um dia ao pequeno-almoço tive o azar de entornar o saleiro. Tentei agarrar num punhado de sal o mais depressa possível para atirar por cima do ombro esquerdo e afastar a má sorte, mas a Miss Watson foi mais rápida do que eu, e impediu-me. «Tira daí as mãos, Huckleberry, que porcaria estás tu a fazer!», disse ela. A Viúva defendeu-me, mas eu sabia que isso não bastava para afastar a má sorte. Saí, depois do pequeno-almoço, trémulo e preocupado, perguntando a mim próprio quando se abateria sobre mim a desgraça, e que tipo de desgraça seria. Há formas de proteção contra certos tipos de má sorte, mas não contra o que me tinha acontecido, portanto não tentei fazer nada, fui só vagueando, alerta e desanimado.

Desci até ao jardim e trepei pela vedação do lado da grande cancela de madeira. Havia uma camada de neve fresca no chão e eu tinha visto umas pegadas. Vinham da pedreira, tinham-se demorado ao pé da cancela e continuavam ao longo da vedação. Era estranho que não tivessem entrado depois de tanto cirandar ao pé da porta. Eu não conseguia perceber porquê. De certa forma era muito intrigante. Preparava-me para seguir as pegadas, mas primeiro pus-me de cócoras para as examinar. Logo de início não reparei em nada, mas depois vi que havia uma cruz, feita com grandes pregos, no tácio da bota esquerda, para afastar o Diabo.

Levantei-me num abrir e fechar de olhos e disparei pelo monte abaixo. De vez em quando ia espreitando por cima do ombro, mas não vi ninguém. Cheguei a casa do Juiz Thatcher o mais depressa que pude. Ele disse:

— Ena, meu rapaz, estás todo esbaforido. Vieste aos teus juros?

— Não, senhor Juiz — disse eu. — Há alguma coisa para mim?

— Há, pois. Chegaram ontem à noite seis meses de juros, mais de cento e cinquenta dólares. Uma verdadeira fortuna para ti. Devias deixar-me investi-los juntamente com os seis mil, porque se tos dou vais gastá-los.

— Não, senhor Juiz — digo eu —, eu não quero gastá-los. Eu não quero esse dinheiro — nem tão-pouco os seis mil. Quero que o senhor fique com tudo; quero dar-lho a si — os seis mil e o resto.

Ele ficou surpreendido. Parecia não entender. Disse assim:

— Mas... o que queres dizer com isso, meu rapaz?

Eu respondi:

— Por favor, não me faça mais perguntas. Vai ficar com ele, não vai?
— Bem, estou baralhado. Há algum problema?
— Por favor, fique com ele — disse eu —, e não me pergunte nada — assim não terei de lhe mentir.

Ele pensou um bocado, e depois disse:

— A-a-ah! Acho que já percebi: tu queres *vender*-me todos os teus bens, e não dar-me tudo: essa é que é a ideia!

Então escreveu alguma coisa num papel, releu-a, e disse:

— Aqui tens, vê, diz «em compensação». Isto quer dizer que te comprei tudo e que te paguei. Aqui tens um dólar. Agora assina o papel.

Então eu assinei-o e fui-me embora.



O JUIZ THATCHER SURPREENDIDO.

Jim, o preto da Miss Watson, tinha uma bola de pelo do tamanho de um punho fechado, que tinha tirado do estômago de um boi, e costumava fazer magias com ela. Dizia que havia lá dentro um espírito que sabia tudo. Por isso à noite fui ter com ele e disse-lhe que sabia que o Velho estava de volta, porque tinha visto as suas pegadas na neve. O que eu queria saber era o que é que ele ia fazer, e se vinha para ficar. O Jim sacou da sua bola de pelo e disse-lhe umas coisas, e depois levantou-a e deixou-a cair no chão. Ela aterrou pesadamente e só rebolou algumas polegadas. O Jim repetiu o gesto outra vez, e depois outra vez, e a bola comportava-se sempre da mesma maneira. O Jim ajoelhou-se,

encostou-lhe o ouvido e ficou à escuta. Mas não valeu de nada; a bola, disse o Jim, recusava-se a falar. O Jim disse que às vezes ela não falava sem dinheiro. Eu disse-lhe que tinha uma velha moeda falsa que não prestava, porque se via um bocado a lata através da prata, e mesmo que assim não fosse não enganaria ninguém, porque já estava tão gasta que parecia gordurosa ao toque. (Achei melhor não dizer nada sobre o dólar que me tinha dado o Juiz.) Eu disse que era uma moeda bastante má mas que talvez a bola de pelo não se apercebesse disso e o aceitasse. O Jim cheirou, mordeu e esfregou a moeda, e disse que se ia arranjar para fazer com que a bola de pelo achasse que aquela era uma verdadeira moeda. Disse que ia partir ao meio uma batata irlandesa crua, pôr a moeda no meio e deixá-la lá dentro a noite inteira, e que assim no dia seguinte já não se veria a lata por baixo da prata nem a moeda pareceria gordurosa, e qualquer pessoa da cidade a aceitaria sem pestanejar — quanto mais uma bola de pelo. Eu já conhecia este truque da batata há muito tempo, mas tinha-me esquecido.

O Jim pôs a moeda por baixo da bola de pelo e agachou-se à escuta. Desta vez a bola de pelo concordou em falar e disse que me contaria tudo o que eu quisesse ouvir sobre a minha sorte. Eu disse-lhe: «Força!», e ela começou a dizer coisas ao Jim, que mas contava a mim, assim:

— O teu Velho não sabê qu'ê quê vai fazer. Às vezes pensa quê fica, e às vezes pensa quê vai embora. O mêlhor que tu podes fazer é ter calma e deixar o Velho fazer as coisas com' el' achar. Há dois anjos dê voltá del'. Um é branco e brilha, o outro é preto. O branco diz-lhe prá portar-se bem durante algum tempo, mas depois vem o preto e estraga tudo. É impossível dizer qual delês é quê vai acabar por ganhar. Mas tu estás safo. Vais ter bastantes prôblemas na vida, e bastantes alegrias. Algumas vezes hás de ficar magoado, outras vezes hás de ficar doente, mas no fim de contas vais sempre acabar por ficar bom. Há duas raparigas a pairar ná tua vida: uma é clara, a outra é iscura. Uma é rica, a outra é pobre. Tu primeiro hás de casar com a pobre, dêpois com a rica. Afasta-te da água o mais que puderes, e tem cuidado, porque está êscrito quê vais acabar co'á corda ao pêsoço.

Quando acendi uma vela e subi para o meu quarto nessa noite, lá estava o Velho, em carne e osso!



O JIM À ESCUTA.

Capítulo V

Eu tinha acabado de fechar a porta. Depois virei-me e lá estava ele. Dantes eu tinha sempre medo dele, porque ele me batia tanto. Primeiro pensei que agora também estava com medo, mas rapidamente percebi que estava enganado; quer dizer, logo no abalo inicial, por assim dizer, fiquei quase sem fôlego, de tão inesperado que era vê-lo ali, mas depois percebi que não valia a pena ter medo.

Ele tinha quase cinquenta anos, e tinha aspeto disso. Tinha o cabelo comprido, desgrenhado e gorduroso; trazia-o solto, e viam-se-lhe os olhos a brilhar lá atrás como se estivesse escondido por trás de um arbusto de vinha. O cabelo era todo preto, sem brancas, como eram também os seus bigodes compridos e desalinhados. Onde podia ver-se a sua cara, ela não tinha cor, era branca; mas de um branco que não era igual ao dos outros homens, um branco que dava náuseas, que fazia uma pessoa estremecer — branco como um sapo trepador, como uma barriga de peixe. Quanto à sua roupa — eram trapos, mais nada. Tinha um dos tornozelos apoiado no joelho da outra perna, e na bota desse pé havia um buraco pelo qual saíam dois dedos, que ele retorcia de vez em quando. Tinha poisado no chão o chapéu, um velho chapéu de aba com o fundo achatado como a tampa de uma panela.



«O VELHO.»

Fiquei de pé a olhar para ele, e ele ficou sentado a olhar para mim, com a cadeira ligeiramente inclinada para trás. Pousei a vela. Reparei que a janela estava aberta, o que queria dizer que ele tinha subido pelo telheiro. Não parava de me mirar de alto a baixo. Por fim disse:

— Que aperaltado! Achas que és muito esperto, tu, não *achas*?

— Talvez seja, talvez não — respondi eu.

— Não me venhas com a tua lábia — diz ele. — Ganhaste um arzinho importante desde a última vez que te vi, mas eu não hei de me dar por acabado sem te ter feito baixar a bolinha. Dizem por aí que és todo educado, agora, que sabes ler e escrever. Achas qu'és melhor que o teu pai qu'é analfabeto, não é? Mas *eu* hei de te pôr a fiar mais fino. Quem te deu licença para te meteres em altas cavalarias, há? — quem te autorizou?

— A Viúva. Foi ela que me autorizou.

— Foi a Viúva, foi? E quem disse à Viúva pra vir meter o nariz onde não era chamada?

— Ninguém lhe disse nada.

— Ora, eu hei de ensiná-la a meter-se na vida dela. E ouve-me bem — acabou-se a escola, há? Hei de mostrar a esta gente como é que se trata um rapaz que se arma em bom com o seu próprio pai e anda para aí como se fosse

melhor rês do que *ele*! Deixa que eu te apanhe enfiado nessa escola outra vez e vais ver. A tua mãe até morrer nunca soube ler nem escrever. Na família *todos* morreram sem nunca terem sabido. Eu não sei. E agora apareces tu, todo inchado! Eu não sou pessoa pr'aturar isto, percebes? E já agora, lê aí um bocado pra eu ouvir.

Peguei num livro e comecei a ler uma coisa qualquer sobre o general Washington e a guerra. Passado para aí meio minuto ele levantou a mão e desferiu um golpe sobre o livro, que foi parar à outra ponta do quarto. Disse assim:

— É mesmo verdade! Sabes ler. Tive algumas dúvidas quando me contaram. Mas ouve-me bem, vê mas é se paras de te armar em bom. Eu não vou permitir isto. Vou trazer-te debaixo de olho, meu espertinho, e se te apanho perto dessa escola estás feito. Qualquer dia és beato, também. Onde é que já se viu?

Pegou numa imagem azul e amarela de umas vacas e um rapaz, e disse:

— Qu'ê isto?

— Foi uma coisa que me deram por ter aprendido bem as lições.

Rasgou-a, dizendo:

— Pois eu hei de te dar uma coisa bem melhor: um ensaio de pancada que até andas de lado.

Ficou para ali a resmungar e a rosar entre dentes, e depois disse:

— Mas não é que te tornaste um autêntico menino fino? Uma cama, lençóis, um espelho, um tapete no chão! E o teu próprio pai a dormir com os porcos na curtição. Nunca se viu tal coisa. Eu cá te digo que ainda te vou meter nos eixos antes de me dar por acabado. É que não é a primeira nem a segunda; não é que também dizem que és rico? Há? Que história é essa?

— É mentira, é o que é.

— Ouve-me bem, meu rapaz, vê lá como é que me falas, eu já 'tou a chegar aos limites da minha pachorra, portanto não me venhas com tretas. Estou aqui há dois dias e só oiço falar de tu seres rico. Até mais lá para baixo no rio se falava disso. Por isso é que eu vim. Quero esse dinheiro. Amanhã vais-mo dar.



O HUCK E O SEU PAI.

— Não tenho dinheiro nenhum.

— É mentira. É o Juiz Thatcher que o tem. Vai buscá-lo. Eu quero-o.

— Não tenho dinheiro nenhum, estou-te a dizer. Podes perguntar ao Juiz Thatcher, ele diz-te a mesma coisa.

— Combinado. Eu pergunto-lhe, e hei de lho arrancar ou hão de me explicar porquê. Vamos lá ver, quanto é que tens no bolso? Dá cá.

— Só tenho um dólar, queria comprar...

— Pois não me interessa o qu'ê que querias comprar, passa para cá.

Pegou na moeda, mordeu-a para ver se era verdadeira, e disse que ia até à cidade comprar *whisky*; que não tinha bebido nada o dia todo. Quando já tinha saído para o telheiro voltou a enfiar a cabeça pela janela e rogou-me pragas por me armar em esperto e tentar ser melhor do que ele, e quando eu pensava que ele já se tinha ido embora voltou a aparecer e disse-me que me lembrasse do que ele me tinha dito sobre a escola porque ia estar de olho em mim e me dava uma tarefa se eu continuasse a ir lá.

No dia seguinte estava bêbado; foi ter com o Juiz Thatcher e fez-lhe ameaças e tentou extorquir-lhe o dinheiro, mas, como não conseguiu, jurou que lhe ia pôr um processo.

O Juiz e a Viúva foram a tribunal para pedir que eu fosse tirado ao meu pai e que um deles fosse meu tutor, mas era um juiz novo que tinha acabado de chegar e que não conhecia o Velho, portanto disse que os tribunais deviam

evitar interferir na vida das pessoas e separar famílias, e que preferia não afastar uma criança do próprio pai. Por isso o Juiz Thatcher e a Viúva tiveram de desistir.

Quando soube disto, o Velho ficou feliz da vida. Disse que me enchia de nódoas negras se eu não lhe arranjasse algum dinheiro. Eu fui pedir três dólares ao Juiz Thatcher, o Velho pegou neles, embebedou-se, e foi-se por aí aos assobios, a dar gritos de alegria e a praguejar, batendo numa panela; andou assim às voltas por toda a cidade até ser quase meia-noite, até que o levaram para a esquadra; no dia seguinte foi a tribunal e puseram-no na prisão por uma semana. Mas ele disse que, *quanto a ele*, estava tudo bem, que era ele quem mandava no filho, e que ainda havia de chegar a roupa ao pelo a *esse* rapaz.



REFORMAR O BÊBADO.

Quando saiu da prisão, o juiz novo disse que ia fazer dele um homem. Assim, levou-o para sua casa, vestiu-o de novo e de lavado, pô-lo a tomar pequeno-almoço, almoço e jantar com a família: trouxe-o nas palminhas, como se costuma dizer. Depois de jantar falou-lhe de temperança, e de coisas parecidas, até que o Velho se pôs a chorar e disse que tinha sido um imbecil, que tinha dado cabo da própria vida, mas que ia recomeçar do zero e ser um homem de que ninguém teria vergonha, e que esperava que o juiz o ajudasse e não o achasse desprezível. O juiz respondeu-lhe que depois de ouvir estas palavras seria capaz de o abraçar, e pôs-se a chorar, e a mulher dele também se pôs a chorar, o Velho disse que tinha sempre sido um incompreendido, o juiz

disse-lhe que era verdade, e puseram-se todos a chorar outra vez. Quando foi a altura de ir para a cama, o Velho levantou-se, estendeu a mão, e disse:

— Vejam, senhoras e senhores, peguem nela, apertem-na. Esta era a mão de um porco, mas deixou de o ser: agora é a mão de um homem que começa uma vida nova, e que prefere morrer a voltar à antiga. Oçam, e lembrem-se destas palavras. Agora é uma mão limpa. Apertem-na: não há que ter medo.

Então todos a apertaram, um de cada vez, e choraram. A mulher do juiz até a beijou. Depois o Velho assinou — de cruz — uma promessa. O juiz disse que aquilo era um documento sagrado, ou qualquer coisa desse género. A seguir aconchegaram o Velho num lindo quarto, que era o quarto das visitas: mas eis que durante a noite o Velho sentiu uma sede tremenda, saltou para o telhado do alpendre; deixou-se escorregar, abraçado a uma viga, até lá abaixo, e foi trocar o sobretudo novo por uma garrafa de *whisky* barato. Depois voltou, trepou para o quarto e passou uma noite das boas, à antiga; pela alvorada esgueirou-se outra vez para o telhado, bêbado que nem um cacho, escorregou do alpendre e partiu o braço esquerdo em dois sítios diferentes. Estava praticamente morto de frio quando foi encontrado, já a manhã ia alta. E quando foram ao quarto dele tiveram de usar uma sonda antes de o atravessarem a vau.

O juiz não ficou lá muito satisfeito. Disse que talvez se pudesse reformar aquele homem com uma espingarda, mas que não via outra maneira.



CAÍDO EM DESGRAÇA.

Capítulo VI

Bem, o Velho não demorou muito a recompor-se; atacou o Juiz Thatcher em tribunal para o obrigar a dar-lhe o dinheiro e veio atrás de mim, também, por não ter deixado a escola. Apanhou-me uma ou duas vezes e deu-me umas tarefas, mas eu continuei a ir à escola e consegui evitá-lo ou fugir dele a maior parte das vezes. Dantes eu não queria assim tanto ir à escola, mas agora sim, para o enraivecer. O julgamento levou imenso tempo, parecia que nunca ia sequer começar; portanto de vez em quando eu pedia dois ou três dólares emprestados ao Juiz, para o Velho não me dar pancada. Sempre que arranjava dinheiro ele embebedava-se, sempre que se embebedava armava um inferno na cidade, e sempre que armava um inferno na cidade ia parar à prisão. Esta vida servia-lhe bem, era exatamente o estilo dele.



EM FUGA.

Ganhou também o hábito de rondar a casa da Viúva, até que por fim ela lhe disse que se ele não deixasse de aparecer por ali ia ter chatices. Ora, ele zangou-se, *imagine-se!* Disse que havia de se ver quem é que mandava no Huck Finn.

Então um dia, na primavera, fez-me uma espera, capturou-me e levou-me de barco, umas três milhas pelo rio acima, até ao lado de lá, no Ilínois, onde havia muito mato e não havia casas nenhuma, exceto uma velha cabana de madeira num lugar em que o arvoredo era tão cerrado que era impossível encontrá-la se não se soubesse já onde ela estava.

Ele passava o tempo todo comigo e nunca tive oportunidade de fugir. Vivíamos nessa tal cabana e à noite ele trancava sempre a porta e dormia com a chave debaixo da cabeça. Tinha uma arma, roubada, cá para mim, e ia à caça e à pesca, e nós vivíamos disso. Não eram poucas as vezes que ele me trancava e ia à loja do embarcadouro do *ferry*, a umas três milhas dali, trocar peixe e caça por *whisky*, que trazia para casa; embebedava-se, divertia-se e batia-me. A Viúva acabou por descobrir onde eu estava e mandou um homem para tentar tirar-me de lá, mas o Velho afugentou-o com a espingarda e eu depressa me habituei a estar ali: até gostava daquilo — de tudo menos das sovas.

Era uma vida alegre e descontraída — não fazer nada o dia todo, só fumar e pescar, sem livros nem estudos. Passaram dois meses, ou mais; a minha roupa estava suja e esfarrapada, e eu não percebia como é que me tinha podido habituar à casa da Viúva, onde uma pessoa tinha de se lavar, de comer em pratos, de pentear o cabelo, de ir para a cama e acordar a horas certas e de passar a vida com a cabeça enfiada em livros, com a velha Miss Watson sempre a fazer comentários. Já não queria voltar para lá. Eu tinha deixado de praguejar, porque não agradava à Viúva, mas agora podia fazê-lo de novo e o Velho não levantava objeções. De um modo geral, foram bons os tempos que passei na floresta.

Mas o Velho foi-se tornando demasiado hábil com a vergasta e eu não podia com aquilo; andava todo coberto de inchaços. Passou a sair muitas vezes, deixando-me trancado na cabana. Uma vez fechou-me à chave e só voltou passados três dias. Eu sentia-me terrivelmente só. Pensei que ele se tinha afogado e que eu nunca mais ia sair dali. Tive medo. Decidi que ia arranjar maneira de sair. Já tinha tentado escapar muitas vezes sem nunca conseguir. As janelas não chegavam nem para passar por lá um cão; a chaminé era demasiado estreita; a porta era grossa, feita de sólidas tábuas de carvalho. O velho, quando saía, tinha sempre o cuidado de não deixar por ali facas nem coisas dessas; eu já

procurara por todos os cantos mais de cem vezes — na verdade, passava a maior parte do tempo nisso, já que era a única maneira de me entreter. Mas desta vez, finalmente, acabei por encontrar uma coisa: uma serra velha e ferrugenta, sem pega, que estava poisada entre uma viga e as ripas do teto. Oleei-a e pus mãos à obra. Havia uma velha manta de cavalo pregada à parede do fundo da cabana, por trás da mesa, para impedir o vento de soprar pelas frinchas e apagar a vela. Pus-me debaixo da mesa, levantei a manta, e comecei a serrar uma secção do grande toro de baixo, suficientemente larga para eu poder passar. Bem, demorou muito tempo, mas eu já estava perto do fim quando ouvi a espingarda do Velho no mato. Fiz desaparecer todos os vestígios da minha atividade, puxei a manta para baixo, escondi a serra, e daí a pouco entrou o Velho.

Estava igual a si próprio, ou seja, de mau humor. Disse que tinha estado na cidade e que tudo estava a correr mal. O advogado tinha-lhe dito que era provável que o tribunal, se o julgamento alguma vez comesçasse, decidisse a seu favor e lhe desse o dinheiro; mas que havia maneiras de adiar o julgamento durante muito tempo, e que o Juiz Thatcher sabia quais eram. Além disso, as pessoas diziam que ia haver outro julgamento para me tirar da guarda dele e me entregar à Viúva, e pensavam que desta vez era ele que ia perder. Isto foi um valente choque para mim, porque eu não queria voltar para casa da Viúva para andar todo hirto e ser sivelizado, como eles diziam. Então o Velho pôs-se a rogar pragas a tudo aquilo em que conseguia pensar e a todas as pessoas que lhe vinham à cabeça, e quando acabou voltou ao princípio para ter a certeza de que não se tinha esquecido de ninguém. Depois coroou a coisa com uma espécie de praga generalizada, que incluía um número considerável de pessoas cujos nomes ele não sabia e a quem chamava «o não sei quantos» quando chegava a vez deles. E passou assim bastante tempo.



UM VERDADEIRO BEM-ESTAR.

Disse que queria ver a Viúva a ficar comigo. Disse que ia estar alerta, e que se eles se pusessem com truques ele me enfiava num sítio que conhecia a umas seis ou sete milhas dali, e que aí me podiam procurar à vontade, que não haviam de me encontrar. Senti-me outra vez um bocado nervoso, mas só por um bocadinho, pois pensei que não ia ficar por ali muito mais tempo.

O Velho levou-me até ao barco para carregar as coisas que ele tinha arranjado. Havia um saco de vinte quilos de farinha de milho, um naco de toucinho, munições, um garrafão de quinze litros de *whisky*, um livro velho e dois jornais para tapar frinchas e uma corda de estopa. Carreguei a primeira leva, voltei para trás e sentei-me dentro do barco a descansar. Pensei um bocado e decidi que ia fugir com a espingarda e algumas linhas de pesca e esconder-me na floresta. Não queria ficar sempre no mesmo lugar, ia antes vagabundear pelo país todo, à noite, caçando e pescando para sobreviver, indo até tão longe que nem o Velho nem a Viúva me poderiam jamais encontrar. Pensei em acabar de serrar o buraco da cabana nessa mesma noite, se o Velho estivesse suficientemente bêbado, o que era provável. Estava tão absorto naquilo que não me apercebi do tempo a passar, até que o Velho deu um berro e me perguntou se eu estava a dormir ou se me tinha afogado.



A PENSAR NO ASSUNTO.

Acabei de levar as coisas todas até à cabana e por essa altura já era quase noite. Enquanto eu estava a fazer o jantar, o Velho deitou abaixo um trago ou dois; ficou a modos que esquentado e pôs-se outra vez a refilar. Tinha-se embebedado na cidade, passara a noite inteira na sarjeta, e estava digno de se ver. Uma pessoa tê-lo-ia tomado por Adão: parecia feito de terra. Quando a bebida lhe começava a subir à cabeça, costumava queixar-se do governo. Desta vez dizia:

— Chamam a isto um governo! Ora, basta olhar pra ver como é que as coisas são. Aqui 'tá a justiça, pronta a arrancar um filho ao próprio pai — tirá-lo ao próprio pai, que atravessou ânsias e privações para o educar! Sim, quando um homem finalmente tem o filho educado, pronto a ir trabalhar e a fazer alguma coisa por *ele*, a dar-lhe descanso — vem a justiça intrometer-se. E chamam a *isto* um governo! E mais: a justiça está do lado do Juiz Thatcher, a ajudá-lo a privar-me daquilo que é meu. O que a justiça faz é isto: pega num homem que vale seis mil dólares, e até mais, e enfia-o numa miserável cabana como esta que não serve nem para um cão. Chamam a isto um governo! Um homem não tem direitos com um governo destes. De vez em quando só me apetece é sair do país de uma vez por todas. Sim, e eu *disse-lhe*; eu disse isto tudo ao Juiz Thatcher. Muita gente me ouviu e percebeu do que é que eu estava a falar. Eu disse que por dois cêntimos deixava a porcaria do país e nunca mais

voltava — foram estas mesmas palavras que eu usei. E disse assim: «Olhem para o meu chapéu — se é que pode chamar-se a isto um chapéu: tem o fundo todo abaulado e as abas descem-me quase até ao pescoço; parece-se mais com o tubo de uma salamandra que com um chapéu digno desse nome. Vejam só isto, um chapéu destes para um homem que, se lhe dessem o que lhe é devido, era dos mais ricos desta cidade.»

«Ah, sim, que belo governo que a gente tem. Pois ouve lá isto: estava lá um preto livre do Ohio, um mulato, quase tão branco como um branco. Tinha a camisa mais branca que possas imaginar, também, e um chapéu todo a brilhar. Nenhum outro homem na cidade estava tão bem vestido como ele — tinha um relógio de ouro, com uma corrente, e uma bengala de castão de prata — o maior ricalhaço do estado. E o que é que te parece? Disseram que ele era professor numa universidade, que falava todo o tipo de línguas, que sabia tudo. E isso não é o pior. Disseram que lá onde ele morava podia *votar*. Aí fiquei parvo. Perguntei a mim mesmo onde é que o país ia parar. Era dia de eleições, e eu próprio estava pronto a ir votar, se não estivesse demasiado bêbado para lá chegar; mas quando me disseram que havia neste país um estado em que deixavam aquele preto votar, desisti. Disse assim: “Eu cá não torno a votar.” — foram exatamente essas as minhas palavras, eles ouviram-me — “Quanto a mim, o país até pode estar a cair de podre, que eu, enquanto for vivo, não torno a votar.” E ver o ar insolente daquele preto! Não é que ele nem me cedeu a passagem sem eu ter de o empurrar? Eu disse: “Mas porque é que não se leiloa este preto? Isso é que eu gostava de saber” — e sabes o que me responderam? Disseram que ele não podia ser vendido até ter vivido pelo menos seis meses no estado, e que estava cá há menos tempo que isso. Aí tens um exemplo. Chamam a isto um governo, uma coisa que nem pode vender um preto livre antes de ele ter passado seis meses no estado. Um governo que diz ser governo, finge ser governo, pensa ser governo, e que no entanto tem de esperar seis meses até poder agarrar num ladrão infernal de um preto livre, que anda para aí de camisa branca, que...»

O Velho ia tão lançado que nem notou aonde o levavam as suas velhas pernas bamboleantes, deu uma cambalhota por cima da barreira do porco fumado e esfolou as canelas. A partir daí o seu discurso tornou-se ainda mais

assanhado — atirava-se sobretudo ao preto e ao governo, embora agora uma vez por outra também insultasse a barrica. Pôs-se a saltar ao pé-coxinho pela sala, segurando ora numa canela ora na outra, e de repente deu, com o pé esquerdo, um valente pontapé na barrica. Mas não foi boa ideia, pois esse era o pé em que os dedos lhe saíam pela biqueira da bota — por isso deu um uivo de pôr os cabelos em pé, atirou-se para o chão e ficou agarrado ao pé, a rebolar-se na porcaria, rogando as piores pragas de sempre — coisa que ele próprio, mais tarde, reconheceu. Ele tinha ouvido o velho Sowberry Hagan nos seus melhores tempos e disse que o tinha ultrapassado até a ele, mas eu acho que talvez estivesse a exagerar.



A UIVAR.

Depois de jantar, o Velho pegou no garrafão, dizendo que tinha ali *whisky* que bastasse para duas bebedeiras e um *delirium tremens*; era a sua expressão. Pensei que ele ia estar podre de bêbado daí a uma hora, e que então eu poderia ou roubar a chave ou acabar de serrar o toro, das duas uma. Ele bebeu e bebeu e aos poucos foi descaindo sobre os cobertores, mas a sorte não estava comigo. Em vez de adormecer profundamente, o Velho ficou maldisposto. Grunhia, gemia e remexia-se sem parar. Por fim, tive tanto sono que, por muito que me esforçasse, não conseguia ficar de olhos abertos, e sem dar por isso adormeci, deixando a vela acesa.

Não sei quanto tempo fiquei a dormir, mas de repente fui acordado por um grito horrível e levantei-me. Ali estava o Velho, com um ar enlouquecido, aos saltos pela cabana e aos brados sobre umas cobras que lhe estavam a trepar pelas pernas — saltava e gritava; dizia que uma lhe tinha mordido a bochecha — mas eu não via cobras nenhuma. Pôs-se a correr às voltas na cabana, berrando: «Tira-a daqui! Tira-a daqui! Está-me a morder o pescoço!» Nunca vi um homem com o olhar tão esgazeado. Daí a pouco ficou estafado e caiu por terra a arfar; depois rebolou sobre si próprio com uma rapidez espantosa, dando pontapés em todas as direções, golpeando e agarrando o ar com as mãos, enquanto soltava gritos sobre demónios que o queriam apanhar. Aos poucos, foi-se acalmando, e ficou um bom bocado quieto a gemer. Depois ficou ainda mais quieto, sem fazer o mais pequeno barulho. Ouviam-se as corujas e os uivos dos lobos na floresta; o silêncio parecia terrível. Ele estava deitado a um canto e aos poucos soergueu-se e ficou à escuta, com a cabeça inclinada. Então disse, muito baixinho:

— Pum-pum-pum; são os mortos! Pum-pum-pum; vêm para me levar: mas eu não irei. Ah, aqui estão! Não me toquem — não! Afastem as mãos de mim, que estão frias. Oh, deixem um desgraçado em paz!

A seguir pôs-se de gatas e foi-se a rastejar, suplicando-lhes que o deixassem em paz. Enrolou-se no cobertor e arrastou-se para debaixo da velha mesa de pinho, sem deixar de pedir piedade. Depois ouvi-o chorar por baixo do cobertor.

Passado algum tempo rebolou cá para fora, ergueu-se de um salto com um ar enlouquecido, viu-me e atirou-se a mim. Perseguiu-me por toda a cabana com um canivete na mão, dizendo que eu era o Anjo da Morte e que me ia matar e que assim eu não o poderia levar. Eu supliquei e expliquei-lhe que era apenas o Huck, mas ele deu uma gargalhada *mesmo* estridente e continuou a bradar, a praguejar e a perseguir-me. De uma das vezes em que o fintei, esgueirando-me por baixo do braço dele, ele esticou a mão e conseguiu agarrar-me pelas costas do casaco. Pensei que tinha chegado a minha hora, mas consegui sair do casaco, veloz como um relâmpago, e assim escapei. Daí a nada ele estava exausto e deixou-se cair de costas contra a porta, dizendo que ia descansar um

bocadinho antes de me matar. Pôs a faca debaixo do corpo e anunciou que ia dormir e recuperar forças e que depois se veria.

Adormeceu bastante depressa. Passado um bocado eu fui buscar a velha cadeira de fundo entrançado, subi lá para cima, tão ligeiro quanto pude para não fazer barulho, e peguei na espingarda. Espreitei para a culatra para ter a certeza de que estava carregada, depois apoiei-a no barril dos nabos, apontada ao Velho, e sentei-me por trás dela, à espera de que ele começasse a mexer-se. E com que lentidão passaram as horas...

Capítulo VII

— Levanta-te! O qu'ê isto?

Abri os olhos e olhei em volta, a tentar lembrar-me de onde estava.

O Sol já se tinha levantado e eu tinha estado ferrado a dormir. O Velho estava de pé à minha frente com um ar amargo — e doente, também. Disse assim:

— O qu'ê que 'tás pr'aí a fazer com essa espingarda?



«LEVANTA-TE.»

Pensei que ele não se devia lembrar de nada do que se tinha passado durante a noite, portanto respondi:

— Alguém tentou entrar, por isso pus-me de guarda.

— Porque é que não me acordaste?

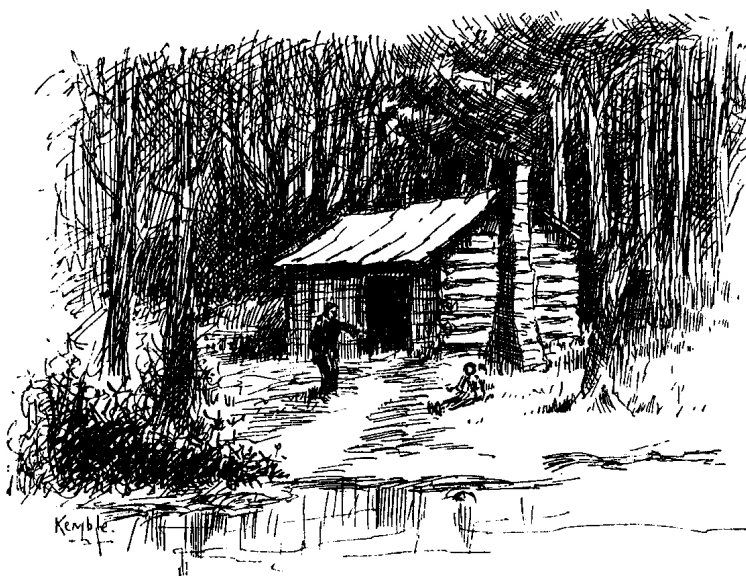
— Pois, eu tentei, mas não consegui; nem consegui sequer fazer-te mexer.

— Pronto, 'tá bem. Não fiques para aí o dia todo a palrar, vai mas é ver se há um peixe na linha prò pequeno-almoço. Eu já lá vou ter.

Destrancou a porta e eu desapareci para a margem do rio. Reparei que havia ramos e bocados de casca das árvores e coisas dessas a flutuar pelo rio abaixo, o que queria dizer que estava a encher. Pensei em como seria bom estar na cidade

nesta altura. A cheia de junho era sempre uma época de sorte para mim porque, assim que começava, o rio enchia-se de madeira, de bocados de jangadas de toros — às vezes chegavam a ser dez ou onze toros juntos, de maneira que era só puxá-los para fora e vendê-los à serração ou aos madeireiros.

Fui subindo pela margem do rio, ficando com um olho na chegada do velho e outro no que trazia a corrente. E não é que de repente vejo aproximar-se uma canoa, uma beleza, ainda por cima, com uns treze ou catorze pés de comprimento, flutuando leve como um pato? Saltei de cabeça para a água, tal e qual uma rã, vestido e tudo, e pus-me a nadar para ela. Tinha quase a certeza de que ia haver alguém deitado lá dentro, porque há muito quem faça isso: quando uma pessoa já puxou o barco praticamente até à margem, eles levantam-se lá dentro e riem-se-lhe na cara. Mas desta vez não. Era mesmo uma canoa à deriva, e eu subi lá para dentro e remei até à margem. Pensei assim: «O Velho vai mesmo ficar satisfeito quando a vir, vale bem dez dólares.» Mas, quando cheguei à margem, o Velho ainda não estava à vista, e eu, enquanto empurrava a canoa para uma enseada estreita como um regato, toda coberta de vinha e de salgueiros, tive uma ideia melhor: pensei escondê-la completamente e depois, quando fugisse de casa, em vez de andar a cansar-me a vaguear a pé pela floresta, podia descer cinquenta milhas pelo rio abaixo e fixar-me num sítio certo.



A CABANA.

Estava bastante perto da cabana, e a cada instante parecia-me ouvir o Velho aproximar-se, mas consegui escondê-la; depois fui-me embora e, perto de uns salgueiros, lá vi o Velho, com a espingarda, pronto a enfiar uma bala num pássaro. Portanto não tinha dado por nada.

Quando ele me viu, eu já estava ocupado a preparar uma linha de pesca. Insultou-me um bocado por ter levado tanto tempo, mas eu disse-lhe que tinha caído ao rio e que por isso é que me tinha demorado. Sabia que ele ia ver que eu estava todo molhado e que se ia pôr a fazer perguntas. Pescámos cinco peixes-gato e fomos para casa.

Depois do almoço dormimos uma sesta, já que estávamos os dois derreados, e eu pus-me a pensar que seria bem melhor arranjar uma maneira segura de impedir o Velho e a Viúva de me procurarem do que confiar na sorte para me levar suficientemente longe antes que eles dessem pela minha falta: é que pode acontecer todo o tipo de complicações. Bem, primeiro não conseguia pensar em nada, mas depois o Velho levantou-se para beber mais uma barrica de água, dizendo:

— Da próxima vez que venha alguém aqui rondar, acordas-me, ouviste? Esse tipo não veio cá por acaso. Eu cá tinha-lhe dado um tiro. Da próxima vez, acordas-me, há?

Depois adormeceu de novo, mas o que ele tinha dito deu-me exatamente a ideia de que eu precisava. Disse a mim mesmo: «Agora sim, posso arranjar-me para que ninguém me siga.»

Cerca do meio-dia saímos e fomos até à margem. O rio estava a subir bastante depressa, e passava montes de madeira à deriva na corrente. Daí a pouco vimos um bocado de uma jangada de toros: nove toros juntos. Metemo-nos no rio com o barco e trouxemo-los para a margem. Depois fomos comer. Qualquer outra pessoa teria ficado à espera o dia todo, para apanhar mais lenha, mas o Velho não era assim. Nove troncos de uma vez bastavam-lhe, tinha de ir direito à cidade vendê-los. Por isso lá para as três e meia trancou-me em casa e foi-se embora de barco, com os toros a reboque. Eu pensei que ele não devia voltar nessa noite. Esperei para lhe dar algum avanço e depois fui buscar a serra e meti mãos à obra. Quando saí pelo buraco o Velho ainda não

tinha chegado ao outro lado do rio; ele e os seus toros não eram mais do que um ponto ao longe na água.

Peguei na saca de farinha de milho e levei-a até onde estava escondida a canoa, afastei as folhas e os ramos e enfiei-a lá dentro. Depois fiz o mesmo com a carne, e por fim com o barril de *whisky*. Levei todo o café, todo o açúcar, todas as munições; a corda de linho; o balde e o cantil; a concha e uma caneca de lata; a minha velha serra e dois cobertores; a panela e a cafeteira. Levei linhas de pesca, fósforos — tudo o que valesse um tostão furado. Queria um machado, mas não havia nenhum, tirando o que estava lá fora, na pilha de lenha, e eu sabia porque é que tinha de o deixar ficar. Agarrei na espingarda e fiquei pronto para ir.

Tinha deixado muitas marcas no chão ao rastejar para fora da cabana e ao empurrar tantas coisas através do buraco, por isso disfarcei-as o melhor que pude espalhando terra por ali; assim alisei o chão e também cobri a serradura. Depois voltei a pôr o pedaço de madeira que tinha serrado no lugar, com duas pedras por baixo a prendê-lo, porque era um bocado irregular num dos lados e não assentava bem no chão. Uma pessoa que estivesse a um ou dois metros e não soubesse que aquele bocado tinha sido cortado nunca iria notar; além disso, aquilo dava para as traseiras da cabana e era pouco provável que alguém lá fosse bisbilhotar.



A MATAR O PORCO.

O caminho até à canoa era todo de relva, portanto aí não tinham ficado pegadas, mas voltei lá para ter a certeza. Pus-me na margem e observei o rio: não se via ninguém. Por isso peguei na espingarda e embrenhei-me na floresta para caçar uns pássaros, quando vi um porco selvagem — naqueles vales os porcos que fogem das criações da pradaria depressa se tornam selvagens. Então matei a criatura e levei-a para casa.

Agarrei no machado e rebentei com a porta, deixando-a toda às lascas. Trouxe o porco para dentro, levei-o para ao pé da mesa, cortei-lhe a garganta com o machado e deixei-o sangrar na poeira. Digo poeira porque o chão era de terra batida, e não de soalho. Depois peguei numa saca velha, enchi-a até cima de tantos pedregulhos quantos podia transportar pus-me a arrastá-la, começando perto do porco e passando através da porta e pela floresta até chegar ao rio. Aí empurrei-a para a água, onde se afundou e desapareceu. Via-se bem que alguma coisa tinha sido arrastada pelo chão. Desejei que o Tom Sawyer tivesse ali estado: eu sabia que ia gostar de uma coisa destas e que havia de poder juntar alguns detalhes caprichosos. Ninguém levava este tipo de coisas tão longe como o Tom Sawyer.

Bem, por fim arranquei alguns cabelos, colei-os ao machado bem ensanguentado e atirei-o para um canto. Depois agarrei no porco, abraçando-o com força por dentro do casaco, para que não pingasse, e, num ponto bastante mais baixo do que a cabana, atirei-o ao rio. Aí tive outra ideia. Fui até à canoa e tirei de lá a saca de farinha e a velha serra e serrei um buraco num canto da saca, porque não havia em casa garfos nem facas que pudessem servir para isto: o Velho dava conta da cozinha com o canivete. Agarrei na saca e andei para aí cem metros através da relva e dos salgueiros para leste da cabana, até um lago pouco fundo com cinco milhas de largura que estava cheio de juncos, e de patos também, na altura deles. Do outro lado do lago saía um ribeiro pantanoso que ia para longe, até onde não sei, mas sei que não ia parar ao rio. A farinha escapava-se aos poucos e traçava um fino carreiro até ao lago. Aí deixei também cair a pedra de amolar do velho para parecer que tudo acontecera sem querer.

Já era praticamente de noite, por isso escondi a canoa um pouco mais abaixo no rio, debaixo de uns ramos de salgueiro que pendiam suspensos da margem,

e fiquei à espera de que a Lua se levantasse. Amarrei a canoa a um salgueiro, comi um bocado, e daí a pouco estendi-me para fumar uma cachimbada e fazer planos. Disse a mim mesmo:

Eles vão seguir a pista da saca cheia de pedras e drenar o rio à minha procura. Depois seguirão a pista da farinha até ao lago e pôr-se-ão a pesquisar pelo riacho para encontrar os ladrões que me mataram e levaram as coisas. Nunca hão de procurar no rio nada que não seja a minha carcaça. Mesmo disso hão de cansar-se depressa, e deixarão de se preocupar comigo. Muito bem, posso parar onde me apetecer. A Ilha de Jackson está bem para mim: conheço-a bastante bem e nunca ninguém lá vai. E daí posso remar até à cidade à noite, vadiar por lá e arranjar coisas que eu queira. Sim, a Ilha de Jackson é o lugar ideal.»

Estava bastante cansado, e sem dar por isso adormeci. Quando acordei, ao princípio, não sabia onde estava. Sentei-me e olhei em volta, um pouco assustado. Depois lembrei-me. O rio parecia ter quilómetros e quilómetros de largura. A Lua brilhava de tal maneira que eu podia ter contado os toros que iam deslizando à deriva, escuros e silenciosos, a centenas de metros da margem. Havia em tudo um silêncio de morte, parecia tarde, *cheirava* a tarde. Percebem o que eu quero dizer — não sei com que palavras o explicar.

Dei um belo bocejo, espreguicei-me, e estava prestes a soltar a canoa e partir quando ouvi um ruído ao longe na água. Pus-me à escuta. Daí a pouco percebi o que era. Era o som baço e monótono que fazem os remos ao bater nas forquetas numa noite calada. Espreitei através dos ramos dos salgueiros, e lá o vi: um barco ao longe na água. Não conseguia perceber quantas pessoas estavam lá dentro. Ele continuou a avançar, e quando chegou mais perto de mim pude ver que só havia um homem lá dentro. Pensei que talvez fosse o Velho, embora não o esperasse tão cedo. O barco desviou-se da corrente num ponto abaixo do sítio onde eu estava e veio a remar pelas águas paradas até à margem, passando tão perto de mim que lhe podia ter tocado com a espingarda. Pois, *era* o Velho, de certeza, e, julgando pela forma como pousou os remos, vinha sóbrio.



A DESCANSAR.

Não perdi tempo. No minuto seguinte estava a deslizar pelo rio abaixo, rápido mas silencioso, nas sombras da margem. Percorri duas milhas e meia e depois fiz um desvio de um quarto de milha para o meio do rio, porque daí a pouco passava o *ferry* vindo do embarcadouro e as pessoas podiam ver-me e saudar-me. Meti-me no meio dos toros à deriva e depois deitei-me na canoa e deixei-a flutuar. Fiquei ali estendido, descansei um bocado e fumei cachimbo, de olhos postos no céu. Nem uma só nuvem. Nunca antes notara que fundo o céu parece quando se está deitado ao luar a olhar para ele. E que longe chega o som em noites assim! Ouvi pessoas falar no embarcadouro do *ferry*; percebia cada palavra do que diziam. Um homem disse que já vinham aí os dias compridos e as noites curtas. Outro disse que *esta* não lhe parecia ser das curtas, e riram-se; depois ele voltou a dizê-lo, e riram-se de novo; então acordaram um terceiro e voltaram a repeti-lo, e riram-se mais, mas ele não se riu, rosnou uma curta praga e pediu que o deixassem em paz. O primeiro homem disse que ia contar a história à mulher e que ela havia de a achar bastante boa, apesar de não ser nada comparada com algumas que ele lhe tinha contado quando era mais novo. Ouvi outro homem dizer que eram quase três da manhã e que esperava que o Sol não os deixasse ali à espera uma semana inteira. Depois disso a conversa tornou-se cada vez mais distante e deixei de perceber as palavras, mas ainda ouvia um murmúrio, e aqui e além uma gargalhada, também, mas pareciam vir de muito longe.

Por esta altura eu já estava longe do embarcadouro. Levantei-me e lá estava a Ilha de Jackson, duas ou três milhas mais abaixo, coberta de vegetação, erguida no meio do rio, grande, escura e maciça, como um barco a vapor sem luzes. Agora não se lhe via a barra na proa, porque estava toda submersa.

Não levei muito tempo a atingi-la. Ultrapassei a proa veloz como uma bala, pois a corrente ia fortíssima; depois cheguei às águas paradas e atraquei do lado que dava para o Ilinóis. Enfiei a canoa num recorte profundo da margem que já conhecia, afastando os ramos de salgueiro para conseguir passagem: quando acabei de a prender era impossível vê-la do lado de fora.

Fui sentar-me num tronco na ponta da ilha, olhando o largo rio, a madeira escura à deriva e, lá ao longe, a três milhas de distância, a cidade, onde cintilavam três ou quatro luzes. A cerca de uma milha vinha descendo o rio uma gigantesca jangada de toros com uma lanterna por cima. Fiquei a vê-la rastejar; quando chegou mais ou menos à minha altura ouvi um homem gritar: «Remadores da popa! Guinada para estibordo!» Ouvi tudo exatamente como se o homem estivesse sentado ao meu lado.

Agora o céu estava um pouco cinzento, por isso meti-me pela floresta e estiquei-me para dormir uma sesta antes do pequeno-almoço.

Capítulo VIII

O Sol já ia tão alto quando acordei que pensei que devia passar das oito da manhã. Fiquei ali deitado na relva à sombra fresca a pensar em coisas; sentia-me repousado, bastante confortável e satisfeito. Via o Sol por um ou dois buracos, mas a maior parte eram grandes árvores e por baixo delas estava tudo à sombra. No chão havia sardas de luz, nos sítios em que ela conseguia atravessar o grande crivo da folhagem, e as sardas brincavam um pouco pelo chão, mostrando que soprava algum vento lá em cima. Dois esquilos sentaram-se num ramo e puseram-se a tagarelar comigo amigavelmente.



NA FLORESTA.

Estava muito bem e com uma enorme preguiça — não me apetecia nada levantar-me para fazer o pequeno-almoço. Bem, já estava de novo a cabecear

quando me pareceu ouvir um som grave, um «bum!» mais acima no rio. Soergui-me, apoiei-me no cotovelo e fiquei à escuta; daí a pouco ouvi-o de novo. Levantei-me de um pulo e fui espreitar pelo buraco nas folhas. Vi um bocado de fumo poisado à superfície da água lá muito longe — mais ou menos ao nível do embarcadouro do *ferry*. E lá vinha o *ferry* cheio de gente a flutuar pelo rio abaixo. Percebi qual era o problema: «bum!», o fumo jorrava do lado do *ferry*. Estão a perceber? É que estavam a disparar o canhão por cima da água para tentar fazer a minha carcaça vir ao de cima.

Tinha bastante fome, mas era-me impossível fazer uma fogueira, pois eles poderiam ver o fumo. Por isso sentei-me ali a ver o fumo do canhão e a ouvir o «bum». O rio ali tinha uma milha de largura e a manhã, como todas as manhãs de verão, estava bonita, portanto, se tivesse tido alguma coisa que trincar, teria passado um bom bocado a vê-los procurar os meus restos. Nessa altura lembrei-me de como é costume pôr mercúrio numa carcaça de pão e mandá-la a flutuar pelo rio fora, pois ela vai sempre até onde está o cadáver e é aí que para. Então pensei que ia ficar atento: se me aparecesse alguma dessas não ia ser mal empregada. Mudei-me para o lado da ilha que dava para o Ilinóis para ver qual seria a minha sorte, e não foi em vão que o fiz. Veio uma grande carcaça dupla que eu quase apanhei com um pau comprido, mas falhou-me o pé e ela afastou-se para longe. Claro que eu estava onde a corrente é mais próxima da margem; sabia o suficiente para isso. Mas não tardou a aparecer outra, e desta vez não a deixei escapar. Tirei-lhe a cabeça, sacudi cá para for a bolinha de mercúrio e enterrei os dentes naquele pão. Era pão de padeiro, pão de gente fina, nada dessa bolacha de milho que comem os pobres.

Encontrei um bom lugar no meio da folhagem e sentei-me num tronco, a devorar o pão e a observar o *ferry*, muitíssimo satisfeito. E foi nessa altura que pensei numa coisa. Pensei que com certeza a Viúva ou o pastor ou outra pessoa qualquer tinha rezado para que aquele pão me encontrasse, e que era precisamente isso que o pão tinha feito. Por isso não tive dúvidas de que havia nessa história alguma verdade; ou melhor: de que se trata de uma coisa que pode funcionar, quando reza alguém como o pastor ou a Viúva, mas que comigo não funciona. Acho que só deve funcionar com pessoas mesmo boas.

Acendi o cachimbo e puxei uma grande fumaça, olhando sempre para o rio. O *ferry* flutuava com a corrente e pensei que talvez conseguisse ver quem estava a bordo quando ele chegasse mais perto, porque havia de passar perto de mim, por onde viera o pão. Quando o *ferry* já estava praticamente ao meu nível, apaguei o cachimbo, fui até ao sítio onde tinha apanhado o pão, e estendi-me por trás de um tronco, num pequeno espaço que havia ali. Onde o tronco bifurcava, eu conseguia espreitar através do buraco.

Não tardou a chegar o *ferry*, deslizando tão perto da terra que eles podiam ter saído para a ilha só com uma tábua. Quase toda a gente lá estava: o Velho, o Juiz Thatcher, a Bessie Thatcher, o Jo Harper, o Tom Sawyer e a velha Tia Polly, o Sid e a Mary e muitos mais. Todos falavam sobre o assassinio, mas de repente o capitão interrompeu-os e disse:

— Prestem atenção! Aqui a corrente passa muito perto da costa; talvez ele tenha ficado preso aos arbustos perto da margem. Pelo menos assim o espero.

Eu esperava que não. Apinharam-se todos contra os parapeitos, mesmo em frente ao meu nariz, e ficaram calados, procurando com a máxima atenção. Eu via-os perfeitamente, mas eles não me conseguiam ver. O capitão berrou:

— Afastar! — e o canhão disparou uma tal explosão, mesmo à minha frente, que o barulho me deixou meio surdo e o fumo praticamente me cegou; até pensei que tinha morrido. Se tivessem posto uma bala no canhão acho que teriam encontrado o cadáver que procuravam. Bem, vi que não estava magoado, graças aos céus. O barco continuou o seu caminho e desapareceu por trás de uma ponta da ilha. Ouvia uma explosão de vez em quando, cada vez mais longe; por fim, passada uma hora, deixei de as ouvir. A ilha tinha três milhas de comprimento. Pensei que tivessem chegado ao fim e que tivessem desistido, mas eles continuaram um bom bocado: chegados ao fim da ilha, dobraram a ponta e subiram o canal do lado do Missouri, de motores ligados, dando tiros de vez em quando. Eu fui até esse lado da ilha para os observar. Quando chegaram à outra ponta, deixaram de dar tiros, dirigiram-se para a margem do Missouri e voltaram para casa, para a cidade.



A OBSERVAR O BARCO.

Agora tinha a certeza de que estava a salvo. Mais ninguém viria procurar-me. Tirei da canoa os meus tarecos e montei um belo acampamento onde o mato era mais cerrado. Fiz uma espécie de tenda com os meus cobertores e pus as minhas coisas lá debaixo para as proteger da chuva. Apanhei um peixe-gato e lá consegui abrir-lhe a barriga com a serra; depois, quando o Sol se pôs, fiz uma fogueira e jantei. Passado algum tempo preparei uma linha para apanhar algum peixe para o pequeno-almoço.

Quando já estava escuro sentei-me à fogueira a fumar, sentindo-me bastante satisfeito, mas daí a pouco comecei a sentir-me um bocado sozinho, por isso fui sentar-me na margem a ouvir o ondular da corrente; contei estrelas, depois os troncos à deriva e as jangadas trazidas pela corrente; a seguir fui dormir. Não há melhor maneira de passar o tempo quando uma pessoa se sente sozinha: daí a nada já se sente bem outra vez.



A DESCOBERTA DA FOGUEIRA.

E assim passei três dias e três noites — exatamente iguais. Mas no dia a seguir pus-me a explorar toda a ilha. Era eu o dono dela; tudo aquilo me pertencia, por assim dizer, por isso queria conhecê-la de uma ponta à outra, e, sobretudo, queria ter alguma coisa para fazer. Encontrei montes de morangos, ótimos e maduros, depois uvas verdes, framboesas verdes e amoras verdes, que mal tinham começado a crescer. «Mais cedo ou mais tarde, tudo isto virá a ser útil», pensei eu.

Bem, lá fui vagueando pelas profundezas da floresta, até que me pareceu estar próximo da ponta mais baixa da ilha. Tinha a minha espingarda comigo, mas não tinha apanhado nada, era só para proteção, apesar de estar a pensar caçar alguma coisa quando estivesse mais para os lados da tenda. A certa altura estive mesmo à beira de pisar uma cobra bem graúda, que se foi a rastejar pela relva e pelas flores, e eu atrás dela, a tentar acertar-lhe com um tiro. Ia assim a persegui-la quando de repente dei por mim quase em cima dos restos ainda fumegantes de uma fogueira.

O coração ia-me saltando pela garganta. Não quis ver mais nada, desarme a espingarda e fui-me embora furtivamente, pé ante pé, tão depressa quanto podia. De vez em quando parava no meio da folhagem espessa e ficava à escuta,

mas a minha respiração era tão ofegante que não me deixava ouvir mais nada. Esgueirava-me para um pouco mais longe, parava de novo, e assim por diante. Um cepo de árvore parecia-me uma pessoa, e se um galho rangia por baixo dos meus pés faltava-me o fôlego, como se alguém mo tivesse roubado.

Quando cheguei ao acampamento não me sentia particularmente audaz; tinha os nervos em franja, mas pensei que não era altura para fazer parvoíces. Por isso tornei a pôr todas as minhas coisas na canoa, para não deixar nada à vista, apaguei a fogueira, espalhei as cinzas até parecer uma fogueira de há um ano, e trepei a uma árvore.

Acho que devo ter estado lá em cima umas duas horas, mas não vi nada, não ouvi nada — só *pensei* que tinha visto e ouvido mil e uma coisas diferentes. Bem, não podia ficar ali em cima a vida toda, portanto acabei por descer, mas fiquei no mato cerrado, e sempre alerta. Só pude comer frutos silvestres e sobras do pequeno-almoço.

Quando caiu a noite, estava esfomeado. Portanto, assim que houve escuridão suficiente, deslizei para longe da costa, antes de a Lua se levantar, e remei até à margem do Ilínois — mais ou menos um quarto de milha. Fui para o bosque e fiz o jantar, mas quando tinha acabado de decidir que ia ficar ali nessa noite, ouvi um *tac-a-tac, tac-a-tac*, e pensei: «Vêm aí cavalos.» No minuto seguinte ouvi vozes. Enfiei tudo na canoa o mais depressa que pude e fui rastejando pela floresta para ver se conseguia descobrir alguma coisa. Não tinha chegado muito longe quando ouvi um homem dizer:

— O melhor é acamparmos aqui, se conseguirmos arranjar um sítio decente. Os cavalos estão a dar as últimas. Vamos lá ver.

Não esperei mais, empurrei a canoa para longe e num instante pus-me a remar. Atraquei de novo no sítio anterior e decidi dormir na canoa.

Não dormi muito: por alguma razão não conseguia deixar de remoer estas coisas. Sempre que acordava, pensava que alguém tinha as mãos à volta do meu pescoço, por isso o descanso não me ajudou muito. Ao fim de um bocado disse a mim mesmo que não podia viver daquela maneira, que ia descobrir quem estava na mesma ilha que eu, e que fosse o que Deus quisesse. Senti-me logo muito melhor.

Então peguei no remo para afastar a canoa um passo ou dois da terra e depois deixei-a ir a deslizar através da sombra. A Lua brilhava, e fora das sombras havia quase tanta luz como se fosse de dia. Durante quase uma hora fui avançado lentamente. Todas as coisas estavam caladas como pedras, dormindo profundamente. Por esta altura eu já quase tinha chegado à ponta da ilha. Começou a soprar uma pequena brisa ondulante e fria que vinha anunciar que a noite estava a chegar ao fim. Com um toque do remo virei o focinho da canoa para terra e fi-la acostar; depois agarrei na espingarda, saltei para a orla do bosque e sentei-me num tronco a espreitar através da folhagem. Vi a Lua acabar a sua ronda e a escuridão cobrir o rio como uma manta. Mas, daí a pouco, vi aparecer uma faixa pálida por cima dos ramos das árvores, e soube que vinha aí o dia. Por isso peguei na arma e esgueirei-me através da floresta à procura do sítio em que tinha dado com aquele acampamento, parando de vez em quando à escuta durante um minuto ou dois. Só que, por alguma razão, não estava com sorte, parecia não conseguir encontrar o tal lugar. Mas passado um bocado, finalmente, lá acabei por vislumbrar uma fogueira por trás das árvores. Dirigi-me para lá, devagar e cautelosamente. Daí a pouco encontrei-me suficientemente perto para poder espreitar, e vi um homem deitado no chão. Fiquei todo a tremer. O homem tinha um cobertor à volta da cabeça, e tinha a cabeça quase dentro da fogueira. Sentei-me ali, por trás de um maciço de arbustos, a uns seis pés dele, olhando-o fixamente. Agora começava a levantar-se uma luz cinzenta. Passado pouco tempo ele bocejou, espreguiçou-se e atirou para longe o cobertor, e eu vi que era o Jim da Miss Watson! Nem sabem como fiquei contente de o ver ali. Disse-lhe assim:

— Olá, Jim! — e saltei de trás dos arbustos.

Ele levanta-se de um pulo e olha para mim esgazeado. Depois cai de joelhos, de mãos postas, e diz:

— Não me faças mal, por favor! Eu nunca fiz mal a nenhum fantasma. Semprê gostei dê mortos, e fiz tudo o quê pudê por eles. Voltá prò rio, qu'ê o teu lugar, e deixa em paz o pobre do Velho Jim, que semprê foi teu amigo.

Ora, eu não demorei muito a fazê-lo perceber que não estava morto. Estava mesmo feliz por ver o Jim. Agora já não me sentia sozinho. Disse-lhe que não

tinha medo de que *ele* fosse contar às pessoas onde é que eu estava. Falei e falei, mas ele só ficou ali sentado sem dizer nada. Então eu disse:

— Já há bastante luz. Vamos tomar o pequeno-almoço. Aviva a tua fogueira.



O JIM E O FANTASMA.

— Pra qu'ê quê serve lume quando só há morangos e miudezas dessas pra comê? Ah, mas tu tens uma ispingarda, não tens? Então podemos arranjar qualquer coisa melhor quê morangos.

— Morangos e miudezas dessas — disse eu —, é só disso que tens vivido?

— Não consêgui arranjar mais nada — disse ele.

— Mas, Jim, há quanto tempo é que estás na ilha?

— Vim pra cá na noite a sêguir à quê tê mataram.

— O quê, esse tempo todo?

— Sim, issô mesmo.

— E sem nada para comer a não ser essa porcaria?

— Pois, sem nada.

— Bem, deves estar completamente morto de fome, não?

— Achô qu'era capaz dê comer um cavalo. Dê verdade. E tu há quantô tempô estás na ilha?

— Desde a noite em que me mataram.

— Não...! E o qu'ê quê comeste? Mas tens uma ispingarda. Pois, pois, tens uma ispingarda. Quê bom. Agora mata alguma coisa e eu vou tratar da fogueira.

Então fomos até onde estava a canoa e, enquanto ele fazia uma fogueira numa clareira coberta de relva, no meio das árvores, eu fui buscar a farinha, o porco fumado, a cafeteira, a frigideira, o açúcar e as canecas de lata — o preto não podia acreditar no que via, achava que era tudo obra das bruxas. Também apanhei um peixe-gato bem grande, que o Jim limpou com a sua faca e fritou.

Quando o pequeno-almoço ficou pronto, refastelámo-nos na relva e engolimo-lo ainda a esquentar. O Jim atirou-se à comida com uma força estupenda, pois estava morto de fome. Quando já estávamos cheios, parámos de comer e ficámos estendidos na relva a preguiçar. Daí a pouco o Jim disse:

— Mas olha lá, Huck, quem é quê foi morto naquela cabana sê não fostê tu?

Então eu contei-lhe toda a história e ele disse que era um plano muito esperto. Disse que nem o Tom Sawyer havia de ter feito melhor do que eu. Então eu disse:

— E a ti, o que é te trouxe para aqui, Jim, e como é que cá chegaste?

Ele pareceu pouco à vontade e ficou calado um bocado. Depois disse:

— Acho quê é melhor eu não dizê nada.

— Porquê, Jim?

— Bem, por certas razões. Mas tu não ias r'petir o que eu tê dissesse, pois não, Huck?

— Claro que não, Jim.

— Pois, eu acredito em ti, Huck. Eu — hm — *fugi*.

— Jim!

— 'Tá bem, mas lembra-te quê disseste quê não contavas nada a ninguém — tu sabes quê disseste quê não ias contar, Huck.

— Sim, pois disse. Disse que não ia, e não vou. *Palavra* que não. Vão-me chamar um reles abolicionista e desprezar-me por guardar o segredo, mas isso não interessa. Não vou dizer, e de qualquer forma não vou voltar para lá. Portanto conta lá a tua história.

— Bem, foi assim: a Patroa — a Miss Watson — está sempre a embirrar comigo, e é bastantê bruta pra mim, mas sempre disse que não mê ia vender aos tipos de Orleães. Mas eu r'parei num negreiro quê andava a rondar por lá muitas vezes nôs últimos tempos, e comecei a ficar preocupado. Bem, uma noite, bastantê tarde, aproximo-me da porta sem fazer barulho, vejo qu'ela não

está fechada, e começo a ouvir a Patroa a dizer à Viúva quê que me vai vender pra Orleães, quê não quer, mas que lhe of'rêceram oitocentos dólares por mim e que não conseguia resistir a uma quantia dessas. A Viúva tentou fazê-la prometer que não me vendia, mas eu nem quis ouvir o resto. Fugi dali a sete pés, podes crer.

«Fui-me embora a correr disparado pelo monte abaixo, porquê ia a pensar roubar um barco nalgum sítio na margem, fora da cidad', mas ainda havia gente acôrdada, pôr isso escondi-me nas ruínas da antiga loja do tanoeiro ao pé do rio e fiquei à ispera que se fossem todos embora. Bem, passei lá toda a noite. Havia sempre alguém ali dê volta. Aí pôr volta das seis da manhã começaram a passar barcos, e por volta das oito ou das novê todos os que passavam iam a falar de como o teu Velho tinha vindo até à cidade e dito quê tu tinhas sido morto. Os últimos iam cheios de senhoras e de senhor's qu'iam lá ver o sítio. Algumas pêssoas ficavam a d'scansar no cais um bôcado ant's de atrav'ssarem, e pela conversa deles fiquei a saber tudo sobre o crimê. Foi uma grande tristeza quando soube que te tinham matado, Huck, mas agora já passou.

«Fiquei deitado dêbaixo da serradura o dia todo. Tinha fômê, mas não tinha medo, porque sabia que a velha Patroa e a Viúva iam pra um encontro da igreja logo a sêguir ao pequenô-almoço e quê passavam lá o dia todo, e como elas sabem qu'eu saio com o gado assim quê nasce o Sol, não isperavam ver-me, e pôr isso não iam dar pela minha falta até dêpois d'êscurecer. Os criados mais novos também não iam dar pôr nada, porquê assim que elas viram costas elas vão pra boa vida.

«Quando anoitêceu subi pela estrada do rio; andei pr'aí duas milha' e tal, até onde já não havia casas. Tinha tomado uma decisão sobr'o quê ia fazer. É quê sê eu continuasse a fugir a pé os cães encontravam-me, percebes; sê roubasse um barco pr'atrav'ssar davam pela falta dessê barco, percebiam qu'eu o tinha levado pro outro lado e voltavam a encontrar a minha pista. Pôr isso pensei que precisava era duma jangada, quê é uma coisa quê não *deixa* rasto.

«Vi uma luz a avançar pra perto do sítio onde eu istava, por isso atirei-me pra dentrô d'água, agarrado a um tronco, e fiz a nado mais de mêta'd' do rio. Aí meti-me no meio dos toros à d'riva e fiquei com a cabeça encolhida a nadar contra a corrent' até chegar à jangada. A sêguir nadei até à popa da jangada e

fiquei à ispera. O céu encheu-se de nuvens e ficou bastante escuro durante algum tempo, pôr isso subi lá pra cima e deitei-me na madeira. Os homens estavam lá mais longe, perto da lanterna. O rio estava a subir e ia com muita corrente, pôr isso eu pensei que pelas quatro da manhã já havia de estar a vinte e cinco milhas dali, e que nessa altura ia deslizar sem barulho pra água, nadar até à margem, e chegar à floresta do lado do Ilinoís mesmo antes de nascer do Sol.

«Mas tive azar. Quando íamos a chegar à parte de cima da ilha, um homem começou a vir na direção da popa da jangada com uma lanterna, e eu percebi que mais valia não isperar por ele, por isso atirei-me de borda fora e pus-me a nadar pra ilha. Bem, eu ia a pensar que podia subir pra ilha em mais ou menos qualquer sítio, mas percebi que afinal não: as margens eram demasiado íngremes. Já ia quase na outra ponta da ilha quando acabei por encontrar um sítio bom. Fui pro bosque e pensei que não me ia meter mais em jangadas, com eles a passearem assim a lanterna pôr toda a parte. Tinha o meu cachimbo, um pedaço de tabaco e alguns fósforos na boina, e não se tinham molhado, portanto estava tudo bem.»

— E então durante todo esse tempo não comeste nem pão nem carne? Porque é que não apanhaste umas tartarugas?

— Com'ê que ia apanhá-las? Não basta saltar-lhes pra cima e apanhá-las assim, sem mais nada! E depois fazia o quê, matava-as à pedrada? E com'ê que se pod' fazer isso tudo à noite? Eu não me ia mostrar na margem durante o dia.

— É, tens razão. É claro que tiveste de ficar escondido na floresta o tempo todo. Ouviste os tiros de canhão?

— Oh, sim. Eu sabia que eles andavam à tua procura. Vi-os passar pôr aqui, estava a espreitar pelos arbustos.

Uns pássaros pequenos vieram para ao pé de nós, esvoaçando um metro ou dois de cada vez e poisando de novo. O Jim disse que aquilo era sinal de chuva. Disse que quando os frangos se punham assim queria dizer que ia chover, e que portanto devia ser igual para todos os pássaros pequenos. Eu queria caçar alguns deles, mas o Jim não me deixou. Disse que era a morte. Disse que o pai dele tinha estado muito doente uma vez, mas que depois um deles tinha

apanhado um pássaro: então a velha avó do Jim tinha dito que o pai dele ia morrer, e o pai tinha mesmo morrido.

O Jim dizia que trazia má sorte contar as coisas que se vai cozinhar para o jantar. Dizia o mesmo sobre sacudir uma toalha de mesa depois de o Sol se ter posto. E dizia que se um homem fosse dono de uma colmeia e morresse, tinha de se avisar as abelhas antes do amanhecer do dia seguinte, senão elas enfraqueciam, deixavam de trabalhar e morriam. O Jim dizia que as abelhas não picavam os idiotas, mas nisso eu não acreditava, porque já me tinha metido com elas montes de vezes sem nunca ser picado.

Eu já tinha ouvido algumas destas coisas antes, mas nem todas. O Jim conhecia todo o tipo de sinais. Dizia que sabia praticamente tudo o que é possível saber-se. Eu disse-lhe que me parecia que a maior parte eram sinais de azar, e perguntei-lhe se não havia nenhuns de sorte. Ele disse assim:

— Há muito poucos — e *esses* não servem dê nada a uma pêssoa. Pra quê precisas saber quando a sorte vai ‘tar contigo? Vais qu’rer tê prêcaver? — E juntou:

— Se tiver’s o peito pêludo e os braços pêludos é um sinal de quê vais ser rico. Ora, um sinal destes tem alguma utilidad’, porqu’anuncia com tanta antêcedência. Percebes, é quê talvez tenhas quê ser pobre durante muito tempo primeiro, e podias perder a ânimo e matar-te se não soubesses, graças ao sinal, quê mais tardê ou mais cedo vais acabar pôr ser rico.

— Tu tens o peito e os braços peludos, Jim?

— Pra quê perguntas? Não vês quê sim?

— Então, e és rico?

— Não, mas já fui, e vou voltar a ser. Uma vez chêguei a ter cátorz’ dólares, mas mêti-me a especular e fiquei falido.

— E em que é que especulaste, Jim?

— Bem, primeiro comecei pelo gado. Invêsti dez dólares numa vaca. Mas não queria arriscar mais dinheiro em gado. A vaca morreu-me nôs braços.

— Portanto perdeste dez dólares.

— Não, não perdi tudo, só perdi mais ou menos novê dólares: vendi a pel’ e a banha por um dólar e dez cêntimos.

— Sobravam-te cinco dólares e dez cêntimos. Continuaste a especular?

— Sim. Sabes aquele preto pêneta quê pertence ao velho Mister Bradish? Bem, ele fundou um banco, e disse quê quem pusesse lá um dólar recebia mais quatro no final do ano. Bem, todos os pretos sê meteram naquilo — mas não tinham lá muito dinheiro. Eu era o único a ter tanto. Então fiquei à ispera que ele mê desse mais de quatro dólares, e disse que sê não os recebesse ia eu mesmo abrir um banco. Ora, claro quê esse preto não quêria a minha concorrência, dizia que não havia gente quê chegasse pra dois bancos, pôr isso disse-me pra eu investir os meus cinco dólares, e que me dava trinta e cinco no final do ano.



O PRETO DO MISTER BRADISH.

«Então eu fiz o qu'ele mê dizia. Pensei quê assim quê tivesse os trinta e cinco dólares ia logo investi-los, pra pôr as coisas a andar mais dêpressa. Havia um preto chamado Bob que tinha apanhado uma marmota, às iscondidas do patrão, e eu comprei-lha e disse-lhe pra ficar com os trinta e cinco dólares quando acabass'o ano, mas alguém ma roubou nessa mesma noite, e no dia sêguinte o preto pêneta disse qu'o banco tinha falido. Pôr isso ficámos os dois sem nada.»

— E o que é que fizeste com os dez cêntimos, Jim?

— Ora bem, eu ia gastá-los, mas tive um sonho, e o sonho disse-me pra dá-los a um preto a quem chamavam Burro-Balum-Balum; ele é um desses patetas, sabes, mas dizem quê tem sorte, e eu já tinha pêrcebido quê não tinha sort' nênhuma. No meu sonho o Balum investia os dez cêntimos e punha-os a multiplicar pra mim. Ora, o Balum aceitou o dinheiro, mas quando foi à igreja ouviu o pastor dizer que quem dá aos pobres empresta ao Senhor, e recebe cem vezes o que gastou. Portanto ele agarrou nos dez cêntimos e deu-os aos pobres, e a sêguir ficou à ispera de ver o que é que ia acontecer.

— E o que é que aconteceu, Jim?

— Não aconteceu nada. Nunca voltei a ver o dinheiro, e o Balum também nunca conseguiu rêcuperá-lo. Nunca mais empresto dinheiro sem ver uma garantia. E o pastor a dizer quê s' recebe cem vezes o dinheiro quê s'deu! Se eu pudesse voltar a ver dez *cêntimos* fica fêliz e dava graças.

— Ora, de qualquer forma não faz mal, Jim, já que vais voltar a ser rico mais cedo ou mais tarde.

— Sim, e na verdade, sê virmos bem, até agora sou rico. Tenho-me a mim, e valho oitocentos dólares. Bem quêria ter esse dinheiro, nunca mais pedia nada.

Capítulo IX

Apetecia-me ir ver um sítio mesmo no meio da ilha que tinha encontrado quando andava a explorar, por isso pusemo-nos a caminho e depressa lá chegámos, porque a ilha só tinha três milhas de comprimento e um quarto de milha de largura.

O tal sítio era uma crista, ou uma colina, íngreme e razoavelmente comprida, com uns quarenta pés de altura. Custou-nos bastante subir até lá acima

porque as encostas eram escarpadas e o mato era denso. Trepámos por todo o lado, palmilhámos a colina de uma ponta à outra, e acabámos por encontrar uma gruta grande e espaçosa cavada na rocha, perto do cimo do lado que dava para o Ilínois. Tinha o tamanho de dois ou três quartos juntos, e o Jim podia andar lá dentro sem se curvar. Lá dentro o ar estava fresco. O Jim achava que devíamos levar imediatamente as nossas coisas para lá, mas eu disse que não íamos querer andar sempre a subir e a descer aquele monte.



A EXPLORAR A GRUTA.

O Jim disse que se tivéssemos a canoa num bom sítio, e todas as nossas coisas guardadas na gruta, podíamos fugir para lá se alguém viesse à ilha e nunca nos iam conseguir encontrar sem cães. Além disso aqueles passaritos tinham anunciado que vinha aí chuva, e será que eu queria mesmo que as nossas coisas se molhassem?

Por isso voltámos lá abaixo e metemo-nos na canoa, fomos remando até à direção da gruta e puxámos toda a tralha até lá acima. Depois procurámos um sítio ali ao pé em que pudéssemos esconder a canoa nas ramagens dos salgueiros. Tirámos alguns peixes das linhas e, depois de lhes pormos iscos novos, começámos a preparar-nos para jantar.

A abertura da gruta era suficientemente grande para fazer entrar lá dentro um barril, e de um dos lados também havia uma rebordo liso e saliente, perfeito para uma fogueira. Assim, preparámos e cozinhámos o jantar.



NA GRUTA.

Estendemos os cobertores lá dentro a fazer de tapetes e comemos ali o jantar. Pusemos todas as outras coisas a jeito ao fundo da gruta. Daí a pouco o céu escureceu e vieram relâmpagos e trovões, o que queria dizer que os pássaros não se tinham enganado. Começou logo a chover, e a chover com toda a força, juntamente com uma ventania como eu nunca tinha visto. Era uma dessas grandes tempestades de verão. Ficou tão escuro que tudo parecia de um preto azulado, lá fora, e que bonito que era — a chuva caía em jorros de tal maneira grossos que as árvores um pouco mais distantes pareciam desfocadas, como se estivessem cobertas de teias de aranha; de quando em quando soprava um golpe de vento que as dobrava de forma a descobrir-lhes o avesso pálido das folhas; depois uma rajada estonteante fazia os ramos agitarem-se como se estivessem possessos; a seguir, logo quando o preto azulado estava mais espesso, *fst!* — um brilho de fazer corar as estrelas, que deixava entrever o cimo das árvores mergulhando ao sabor do vento, lá longe, centenas de metros mais longe do que a visão tinha alcançado no segundo anterior, só para no instante seguinte voltar tudo a ficar mais escuro do que o pecado, enquanto se ouvia o terrível estampido do trovão, que ressoava, resmungava, ribombava através dos céus até para lá do horizonte, assim como o som de barris vazios rebolando aos saltos por umas escadas muito compridas.

— Jim, que bom estar aqui! — disse eu. — Não trocava este sítio por nenhum outro. Passa-me aí outro naco de peixe e algum pão de milho quente.

— Ah, pois, não tinhas ‘tado aqui sê não foss’o velho Jim. A esta hora estavas tu lá em baixo no meio dá floresta, sem comida, a afogares-te todo, ainda pôr cima. Era isso mesmo, meu quêrido. Sê um frango sabe quando é quê vai chover, um pássaro também sabê, meu rápaz.

O rio foi enchendo e enchendo durante dez ou onze dias, até ter coberto completamente as margens. Havia três ou quatro pés de água nas partes baixas da ilha e na margem do Ilinóis. Nesse lado o rio tinha agora várias milhas de largura, mas no lado do Missouri continuava igual ao que era dantes, porque aí as margens eram todas muito escarpadas.

Durante o dia remávamos por toda a ilha na canoa: nas partes mais densas da floresta havia imensa sombra e estava sempre muito fresco, mesmo quando lá fora o sol estava a escaldar. Íamos serpenteando por dentro e por fora das árvores. Às vezes a folhagem crescia tão cerrada que tínhamos de voltar para trás e procurar outro caminho. Viam-se coelhos e cobras e coisas assim em cada velha árvore apodrecida, e quando a ilha estava inundada há um ou dois dias, a fome tornou-os tão lentos que, se uma pessoa quisesse, podia remar até eles e poisar-lhes a mão em cima; a não ser nas cobras e nas tartarugas, que fugiam para a água. A colina onde ficava a nossa caverna estava cheia deles; se tivéssemos querido, podíamos ter ficado com um monte de animais de estimação.

Certa noite apanhámos uma pequena secção de uma jangada de toros; umas boas tábuas de pinho. Tinha doze pés de largura e quinze ou dezasseis de comprimento, e flutuava seis ou sete polegadas acima da água: um bom nível, era madeira sólida. De vez em quando, de dia também víamos passar toros, mas deixávamo-los ir porque não nos queríamos mostrar.



O JIM VÊ UM HOMEM MORTO.

Noutra noite em que estávamos cá em cima na proa da ilha, mesmo antes do nascer do dia, vimos chegar, a oeste, uma casa de madeira. Tinha dois pisos e vinha bastante inclinada. Fomos a remar e subimos a bordo por uma janela do andar de cima. Mas ainda estava demasiado escuro para podermos ver bem, portanto prendemo-la à canoa e sentámo-nos lá dentro à espera de que nascesse o dia.

Começou a haver luz antes de termos chegado à ponta inferior da ilha. Nessa altura espreitámos pela janela. Conseguíamos distinguir uma cama, uma mesa, duas cadeiras velhas e montes de coisas espalhadas pelo chão; também havia roupa pendurada na parede. Uma coisa que parecia um homem estava estendida no chão no outro canto do quarto. O Jim disse:

— Ó tu, olá!

Mas ele continuou imóvel. Então chamei outra vez, mas o Jim disse:

— O homem não está a dormir, está morto. Fica aqui quieto, quê eu vou lá ver.

Foi até lá, dobrou-se sobre o homem, olhou para ele, e disse:

— Está morto. Sim, môrtinho, e nu, também. Deram-lhe um tirô nas costas. Acho quê já está morto há dois ou três dias. Chega aqui, Huck, mas não olhes prà cara dele: está dêmasiado horrível.

Não olhei nem uma vez para ele. O Jim cobriu-o com uns trapos, mas nem era preciso, eu não queria ver. Havia montículos de cartas velhas e sebosas

espalhados pelo chão, garrafas de *whisky* vazias, um par de máscaras feitas de tecido preto. As paredes estavam todas cobertas de palavras e rabiscos muito básicos, traçados a carvão. Havia dois vestidos de algodão velhos e sebertos, um chapéu de pala, alguma roupa interior de mulher pendurada na parede e também roupas de homem. Pusemos todas essas coisas na canoa — podiam sempre dar jeito. Também levei um chapéu de rapaz às bolinhas que estava no chão. Havia uma garrafa que tinha tido leite dentro e que estava tapada por uma bucha de trapos para um bebé mamar por ali. Queríamos levá-la, mas estava partida. Havia uma velha arca puída e uma mala de pele com os gonzos rebentados. Estavam abertas, mas não sobrava lá dentro nada que interessasse. Pela maneira como tudo estava espalhado, pensámos que as pessoas tivessem fugido à pressa, sem estarem preparadas para levar a maior parte das coisas.

Arranjámos uma velha lanterna de lata, uma faca de talho sem cabo, uma faca Barlow novinha em folha que valia quase meio dólar em qualquer loja; uma data de velas de sebo; um candelabro de lata; um cantil; uma caneca de lata; uma colcha velha e coçada que estava em cima da cama; uma bolsa de senhora cheia de agulhas, alfinetes, cera de abelha; botões, linha e todo esse tipo de coisas; um machado e alguns pregos; uma linha de pesca da grossura do meu dedo mindinho com uns anzóis gigantescos lá presos; um rolo de camurça; uma coleira de couro; uma ferradura; uns tubos de medicamentos sem rótulo. Quando íamos mesmo a sair eu encontrei uma almofada razoavelmente boa e o Jim encontrou um arco de violino em mau estado e uma perna de pau com as correias rebentadas mas de resto bastante boa, embora fosse demasiado comprida para mim e demasiado curta para o Jim. Apesar de procurarmos por toda a parte, não conseguimos encontrar a outra.

Tudo por junto foi uma bela colheita. Quando quisemos pôr-nos a andar já estávamos um quarto de milha abaixo da ilha e já havia muita luz, por isso mandei o Jim deitar-se no fundo da canoa e tapei-o com a colcha, porque se ele se sentasse via-se de longe que ele era preto. Remei para a margem do lado do Ilinóis e a corrente arrastou-me meia milha mais para baixo. Consegui deslizar para as águas paradas perto da margem e não houve incidentes nenhuns nem vimos ninguém. Voltámos para casa sãos e salvos.

Capítulo X

Depois do pequeno-almoço apeteceu-me falar do morto e de porque é que o teriam matado, mas o Jim não quis. Disse que dava azar, e que além disso ele podia vir assombrar-nos; disse que era mais provável um homem que não tinha sido enterrado tornar-se uma alma penada do que um que estivesse bem plantado e confortável. Isto parecia bastante razoável, por isso eu não disse mais nada, mas não pude impedir-me de ficar a matutar naquilo e de querer saber quem o matara e porquê.



ENCONTRARAM OITO DÓLARES.

Passámos em revista as roupas que tínhamos trazido e encontrámos oito dólares de prata cosidos no forro de um velho sobretudo de lã. O Jim disse que achava que as pessoas da casa o deviam ter roubado, porque se soubessem que

o dinheiro ali estava não o teriam deixado para trás. Eu disse que pensava que também deviam ter matado o dono, mas o Jim não quis falar sobre isso. Eu disse assim:

— Ora, tu achas que dá azar; mas o que é que disseste quando eu apanhei aquela pele de cobra na colina anteontem? Disseste que tocar numa pele de cobra com as mãos era das coisas mais azarentas do mundo, mas aqui tens a tua má sorte! Encontrámos isto tudo e oito dólares ainda por cima! Queria eu ter azares destes todos os dias, Jim.

— Não tê preocupes, meu rápaz, não tê preocupes. Não cantes dê galo antes da hora, quê os azares hão d' chêgar. Lembrá-te do quê tê digo: eles vêm aí.

E vieram mesmo. Esta conversa tivemo-la na terça-feira. Ora, na sexta depois do jantar, estávamos estendidos na relva na zona mais alta da colina quando ficámos sem tabaco. Fui até à gruta buscar algum e encontrei lá dentro uma cascavel. Matei-a e deixei-a enroscada, numa pose natural, perto do cobertor do Jim, pensando que ia ter piada quando ele lá chegasse. Ora, quando chegou a noite eu tinha-me esquecido completamente da cobra e, quando o Jim se atirou para cima do cobertor, enquanto eu acendia a luz, estava lá outra serpente que o mordeu.

Ele deu um salto, aos berros, e a primeira coisa que a luz nos mostrou foi a criatura repugnante, já enroscada e pronta para outra. Matei-a à paulada num abrir e fechar de olhos e o Jim agarrou no garrafão de *whisky* do Velho e pôs-se a emborcar.



O JIM E A SERPENTE.

Ele estava descalço e a cobra tinha-o mordido mesmo no meio do calcanhar. Tudo isto aconteceu por eu ser tão idiota que não me lembrei de que quando se deixa uma cobra morta vem sempre outra enroscar-se à sua volta. O Jim disse-me que cortasse a cabeça da serpente e a deitasse fora, e que esfolasse o corpo e assasse uma fatia. Quando estava pronta ele comeu-a e disse que o ia ajudar a ficar bom. Também me mandou tirar-lhes os guizos e atá-los à volta do seu pulso. Disse que ajudava. Depois eu esgueirei-me lá para fora e atirei as cobras mortas para longe, para o meio dos arbustos, porque queria fazer todos os possíveis para não deixar que o Jim descobrisse que era tudo culpa minha.

O Jim foi bebendo sem parar, e de vez em quando perdia o controlo e contorcia-se e berrava, mas assim que voltava a si punha-se outra vez a beber. O pé inchou-lhe imenso, assim como a perna, mas por fim a bebedeira começou a fazer efeito e eu pensei que ele se sentia melhor, se bem que eu tivesse preferido uma mordidela de cobra ao *whisky* do Velho.

O Jim ficou de cama quatro dias e quatro noites. O inchaço já quase tinha desaparecido e ele voltara a si. Eu, depois de ter visto o resultado que aquilo tinha dado, decidi que nunca mais ia pegar numa pele de cobra com as mãos.

O Jim disse que achava que da próxima vez eu ia acreditar nele, e que tocar numa pele de cobra com as mãos era tão mau que talvez ainda não tivéssemos chegado ao fim dos nossos azares. Disse que preferia ver mil vezes a lua nova por cima do ombro esquerdo do que pegar numa pele de cobra com a mão. Eu próprio começava a pensar assim, embora sempre tenha achado que olhar para a lua nova por cima do ombro esquerdo é das coisas mais irresponsáveis e imprudentes que uma pessoa alguma vez pode fazer. O velho Hank Bunker fê-lo uma vez, gabou-se disso, e daí a menos de dois anos embebedou-se, caiu da torre de tiro, e ficou de tal maneira esborrachado que parecia, por assim dizer, uma espécie de camada — a tal ponto que o acachaparam entre duas portas de celeiro, a fazer de caixão, e foi assim que o enterraram. Eu não estava lá, foi o Velho que me contou. Mas de qualquer forma aconteceu tudo por ter olhado assim para a Lua, como um tolo.



O VELHO HANK BUNKER.

Ora, os dias foram passando e o caudal do rio voltou para dentro das margens. Uma das primeiras coisas que fizemos foi pôr um coelho esfolado num dos anzóis grandes; pusemo-lo na linha e apanhámos um peixe-gato do tamanho de um homem: tinha seis pés e duas polegadas de comprimento e pesava mais de noventa quilos. Não podíamos tirá-lo da água, claro — ter-nos-ia atirado para o Ilinoís. Sentámo-nos ali a vê-lo puxar e debater-se até que se

afogou. No estômago dele encontrámos um botão de cobre, uma bola redonda e montes de lixo. Abrimos a bola ao meio com um golpe de machado e encontrámos lá dentro uma bobina. O Jim disse que o peixe a devia ter tido ali muito tempo para ela ficar assim revestida e redonda. Eu acho que deve ter sido dos maiores peixes alguma vez se apanhou no Mississípi. O Jim disse que nunca tinha visto nada assim. Teria rendido bom dinheiro na aldeia mais próxima. Peixes destes são vendidos ao quilo no mercado e toda a gente compra um bocado; a carne é branca como a neve e é boa para fritar.



«ASSENTAVA BASTANTE BEM.»

Na manhã seguinte disse ao Jim que estava a começar a ficar farto e aborrecido e que precisava de animação. Disse-lhe que estava a pensar atravessar o rio para ir ver o que é que se estava a passar. O Jim gostou da ideia, mas disse que eu devia ir de noite e ficar de olho aberto. Depois pensou mais no assunto e perguntou-me porque é que eu não me mascarava de rapariga com as roupas velhas. Também era boa ideia. Encurtámos um dos vestidos de algodão, enrolei as calças até ao joelho, e enfiei-me naquilo. O Jim prendeu-me as molas nas costas; o tamanho assentava-me bastante bem. Pus o chapéu de aba e prendi-o à volta do queixo, de maneira a que, para me verem a cara, as pessoas teriam de espreitar para dentro daquela espécie de chaminé de salamandra. O Jim tinha a certeza de que ninguém me conseguiria reconhecer, nem mesmo durante o dia. Pratiquei o dia todo para me habituar àquelas

coisas e aos poucos tornei-me bastante bom, só que o Jim dizia que eu não andava como uma rapariga e que tinha de parar de arregaçar a saia para meter a mão no bolso das calças. Eu concentrei-me e melhorei bastante.

Pus-me a caminho do Ilinóis, na canoa, assim que escureceu.

Comecei a remar praticamente à altura do embarcadouro do *ferry* e a corrente empurrou-me até à ponta mais distante da cidade. Amarrei a canoa e pus-me a andar pela margem. Havia uma luzinha numa choupana que tinha estado abandonada durante muito tempo e eu perguntei a mim mesmo quem a teria ocupado. Fui até lá pé ante pé e espreitei pela janela. Uma mulher de uns quarenta anos estava sentada a tricotar à luz de uma vela poisada numa mesa de pinho. Não lhe conhecia a cara: não era dali, pois não havia na cidade nenhuma cara que não me fosse conhecida. Isto era uma sorte, porque eu estava a desfalecer, começava a ficar com medo de estar ali; poderiam reconhecer-me pela voz e desmascarar-me. Mas se esta mulher tivesse estado na cidade nem que fosse dois dias, havia de me poder dizer tudo o que eu queria saber, por isso bati à porta e decidi que não me ia esquecer de que era uma rapariga.

Capítulo XI

— Entra — disse a mulher, e eu entrei. — Assenta-te numa cadeira.

Eu sentei-me. Mirou-me de alto a baixo com os olhos pequenos e brilhantes e disse:

— Com'ê que te chamas?

— Sarah Williams.

— Pra que lados é que moras? És aqui do bairro?



«ENTRA.»

— Não, minha senhora. Moro em Hookerville, a sete milhas daqui. Fiz o caminho todo a pé e estou estafada.

— E deves ter fome também, não? Eu arranjo-te qualquer coisa.

— Não, minha senhora, não tenho fome. Vinha com tanta fome que tive de parar numa quinta duas milhas antes daqui, portanto agora já não tenho fome. Foi por isso que cheguei tão tarde. A minha mãe está de cama, doente, sem dinheiro, sem nada, e eu vim cá para falar com o meu tio Abner Moore. Mora

na outra ponta da cidade, pelo que ela me disse. Eu é a primeira vez que cá venho. Você conhece-o?

— Não, mas ainda não conheço toda a gente. Ainda não faz duas semanas que me mudei para cá. Até ao outro lado da cidade ainda é um grande esticão. Devias passar aqui a noite. Tira o chapéu.

— Não — disse eu. — Acho que vou descansar um bocado e depois sigo caminho. Não tenho medo do escuro.

Ela disse que não me ia deixar ir sozinha, que o marido dela havia de voltar para casa daí a não muito tempo, talvez uma hora e meia, e que ela lhe ia dizer para me acompanhar. Depois começou a falar do marido, das pessoas que conhecia rio acima, das que conhecia rio abaixo, a dizer que estava habituada a uma vida muito melhor do que esta, que ela e o marido, sem saberem, tinham cometido um grande erro ao virem para aquela cidade em vez de ficarem quietos onde estavam, e assim por diante, até que eu comecei a pensar que tinha sido um erro vir ter com ela para descobrir o que é que se estava a passar na cidade; mas aos poucos ela lá chegou ao assunto do Velho e do assassinio e a partir daí fiquei com muito mais vontade de ouvir as suas tagarelices. Contou-me como eu e o Tom Sawyer tínhamos encontrado os seis mil dólares (embora ela tivesse ouvido dez mil); falou-me do Velho e de como a sua vida era dura, e falou-me de mim e de como a minha vida tinha sido dura até que, por fim, chegou à altura em que eu tinha sido assassinado. Eu disse assim:

— E quem foi o culpado? Ouvimos falar muito disso lá para baixo em Hookerville, mas nunca soubemos quem foi que matou o Huck Finn.

— Ah, pois *aqui* também não falta quem gostasse de saber. Há quem pense que foi o próprio velho Finn.

— Não! A sério?

— A princípio quase todos pensaram que sim. Ele nem faz ideia, mas só não foi linchado por um triz. É que antes do anoitecer mudaram todos de ideias e decidiram que o criminoso era um preto fugido chamado Jim.

— Porquê *ele*...

Parei. Achei melhor ficar calado. Ela continuou, sem sequer se aperceber de que eu tinha aberto o bico.

— O preto fugiu na própria noite em que o Huck Finn foi morto. Por isso a cabeça dele está a prêmio: trezentos dólares. E a do velho Finn também, a duzentos dólares. É que ele veio à cidade na noite a seguir ao crime e contou a toda a gente o que se tinha passado; depois esteve com eles no *ferry* durante a busca do corpo, mas assim que aquilo acabou agarrou em si e zarpou. Antes do anoitecer já o queriam linchar, só que ele tinha fugido. Ora, no dia seguinte aperceberam-se de que o preto se tinha ido embora: descobriram que ninguém o tinha visto desde as dez da noite no dia do crime. Então culparam-no a ele, claro, e no dia seguinte, quando ainda estavam todos obcecados por aquilo, lá volta o velho Finn, e vai chorar-se ao Juiz Thatcher para ele lhe dar dinheiro para perseguir o preto por todo o Ilinóis. O Juiz deu-lho, e nessa noite ele embebedou-se e andou por aí até depois da meia-noite com dois desconhecidos com ar de durões e desapareceu com eles. Bem, desde então nunca mais voltou, e ninguém espera vê-lo aparecer até isto se ter acalmado um bocado, porque agora toda a gente pensa que ele matou o próprio filho e montou as coisas de forma a que parecesse tudo obra de ladrões para depois ficar com o dinheiro do Huck sem ter de se preocupar com o julgamento. Dizem que ele era pessoa para ser capaz disso. Não se pode provar nada contra ele, sabes, por isso as coisas hão de acabar por se acalmar e ele há de se abotoar com o dinheiro do Huck sem problema nenhum.

— Pois, também me parece. Não vejo nada que o possa impedir. Então as pessoas já deixaram de acreditar que foi o preto?

— Oh, não, nem todas. Muita gente ainda acha que foi ele. Mas não tarda hão de o apanhar e talvez lhe consigam arrancar uma confissão.

— Mas andam atrás dele?

— Ora, és bem inocente, tu! Achas que aparecem muitas vezes trezentos dólares assim a pedir para serem apanhados? Há quem pense que o preto não anda longe daqui. Eu sou desses, mas não falei disso a ninguém. Aqui há uns dias estava a conversar com um casal de velhos que mora aqui ao lado na cabana de toros, e eles por acaso disseram que quase nunca ninguém vai a essa ilha aí em baixo a que chamam a Ilha de Jackson. «Não mora lá ninguém?», digo eu, e eles: «Não, ninguém.» Eu cá não disse mais nada, mas fiquei a pensar naquilo. Tinha praticamente a certeza de ter visto fumo a sair de lá, um ou dois

dias antes, na ponta de cima da ilha, por isso disse a mim mesma: «Será que o preto não anda escondido nessa ilha? De qualquer forma, valia a pena ir lá dar uma olhadela.» Desde essa altura não voltei a ver fumo, portanto acho que talvez ele se tenha ido embora, se é que era ele, mas o meu marido vai lá ver — ele e outro homem. Ele andou fora, mas voltou hoje, e assim que cá chegou há uma ou duas horas eu contei-lhe tudo.



«ELE E OUTRO HOMEM.»

Eu estava tão nervoso que não conseguia ficar quieto. Tinha de fazer alguma coisa com as mãos, por isso peguei numa agulha que estava em cima da mesa e comecei a enfiar-lhe uma linha. As mãos tremiam-me e não estava a sair-me muito bem. Quando a mulher parou de falar olhei para cima e ela estava de olhos postos em mim, meio a sorrir e com um ar bastante curioso. Pousei a agulha e a linha e fiz-me interessado, como na verdade estava. Disse assim:

— Trezentos dólares é muito dinheiro. Quem me dera poder arranjá-los para a minha mãe. O seu marido vai lá hoje à noite?

— Vai, sim. Foi à cidade com o tal homem de que te falei pr'arranjar um barco e pra ver se conseguiam trazer mais uma espingarda emprestada. Vão pra lá depois da meia-noite.

— Mas não viam melhor se esperassem até ser de dia?

— Sim. Mas o preto também não via melhor? Depois da meia-noite ele deve estar a dormir, e eles podem muito mais facilmente ir pela calada através da

floresta e procurar a fogueira dele, se é que ele tem uma.

— Não tinha pensado nisso.

A mulher continuava a olhar para mim com um ar curioso e eu não me sentia nem um bocadinho à vontade. Passado um bocado ela disse:

— Como é que disseste que te chamavas, ‘mor?

— M... Mary Williams.

Por alguma razão parecia-me que não tinha dito «Mary» antes, por isso não olhei para cima — parecia-me que era Sarah, por isso senti-me encurralado, e tive medo de que isso se notasse. Queria que a mulher dissesse mais alguma coisa; quanto mais ela se calava, mais nervoso eu me sentia. Mas ela disse logo:

— Mas, ‘mor, pensei que tinhas dito que te chamavas Sarah quando aqui entraste?

— Sim, senhora, foi o que eu disse. Sarah Mary Williams. Sarah é o meu primeiro nome, mas há quem me chame Mary.

— Ah, então é isso!

— Sim, senhora.

Já me sentia um bocadinho melhor, mas mesmo assim queria era sair dali para fora. Ainda não era capaz de olhar para cima.

Bem, a mulher pôs-se a falar de como os tempos eram difíceis, da pobreza em que eles tinham de viver, das ratazanas que andavam por ali com um à-vontade tal que parecia que eram donas da casa, e por aí fora, por isso fiquei mais calmo outra vez. Ela tinha razão quanto às ratazanas. Volta e meia lá se via uma a um canto, de nariz no ar. Disse que quando estava sozinha tinha sempre de ter à mão coisas para lhes atirar, senão não a deixavam em paz. Mostrou-me uma vara de chumbo torcida, com um nó, e disse que geralmente acertava bem com ela, mas que tinha dado um jeito no braço um ou dois dias antes e que não sabia se poderia atirá-la agora. Mas esperou por uma oportunidade e arremessou logo a vara a uma ratazana, só que falhou por muito e soltou um «Au!», de tanto que o braço lhe doía. Então pediu-me que tentasse a seguinte. Eu queria-me ir embora antes que o marido voltasse, mas claro que não deixei que ela se apercesse disso. Peguei naquela coisa e atirei-a à primeira ratazana que pôs o nariz de fora. Se ela não se tivesse mexido, tinha ficado em bastante mau estado. A mulher disse que era um lançamento de primeira e que achava

que a próxima não me ia escapar. Levantou-se, pegou na vara e trouxe-a de volta, trazendo também uma meada de lã, pedindo-me que a ajudasse. Estendi as mãos para ela pendurar a meada e ela continuou a falar sobre as coisas do marido. Mas interrompeu-se para dizer:

— Fica de olho nas ratazanas. O melhor é ficares com o chumbo no colo, à mão.

Por isso nesse instante deixou-me cair a maça no colo, e eu juntei as pernas uma contra a outra e ela continuou a falar. Mas por pouco tempo. A seguir pegou no novelo, olhou para mim mesmo de frente, e muito simpática, disse:

— Vamos lá, qual é o teu verdadeiro nome?

— O... o quê, minha senhora?

— Qual é o teu verdadeiro nome? Bill, Tom, Bob? Ou quê?

Acho que tremi como uma folha, e não sabia o que é que havia de fazer. Mas disse:

— Minha senhora, por favor, não faça pouco de uma rapariga como eu. Se estou a incomodá-la, vou-me já...

— Não vais, não. Senta-te e fica onde estás. Não te vou fazer mal e também não te vou denunciar. Conta-me lá o teu segredo e confia em mim para o guardar — e mais, posso-te ajudar. E o meu marido também, se quiseres. És um fugitivo novato, só isso. Não é nada. Não tem mal nenhum. Trataram-te mal e tu decidiste ir-te embora. Deus te abençoe, criança, eu não te ia denunciar. Conta-me lá agora o que se passou, como um bom rapaz.

Então eu disse que já não servia de nada continuar a fingir e que ia tirar aquele peso do peito e contar-lhe tudo, mas que ela tinha de guardar a promessa. Depois disse-lhe que a minha mãe e o meu pai tinham morrido e que a justiça me tinha entregado a um velho agricultor mesquinho, no campo, a trinta milhas do rio, e que ele me tratava tão mal que eu já não aguentava mais. Ele tinha-se ido embora durante uns dias e por isso eu tinha aproveitado a oportunidade, roubado umas roupas da filha dele, e fugido, e já levava três noites a percorrer as tais trinta milhas. Viajava durante a noite, e durante o dia escondia-me a dormir, e o saco de pão e de carne que trouxera tinha-me durado todo o caminho e bastara largamente. Eu disse que achava que o meu

tio Abner Moore havia de tomar conta de mim e que era por isso que tinha vindo até esta cidade de Goshen.

— Goshen, meu filho? Isto não é Goshen. Isto é São Petersburgo. Goshen fica dez milhas mais acima no rio. Quem te disse que isto era Goshen?

— Ora, foi um homem que vi hoje de madrugada, mesmo quando ia a meter-me prà floresta prà sesta do dia. Ele disse-me qu'onde a estrada bifurcava eu tinha de virar à direita e que daí a cinco milhas estava em Goshen.

— Devia estar bêbado. É exactamente o contrário.

— Pois, é verdade que ele parecia um bocado bêbado, mas isso agora não interessa. Tenho de me ir já embora. Ainda chego a Goshen antes do nascer do dia.

— Espera um segundo que eu preparo-te uma merenda. Talvez te faça falta.



ELA PREPARA UMA MERENDA.

Então ela preparou-me uma merenda, e disse:

— Olha lá, quando uma vaca está deitada, que lado é que se levanta primeiro? Responde rápido, não te ponhas pr'aí a pensar. Que lado é que se levanta primeiro?

— A traseira, minha senhora.

— Bom, então e num cavalo?

— A frente, minha senhora.

— De que lado de uma árvore é que cresce o musgo?

— Do lado norte.

— Se quinze vacas estão a pastar na encosta de um monte, quantas vacas comem com a cabeça apontada para o mesmo lado?

— As quinze, minha senhora.

— Bem, parece-me que viveste mesmo no campo. Pensei que me podias estar a enrolar outra vez. Então e qual é o teu verdadeiro nome?

— George Peters, minha senhora.

— Bem, tenta lembrar-te dele, George. Não vás dizer-me que é Alexander antes de saíres, e depois quando eu te apanhar tentar safar-te dizendo que é George Alexander. E não te chegues ao pé de nenhuma mulher nesse velho vestido de algodão. Um homem talvez acreditasse que eras uma rapariga bastante pobre. E que Deus te abençoe, meu filho, mas quando tentas enfiar uma linha numa agulha, não fiques com a linha quieta enquanto empurras para lá a agulha, segura antes na agulha parada e enfia lá a linha; as mulheres fazem quase sempre assim, mas um homem faz sempre o contrário. E quando atacas uma ratazana, ou qualquer outra coisa, avança nas pontinhas dos pés, recua o braço para trás da cabeça da maneira mais desajeitada que consigas, e acerta a uns seis ou sete pés da ratazana. Atira com o braço rígido a partir do ombro, como se estivesses a puxar uma alavanca, como faz uma rapariga, e não a partir do pulso ou do cotovelo, como faz um rapaz. E lembra-te, quando uma rapariga tenta apanhar alguma coisa no colo, afasta os joelhos um para cada lado, não os fecha um contra o outro como tu fizeste quando tentaste apanhar a maça de chumbo. Bem, eu percebi que eras um rapaz quando estavas a enfiar a linha na agulha, e inventei as outras coisas só para ter a certeza. Agora vai lá depressa ter com o teu tio, Sarah Mary Williams George Alexander Peters, e se tiveres algum problema e precisares de ajuda, manda dizer à Mrs. Judith Loftus, que sou eu, e eu farei o que puder para te ajudar. Vai sempre pela estrada do rio, e da próxima vez que fores vagabundear leva sapatos e meias contigo. A estrada do rio é pedregosa, e parece-me que os teus pés hão de estar bastante maltratados quando chegares a Goshen.

Segui umas cinquenta jardas pela margem e depois voltei para trás e fui escorregando até onde estava a minha canoa, um bom bocado abaixo da casa.

Saltei lá para dentro e fui-me embora, cheio de pressa. Remei contra a corrente até chegar à altura da ponta anterior da ilha; depois comecei a virar. Tirei o chapéu para não me tapar as vistas. Quando ia a meio caminho ouvi o relógio a tocar, por isso parei a escutá-lo: o som vinha fraco mas claro sobre a água — onze badaladas. Quando atingi a ponta da ilha nem parei para respirar, apesar de estar completamente esbaforido, enfiei-me logo pelo arvoredor, até onde ficava o meu antigo acampamento, e aí, num sítio alto e seco, fiz uma fogueira.

Depois saltei para a canoa e remei com toda a força até onde morávamos, uma milha e meia mais abaixo. Saí para terra e corri aos tropeções pela colina acima até à gruta. Lá estava o Jim, deitado no chão, a dormir profundamente. Acordei-o e disse:

— Levanta-te e despacha-te, Jim! Não há um minuto a perder. Andam à nossa procura!



«DESPACHA-TE.»

O Jim não fez perguntas, não disse uma única palavra, mas pela maneira como trabalhou durante a meia hora seguinte via-se o medo com que estava. Ao fim desse bocado, tudo o que possuíamos no mundo estava na nossa jangada, e ela estava pronta a ser empurrada para fora da enseada de salgueiros onde a tínhamos escondido. Começámos por apagar a fogueira da gruta, e depois disso não acendemos uma única vela cá fora.

Eu afastei um bocadinho a canoa da margem e olhei em volta com muita atenção — mas se havia um barco nas imediações eu não o conseguia ver: à luz

das estrelas e por entre as sombras nem sempre se vê muito bem. Então puxámos a canoa cá para fora e fomos deslizando com a corrente, num silêncio de morte, através das sombras, até termos passado o fim da ilha: não dissemos uma única palavra.

Capítulo XII

Devia ser perto da uma da manhã quando finalmente ultrapassámos a ilha, e a jangada parecia avançar com uma enorme lentidão. Se viesse algum barco na nossa direção, contávamos meter-nos na canoa e virar para a margem do Ilinóis, e ainda bem que não veio barco nenhum, pois não nos tínhamos lembrado de pôr a espingarda na canoa, nem uma linha de pesca, nem nada que se comesse. Estávamos demasiado apressados para pensar em tantas coisas. Não foi boa ideia pôr *tudo* na jangada.

Se os homens foram à ilha, acho que devem ter encontrado a fogueira que eu tinha acabado de fazer e ficado a vigiá-la a noite inteira à espera de que o Jim chegasse. Seja como for, ficaram longe de nós, e se a minha fogueira não os enganou, isso não foi culpa minha. Tentei enrolá-los o melhor que podia.



NA JAGANDA.

Quando começaram a aparecer os primeiros raios de luz, amarrámos a canoa num desses bancos de areia cobertos de pés de álamo tão rijos como os dentes de um arado. Com alguns golpes de machado cortámos uns ramos de álamo e cobrimos com eles a jangada de maneira a parecer que tinha havido um desmoronamento naquele sítio da margem.

Na margem do Missouri havia montanhas; no lado do Ilinóis bosques densos, e como ali o canal seguia ao longo da margem do Missouri, não tínhamos medo de ser vistos. Ficámos lá estendidos o dia todo, vendo as jangadas e os vapores resvalando pelo rio abaixo, perto da margem do Missouri, e os vapores em sentido contrário que lutavam contra a corrente no meio do rio. contei ao Jim as tagarelices da mulher e ele disse que ela era esperta, e que se tivesse sido *ela* a vir atrás de nós não se teria sentado a olhar para uma fogueira — não, teria ido buscar um cão. «Ora», disse eu, «então porque é que ela não terá dito ao marido que levasse um cão?» O Jim disse que apostava que ela tinha pensado nisso quando os homens já estavam prontos para sair, e que acreditava que eles tinham voltado à cidade para ir arranjar um cão e perdido imenso tempo, e que sem isso nós não estaríamos ali sentados num banco de areia a dezasseis ou dezassete milhas da terra — não: estaríamos outra vez na velha cidade. Então eu disse que não me interessava saber porque é que eles não nos tinham apanhado, bastava saber que não tinham.

Quando começou a escurecer, pusemos as cabeças de fora dos bosques de álamos e olhámos para cima, para baixo e para os lados: não vimos nada, por isso o Jim arrancou algumas das tábuas superiores da jangada e construiu uma tenda bem aconchegada para nos abrigarmos quando fizesse chuva ou quando o sol estivesse a escaldar, e para manter as nossas coisas a seco. O Jim fez um piso para a tenda, e construiu-a um pé ou mais acima do nível da jangada: assim, as mantas e o resto das coisas estavam a salvo das ondas que os vapores fazem ao passar. Mesmo no centro da tenda pusemos uma camada de terra com cinco ou seis polegadas de espessura e com uma moldura à volta para a manter no lugar: isto era para fazermos a fogueira quando o tempo estivesse húmido ou frio, e a tenda impedia que fosse vista. Também fizemos mais um leme, porque um dos outros se podia partir numa rocha, ou qualquer coisa assim. Montámos um ramo bifurcado para pendurar lá a velha candeia, porque

tem sempre de se acender uma candeia quando vem um vapor a descer com a corrente para evitar que ele nos esmague; mas não teríamos de a acender para os barcos que viessem a subir o rio, a não ser que estivessem a atravessar de um lado para o outro, porque, como o rio ainda ia bastante cheio, havia bancos de areia pouco profundos escondidos pela água; por isso os barcos grandes quase nunca navegavam pelo canal mas sim pelas águas fundas do meio do rio.

Na segunda noite fizemos sete ou oito horas, com a corrente a levar-nos a mais de quatro milhas por hora. Pescámos peixes e conversámos, e de vez em quando dávamos um mergulho para nos manter acordados. Era meio solene deslizar assim por aquele rio enorme e silencioso, deitados de costas a olhar para as estrelas, por isso nunca nos apetecia falar alto e poucas vezes nos rimos — só umas gargalhadas pequenas. Tivemos quase sempre um tempo ótimo, e não nos aconteceu nada nem nessa noite, nem na seguinte, nem na outra a seguir.

Todas as noites passávamos por cidades: algumas lá ao longe nas encostas não passavam de pontos de luz; não se distinguia uma única casa. Na quinta noite passámos por St. Louis e foi como se toda a terra se tivesse iluminado. Tinha ouvido dizer em São Petersburgo que havia vinte ou trinta mil pessoas em St. Louis, mas nunca tinha acreditado, até que às duas da manhã nessa noite calada avistei aquela maravilhosa extensão de luzes. Não se ouvia um único som; estava toda a gente a dormir.

Agora todas as noites por volta das dez eu costumava esgueirar-me para a margem, até alguma aldeola, para comprar dez ou quinze cêntimos de farinha, de toucinho ou de qualquer coisa que se comesse — às vezes surripiava um frango que andasse mais irrequeto e levava-o comigo. Toda a vida o Velho me dissera para levar um frango sempre que tivesse oportunidade, porque se não o quisesse para mim havia de encontrar alguém que o quisesse, e uma boa ação nunca se esquece. Nunca vi um dia em que o Velho não quisesse o frango para si próprio, mas de qualquer maneira era isto que ele dizia.



ÀS VEZES LEVAVA UM FRANGO.

De manhã, antes do nascer do Sol, esgueirava-me até aos milheirais e levava emprestada uma melancia, uma meloa, uma abóbora, milho ou outra coisa parecida. O Velho dizia sempre que não fazia mal levar coisas emprestadas se se tivesse a intenção de um dia, mais tarde, as pagar, mas a Viúva dizia que isso não passava de uma maneira mais bonita de dizer «roubar» e que nenhuma pessoa decente faria tal coisa. O Jim disse que achava que a Viúva tinha alguma razão e que o Velho tinha alguma razão, e que por isso a melhor coisa a fazer era escolhermos duas ou três coisas da lista e deixarmos de as levar emprestadas — achava que assim não faria mal levarmos emprestadas as restantes. Por isso, uma noite, enquanto íamos deslizando pelo rio abaixo, discutimos isso tudo, tentando decidir se era melhor desistir das melancias, dos melões, das meloas, ou de mais o quê. Mas ao nascer do dia tínhamos tudo resolvido de uma maneira conveniente: decidimos desistir das maçãs anãs e dos dióspiros. Antes disso sentíamo-nos um bocado mal, mas a partir daí deixámos de ter problemas. Ainda por cima fiquei contente com o que acabámos por decidir, porque as maçãs anãs nunca prestam e os dióspiros só amadureciam daí a três meses.

De vez em quando caçávamos um pássaro de rio que se tivesse levantado demasiado cedo de manhã ou que se fosse deitar demasiado tarde à noite. Assim, de um modo geral, até vivíamos à larga.

Na quinta noite a seguir a St. Louis houve uma grande trovoadra depois da meia-noite, com uma quantidade de trovões e de relâmpagos e a chuva a cair em cortinas cerradas. Ficámos na tenda e deixámos a jangada cuidar de si própria. Quando um relâmpago fulgia conseguíamos ver um grande rio a direito à nossa frente e montes rochosos de ambos os lados. Daí a pouco eu disse: «Ena, Jim! Olha-me só para ali!» Era um vapor que se tinha esborrachado numa rocha. Estávamos a vogar mesmo ao seu encontro. Um relâmpago mostrou-o com toda a clareza. Estava todo inclinado, com parte da cobertura superior fora de água, e sempre que havia uma nova faísca via-se perfeitamente todos os cabos da chaminé, e uma cadeira perto do grande sino, com uma velha boina pendurada nas costas.

Bem, como já era muito tarde e estava a trovejar, e tudo tinha um ar de mistério, senti o que teria sentido qualquer outro rapaz quando vi aquele navio naufragado tão triste e solitário no meio do rio: quis ir para lá explorar um bocado e descobrir o que para lá havia. Então disse assim:

— Vamos lá atracar no navio, Jim?

Mas o Jim a princípio não queria lá ir nem por nada. Disse:

— Eu cá não mê quero mêter em brincadeiras nesse navio. Estamos com imensa sortê, e está iscrito no Livro quê o bom é inimigo dô melhor. O mais certo é haver algum guarda ness' navio.

— Guarda era a tua avó — digo eu —, não há nada para guardar a não ser a cabine do comandante e o posto do piloto, e achas que alguém ia arriscar a vida por causa de uma cabine de comandante e de um posto de piloto numa noite destas, quando o mais provável é que o barco se afunde de um minuto para o outro?

O Jim nem tentou discutir isto.

— E, além do mais — disse eu —, talvez consigamos levar emprestadas algumas coisas que valha a pena salvar da cabine do comandante. Xarutos, aposto contigo — não custam menos do que cinco cêntimos cada, é dinheiro na mão. Os capitães dos vapores são sempre ricos, ganham sessenta dólares por mês, e querem lá saber quanto é que custam as coisas, comprem tudo o que lhes apetece. Mete uma vela no bolso, Jim, estou a ficar em pulgas, quero ir revistar esse navio. Achas que o Tom Sawyer alguma vez deixava escapar uma

coisa destas? Nem que lhe pagassem! Havia de chamar a isto uma aventura — sim, essa é a palavra que ele usa — e havia de ir enfiar-se nesse navio nem que tivesse de morrer lá. E havia de ir com estilo, havia de se esmerar: se o visses até havias de acreditar qu'era o Cristóvão Colombo em pessoa a descobrir o Novo Mundo. *Quem me dera* que o Tom estivesse aqui.

O Jim resmungou um bocadinho mas acabou por ceder. Disse que devíamos falar o menos possível e muito baixinho. Um relâmpago voltou a mostrar-nos o navio mesmo a tempo, por isso agarrámos o parapeito, a estibordo, e amarrámos lá a jangada.

O convés estava muito inclinado naquele sítio. Fomos descendo sorrateiramente para bombordo, às escuras, até à cabine do comandante, Tateando aos poucos o caminho com os pés, de braços estendidos para não bater nos cabos da chaminé, pois a escuridão era tanta que não fazíamos ideia de onde estavam. Daí a pouco atingimos a claraboia e trepámos lá para cima; mais um passo e chegámos à porta da cabine do comandante, que estava aberta. Mas, de repente, raios partam, vemos lá ao fundo uma luz! E logo no mesmo instante, vindas lá de dentro, parece que nos chegam vozes!

O Jim segredou que se estava a sentir muito mal e mandou-me segui-lo. Eu disse que estava bem e comecei a dirigir-me para a jangada quando ouvi uma voz dizendo num uivo:

— Por favor, não, amigos! Eu juro que não vou dizer a ninguém!

E outra voz que respondia, bem alto:

— Estás a mentir, Jim Turner. Já não é a primeira vez. Queres sempre mais do que a tua parte e consegues sempre o que queres porque ameaças denunciar-nos se não te dermos mais. Mas desta vez foi a gota de água. És o cão mais covarde e desleal que eu alguma vez vi.

Por esta altura já o Jim estava na jangada. Eu estava morto de curiosidade, e pensei para mim mesmo que o Tom Sawyer nunca se teria ido embora numa altura daquelas, portanto eu também não iria. Ia era ver o que se estava a passar ali. Deixei-me cair de costas e enfi-me pelo corredor estreito, rastejando por lá até que já só havia uma sala a separar-me da entrada da cabine do comandante. Então vi que lá dentro estava um homem estendido no chão, de mãos e pés atados, e outros dois de pé à frente dele; um segurando numa candeia fraca e o

outro numa pistola. Este último apontava a pistola à cabeça do homem que estava estendido no chão, dizendo:

— Ah! Bem me *apetece*! É a única coisa a fazer — um cão destes!

O homem no chão estremecia e dizia: — Por favor, Bill, não faças isso, eu nunca vou denunciar-vos.

E sempre que ele dizia isso o homem da candeia ria-se e dizia:

— Ah, pois não vais, *não*! Acredita que nunca tiveste tanta razão. — E de uma das vezes disse: — Olha pra ele a suplicar! E no entanto, se não tivéssemos conseguido apanhá-lo e amarrá-lo, ele tinha-nos matado aos dois. E *porquê*? Sem a menor razão — só porque queríamos aquilo a que tínhamos *direito* — sim, e mais nada. Mas eu cá digo que tu nunca mais vais chantagear ninguém, Jim Turner. *Afasta* essa pistola, Bill.



«POR FAVOR, BILL, NÃO FAÇAS ISSO.»

E o Bill disse:

— Não quero, Jake Packard. Eu acho que a gente deve matá-lo — ou será que ele não matou o velho Hatfield exatamente da mesma maneira? Ou será que ele não merece?

— Mas eu não o *quero* morto e tenho as minhas razões para isso.

— Deus te abençoe por essas palavras, Jake Packard! Enquanto for vivo hei de me lembrar sempre de ti! — disse o homem no chão, quase a soluçar.

O Packard não lhe ligou nenhuma, mas pendurou a candeia num prego e começou a dirigir-se para onde eu estava, às escuras, acenando ao Bill para que

viesse também. Eu recuei uma, duas jardas, como um caranguejo, o mais depressa que pude, mas o barco estava tão inclinado que não consegui ser muito rápido — então, para evitar que eles me pisassem e me descobrissem, rastejei para dentro de uma das cabines de cima. O homem avançava a passos largos no escuro, e quando o Packard chegou à cabine em que eu estava disse:

— Aqui. Entra.

E entrou lá para dentro, seguido do Bill. Mas antes que eles tivessem entrado já eu tinha trepado para o beliche de cima, e estava encurralado e arrependido de me ter metido naquilo. Lá estavam eles, de pé, com as mãos apoiadas no rebordo do beliche, a conversar. Eu não os conseguia ver, mas percebia onde estavam por causa do *whisky* que tinham estado a beber. Fiquei contente por não beber, eu, se bem que na verdade não teria feito muita diferença — eles mesmo assim não me teriam descoberto, porque eu praticamente não respirava, tal era o medo com que estava. E, além do mais, ninguém conseguiria respirar a ouvir uma conversa daquelas. Falavam baixo, muito sérios. O Bill queria matar o Turner. Dizia:

— Ele disse que ia denunciar-nos e vai mesmo. Podíamos dar-lhe as nossas partes inteiras agora que não faria diferença nenhuma, depois da zanga que tivemos e da maneira como o tratámos. Tão certo como o Sol nascer amanhã é ele entregar-nos à polícia. Ouve o que te digo. Devíamos resolver-lhe o problema de uma vez por todas.

— Também acho — disse o Packard num fio de voz.

— Até que enfim, já começava a pensar que não. Bem, nesse caso não há problema. Vamos lá tratar do assunto.

— Espera aí um segundo, eu ainda não disse tudo o que tinha a dizer. Um tiro serve, mas também há maneiras mais discretas, já que a coisa *tem* de ser feita. Mas o que eu acho é que não faz sentido andarmos a pedir pela força se podemos tratar disto de outras maneiras e sem correr riscos. Não é?

— Sim, claro que sim. Mas o que é que vais inventar desta vez?

— Ora bem, a minha ideia é a seguinte: vamos revistar o barco e recolher as coisas que deixámos por aí nas cabines, e a seguir remamos para terra e escondemos o saque. Depois é só esperar. Quanto a mim, não hão de passar mais que duas horas até que isto se desfça tudo e desapareça pela água

adentro. Percebes? Ele afoga-se e a culpa é dele e de mais ninguém. Quanto a mim, é bem melhor isso do que matá-lo. Eu acho mal matar gente quando se pode evitar fazê-lo: não é boa lógica, e moralmente não está certo. Tenho razão ou não?



«MORALMENTE NÃO ESTÁ CERTO.»

— Sim, acho que sim. Mas imagina que o navio *não* se afunda?

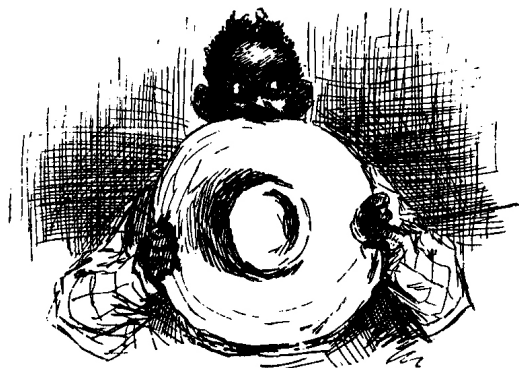
— Ora, podemos esperar duas horas para ver, não?

— Está bem, vamos lá.

Lá foram, e eu disparei dali para fora, coberto de suores frios, pernas para que te quero! Estava um escuro de breu, mas eu disse, numa espécie de murmúrio rouco: «Jim!», e ele respondeu com uma espécie de gemido, e eu disse:

— Depressa, Jim, não é altura para perder tempo com gemidos, está um bando de assassinos ali dentro, e temos de encontrar o barco deles e soltá-lo na corrente do rio, ou um deles vai ficar em maus lençóis. Mas se encontrarmos o barco deles podemos deixá-los *todos* em maus lençóis — até o xerife os vir buscar. Depressa, despacha-te! Eu procuro a bombordo e tu a estibordo. Começa na jangada...

— Oh, santô Deus! Na *jangada*? Mas não há jangada nenhuma! Soltou-se e desapareceu — e nós aqui!



«OH, SANTÔ DEUS!»

Capítulo XIII

Bem, eu respirei fundo e por pouco não desmaiei. Presos num navio naufragado com um bando daqueles! Mas não era altura para lamúrias. Agora, sim, *tínhamos* de encontrar o tal barco, para ficarmos nós com ele. Por isso lá fomos avançando a estibordo, aos tropeções e a tremer — e tão devagar que avançávamos! Pareceu que tínhamos demorado uma semana inteira a atingir a popa. Não vimos barco nenhum. O Jim disse que achava que não era capaz de continuar — dizia que tinha tanto medo que estava praticamente sem forças. Mas eu disse-lhe: «Vá lá, se não sairmos deste barco é que vamos ficar num belo aperto.» Por isso lá continuámos furtivamente a nossa busca. Procurámos as traseiras da cabine principal e, quando lá chegámos, içámo-nos para a claraboia, pendurando-nos de portada em portada, porque o rebordo da claraboia estava dentro de água. Quando chegámos bastante perto da porta da entrada da cabine do capitão, enfim, lá estava o barco! Quase não se via. Senti-me mais grato do que nunca. Mais um segundo e eu estava lá dentro, mas nesse instante a porta abriu-se. Um dos homens pôs a cabeça de fora, a um ou dois pés de mim, e pensei que era o fim — mas ele meteu-a outra vez para dentro e disse:



NUM APERTO.

— Bill, esconde essa maldita candeia onde não se veja!

Atirou um saco cheio de alguma coisa para dentro do barco e depois ele próprio entrou lá dentro e sentou-se. Era o Packard. Depois saiu o Bill e entrou também lá para dentro. O Packard disse em voz baixa:

— Tudo a postos — rema para longe!

Já não aguentava mais, pendurado nas portadas, sentia-me tão fraco. Mas o Bill disse:

— Calma aí — revistaste-o?

— Não. Tu também não?

— Não. Portanto ele ainda tem a parte de dinheiro que era dele.

— Bem, então vamos lá, não vale a pena levar as coisas e deixar o dinheiro.

— Olha lá, e achas que ele não vai perceber o que estamos a planear?

— Talvez não. Mas de qualquer maneira temos de ir lá buscá-lo. Anda daí.

Por isso saíram do barco e foram lá para dentro.

A porta bateu, porque estava na parte mais levantada da cabine, e em meio segundo eu estava dentro do barco e o Jim veio aos tombos atrás de mim. Saquei da minha faca, cortei a corda, e zarpámos para longe dali!

Não tocámos num remo, não falámos nem sussurrámos, quase nem respirámos. Fomos deslizando velozmente para longe, num silêncio de morte, passámos a ponta da caixa da roda do leme, a popa, e daí a um segundo ou dois estávamos a cem jardas do navio naufragado e a escuridão engoliu-o até ao último pormenor: nós estávamos a salvo e sabíamos-lo.

Quando íamos duzentas ou trezentas jardas mais abaixo na corrente vimos a candeia aparecer durante um segundo, como uma manchinha brilhante de luz, na cabine do capitão, e por isso percebemos que os bandidos tinham dado pela falta do barco e que começavam a dar-se conta de que estavam tanto em apuros como o Jim Turner. Então o Jim agarrou nos remos e acelerámos em busca da nossa jangada. Agora, pela primeira vez, eu começava a preocupar-me com os homens — acho que até esta altura não tinha tido tempo suficiente para isso. Comecei a pensar em como era terrível a situação deles, mesmo tratando-se de assassinos. Disse a mim mesmo: «Sabe-se lá se um dia eu próprio não serei um assassino, e, se isso acontecesse, não havia de querer ver-me numa destas...» Por isso disse ao Jim:

— Encostamos cem jardas antes ou depois da primeira luz que virmos, num sítio que seja um bom esconderijo para ti e para o barco, e eu vou inventar uma historieta qualquer e arranjar alguém para ir ter com aqueles bandidos e os tirar daquela alhada, para que sejam enforcados quando chegar a altura.

Mas esse plano falhou, porque daí a pouco começou a trovejar outra vez, e pior do que nunca. A chuva caía aos jorros e não se via uma única luz — acho que toda a gente estava a dormir. Fomos aos solavancos pelo rio abaixo, tentando avistar luzes e tentando avistar a nossa jangada. Passado um grande bocado a chuva parou, mas as nuvens ficaram e os relâmpagos continuavam a chiar. Daí a pouco um corisco mostrou-nos uma mancha preta mais à frente e seguimos nessa direção.



«OLÁ, O QU'É QUE SE PASSA?»

Era a jangada, e ficámos felicíssimos por nos encontrarmos de novo a bordo dela. Tínhamos visto uma luz um bocado mais para baixo, à direita, na margem. Eu disse que ia até lá. O barco ia meio cheio do saque que os bandidos tinham roubado no navio. Arrebanhámos as coisas, amontoámo-las na jangada e eu disse ao Jim que se deixasse levar pela corrente durante mais um bocado, e que quando lhe parecesse que tinha feito mais ou menos duas milhas acendesse uma candeia e a mantivesse a arder até eu chegar. Depois armei os remos e arranquei em direção à luz. À medida que me ia aproximando, apareceram mais duas ou três luzes em cima de uma encosta. Era uma aldeia. Virei para terra antes de chegar ao nível da luz que ficava mais perto da margem, levantei os remos e deixei-me ir à deriva. Quando passei por ela vi que era uma candeia pendurada no pau de jaque de um *ferry* de dois cascos. Dei uma volta à procura do guarda, tentando perceber onde é que ele dormia, e acabei por o encontrar deitado ao pé das abitas da proa, com a cabeça poisada entre os joelhos. Dei-lhe dois ou três puxões no ombro e comecei a chorar.

Ele estremeceu e pareceu um bocado desorientado, mas depois viu que era só eu, deu um grande bocejo e espreguiçou-se e depois disse:

— Olá, o qu'é que se passa? Não chores, rapaz. Qual é o problema?

Eu digo assim:

— O meu pai, a minha mãe, a minha irmã e...

Aí desfiz-me em lágrimas. Ele diz:

— Oh, c'ò a breca, não te ponhas *assim*, toda a gente tem chatices de vez em quando, e hás de ver que esta se resolve. O que é que se passa com eles?

— Estão... estão... o senhor é o guarda do barco?

— Sim — diz ele, com um ar meio fanfarrão. — Sou o comandante, o dono, o imediato, o piloto, o guarda, o moço de convés, e às vezes sou a carga e os passageiros. Não sou tão rico como o velho Jim Hornback e portanto não posso ser tão bonzinho e generoso como ele para o Tom, o Dick e o Harry e atirar dinheiro pelas janelas como ele faz, mas já lhe disse muitas vezes que não trocava de lugar com ele nem que me dessem toda a massa que ele tem e mais alguma, porque a minha vida é ser marinheiro, e aí de mim se vivesse a duas milhas da cidade, onde nunca se passa nada! Cá pra mim...

Eu interrompi-o e disse:

— Eles estão mesmo em perigo, e...

— Eles *quem*?

— Ora, o pai e a mãe e a minha irmã e a Miss Hooker, e se o senhor pudesse levar o *ferry* até lá...

— Lá aonde? Onde é que eles estão?

— No navio naufragado.

— Que navio naufragado?

— Ora, só há um!

— Estás a falar do *Walter Scott*?

— Sim.

— Diabos me levem! Que raio foram eles lá fazer?

— Ora, eles não foram para lá de propósito.

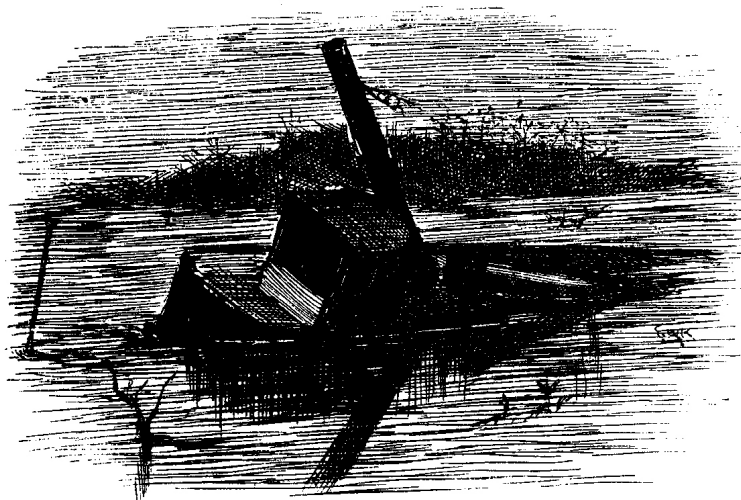
— Aposto que não! Deus lhes acuda, que eles ou saem de lá muito depressa ou então não se safam! Mas como é que se meteram numa trapalhada dessas?

— Foi simples: a Miss Hooker ia de visita ali acima àquela cidade...

— Sim, Booth's Landing. Continua.

— Ela ia de visita a Booth's Landing, e mesmo ao fim da tarde apanhou o barco com a preta dela para ir passar a noite a casa de uma amiga, a Miss Qualquer Coisa — esqueci-me do nome dela —, só que perderam o leme e

foram à deriva por aí abaixo, aos esses, de popa para a frente, durante para aí duas milhas, e acabaram por ir esborrachar-se contra o navio naufragado. O barqueiro, o pastor e os cavalos morreram todos, mas a Miss Hooker conseguiu agarrar-se ao navio e subir lá para dentro. Bem, passada coisa de uma hora chegámos nós na nossa barçaça, e estava tão escuro que não vimos o navio naufragado até estarmos praticamente lá em cima; então *nós* também nos esborrachámos contra ele, mas salvámo-nos todos menos o Bill Whipple — oh, ele *era* a melhor das criaturas! Quase desejo ter morrido no seu lugar.



O BARCO NAUFRAGADO.

— Mil demónios, é a coisa mais incrível que alguma vez ouvi! E depois o que é que fizeram?

— Bem, nós gritámos e continuámos a gritar, mas lá o rio é tão largo que ninguém nos ouvia. Então o meu pai disse que alguém tinha de ir a terra e pedir ajuda. Eu era o único que sabia nadar, então fiz-me à água, e a Miss Hooker disse que se eu não conseguisse ajuda rapidamente, para vir aqui e procurar o tio dela, que ele tratava do assunto. Cheguei a terra a cerca de uma milha daqui, e tenho andado às voltas desde então, a tentar que as pessoas façam alguma coisa, mas dizem-me: «O quê, numa noite destas e com esta corrente? É de loucos; é melhor ir no barco a vapor.» Agora, se você vai e...

— C'um caneco, eu bem *queria* ir, e não digo que não, mas quem é que vai *pagar* por isso tudo? Achas que o teu pai...

— Ah, não se preocupe com *isso*: a Miss Hooker disse-me que *sobretudo* não me esquecesse de que o seu tio Hornback...

— Macacos me mordam! *Ele* é tio dela? Olha, se fores até àquela luz ali ao fundo e viraes para oeste quando lá chegares, daí a um quarto de milha estás na taverna; diz-lhes que te levem ao Hornback para que ele pague a conta. E não percas tempo nenhum, porque ele há de querer saber as notícias. Diz-lhe que vou trazer-lhe a sobrinha sã e salva antes que ele chegue sequer à cidade. Agora despacha-te; eu vou ali acima àquele canto acordar o meu maquinista.



DEITÁMO-NOS E DORMIMOS.

Eu dirigi-me para a luz, mas assim que lá cheguei fiz meia-volta, meti-me no meu barco e soltei-o; depois subi umas seiscentas jardas pelas águas paradas e enfiei-me no meio de uns barcos de madeira: não podia ficar descansado enquanto não tivesse visto o *ferry* partir. Mas, tirando isso, sentia-me bastante satisfeito por me ter metido em tantos trabalhos para salvar aqueles bandidos, pois poucas pessoas o teriam feito. Desejei que a Viúva me pudesse ter visto. Achei que ela teria ficado orgulhosa de mim por ter ajudado aqueles canalhas. É que a Viúva e as pessoas boas como ela preocupam-se sobretudo com canalhas e desgraçados.

Bem, daí a nada aparece o navio naufragado, sombrio e tenebroso, a ser arrastado pela corrente! Percorreu-me uma espécie de arrepio gelado, e fui até lá. Estava muito afundado, e num segundo percebi que era pouco provável que houvesse alguém vivo lá dentro. Dei-lhe uma volta inteira e fui chamando, mas não houve resposta; ficou tudo completamente calado. Senti o coração pesar-me por causa dos bandidos, mas não muito, pois pensei que se eles tinham aguentado então eu também havia de aguentar.

Logo a seguir apareceu o *ferry*, por isso remei para o meio do rio à procura de uma corrente forte, e quando achei que estava fora de vista levantei os remos, olhei para trás e vi o *ferry* a farejar o navio naufragado à procura dos restos da Miss Hooker, porque o comandante sabia que o tio Hornback havia de os querer; mas daí a pouco o *ferry* desistiu e voltou para a margem, e eu recommencei a remar e fui aos solavancos pelo rio abaixo.

Pareceu mesmo uma eternidade até aparecer a luz do Jim, e ainda assim, quando a vi, parecia estar a milhares de milhas de distância. Quando o alcancei, o céu começava a pôr-se ligeiramente cinzento a leste, por isso fomos até uma ilha, escondemos a jangada, afundámos o barco, deitámo-nos e dormimos como mortos.

Capítulo XIV

Por fim, quando nos levantámos, demos volta ao saque que os bandidos tinham trazido do navio e encontrámos botas, cobertores, roupa, e todo o tipo de coisas; uma luneta e três caixas de xarutos. Nem eu nem o Jim alguma vez na vida tínhamos sido tão ricos. Os xarutos eram do melhor. Passámos a tarde toda no bosque a conversar, e eu a ler os livros, e divertindo-nos bastante. Eu contei ao Jim o que se tinha passado no navio naufragado e no *ferry*, e disse que coisas deste estilo eram aventuras, mas ele disse que não queria mais aventuras nenhuma. Disse que quando eu tinha ido à cabine do comandante e ele tinha rastejado outra vez para a jangada, quase tinha morrido ao descobrir que ela não estava lá, e que tinha pensado que o que quer que lhe pudesse acontecer já não teria remédio: se não se salvasse, morria afogado e, se se salvasse, quem o salvasse havia de o mandar de volta para casa para ficar com a recompensa, e então de certeza absoluta que a Miss Watson o vendia para o Sul. Bem, ele tinha razão — ele tinha quase sempre razão: para um preto, tinha uma cabeça fora de série.



TURNING OVER THE TRUCK.

A DAR VOLTA AO SAQUE.

Li um bom bocado ao Jim sobre reis, duques, condes e coisas assim; sobre a maneira extravagante que tinham de se vestir, a mania que tinham de posar e de chamar uns aos outros Vossa Majestade, Alteza, Eminência, e por aí fora, em vez de *senhor*. O Jim ficou de olhos esbugalhados e estava bastante interessado. Disse assim:

— Não sabia quê havia tantos! O único rei quê eu conhêcia era o Salumão, e não muitô bem — a não ser quê os reis dôs baralhos dê cartas contem. Quantô é que ganha um rei?

— Quanto é que ganha? — disse eu. — Ora, se lhes apetecer ganham mil dólares por mês; ganham tudo o que quiserem; pertence-lhes tudo o que existe.

— Ha! Não é uma sortê? E o que é que eles têm d' fazer, Huck?



O SALOMÃO E O SEU MILHÃO DE MULHERES.

— *Eles* não fazem nada! Mas que ideia! Eles só ficam pr'ali sentados o dia todo.

— Não, a sério?

— Pois claro. Ficam sentados — a não ser, talvez, quando há uma guerra, e nessa altura têm de ir lutar. Mas o resto do tempo não fazem nenhum, ou então vão caçar com falcões ou... Shh!... Não ouviste um barulho?

Levantámo-nos de um pulo e fomos ver, mas era só a roda de um barco a chapinhar ao longe, dobrando a ponta da ilha, por isso voltámos para o bosque.

— Sim — disse eu —, e o resto do tempo, quando se enfadam, chateiam o parlamento, e se alguém os contrariar, cortam-lhe a cabeça. Mas na verdade passam a maior parte do tempo no harém.

— Aondê?

— No harém.

— O qu'ê um harém?

— É onde eles guardam as mulheres. Nunca ouviste falar de haréns? O Salomão tinha um, e tinha lá um milhão de mulheres.

— Ah, pois claro, tens razão; eu... tinha-me esquecido. Cá pra mim um harém devê ser uma 'spécie de pensão. Deve ser cá um chinfrim nô quarto das crianças! E as mulherês também devem discutir imenso, e fazer ainda mais

bámulho. E mêmso assim dizem quê o Salumão foi o homem mais sábio que alguma vez viveu. Mas eu não acêredito. Comô sê um homem sábio quisêss' viver no meio dê uma algazarra dessas o tempô todo! Ná — não acêredito. Um homem sábio construía uma fábrica, e dêpois quando quisêss' dôrmir podia mandar *fêchar* a fábrica.

— Ora, mas quer queiras quer não, ele *era* o mais sábio dos homens, porque a própria Viúva me disse isso.

— Não mêm intêressa o quê diz a Viúva, ele não era sábio nênhum. Ainda pôr cima tinha umas ideias quê não passam pela cabeça dê ninguém. Não tê contaram dá criança qu'ele queria cortar ao meio?

— Sim, a Viúva contou-me isso.

— *Então!* E isso não é a ideia mais estapafúrdia quê alguma vez sê viu? Ora pensa nela só um bôcadinho. Aquela raiz de árvore ali é uma das mulheres, tu és a outra, e eu sou o Salumão e esta nota de um dólar é a criança. Vocês as duas querem ficar com ela. E o qu'ê qu'eu faço? Vou invêstigiar junto dôs vizinhos pra dêscobrir a quem *pertence* a nota, pra dêpois a devolver à pessoa certa, direitinha, como sê nunca lhe tivessem tocado? Não! Pegô na nota e rasgo-a ao meio, e dêpois dou-tê metade a ti e metade à outra mulher. Era assim quê o Salumão ia fazer com a criança. Agora pergunto-tê: p'ra quê serve meia nota? Não sê pode comprar nada com ela. E p'ra quê serve meia criança? Podiam-me oferecer um milhão dessas, qu'eu cá não ficava com elas.

— Mas, Jim, espera lá, não percebeste nada da história! É que estás mesmo muito longe...

— Quem, eu? Deixa istar. A *mim* não prêcisas dê mêm vir falar das tuas notas. Eu cá rêconheço o bom senso quando o vejo e sei muitô bem que não há bom senso nênhum em quêrer fazer uma coisa dessas. A disputa não era por meia criança, era por uma criança inteira, e um homem quê acha que pode resolver uma disputa por uma criança dando meia criança a cada mulher não sabê nada dê nada. Não mêm fales mais do Salumão, Huck, qu'eu já o cômheço dê ginjeira.

— Mas se eu te estou a dizer que não percebeste a ideia!

— Que sê danê a ideia! Eu cá sei o quê sei. E, já agora, o verdadeiro prômblema está muito mais longe — é muito mais prômundo: vem da maneira como o Salumão foi educado. Pega num homem quê só tem um ou dois filhos

— achas qu'esse homem vai andar á dêspendiçar crianças? Não, não sê pode dar a ess' luxo. *Essê* homem sabe dar-lhes valor. Mas c'um homem quê tem uns cinco milhões dê filhos a cômber pela casa é difêrente. Pra ele é igual cortar ao meio uma criança ou um gato. Dê onde veio essa há mais. Ao Salumão, uma criança ou duas, á mais ou á menos, tanto sê lhê dava, era-lhe igual.



THE STORY OF "SOLLERMUN."

A HISTÓRIA DO «SALUMÃO».

Nunca vi um preto assim. Quando se lhe metia uma ideia na cabeça não havia meio de lha tirar de lá. Tinha mais rancor ao Salomão que qualquer outro preto que eu tenha conhecido. Por isso lá fui falando de outros reis e desisti do Salomão. Falei-lhe do Luís XVI, a quem tinham cortado a cabeça em França, há muito tempo, e do seu rapaz, o delfim, que ia ser rei, mas que foi preso na cadeia, e que se dizia que tinha morrido lá.

— Pobrê miúdo.

— Mas também há quem diga que ele escapou e veio para a América.

— Quê bom! Mas deve sentir-sê bem sôzinho — aqui não há reis, pois não, Huck?

— Não.

— Então não vai encontrar lugar pra ele. Quê há-de fazer?

— Pois, não sei. Alguns vão para a polícia, outros ensinam pessoas a falar francês.

— O quê, Huck, os frânceses não falam igual a nós?

— Não, Jim; não ias perceber nada do que eles dizem, nem uma palavra.

— Bem, agôra sim, estou pásmado! Como é possível?

— Não sei, mas é assim. Eu vi algum do galimatias deles num livro. Imagina que um homem vinha ter contigo e dizia: *parli-vú-fronsé* — o que é que tu pensavas?

— Orá, não pensava nada, agarrav'ém mim e infiava-lhe um murro na cabeça — a não ser quê fossê branco. Não ia deixar quê um preto mê insultass' dessa maneira.

— Mas que coisa, ele não te está a insultar! Está só a dizer «Vossemecê fala francês?».

— Mas não bástava *dizer-mê* isso?

— Ora, é o que ele está a fazer! É assim que fala um francês.

— Bem, é uma maneira completáment' ridícula, e não quero saber mais dessas coisas sem pés nem cabeça.

— Olha lá, Jim, um gato fala como nós?

— Não, um gatô não.

— E uma vaca?

— Também não.

— E um gato fala como uma vaca, ou uma vaca como um gato?

— Não, não falam.

— E é lógico e natural que falem de maneiras diferentes um do outro, ou não?

— Clarô quê sim.

— E não é lógico e natural que falem de maneiras diferentes de *nós*?

— Sim, com cêrteza quê é.

— Ora então porqu'ê que não é lógico e natural qu'um *francês* fale duma maneira diferente da nossa?

— Um gato é um homem, Huck?

— Não.

— Pois, então, não faz sentido quê um gato falê com'um homem. Uma vaca é um homem? Uma vaca é um gatô?

— Não, nem uma coisa nem outra.

— Pois então não tem nada quê falar como um homem nem com'um gatô. E um francês, é um homem?

— Sim.

— *Pois*, então, maldição!, porquê não há-de *falár* com'um homem? Êxplicás-m'isso?

Vi que não valia a pena desperdiçar palavras — não se consegue ensinar um preto a argumentar. Por isso desisti.

Capítulo XV

Pensámos que mais três noites nos levariam até Cairo, no fundo do Ilinóis, onde se junta o rio Ohio; era aí que queríamos chegar. Íamos vender a jangada e apanhar um vapor pelo Ohio acima, atravessando os estados livres, e aí não teríamos mais sarilhos.



«ÍAMOS VENDER A JANGADA.»

Bem, na segunda noite começou a aparecer nevoeiro, e nós fomos até um banco de areia para prender a jangada, pois era impossível tentar continuar através do nevoeiro. Eu tomei a dianteira e remei para lá com a canoa, mas quando a quis amarrar percebi que ali só cresciam pequenos rebentos. Passei a corda à volta de um deles, empoleirado à beira de uma margem escarpada, mas a corrente era tão forte e deu um tal puxão na jangada que ela arrancou a planta pela raiz e desapareceu. Vi o nevoeiro fechar-se e fiquei tão maldisposto e assustado que durante o que me pareceu quase um minuto inteiro não me consegui mexer — e não havia sinais da jangada: era impossível ver a mais do que vinte jardas. Saltei para dentro da canoa, corri até à popa, agarrei no remo

e dei um golpe na água. Mas não avancei. Ia com tanta pressa que me esquecera de desatar a canoa. Levantei-me e tentei desatá-la, mas estava tão enervado que as minhas mãos tremiam e não conseguia fazer nada com elas.

Assim que saí dali pus-me a procurar a jangada, com o coração aos saltos, ao longo do banco de areia. Essa parte foi fácil, enquanto durou, mas o banco de areia não tinha mais do que sessenta jardas de comprimento e no instante em que ultrapassei a ponta disparei para dentro do nevoeiro branco e sólido, e sabia para onde estava a ir tão bem como um morto.

Pensei assim: «É melhor não remar, sem dar por isso ainda encalho na margem ou num banco de areia ou em qualquer coisa dessas; tenho de me sentar quieto e deixar-me flutuar» — e, no entanto, deixar as mãos quietas numa situação destas é uma coisa muita delicada. Gritei: «Uh-uh!» e pus-me à escuta. Lá de baixo, ao longe, ouvi um grito igual, e senti-me logo mais animado. Larguei naquela direção, de ouvido aguçado. Da vez seguinte em que o ouvi percebi que me estava a dirigir demasiado para a direita, e da vez a seguir a essa demasiado para a esquerda, e não estava a ganhar nada com aquilo, porque enquanto eu andava ali a esvoaçar em todas as direções a jangada continuava a seguir em frente, a direito.

Bem desejei que aquele pateta se lembrasse de bater numa panela de metal, sem parar, mas ele não se lembrou, e eram os intervalos silenciosos entre os gritos que me estavam a dar sarilhos. Bem, avancei um bocado, e daí a nada ouvi o grito atrás de mim. Agora sim, estava confuso. Ou não era o Jim que estava a gritar ou eu estava a ir na direção errada.

Deixei cair o remo. Ouvi o grito outra vez, ainda atrás de mim, mas num sítio diferente — continuava a ouvir-se e a mudar de sítio, e eu ia respondendo, até que por fim o ouvi outra vez à minha frente, e sabia que a corrente tinha arrastado a canoa para baixo, e que estava quase a safar-me, pelo menos se o homem que estava a gritar fosse mesmo o Jim e não outro barqueiro qualquer. Não percebia nada daquelas vozes; assim no meio do nevoeiro tudo parece estranho, e tudo soa estranho.

Os gritos continuaram, e daí a cerca de um minuto eu fui embater numa margem escarpada coberta por fantasmas esfumados de grandes árvores. A

corrente atirou-me para a direita, para o meio de um monte de ramos submersos que rugiam ao serem puxados com tanto vigor pela corrente.

Daí a um ou dois segundos estava tudo branco e calado outra vez. Sentei-me completamente quieto, ouvindo o meu coração palpitar — acho que num bafo meu saltava cem vezes.

Nessa altura desisti. Sabia o que tinha acontecido. Aquela margem escarpada era uma ilha, e o Jim tinha-lhe passado pelo outro lado. Aquilo não era nenhum desses bancos de areia que se ultrapassam em dez minutos. Tinha a vegetação densa de uma ilha grande — podia ter cinco ou seis milhas de comprimento e mais de meia milha de largura.

Fiquei calado, de orelha arrebitada, durante cerca de quinze minutos, acho eu. Estava a ser levado pela corrente, claro, a umas quatro ou cinco milhas por hora, mas uma pessoa esquece-se sempre disso. Não: a pessoa *sente-se* como se estivesse numa água perfeitamente parada, e se por acaso vislumbrar uns ramos a serem arrastados pela corrente a seu lado, não pensa como ela própria está a avançar depressa; não — de respiração cortada, pensa: «Mas que rápido que vai aquele ramo!» Se julgam que uma pessoa assim perdida numa noite de nevoeiro não se sente sozinha e aterrada, experimentem vocês mesmos, e vão ver.



ENTRE OS RAMOS.

Na meia hora que se seguiu fui fazendo «Uh-uh!» de quando em quando; por fim ouvi uma resposta lá muito ao longe. Tentei segui-la mas não fui capaz; pensei que me tinha embrenhado num labirinto de bancos de areia, porque

conseguia vislumbrá-los de um lado e doutro — de vez em quando não havia mais do que um estreito canal a separá-los. Também havia alguns que eu não conseguia ver mas que sabia que lá estavam, porque ouvia a corrente espumar contra a velha vegetação morta e o lixo que pendiam das margens. Bem, não demorou muito até que eu perdesse o rasto dos gritos no meio destes bancos de areia; de qualquer forma só tentei continuar a segui-los por pouco tempo, porque era pior do que tentar seguir um fogo-fátuo. Nunca se viu um som esquivar-se assim; trocar tão depressa e tantas vezes de lugar.

Por quatro ou cinco vezes tive de fazer movimentos bruscos para me arredar da margem e evitar ser atirado para fora do rio, por isso pensei que a jangada também devia estar a embater na margem uma vez por outra; sem isso avançaria o suficiente para que eu deixasse de a ouvir, pois ia a flutuar um bocado mais depressa do que eu.

Bem, aos poucos lá fui parar a águas desimpedidas, mas não ouvia sinal nenhum da jangada. Pensei que talvez o Jim tivesse embatido nalgum escolho e que se tivesse acabado tudo para ele. Estava esgotado, por isso deitei-me na canoa e pensei que não me ia preocupar mais. Não queria adormecer, claro, mas estava com tanto sono que não o consegui evitar, por isso pensei que ia só passar pelas brasas.



A DORMIR NA JANGADA.

Mas acho que fiz mais que isso, porque quando acordei as estrelas estavam a brilhar imenso, o nevoeiro tinha desaparecido, e eu ia a rodopiar por uma

curva do rio, de popa para a frente. Primeiro não percebi onde estava; pensei que estava a sonhar, e quando comecei a lembrar-me do que tinha acontecido tudo parecia tão longínquo como se tivesse acontecido na semana anterior.

O rio aqui era larguíssimo, com vegetação muito alta e muito densa nas duas margens; como uma parede maciça, pelo que eu conseguia ver à luz das estrelas. Olhei em frente, pelo rio abaixo, e vi um pontinho preto sobre a água. Pus-me a avançar para lá, mas quando lá cheguei não passava de dois toros atados um ao outro. Depois vi outro ponto, e desta vez tive razão. Era a jangada.

Quando lá cheguei o Jim estava sentado com a cabeça entre as pernas, a dormir, com a mão direita por cima do leme. O leme estava desfeito, e a jangada estava toda suja de folhas, ramos e terra. Tinha passado um mau bocado.

Atei-me a ela, deitei-me por baixo do nariz do Jim na jangada, comecei a bocejar e a espreguiçar-me, dando encontrões ao Jim, e disse:

— Olá, Jim! Estive a dormir? Porque não me acordaste?

— Santo Deus, és mesmô tu, Huck? E não estás morto, nem afogado — voltastê outra vez? É bom dê mais pra ser verdade, mênino, é bom dê mais. Deixa-mê olhar pra ti, rapaz, deixa-mê tocar-tê. Não, não estás morto! Estás dê volta, são e salvo, o mesmo Huck de sempre, Deus seja louvado!

— O que é que se passa contigo, Jim? Andaste a beber?

— A bêber? Se andei a bêber? Eu pôr acaso tive tempo pr'andar a bêber?

— Bem, então porque é que estás assim desvairado?

— Em qu'ê qu'eu estou dêsvairado?

— Em *quê*? Então, estás para aí a falar de eu ter voltado, e essas histórias, como se eu alguma vez me tivesse ido embora!

— Huck! Huck Finn, tu olha-mê nos olhos, olha-mê nos olhos e diz quê não dêsapareceste!

— Desaparecer? Não percebo de que é que estás a falar, Jim. Eu não fui a lado nenhum. Onde é que eu havia de ter ido?

— Olha lá, patrão, alguma coisa está errada, ai está, está. Será qu'eu sou *eu*, ou quem *sou* eu? E estou aqui, ou *onde* é quê será qu'estou? Isso é qu'eu quêria saber.

— Bem, a mim parece-me óbvio que tu estás aqui, e acho que és um verdadeiro pateta alegre, Jim.

— Ai sou? Então explicá-mê isto: não é vêrdat' quê tu pêgast' na corda da canoa pr'amarrar a jangada ao banco dê areia?

— Não. Que banco de areia? Não vi banco de areia nenhum.

— Não vist' nenhum banco dê areia? Olha, é ou não vêrdat' quê a corda sê soltou, e quê a jangada foi pelo rio fora, enquanto tu ficast' pra trás no nêvoeiro?

— Que nevoeiro?

— Ora, *o* nêvoeiro! O nêvoeiro quê esteve aí a noite inteira. E não é verdade que tu gritaste, e qu'eu gritei, até que nós atrapalhámos nas ilhas e quê um de nós se perdeu e o outro ficou tão perdido comó primeiro, porquê não sabia onde o outro istava? E não é verdade quê andei aos encontrões naquelas ilhas, quê passei um mau bocado e quase mê afoguei? É ou não é assim, patrão? Diz-mê tu.

— Bem, isto é de mais para mim, Jim. Eu não vi nevoeiro nenhum, nem ilhas nenhuma, nem sarilhos, nem nada. Estive aqui sentado a falar contigo a noite toda, até que tu adormeceste, há uns dez minutos, e eu acho que fiz a mesma coisa. Não te podias ter embebedado nesse tempo, por isso é óbvio que estiveste a sonhar.

— Como é que eu podia ter sonhado issô tudo em dez minutos?

— Bem, isso não quer dizer nada, sonhaste mesmo, porque nada disso aconteceu.

— Mas, Huck, parêce tudo tão real...

— Não interessa que pareça real, não é verdade. Eu sei, estive aqui o tempo todo!

O Jim passou para aí cinco minutos sem dizer nada, sentado a matutar naquilo. Depois disse:

— Bem, nessê caso devo ter sonhado, Huck, mas mácamos mê mordam sê não foi o sonho mais pôderoso que alguma vez tive. Nunca antes tinha tido um sonh'assim.

— Ora, isso é natural. De vez em quando há sonhos que cansam uma pessoa de uma maneira! Mas esse foi um sonho e peras, Jim, conta-mo lá.

Então o Jim deitou mãos à obra e contou-me tudo desde o princípio, tal e qual como tinha acontecido, só que um bocado exagerado. Depois disse que tínhamos de «entreprêtar» o sonho, pois era um aviso que nos tinha sido enviado. Começou a dizer que o banco de areia representava um homem que nos queria ajudar, mas que a corrente era outro homem que nos queria afastar dele. Os gritos eram avisos que nos haviam de chegar de vez em quando, e se não tentássemos percebê-los só nos trariam azar, em vez de nos manterem longe dele. Os bancos de areia todos eram sarilhos que íamos ter com pessoas coléricas e com toda a casta de gente mesquinha, mas se não metêssemos o nariz onde não éramos chamados e não lhes dêssemos troco havíamos de conseguir sair do nevoeiro e chegar ao rio largo e limpo, que eram os estados livres, e aí não teríamos mais sarilhos.

O céu tinha-se enchido de nuvens e tudo tinha escurecido bastante logo depois de eu subir para a jangada, mas agora começava de novo a clarear.

— Ora, isso está tudo bastante bem interpretado, Jim — disse eu. — Mas o que é que querem dizer *estas* coisas aqui?

Estava a falar das folhas e do lixo que estavam por toda a jangada e do remo partido. Agora viam-se perfeitamente.

— O quê querem dizer? Eu explicô-t'. Quando fiquei cansado dê remar e dê chamar pôr ti, adormeci; o meu coração estava dêsfeito porquê tu tê tinhas perdido e eu já nem quêria saber do quê ia aconteêcer comigo e com a jangada. E quando acordei encontrei-tê outra vez na jangada, são e salvo, e vieram-m'as lágrimas aos olhos, sentia-me tão grato quê estava capaz de m'ajoelhar e dê tê beijar os pés. Mas tu só pensaste em como havias de fazer pouco do velho Jim com as tuas mentiras. Essas coisas aí são *lixo*, e as pêssoas que enchem a cabeça dos amigos dê idiotices e os envergonham também são lixo.

Depois levantou-se devagar, foi até à tenda, e entrou lá para dentro sem mais uma palavra. Mas o que ele tinha dito era suficiente. Senti-me tão reles que quase teria beijado os pés *dele* para me desculpar.

Precisei de um quarto de hora para me decidir a ir humilhar-me em frente a um preto, mas fui e nunca me arrependi disso. Nunca mais lhe preguei partidas malvadas, nem lhe teria pregado aquela se soubesse que o ia fazer sentir-se assim.

Capítulo XVI

Dormimos o dia todo e de noite pusemo-nos a caminho, não muito longe de uma jangada monstruosamente grande que avançava tão devagar como uma procissão. Tinha quatro longos remos em cada canto, por isso pensámos que a deviam puxar mais de trinta homens. A bordo havia cinco grandes tendas, afastadas umas das outras, uma fogueira ao ar livre, ao meio, e um grande pau de bandeira em cada ponta. Tinha um porte realmente impressionante. Manobrar uma embarcação daquelas era uma coisa de meter *respeito*.



«MANOBRAR UMA
EMBARCAÇÃO ERA UMA
COISA DE METER RESPEITO.»

Fomos deslizando por uma grande curva e a noite encobriu-se e aqueceu. O rio era muito largo, ladeado por paredes de mato cerrado; praticamente nunca se via uma clareira nem uma luz. Falámos sobre Cairo, e não sabíamos se a reconheceríamos quando passássemos por ela. Eu disse que era provável que não, porque tinha ouvido dizer que não havia mais do que uma dúzia de casas, e se por acaso não estivessem de luz acesa como é que íamos saber que estávamos a passar por uma terra? O Jim disse que, se os dois grandes rios se

juntavam lá, isso havia de se notar. Mas eu disse que talvez pensássemos que estávamos a ultrapassar a ponta de uma ilha e a continuar pelo mesmo rio. O Jim ficou preocupado com isto, e eu também. A questão era: o que é que havíamos de fazer? Eu disse que devíamos remar para terra assim que aparecesse a primeira luz e dizer que o pai vinha lá atrás, numa barça, que era novo no negócio e que queria saber a que distância ficava Cairo. O Jim achou que era boa ideia, por isso fumámos e ficámos à espera.

Agora não havia nada a fazer exceto procurar a cidade com atenção e não passar por ela sem dar por isso. Ele disse que tinha a certeza de que a ia ver, porque se tornaria um homem livre assim que a visse, enquanto, se a deixasse passar, voltava à terra da escravatura e adeusinho liberdade. Volta e meia levantava-se de um salto e berrava:

— Ali está ela!

Mas não era uma cidade, eram fogos-fátuos, ou pirilampos, por isso ele sentava-se de novo e punha-se outra vez a vigiar como antes. O Jim disse que se sentia a tremer e com febre por estar tão perto de ser livre. Posso dizer-vos que ouvi-lo assim também me estava a pôr a mim a tremer e com febre, porque comecei a aperceber-me de que ele *era* praticamente um homem livre — e de quem era a culpa? *Minha*. Não conseguia tirar esse peso da minha consciência de maneira nenhuma. Comecei a ficar tão preocupado que não conseguia ficar parado no lugar. Nunca antes tinha realmente pensado no que estava a fazer. Mas agora sim, não conseguia parar, aquilo consumia-me cada vez mais. Tentei dizer a mim mesmo que o culpado não era *eu*, pois não tinha sido *eu* quem tinha mandado o Jim fugir ao seu dono legítimo, mas não serviu de nada, a minha consciência intrometia-se sempre e dizia: «Mas sabias que ele estava a fugir para ser livre, e podias ter remado até à margem e avisado alguém.» Era a verdade, e não havia como dar-lhe a volta. Era isso que me roía. A minha consciência dizia-me: «Que mal te fez a Miss Watson para tu ficares a ver o preto dela fugir mesmo debaixo do teu nariz sem nunca dizer uma única palavra? O que te fez essa pobre velha para a tratares tão mal? Tentou ensinar-te a Bíblia, tentou ensinar-te boas maneiras, fez o que podia para ser boa contigo. Foi *isso* que ela fez.»

Senti-me tão mau e tão desgraçado que quase desejei morrer. Pus-me a cirandar para trás e para diante na jangada, insultando-me a mim próprio, com o Jim a cirandar para trás e para diante ao meu lado. Nenhum de nós conseguia ficar quieto. De cada vez que ele saltitava e berrava «Ali está Cairo!», eu sentia-me como se uma lança me tivesse atravessado, e pensava que, se *fosse* Cairo, morreria de infelicidade.

O Jim também ia a falar sozinho enquanto eu falava comigo próprio. Dizia que a primeira coisa que ia fazer quando chegasse a um estado livre era poupar dinheiro e nunca gastar nem um cêntimo, e que quando tivesse que chegasse ia comprar a mulher dele, que pertencia a uma quinta perto de casa da Miss Watson; que haviam de trabalhar juntos para comprar os dois filhos, e que se o dono não lho vendesse arranjavam um abolicionista para os ir lá roubar.

Quase enregelei ao ouvir esta conversa. Dantes ele nunca teria ousado falar assim. Vejam só a diferença que não foi, no minuto em que se julgou livre. Era como dizia o ditado: «Dá uma mão a um preto e ele leva-te o braço inteiro.» Comecei a pensar que isto era o que dava eu não pensar no que fazia. Ali estava aquele preto, que eu na prática tinha ajudado a fugir, a bater o pé e a dizer que ia roubar os filhos — crianças que pertenciam a um homem que eu nem sequer conhecia e que nunca me tinha feito mal nenhum.

Fez-me pena ouvir o Jim falar assim, pensava que ele valia mais do que isso. A minha consciência continuava a inquietar-me mais do que nunca, até que acabou por me dizer: «Deixa-me tomar conta disto — ainda não é tarde de mais. À primeira luz vou remar até à margem para o denunciar.» Senti-me logo feliz e leve como um pena. Tinham acabado todos os meus problemas. Pus-me à procura de uma luz, a cantarolar para mim mesmo. Ao fim de um bocado apareceu uma. O Jim gritou numa voz feliz:

— Dá três vivas, Huck! É a boa Cairô, finalment', têngo a certeza!

Eu disse:

— Vou lá ver na canoa, Jim. Pode ser que não seja, sabes.

Ele deu um pulo e preparou a canoa; pôs o seu velho casaco no fundo para que eu me sentasse lá em cima, e deu-me o remo. Quando eu já ia a deslizar para longe, ele disse:

— Não tarda vou estar a saltar dê alegria, e hei dê dizer quê foi tudo graças ao Huck Finn: sou um homem livr'e nuncó têria sido sê não fosse o Huck; devo tudo ao Huck. O Jim nunca t'êsqeuerá, Huck, tu és o mêlhor amigo quê o Jim alguma vez teve — e o *único* amigo quê o Jim tem, ágora.

Eu ia a remar para longe, ansioso por o denunciar, mas quando ele disse isto perdi a coragem quase toda. Fui avançando devagar, e não tinha a certeza se estava contente por estar a fazer aquilo ou não. Quando ia a cinquenta jardas dele, o Jim disse:

— Aí vais tu, o bom velho Huck, o único sinhô branco quê alguma vez cumpriu as promessas quê fez ao velho Jim.

Eu senti-me doente. Mas pensei que *tinha* de fazer aquilo, que não podia safar-me desta. Mesmo nessa altura apareceu um barco a vir na minha direção, com dois homens armados lá dentro, e eles pararam e eu parei. Um deles disse:

— O que é aquilo ali adiante?

— Um bocado de jangada — disse eu.

— É teu?

— Sim, senhor.

— Está alguém a bordo?

— Sim, senhor, só uma pessoa.

— Bem, hoje à noite fugiram cinco pretos lá de cima, de cima daquele monte. O teu homem é preto ou branco?

Não respondi logo. Tentei, mas as palavras não me saíam da boca. Tentei durante um segundo ou dois fazer das tripas coração e cuspir aquilo cá para fora, mas não era homem que chegasse — sentia-me tão audaz como um coelho. Vi que estava a fraquejar, por isso desisti e disse:

— Branco.

— Acho que vamos lá ver com os nossos próprios olhos.

— Bem gostava que fossem — disse eu —, porque é o meu pai que lá está, e talvez os senhores me pudessem ajudar a puxar a jangada para a margem, até onde estão as luzes. Ele, a mãe e a Mary Ann estão doentes.

— C'os diabos, rapaz, nós estamos com pressa. Mas suponho que temos de lá ir. Vá, dá ao remo e despacha-te, vamos lá.

Eu dei ao remo e eles também puxaram pelos deles. Quando tínhamos avançado alguns metros, eu disse:

— O pai vai ficar-lhes tão agradecido! Toda a gente se vai embora quando eu peço que me ajudem a puxar a jangada para terra, e sozinho não sou capaz.

— Bem, isso é dos diabos. E estranho, também. Então, meu rapaz, conta lá — o que é que se passa com o teu pai?

— Oh, é a... hm... não é nada de grave.

Eles pararam de remar. Já não faltava quase nada para chegarmos à jangada. Um deles disse:

— Estás a mentir, rapaz. O *que é* que tem o teu pai? Responde já, rápido, é o melhor que tens a fazer.

— Sim, senhor, eu vou ser honesto — mas não se vão embora, por favor! É... é a... Meus senhores, se pelo menos avançassem um bocadinho, e me deixassem atirar-lhes a corda — nem tinham de se aproximar da jangada. Por favor!

— Recua, John, recua! — diz um deles. Afastaram-se de mim. — Fica onde estás, rapaz. Maldição, aposto que o vento já a soprou pra cima de nós! O teu pai tem varíola, e tu estás cansado de saber. Porque é que não nos disseste logo? Queres que se espalhe por toda a gente?

— Bem — disse eu, num murmúrio —, contei a toda a gente até agora, e todos fugiram e nos deixaram sozinhos.



«ESTÁS A MENTIR, RAPAZ.»

— Pobre rapaz, é verdade o que dizes. Temos muita pena de ti, mas... bem, percebes, não queremos a varíola. Ouve, vou-te dizer o que deves fazer. Não tentes atracar sozinho ou ainda dás cabo da jangada toda. Vai pelo rio abaixo mais umas vinte milhas e verás uma cidade do lado esquerdo do rio. Por essa altura já o dia há de ir alto, e quando pedires ajuda diz às pessoas que a tua família está toda com suores frios e febre. Não sejas tolo como agora, não deixes que adivinhem o que eles têm. Vês, estamos a tentar ajudar-te; agora, sê simpático e põe lá depressa essas vinte milhas a separar-nos. De qualquer maneira não te ia servir de nada atracar aqui onde está aquela luz — não passa de um armazém de madeira. Olha, parece-me que o teu pai deve ser pobre, e pelos vistos também não tem muita sorte. Vou pôr uma moeda de vinte dólares de ouro nesta prancha de madeira, e tu apanha-la quando ela passar por ti. Faz-me muita pena deixar-te aqui mas, cruzes, com a varíola não se brinca, percebes?

— Espera aí, Parker — disse o outro homem —, aqui estão vinte dólares meus para pões na prancha. Adeus, rapaz, faz o que o Mr. Parker te disse, e há de te correr tudo bem.

— Isso mesmo, rapaz — adeus, adeus. Se vires algum preto em fuga, procura ajuda e apanha-o, podes fazer algum dinheiro com isso.

— Adeus, meus senhores — disse eu —, não deixarei escapar nenhum preto que veja.

Depois fui-me embora e subi para bordo da jangada, sentindo-me maldisposto e desprezível, porque sabia que tinha agido mal, e via que não valia de nada tentar aprender a agir bem — uma pessoa que *começa* mal não tem hipótese nenhuma. Quando se vê num aperto não há nada que lhe dê ânimo para se empenhar nos seus esforços, e é derrotada. Depois pensei durante um minuto, e disse a mim próprio: «Espera lá, suponhamos que tinhas feito a coisa certa e entregado o Jim — será que te sentirias melhor do que te sentes agora?» «Não»; disse eu: «sentir-me-ia mal, exatamente como me sinto agora.» «Ora, nesse caso», disse eu, «de que é que serve aprenderes a agir bem quando agir bem dá tanto trabalho, agir mal não dá nenhum, e o resultado é exatamente igual?» Estava encurralado. Não conseguia responder àquilo.

Portanto decidi que não me ia preocupar mais com essas coisas, e que ia fazer sempre o que fosse mais prático na altura.

Fui até à tenda: o Jim não estava lá. Olhei a toda a volta; ele não estava em lado nenhum. Chamei:

— Jim!

— Aqui estou eu, Huck. Já sê foram embora? Não falês alto.

Ele estava no rio, debaixo do remo da popa, só com o nariz de fora. Disse-lhe que eles se tinham ido embora e que ele voltasse para bordo. Ele disse:

— Ouvi a conversa toda, dêslizei pra dentro do rio e ia fugir pra terra sê êl's viessem até aqui. Dêpois voltava outra vez pra jangada quando sê tivessem ido embora. Mas caramba, como tu os engánaste, Huck! Quê maneira mais *isperta*! Digo-tê, meu filho, acho quê salvastê a vida ao velho Jim — e aqui o velho Jim vai lembrar-sê disso, meu quêrido.



«AQUI ESTOU EU, HUCK.»

Depois falámos sobre o dinheiro. Era uma boa maquia — vinte dólares cada moeda. O Jim disse que agora podíamos comprar bilhetes para o vapor, e que o dinheiro nos bastaria até chegarmos aos estados livres. Disse que vinte milhas não era uma distância muito grande para se fazer com a jangada, mas que desejava que já lá estivéssemos.

Por alturas do nascer do Sol prendemos a jangada, e o Jim fez imensa questão de a esconder com todo o cuidado. Depois passámos o dia todo a pôr

as coisas em trouxas e a preparar-nos para abandonar a jangada.

Nessa noite, por volta das dez, vimos as luzes de uma cidade, lá ao fundo, numa grande curva à esquerda que o rio fazia.

Eu saí na canoa para me informar, e passado pouco tempo vi um homem dentro de um barquito, a montar uma linha de pesca. Fui ter com ele e perguntei:

— Desculpe, aquilo ali é Cairo?

— Cairo? Não. Deves ser é parvo.

— Então que cidade é?

— Se queres saber, vai lá perguntar. Se ficas aqui a atrapalhar-me durante mais meio minuto que seja, vais ter de te haver comigo.

Remei de regresso à jangada. O Jim ficou terrivelmente desiludido, mas eu disse-lhe que não se preocupasse, que Cairo seria com certeza a próxima cidade.

Passámos por mais uma cidade antes do nascer do Sol, e eu já lá ia outra vez, mas esta ficava em cima de um monte, por isso não fui: «Não há montes em Cairo», disse o Jim. Eu tinha-me esquecido. Parámos por esse dia num banco de areia bastante próximo da margem esquerda. Comecei a ficar desconfiado. O Jim também. Eu disse assim:

— Talvez a gente tenha passado por Cairo na noite do nevoeiro.

Ele disse:

— Não vamos falar disso, Huck. Os pretos nunca têm sortê. Semprê pensei quê ainda não se tinham acabado os ázares quê nós trouxe aquela pele de cobra. Ela ainda não tinh'acabado a sua obra.

— Quem me dera nunca a ter visto, Jim. Quem me dera nunca lhe ter posto a vista em cima.

— A culpa não é tua, Huck, tu não sábias. Não tê culpes pôr isso.

Quando se fez dia, lá vimos as águas claras do Ohio perto da margem, e, no meio, o velho Mississípi lamacento! Tínhamos perdido Cairo.

Discutimos o assunto. Não podíamos ir para terra; e claro que não podíamos subir o rio na jangada. Não havia nada a fazer senão esperar que escurecesse, subir o rio com a canoa e tentar a nossa sorte. Por isso dormimos no meio do

bosque de álamos, para nos pormos frescos para o esforço — e quando voltámos à jangada a canoa tinha desaparecido!

Ficámos muito tempo sem dizer uma palavra. Não havia nada a dizer. Ambos sabíamos perfeitamente que aquilo era obra da cascavel, e de que é que servia falar nisso? Só ia dar a impressão de que nos estávamos a acusar um ao outro, e isso de certeza que nos traria mais azar. Sim: mais e mais azar até que aprendêssemos a ficar calados.

Aos poucos pusemo-nos a falar do que é que havíamos de fazer, e não encontrámos nenhuma alternativa a não ser continuar para sul com a jangada até que conseguíssemos comprar uma canoa. Não íamos levar uma emprestada quando não houvesse ninguém a olhar, como teria feito o Velho, porque isso podia pôr gente no nosso encalço.

Então seguimos para longe na jangada.

Se ainda há alguém que não acredite que é uma loucura agarrar numa pele de cobra com a mão, vai certamente passar a acreditar quando ouvir que mais azares ela nos trouxe.

As canoas vendem-se em jangadas que estão presas à margem. Mas não avistámos nenhuma, por isso seguimos em frente durante mais três horas. Bem, a noite pôs-se cinzenta e as nuvens bastante densas, que é a pior coisa a seguir ao nevoeiro. Não se percebe a forma do rio; não se percebem as distâncias. Estava tudo com um ar muito tardio e calado, quando veio um vapor pelo rio acima. Acendemos a candeia, pensando que a conseguiriam ver. De um modo geral, os barcos que subiam o rio não passavam perto de nós; seguiam antes pelas águas mais calmas dos baixios; mas em noites como esta eles investem pela corrente acima como touros, lutando contra o rio inteiro.

Ouvíamos-lhe o baque surdo, mas não o vimos até estar muito perto. Vinha direitinho a nós. Muitas vezes eles fazem isso, tentam ver quanto é que se podem aproximar sem bater; de vez em quando a roda engole um remo, e então o piloto põe a cabeça de fora e ri-se-nos na cara, achando-se muito esperto. Bem, lá vinha ele, e nós pensámos que ia tentar passar-nos rente, só que ele não parecia estar a desviar-se nem um bocadinho. Era um dos grandes, e ainda por cima vinha com pressa, parecido com uma nuvem negra com fileiras de pirilampos a toda a volta — mas de repente, enorme e assustador,

emergiu das sombras, com a longa fila das portas escancaradas das fornalhas brilhando como dentes incandescentes e a monstruosa proa e as vigias mesmo por cima de nós. Ouvimos alguém que nos gritou; as campainhas a tilintar para fazer parar os motores; uma chusma de pragas; o assobio do vapor — e enquanto o Jim se atirava à água de um lado e eu do outro, ele veio estilhaçar por completo a jangada.

Mergulhei — e mesmo para o fundo, porque a roda de trinta e quatro pés ia ter passar por cima de mim, e era melhor que tivesse espaço de sobra. Sempre fui capaz de ficar debaixo de água durante um minuto; desta vez acho que devo ter lá ficado um minuto e meio. Depois vim para a superfície como se uma mola me empurrasse, cheio de pressa, porque estava quase a rebentar. Quando fiquei com a água pelos sovacos soprei a água que tinha no nariz e arfei um bocado. Claro que havia uma corrente descomunal, e claro que os tipos do vapor voltaram a ligar os motores dez segundos depois de os terem desligado, porque eles nunca se importam muito com as pessoas das jangadas — por isso ele lá foi, a chocalhar pelo rio acima, já fora de vista naquele tempo toldado, apesar de eu ainda o ouvir.

Chamei pelo Jim uma dúzia de vezes, mas não obtive resposta, por isso agarrei-me a uma prancha que passou por mim enquanto eu nadava sem sair do sítio e nadei para a margem, com a prancha estendida à minha frente. Mas percebi que a corrente ia para a margem esquerda, o que queria dizer que havia ali um cruzamento; por isso mudei de direção e fui para esse lado.

Era um cruzamento comprido e oblíquo — tinha à vontade duas milhas de largura, por isso demorei muito tempo a chegar à outra ponta. Cheguei a terra sem sobressaltos, e subi para a margem. Não via mais do que um palmo à frente do nariz, mas avancei um quarto de milha, ou mais, pé ante pé pelo terreno desigual, e quase bati com o nariz numa casa de madeira antes de a ter visto. Ia-me afastar dali depressa, mas uma data de cães saltaram cá para fora e puseram-se a uivar e a ladrar para mim — e eu sabia que mais valia ficar quieto.



A SUBIR PARA A MARGEM.

Capítulo XVII

Daí a mais ou menos um minuto alguém falou através da janela, sem pôr a cabeça de fora, dizendo:

— Calados! Quem está aí?

Eu disse:

— Sou eu.

— Eu quem?

— O George Jackson.

— O que é que queres?



«QUEM ESTÁ AÍ?»

— Não quero nada, senhor. Só queria passar, mas os cães não me deixam.

— Pra que é que andas por aqui a vadiar a estas horas, hã?

— Não estava a vadiar, senhor, vinha no vapor e caí borda fora.

— Ah, foi? De certeza? Algum de vocês acenda aí uma luz. Como é que disseste que te chamavas?

— George Jackson. Sou só um rapaz.

— Ouve lá, se estás a contar a verdade, não precisas de ter medo. Ninguém te vai fazer mal. Mas não te mexas, fica aí quietinho onde estás. Bob e Tom, acordem e vão buscar as espingardas. George Jackson, vens acompanhado?

— Não, senhor, não venho.

Ouvi pessoas andar pela casa, depois vi uma luz. O homem bradou:

— Betsy, sua velha doida, afasta-me essa luz daqui. Será que não tens juízo nenhum? Põe-na no chão atrás da porta. Bob, quando tu e o Tom estiverem prontos, ponham-se em posição.

— Tudo a postos.

— Então, George Jackson, conheces os Shepherdsos?

— Não, senhor, nunca ouvi falar deles.

— Bem, pode ser que isso seja verdade, e pode ser que não. Estão prontos? George Jackson, avança — e não tenhas pressa, avança devagar! Se está alguém contigo, que continue escondido — se se mostrar, leva um tiro. Anda lá, devagar, empurra tu próprio a porta — só o suficiente para te enfiar cá para dentro, ouviste?

Não avancei depressa: mesmo que quisesse não teria conseguido. Dei um passo lento de cada vez — não havia um único ruído, parecia-me que conseguia ouvir o meu coração. Os cães estavam tão calados como as pessoas, mas seguiam-me de perto. Quando cheguei aos três degraus de madeira ouvi-os dar a volta à chave e levantar a tranca e os ferrolhos. Encostei a mão à porta e empurrei-a aos poucos até que alguém disse: «Já chega — mostra-nos lá a tua cara.» Eu obedeci, embora pensasse que me iam cortar a cabeça.

A vela estava no chão, e lá estavam eles todos a olhar para mim, e eu a olhar para eles. Fiquei assim durante mais ou menos um quarto de minuto, com três grandes espingardas apontadas para mim — podem crer que eu estava a tremer. O mais velho, grisalho, devia ter para aí sessenta anos; os outros dois, trinta ou mais — todos eles elegantes e bem-postos — e havia uma encantadora velhinha grisalha, e atrás dela duas mulheres jovens que eu não conseguia ver muito bem. O senhor velho disse assim:

— Bom, acho que não há problema. Podes entrar.

Assim que entrei lá para dentro o senhor velho pôs a tranca e os ferrolhos na porta e disse aos mais novos que viessem para dentro com as espingardas. Depois foram todos para uma sala grande que tinha um tapete de retalhos novo no chão e juntaram-se a um canto onde estavam protegidos, pois não havia janelas na parede lateral. Seguraram na vela, inspecionaram-me de alto a baixo, e todos disseram: «Não, não é um Shepherdson — não tem nada ar de ser um Shepherdson.» Então o velho disse que esperava que eu não me importasse que me revistassem para ver se eu tinha armas, porque não o faziam por mal, mas só para ter a certeza. Por isso não bisbilhotou dentro dos meus bolsos, limitou-se a apalpá-los por fora e disse que estava tudo bem. Disse-me para me pôr à vontade e para lhe contar a minha história, mas a senhora velha disse:

— Ora, Saul, que Deus te guarde, mas não vês que o pobre rapaz está encharcado até aos ossos, e não achas que deve ter fome?

— Tens razão, Rachel, não pensei nisso.

Então ela disse:

— Betsy — (era uma preta) —, dá aí uma volta e arranja alguma coisa que se coma o mais rápido que possas, pobre rapaz — e uma de vocês, meninas, vá acordar o Buck e avise-o — ah, cá está ele. Buck, leva este jovem visitante, tira-lhe as roupas molhadas que traz vestidas e dá-lhe alguma roupa tua que esteja seca.

O Buck parecia ter mais ou menos a minha idade, uns treze ou catorze anos, e era um bocadinho mais alto do que eu. Só trazia vestida uma camisa e tinha o cabelo despenteado. Vinha a bocejar, tinha um punho inteiro enfiado num dos olhos, e com a outra mão arrastava uma espingarda. Disse assim:

— Não andam por aqui os Shepherdsons?

Eles disseram-lhe que não, que era falso alarme.

— Bem — disse ele —, se houvesse algum, aposto que tinha dado cabo dele.

Todos se riram, e o Bob disse:

— Com o tempo que demoraste a chegar aqui eles podiam ter-nos escalpado a todos!

— Ora, não veio ninguém avisar-me! Não é justo que me deixem sempre de fora, nunca posso fazer nada.

— Não te preocupes, Buck, meu rapaz — disse o senhor velho —, com tempo hás de vir a fazer muita coisa, não te aflijas. Agora vai lá fazer o que te pede a tua mãe.



O BUCK.

Quando chegámos ao quarto dele, no andar de cima, ele arranjou-me uma camisa de tecido áspero e umas calças de pescador, e eu vesti-me com elas. Enquanto o fazia, ele perguntou-me como é que eu me chamava, mas antes que tivesse tempo de lho dizer ele começou a falar-me de um gaio azul e de um coelho que tinha apanhado na floresta anteontem e perguntou-me como é que Moisés ficou quando se apagou a vela. Eu disse que não sabia, e que tinha a certeza de que nunca ninguém me tinha falado daquilo.

— Adivinha! — disse ele.

— Como é que eu hei de adivinhar — disse eu —, se nunca ouvi falar dessa história?

— Mas podes tentar adivinhar, não podes? É fácil.

— *Qual* vela?

— Uma vela qualquer! — disse ele.

— Não sei — disse eu. — Como é que ele ficou?

— Ficou *às escuras*, não vês? Foi com'ele ficou!

— Bem, se sabias para que é que perguntaste?

— Ora, que coisa, não sabes o que é uma adivinha? Olha lá, quanto tempo é que vais cá ficar? Tens de ficar para sempre. Vamo-nos divertir à brava — já não há escola, agora. Tens cão? Eu tenho um cão, e ele manda-se prò rio e traz os paus que lhe atirares. Gostas de andar penteado aos domingos, e coisas assim? Acredita que eu não, mas ela obriga-me. Malditos calções! Acho que os devia vestir, mas não me apetece, está tanto calor. Estás pronto? Boa. Vamos embora!

Bolacha de milho, carne de vaca fria, manteiga e leitelho: era o que eles tinham lá em baixo à minha espera, e nunca comi nada tão bom. O Buck, a mãe dele e os outros todos fumavam cachimbos de milho, menos a preta, que se tinha ido embora, e as duas mulheres mais novas. Falavam e fumavam e eu comia e falava. As mulheres mais novas estavam embrulhadas em cobertores e tinham os cabelos soltos sobre os ombros. Todos me fizeram perguntas e eu contei-lhes que eu, o pai e a família toda vivíamos numa pequena quinta no fundo do Arkansas, mas a minha irmã Mary Ann tinha fugido para se casar e nunca mais tínhamos ouvido falar nela; depois o Bill tinha ido à procura dela e nunca mais tínhamos ouvido falar dele, e o Tom e o Mort tinham morrido, até que fiquei só eu e o pai, que estava muito enfraquecido por causa de todas as infelicidades que lhe tinham acontecido; por isso, quando ele morreu, peguei em tudo o que restava, porque a quinta não era nossa, comprei um bilhete de convés num vapor que subia o rio e vim por aí acima, até que caí borda fora e vim ali parar. Então eles disseram que eu podia ficar com eles o tempo todo que quisesse. A seguir já era quase de dia e foram todos para a cama. Eu fui-me deitar com o Buck, e quando acordei de manhã, maldição, tinha-me esquecido do meu nome. Por isso fiquei para ali deitado uma hora a tentar lembrar-me, e quando o Buck acordou disse-lhe:

— Buck, sabes soletrar?

— Sim — diz o Buck.

— Aposto que não sabes soletrar o meu nome.

— Aposto o que quiseses que sei — diz ele.

— Está bem — digo eu —, mostra lá.

— G-o-r-g-e J-a-x-o-n, aí tens — diz ele.

— Bem — disse eu —, conseguiste, mas eu achava que não ias ser capaz. Não é dos nomes mais fáceis de soletrar, assim, sem estudar.

Escrevi-o num papel às escondidas, porque alguém ainda podia querer que *eu* o soletrasse e eu queria lembrar-me bem dele e dizê-lo depressa como se estivesse habituado a usá-lo.

A família era mesmo simpática e a casa era mesmo bonita. Nunca antes tinha visto nenhuma casa no campo que fosse tão bonita e que estivesse tão bem arranjada. O puxador da porta principal não era de ferro nem de madeira, mas antes uma maçaneta de latão, das que giram, como nas casas de cidade. Não se viam sinais de que houvesse uma cama na sala, embora montes de pessoas da cidade tenham camas na sala. Havia uma grande lareira com tijolos no fundo, e para os manter limpos entornavam-lhes água para cima e esfregavam-nos com outro tijolo; às vezes até lhes davam um banho de uma tinta de água vermelha chamada «castanho espanhol», como fazem as pessoas da cidade. Tinham grandes morrilhos de latão que aguentavam com um tronco de árvore inteiro. Havia um relógio poisado por cima da lareira, com uma cidade pintada na metade inferior do vidro e um Sol no meio, e via-se o pêndulo a baloiçar lá por trás. Era lindo ouvir o tiquetaque desse relógio; às vezes, quando passava por lá um desses vendedores ambulantes e o limpava e lhe dava corda, ele era capaz de bater cento e cinquenta vezes de seguida sem se cansar. Não o teriam vendido por todo o dinheiro do mundo.

Bem, havia um gordo papagaio exótico de cada lado do relógio, feito de alguma coisa como giz, e pintado de cores berrantes. Ao lado de um dos papagaios estava um gato de faiança, e ao pé do outro um cão de faiança — quando se carregava neles, eles chiavam, mas não abriam a boca, ficavam na mesma, não pareciam dar por nada —, é que o barulho saía por baixo. Por trás destas coisas todas estavam abertos dois leques feitos de penas de peru selvagem. Em cima da mesa no meio da sala estava poisado um gracioso cestinho de faiança, que tinha lá dentro uma pilha de maçãs, laranjas, pêsegos e uvas, muito mais bonitas, mais vermelhas e mais amarelas do que as verdadeiras — mas eram a fingir; viam-se os sítios em que estavam lascadas e onde aparecia por baixo o branco do giz, ou lá do que era.

Essa mesa tinha uma bonita toalha de oleado, com uma águia azul e vermelha pintada e um debrum traçado a toda a volta. Tinha vindo de muito longe, da Filadélfia. Também havia alguns livros, alinhados com todo o cuidado em cada canto da mesa. Um era uma grande Bíblia cheia de desenhos. Outro era *A Viagem do Peregrino*, que falava de um homem que tinha abandonado a família, mas não dizia porquê. De vez em quando eu lia uns bocados desse. Dizia coisas interessantes, mas duras. Outro era o *A Dádiva da Amizade*, que tinha montes de coisas belas e de poesia, mas eu não li a poesia. Outro eram os *Discursos* de Henry Clay, e outro a *Medicina Familiar* do Dr. Gunn, que dizia o que é que se devia fazer quando alguém estava doente ou morto. Havia um livro de cânticos e mais uma data de livros. E havia boas cadeiras de palha, e estavam em perfeito estado — não tinham o fundo abaulado nem rebentado como um cesto velho.

Havia quadros nas paredes — sobretudo Washingtons e Lafayettes, batalhas, Marias da Escócia, e um que se chamava *Assinando a Declaração*. Havia uns, a que eles chamavam carvões, que uma das filhas, que tinha morrido, fizera com as suas próprias mãos, quando tinha só quinze anos. Eram diferentes de todos os outros quadros que eu já vi — sobretudo mais pretos do que é costume. Um era de uma mulher num vestido preto justo, apertado por baixo dos braços, com as mangas inchadas como se tivessem couves lá dentro, e um grande chapéu de aba e um véu preto; uma fita preta atada à volta dos tornozelos finos, e umas sabrinhas pretas muito pequenas. Estava com um ar pensativo, o cotovelo direito poisado numa pedra tumular, debaixo de um chorão. O outro braço estava caído ao longo do corpo, e na mão segurava um lenço e uma bolsa. Por baixo do desenho lia-se «Ai de Mim Que Nunca Mais Te Verei». Outro era de uma jovem senhora com o cabelo todo penteado para trás e apanhado num carrapito preso por um pente grande como as costas de uma cadeira; chorava para dentro de um lenço e tinha um pássaro morto poisado na palma da outra mão, com as patas para cima. Por baixo do desenho dizia: «Ai de Mim Que Nunca Mais Ouvirei o Teu Doce Chilrear». Havia um com uma jovem senhora à janela olhando para a Lua com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara; tinha uma carta aberta na mão, com o selo de lacre de um dos lados, e colava contra os lábios uma corrente com um medalhão; por baixo dizia «Ai de

Mim, Que Tu Partiste». Eu achava que estes quadros eram todos bonitos, mas nunca fiquei muito apegado a eles, porque sempre que estava um bocadinho mais em baixo e os via ficava muito enervado. Toda a gente tinha muita pena de ela ter morrido, porque ela tinha muitos outros desenhos para fazer, e via-se pelo que tinha feito o que se tinha perdido. Mas eu pensei que, com um temperamento daqueles, ela devia estar mais feliz no cemitério. Na altura em que adoecera estava a trabalhar no que eles diziam ser o seu melhor desenho, e todos os dias e todas as noites rezava para ter tempo para o acabar, mas não conseguiu. Era uma jovem com uma túnica branca comprida, de pé no parapeito de uma ponte, pronta a saltar, o cabelo caído pelas costas, os olhos postos na Lua, lágrimas a escorrerem-lhe pela cara. Tinha dois braços cruzados sobre o peito, dois estendidos na frente, e dois erguidos para a Lua — a ideia era ver quais ficavam melhor e apagar os outros depois, mas, como eu disse, ela morreu antes de se ter decidido, e agora este desenho estava pendurado no quarto dela por cima da cama, e sempre que ela fazia anos eles penduravam lá flores. Durante o resto do tempo estava tapado por uma pequena cortina. A jovem do desenho tinha uma cara bastante agradável, mas a mim, com aqueles braços todos, fazia-me lembrar uma aranha.



«FAZIA-ME LEMBRAR UMA ARANHA.»

A jovem, enquanto era viva, mantivera um álbum de recortes, onde costumava guardar obituários e acidentes e casos de pessoas sofredoras que vinham no *Presbyterian Observer*, para depois escrever poemas sobre eles. Eram poemas muito bons. Aqui está o que ela escreveu sobre um rapaz chamado Stephen Dowling Bots que caiu a um poço e morreu afogado:

ODE A STEPHEN DOWLING BOTS, FALECIDO.

Que foi que matou o Stephen?
Morreu talvez de doença?
Deixou p'ra trás a família
Cumprindo a dura sentença.

Qual foi o cruel destino
Deste jovem tão querido?
Que mal foi, o assassino
Que o apanhou desprevenido?

Não foi uma cólica aguda
Que o ceifou, pobre rapaz!
Já não há quem lhe acuda,
A morte não volta atrás.

Mal entrara nesta vida
P'ra tão cedo a deixar.
Sem tempo p'ra despedida,
Ó repentino apartar.

Ao Stephen, alegre e moço,
Calhou uma triste sorte:
Caiu ao fundo de um poço,
E tal foi a sua morte.

Içaram-no e sacudiram-no,
Ainda o tentaram salvar.
Mas a sua alma já partira,
Pr'ao Eterno se ir juntar.



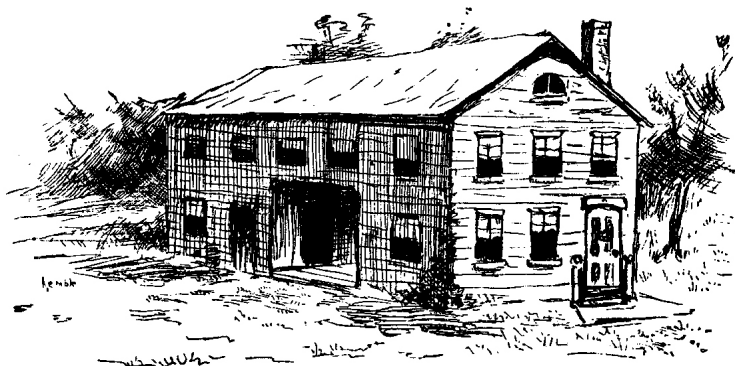
«IÇARAM-NO E SACUDIRAM-NO.»

Se a Emmeline Grangerford fazia poemas assim antes de fazer catorze anos, quem sabe o que teria vindo a fazer mais tarde. O Buck disse que ela debitava poemas como se não fosse nada. Nem precisava de parar para pensar. Disse que ela escrevia um verso, e se não encontrasse nada que rimasse com esse, riscava-o e pronto. Não era esquisita, escrevia sobre qualquer coisa que lhe pedissem, desde que fosse uma coisa triste. Sempre que morria um homem, ou uma mulher, ou uma criança, antes que tivessem tempo de esfriar já ela lá estava com a sua «homenagem». Chamava-lhes homenagens. Os vizinhos diziam que vinha primeiro o médico, depois a Emmeline, e depois o cangalheiro. Só uma vez é que o cangalheiro lá chegou antes da Emmeline, porque ela tinha demorado a encontrar uma coisa que rimasse com o nome do morto, que era Whistler. Depois disso ela nunca mais fora a mesma: não se queixava, mas foi

definhando e não viveu muito mais tempo. Pobre infeliz! Muitas vezes, quando os quadros me azedavam o ânimo e eu começava a sentir-me irritado com ela, me obriguei a ir ao seu antigo quarto para ler o álbum de recortes. Eu gostava da família toda, mortos e tudo, e não queria que houvesse nada de zangas entre nós. A pobre da Emmeline fazia poemas sobre mortos quando era viva, e não parecia justo que não houvesse ninguém para fazer um poema sobre ela agora que estava morta, por isso eu mesmo me esforcei por inventar um verso ou dois, mas por alguma razão era incapaz de os fazer. Eles mantinham o quarto da Emmeline limpo e arranjado, com todas as coisas exatamente como ela gostava de as ter quando era viva, e nunca ninguém lá dormia. A velha senhora tratava ela própria do quarto, apesar de haver pretos de sobra para a tarefa; sentava-se lá muitas vezes a coser e era quase sempre ali que lia a Bíblia.

Bem, como eu ia dizendo sobre a sala, havia belas cortinas nas janelas: brancas, até ao chão, com pinturas de castelos e vinhas e gado a beber. Também havia um velho piano, devia ter painéis de ferro lá dentro, e nada era tão agradável como ouvir as senhoras tocar *The Battle of Prague* e cantar *The Last Link is Broken*. As paredes eram cobertas de estuque, havia tapetes no chão, e a casa era caiada por fora.

Eram dois edifícios, e o pátio que os separava era coberto e pavimentado. Às vezes durante o dia a mesa era posta ali; era um sítio fresco e confortável. Tudo era o melhor possível. E a comida era ótima e as doses eram grandes!



A CASA.

Capítulo XVIII

Estão a ver, é que o Coronel Grangerford era uma pessoa fina, assim como toda a sua família. Era de boas famílias, como se costuma dizer, e isso não é menos importante num homem do que num cavalo, como dizia a Viúva — e ninguém negava que ela era da mais alta aristocracia da nossa cidade. Até o Velho o dizia, embora ele próprio não valesse mais do que um cão rafeiro. O Coronel Grangerford era muito alto e muito esbelto, tinha uma tez meio-clara meio-escura, sem nenhum vermelho; todas as manhãs aparecia barbeado de fresco; tinha uns lábios muitíssimo estreitos, umas narinas igualmente estreitas, o nariz longo e as sobrancelhas farfalhudas, os olhos muito pretos, enterrados tão fundo que pareciam olhar-nos do recôndito de duas cavernas, por assim dizer. A testa era alta, e o cabelo preto e liso chegava-lhe aos ombros. Tinha as mãos finas e compridas, e todos os dias do ano vestia uma camisa lavada de fresco e um fato completo, da cabeça aos pés, feito de um linho tão branco que fazia doer os olhos; aos domingos vestia um fraque azul com botões de latão. Andava com uma bengala de madeira com uma cabeça de prata. Não havia nele nem uma ponta de leviandade e nunca falava alto. Era o mais amável que sabia ser, e isso via-se, e fazia-me confiar nele. De vez em quando sorria, e era uma coisa bonita de ver; mas quando se endireitava como um pau de bandeira e chispavam relâmpagos vindos de baixo das suas sobrancelhas, dava vontade de ir trepar uma árvore em vez de ouvir qual era o problema. Nunca tinha de fazer comentários sobre os modos de ninguém — toda a gente era educada quando ele estava por perto. E toda a gente adorava tê-lo por perto, era como o Sol a brilhar — quer dizer, ao pé dele tinha-se quase sempre a impressão de que estava bom tempo. Quando ele se enevoava, tudo ficava terrivelmente escuro durante meio minuto, e era o suficiente: não voltava a acontecer nada de mal durante uma semana.



O CORONEL GRANGERFORD.

Quando ele e a velha senhora desciam de manhã, toda a família se levantava das cadeiras para lhes dar os bons-dias, e só voltavam a sentar-se quando eles se sentavam. Depois o Tom e o Bob iam ao armário onde estava o decantador, misturavam-lhe um copo de cerveja com um cheirinho, entregavam-lho, e ele esperava que o Tom e o Bob estivessem servidos e depois eles faziam uma vénia e diziam: «À sua, meu pai, e à sua, minha mãe», e *eles* também se inclinavam um nadinha para agradecer, e bebiam os três. A seguir, o Bob e o Tom deitavam uma colher de água para dentro do açúcar e do restinho de *whisky* ou de aguardente de maçã que tinha ficado no fundo dos copos deles e davam-nos a mim e ao Buck, e nós também bebíamos à saúde dos velhos.

O Bob era o mais velho, e a seguir vinha o Tom — os dois eram homens altos e bem-parecidos, de ombros largos, caras castanhas, cabelos compridos e olhos pretos. Vestiam-se de linho branco da cabeça aos pés, como o senhor velho, e usavam largos panamás na cabeça.

Depois havia a Miss Charlotte, que tinha vinte e cinco anos e era alta e imponente — era uma santa quando não estava zangada, mas quando se

zangava tinha um olhar que bastava para fazer uma pessoa encolher-se, tal e qual como o pai. Era uma beldade.



«A MISS CHARLOTTE.»

A irmã dela, a Miss Sophia, também, mas era diferente. Era gentil e delicada como uma pomba, e só tinha vinte anos.

Cada pessoa tinha um preto para a servir — até o Buck. O meu tinha a vida facilitada, porque eu não estava habituado a que ninguém fizesse as coisas por mim, mas o do Buck andava sempre a correr de um lado para o outro.

Estas eram todas as pessoas da família naquela altura, mas tinha havido mais: três filhos que tinham sido mortos e a Emmeline, que morrera.

O velho casal tinha várias quintas e mais de cem pretos. De vez em quando vinha um grupo de pessoas, que faziam a cavalo dez ou quinze milhas para ficar por lá cinco ou seis dias; eram grandes comezainas em casa e no rio; danças e piqueniques na floresta durante o dia, e bailes em casa à noite. A maior parte eram parentes afastados da família. Os homens traziam as armas com eles. E podem crer que eram todos de uma distinção a toda a prova.

Havia outro clã aristocrático ali perto, de cinco ou seis famílias, a maior parte de apelido Shepherdson. Eram tão finos e de tão boas famílias e tão ricos e magníficos como a tribo dos Grangerfords. Os Shepherdsons e os Grangerfords usavam o mesmo cais para apanhar o vapor, que ficava umas duas

milhas acima da nossa casa, por isso às vezes quando eu lá ia com muitos dos nossos via uma data de Shepherdsons montados nos seus belos cavalos.

Um dia eu e o Buck estávamos na floresta a caçar quando ouvimos um cavalo. Íamos a atravessar a rua. O Buck disse:

— Rápido! Esconde-te na floresta!

Assim fizemos, e ficámos a espreitar através das folhas. Daí a pouco um jovem esplêndido veio a galopar pela estrada abaixo, bem sentado no cavalo e com ar de soldado. Trazia a arma atravessada por cima da maçaneta da sela. Eu já o tinha visto antes, era o jovem Harney Shepherdson. Ouvi a espingarda do Buck disparar ao lado do meu ouvido e vi o chapéu do Harney cair-lhe da cabeça. Ele agarrou na arma e veio direito ao sítio onde estávamos escondidos. Mas nós não ficámos à espera, pusemo-nos logo a correr pela floresta. Como a floresta não era muito densa, olhei por cima do ombro para evitar a bala, e por duas vezes vi o Harney apontar a arma ao Buck; depois voltou para o lado de onde tinha vindo — penso que para ir buscar o chapéu, mas não consegui ver. Só parámos de correr quando chegámos a casa. Os olhos do senhor velho ficaram em brasa durante um minuto — sobretudo de prazer, acho eu. Depois os seus traços relaxaram e ele disse, numa voz branda:



O JOVEM HARNEY SHEPHERDSON.

— Não gosto dessa coisa de alvejar de trás de um arbusto. Porque não subiste para a estrada, meu rapaz?

— Não é isso que os Shepherdsos fazem, meu pai. Aproveitam-se sempre das situações.

Enquanto o Buck contava a sua história, a Miss Charlotte manteve a cabeça erguida como uma rainha, dilataram-se-lhe as narinas e os seus olhos pestanejaram. Os dois homens pareciam sombrios, mas não disseram nada. A Miss Sophia empalideceu, mas voltou a ter cor quando percebeu que o homem não tinha sido ferido.

Assim que consegui arrastar o Buck para perto do milheiral, debaixo das árvores, disse-lhe:

— Querias matá-lo, Buck?

— Podes crer que sim.

— Mas o que é que ele te fez?

— Ele? Ele nunca me fez nada.

— Então para que é que o queres matar?

— Ora, por nada — só por causa da contenda.

— O que é que é uma contenda?

— Mas donde é que tu saíste? Não te ensinaram o que é uma contenda?

— Nunca ouvi falar em tal coisa. Explica-me o que é.

— Bem — disse o Buck —, uma contenda é assim: um homem tem uma zanga com outro homem, e mata-o; depois o irmão desse outro homem mata-o a *ele*; depois os outros irmãos, dos dois lados, tentam matar-se uns aos outros; depois os *primos* também intervêm — e ao fim de algum tempo morrem todos e acaba-se a contenda. Mas demora um bocado.

— E esta já dura há muito tempo, Buck?

— Há *que tempos!* Começou há uns trinta anos, ou coisa parecida. Houve uma disputa por qualquer coisa e depois um processo para a resolver. Como o processo tomou o partido de um dos homens, o outro, naturalmente, foi e matou-o, como faria qualquer pessoa nessa situação.

— O que é que causou a contenda, terra?

— Acho que... não sei.

— Bem, e quem é que matou o outro? Um Grangerford ou um Shepherdson?

— Como é que queres que *eu* saiba? Foi há tanto tempo.

— Não há ninguém que saiba?

— Oh, sim, o pai sabe, acho eu, e outras pessoas mais velhas também; mas não sabem como é que começou a contenda.

— E morre muita gente, Buck?

— Sim, são funerais às pazadas. Mas nem sempre matam as pessoas: o pai tem uns poucos chumbos no corpo, mas diz que não faz mal porque de qualquer maneira ele não é muito pesado. O Bob levou umas facadas e o Tom também já foi ferido uma ou duas vezes.

— Este ano já morreu alguém?

— Sim, um dos nossos e um dos deles. Há coisa de uns três meses o meu primo Bud, que tinha catorze anos, ia a cavalo pela floresta do outro lado do rio — não ia armado, que foi uma estupidez pura, e num sítio isolado ouviu um cavalo a segui-lo e viu o velho Baldy Shepherdson atrás dele com uma espingarda na mão e os cabelos brancos ao vento; mas em vez de saltar da montada e fugir para o mato, o Bud pensou que, se acelerasse, lhe conseguia escapar: a perseguição durou mais de cinco milhas, com o velho sempre a ganhar terreno, até que por fim o Bud percebeu que não valia a pena continuar, por isso parou e fez-lhe face — para apanhar os tiros de frente, percebes —, e o velho avançou para ele e matou-o. Mas não teve muito tempo para saborear a vitória porque daí a uma semana os nossos acabaram com *ele*.

— Quanto a mim, Buck, esse velho era um cobarde.

— Eu cá acho que ele de cobarde não tinha *absolutamente* nada. Na família dos Shepherdsons não há um único cobarde, assim como não há cobardes na família Grangerford. Esse velhote uma vez lutou contra três Grangerfords durante meia hora e saiu vencedor. Estavam todos montados; ele atirou-se do cavalo e abrigou-se atrás de uma pilha de madeira bastante pequena, com o cavalo à frente dele para o proteger das balas, mas os Grangerfords ficaram montados, a saltitar à volta dele, e a alvejá-lo, e ele a alvejá-los a eles. O velho e o seu cavalo foram para casa bastante aleijados e cheios de buracos, mas os Grangerfords tiveram de ser *levados* para casa — um estava morto e outro

morreu no dia seguinte. Não, senhor, quem quiser meter-se com cobardes não vá procurá-los na família Shepherdson: lá não se cria gente dessa *laia*.

No domingo seguinte fomos todos a cavalo à igreja, que ficava a umas três milhas. Os homens levaram consigo as armas, e o Buck também, e mantinham-nas entre os joelhos ou encostadas à parede ao alcance da mão. Os Shepherdsons faziam o mesmo. O sermão não era grande coisa, só falava de amor fraternal e de coisas enfadonhas desse estilo — mas todos disseram que era um belo sermão e foram a falar sobre ele no caminho para casa; tinham uma quantidade tão grande de coisas a dizer sobre a fé, as boas obras, a graça, a predestinação, e sei lá mais o quê, que me pareceu um dos piores domingos de sempre.

Cerca de uma hora depois do almoço andava toda a gente a dormirar pela casa, alguns nas cadeiras e outros nos quartos, e eu sentia-me bastante aborrecido. O Buck e o cão estavam estendidos ao sol na relva, a dormir profundamente. Fui até ao meu quarto, pensando dormir também uma sesta. Encontrei a encantadora Miss Sophia de pé à porta do quarto dela, que era ao lado do nosso — ela levou-me lá para dentro, fechou a porta sem fazer barulho, e perguntou-me se eu gostava dela, e eu disse que sim; então ela perguntou-me se eu lhe podia fazer um favor e não dizer nada a ninguém, e eu disse que sim. Então ela explicou-me que tinha deixado a Bíblia na cadeira da igreja entre dois outros livros, e pediu-me para sair de fininho e ir lá buscá-la, sem dizer nada a ninguém. Eu disse-lhe que estava bem e lá me esgueirei para fora de casa e segui pela estrada. Não estava ninguém na igreja, tirando um ou dois porcos, porque a porta não estava trancada e no verão os porcos gostam de se deitar no chão de madeira, que é fresco. A maior parte das pessoas só vai à igreja quando tem de ser, mas com os porcos é outra história.



«E PERGUNTOU-ME SE EU GOSTAVA DELA.»

Eu disse a mim mesmo que ali havia gato; não é normal uma rapariga ficar tão preocupada por causa de uma Bíblia. Por isso sacudi o livro, e de lá de dentro caiu um papelinho que dizia «duas e meia» escrito a lápis. Eu revistei o livro todo, mas não encontrei mais nada. Não percebia nada daquilo, portanto tornei a pôr o papel dentro do livro e quando cheguei a casa lá estava a Miss Sophia à porta do quarto à minha espera. Puxou-me para dentro e fechou a porta; depois procurou o papel dentro da Bíblia, e assim que o leu ficou com um ar feliz; depois, antes que eu pudesse pensar, agarrou em mim e apertou-me contra o peito, dizendo que eu era o melhor dos rapazes e que não contasse a ninguém. Durante um minuto ficou tremendamente corada e de olhos a brilhar, o que a tornava ainda mais bonita. Eu estava bastante surpreendido, mas quando me voltou a respiração perguntei-lhe sobre o que é que era o papel; ela perguntou-me se eu sabia ler cursivo e eu disse: «Não, só letras maiúsculas» — por isso ela disse que o papel não era nada, só uma marca para ela saber onde ia, e que eu agora podia ir brincar.

Fui andando ao longo do rio, matutando sobre isto, e daí a pouco reparei que o meu preto vinha atrás de mim. Quando já não nos podiam ver de casa ele olhou para trás um segundo e depois veio a correr ter comigo e disse:

— Sinhô George, venha ver! Uma ninhad'inteira dê cobras-d'água no pântano!

Eu pensei para comigo: «Isto é muito estranho, já ontem ele me disse a mesma coisa. Deve saber que as pessoas não adoram cobras-d'água ao ponto de ir procurá-las nos pântanos. O que é que será que ele quer?» Por isso disse-lhe:

— Está bem, vamos lá.

Segui-o por meia milha, depois ele virou para o pântano, e patinhámos durante outra meia milha, sempre com água pelos tornozelos. Chegámos a um pedacinho de terra plana e seca, coberta de mato muito denso, e ele disse:

— Só mais dois ou três passos, sinhô George, vai ver. Eu fico aqui, já as vi muitas vezes.

Virou-me costas e foi-se embora a chapinhar; depressa desapareceu atrás das árvores. Eu fui furando pelo mato até que cheguei a uma pequena clareira do tamanho de um quarto cercada por trepadeiras de todos os lados. Estava lá um homem a dormir — e, incrível!, era o meu velho Jim!

Acordei-o e pensei que ele ia ficar surpreendidíssimo por me ver outra vez, mas não. Quase chorou de alegria, mas não pareceu nada surpreendido. Disse que tinha vindo sempre a nadar atrás de mim, naquela noite, e que me tinha ouvido gritar de todas as vezes, só que nunca tinha respondido porque não queria que ninguém o apanhasse a *ele* e o mandasse de volta para a escravatura. Disse assim:

— Magôei-me um bôcado e não conseguia nadar dêpressa, pôr isso acabei pôr ficar bastante pra trás. Quandô tu chegaste á terra pensei quê t'ia consêguir apanhar sem ter quê gritar, mas quando vi aquela casa comecei a ir mais devagar. Estava dêmasiado longe pra ouvir o quê te disseram — tinha medo dos cães. Mas quando ficou tudo calado outra vez pêrcêbi qu'istavas dentro dê casa, pôr isso enfiei-me na floresta à espera quê fosse dia. Dê manhã cedo alguns pretos vieram até onde eu estava, quand'iam pròs campos, e mostraram-me estê lugar, onde os cães não me podem encontrar, pôr causa da água, e todas as noites mê trazem coisas pra comer e me dão notícias tuas.

— Porque é que não disseste ao Jack que me trouxesse aqui antes?

— Bem, Huck, não servia de nada incomodar-te até que pudéssemos fazer alguma coisa — mas agora está quase tudo pronto. Tenho andado a comprar

panelas e provisões e a remendar a jangada à noite quando...

— *Que* jangada, Jim?

— A nossa velha jangada.

— Queres dizer que não ficou completamente escaqueirada?

— Não, não ficou. Um dôs lados ficou em bástante mau estado, mas os êstragos não foram muito graves, só as nossas coisas é quê sê perderam quase todas. Se não tivéssemos mêrgulhado tão fundo e nadado tanto tempo dêbaixo d'água, se a noite não tivesse êstado tão escura, se não estivéssemos tão assustados — enfim, se não tivéssemos sido uns pálermas, tínhamos visto a jangada. Mas a vêrdat'é que vai dar ao mesmo, porque ela já istá toda arranjada, quase como nova, e temos montes dê coisas novas pra substituir as quê perdemos.

— Mas... como é que apanhaste outra vez a jangada, Jim? Foste tu que a achaste?

— Com'é qu'eu havia dá achar aqui nô meio dá floresta? Não, foram uns pretos qui a encontraram encálhada numa ensêada no meio dos salgueiros, e discutiram tanto pra ver qual deles é quê ficava com ela qu'eu acabei pôr ouvir fâlar no assunto; expliquei-lhes quê a jangada era minha e tua; perguntei-lhes s'eles quêriam mesmo roubar o quê pertencia a um senhor branco, e apanhar uma sova pôr causa disso, e eles ficaram com o problema resolvido. Depois dei-lhes dez cêntimos a cada um e eles ficaram todos satisfeitos, e desejaram quê apar'cessem mais algumas jangadas pra ficarem ricos outra vez. Têm sido muito bons cômigo, estes pretos, e quandô prêciso dê alguma coisa nunca tenho dê pêdir duas vezes, meu quêrido. Esse Jack é um bom preto, e bastante esperto.

— Sim, pois é. Nunca me disse que tu estavas aqui; disse-me que eu viesse para ver uma data de cobras-d'água. Se acontecer alguma coisa ele não tem nada a ver com isso. Pode dizer que nunca nos viu juntos, e é verdade.

Não me apetece falar muito do que aconteceu no dia seguinte, por isso vou explicar tudo bastante depressa. Acordei de madrugada, e ia virar-me para dormir outra vez quando notei como tudo estava calado — não parecia haver ninguém a pé. Isso não era costume. Depois vi que o Buck já não estava ali. Bem, levantei-me, tentando perceber o que é que se estaria a passar, e fui lá para baixo — não vi ninguém, e estava tudo tão calado que se teria conseguido

ouvir um rato. Pensei no que poderia significar aquilo tudo, até que perto do monte de lenha encontrei o meu Jack, e disse:

— O que é que se passa?

Ele diz:

— Ah, não sabê, sinhô George?

— Não — disse eu —, não sei.

— Pois, foi a Miss Sophia quê fugiu! Fugiu mesmo. Fugiu durante á noite — ninguém sabê quandô — pra cásar com esse jovem Harney Shepherdson, sabê? Ou pelo menos é o qu'eles acham. Só há coisa di uma hora, ou talvez um pouco mais, é quê a família dêscobriu — e *garánto-lhê* que não pêrderam tempo. *Nunca* sê viu tanta pressa á pegar nas ispingardas e nos cávalos! As senhoras foram pêdir ajuda às famílias, e o velho sinhô Saul e os rapazes foram a cávalo tentar apanhar ess' jovem e matá-lo antes quê ele átravess'o rio com a Miss Sophia. Istô vão ser tempos difíceis!

— O Buck foi-se embora sem me acordar.

— Ah, pois *claro* quê sim! Não iam mêter o sinhô George nesta história. O sinhô Buck cárregou a arma e diss' quê ou voltava com um Shepherdson ou nunca mais voltava. Bem, vai haver muitôs deles pôr lá, achô eu, e áposto qu'ele há dê acêrtar num.

Fui atrás deles o mais depressa que pude. Ao fim de um bocado comecei a ouvir tiros lá muito longe. Quando avistei a loja e a pilha de lenha que ficavam perto do embarcadouro do vapor, segui à coberta do mato até chegar a uma boa posição; depois subi para cima de um choupo, de onde podia observar tudo sem ser visto. Não muito longe da árvore estava uma pilha de madeira com quatro pés de altura, e eu primeiro tinha pensado esconder-me lá atrás, mas talvez tenha sido melhor não o fazer.

Quatro ou cinco homens a cavalo cabriolavam em círculos em frente à loja, gritando e praguejando, tentando acertar nuns rapazes novos que estavam atrás da pilha de madeira ao lado do embarcadouro, mas sem conseguir. De cada vez que um dos rapazes se mostrava do lado da pilha de madeira que ficava mais próximo do rio, disparavam contra ele. Os dois rapazes estavam sentados atrás da pilha de madeira de costas um para o outro, de maneira a poderem vigiar os dois lados.



ATRÁS DA PILHA DE MADEIRA.

Ao fim de um bocado os homens pararam de cabriolar por ali e de gritar e começaram a avançar em direção à loja. Um dos rapazes levantou-se, inclinou-se por cima da pilha de madeira, e fez um dos homens cair da sela abaixo. Todos os outros saltaram das selas, agarraram no que estava ferido e começaram a levá-lo para a loja: nesse mesmo instante os dois rapazes desataram a correr. Já tinham feito metade do caminho até à árvore onde eu estava quando os homens deram por eles. Os homens viram-nos, saltaram para cima dos cavalos e foram atrás deles. Ganharam terreno aos rapazes, mas não serviu de nada, porque eles já tinham muito avanço — chegaram à pilha de madeira que ficava mesmo à frente da minha árvore e esgueiraram-se lá para trás, de maneira que estavam outra vez em vantagem sobre os homens. Um desses rapazes era o Buck, o outro era um tipo novo e magro que devia ter uns dezanove anos.

Os homens cavalgaram por ali um bocado e depois foram-se embora. Assim que deixei de os ver chamei pelo Buck. A princípio, quando ouviu a minha voz sair da árvore, ele ficou bastante confuso. Depois ficou boquiaberto de me ver ali. Disse-me para ficar alerta e para o avisar quando os homens voltassem a aparecer; que eles com certeza andavam a preparar alguma. Eu bem queria descer daquela árvore, mas não me atrevi. O Buck começou a chorar e a praguejar e a dizer que de certeza que ele e o seu primo Joe (que era o outro rapaz) ainda iam fazê-los pagar por aquele dia. Disse que o pai e os dois irmãos

tinham sido mortos, assim como dois ou três inimigos. Disse que os Shepherds sons lhes tinham montado uma emboscada. O Buck dizia que o pai e os irmãos deviam ter esperado pelos reforços, que os Shepherds sons eram demasiado fortes para eles. Eu perguntei-lhe o que tinha acontecido com o jovem Harney e a Miss Sophia. Ele disse que tinham atravessado o rio e que estavam a salvo. Eu fiquei contente por saber isso; mas o Buck — em que estado ele se pôs por não ter conseguido matar o Harney no dia em que lhe tinha furado o chapéu! Nunca ouvi coisa assim.

E de repente: bang! bang! bang! — duas ou três armas em coro —, os homens tinham-se embrenhado na floresta e agora voltavam, por trás de nós, sem cavalos! Os rapazes atiraram-se ao rio, ambos feridos, e enquanto eles nadavam os homens corriam por terra atrás deles gritando: «Matem-nos! Matem-nos!» Fiquei com tantas náuseas que quase caí da árvore abaixo. Não vou contar *tudo* o que se passou — ficaria com náuseas outra vez só de pensar nisso. Desejei nunca ter vindo parar à margem naquela noite para assistir a tais coisas. Nunca me vou esquecer disto; muitas vezes sonho com o que aconteceu.

Fiquei na árvore até que começou a escurecer, com medo de descer. De vez em quando ouvia tiros ao longe na floresta, e por duas vezes vi grupos de homens passando armados a galope pela loja, por isso pensei que a luta ainda não tinha acabado. Estava terrivelmente deprimido, por isso decidi nunca mais me aproximar daquela casa, porque de alguma forma a culpa era minha. Achei que aquele papel queria dizer que a Miss Sophia tinha de se encontrar com o Harney às duas e meia da manhã para fugir com ele, e pensei que devia ter contado ao pai dela tudo sobre o papel e o comportamento estranho que ela tivera, e que assim talvez ele a tivesse fechado à chave e aquela confusão tremenda nunca teria acontecido.

Quando desci da árvore, arrastei-me pela margem do rio durante um bocado — encontrei os dois corpos estendidos na água, e puxei-os até estarem em terra; depois cobri-lhes as caras e fui-me embora o mais depressa que pude. Chorei um bocadinho enquanto cobria a cara do Buck, porque ele tinha sido mesmo muito bom comigo.

A noite tinha acabado de cair e eu nunca voltei à casa; enfiei-me antes pela floresta e fui até ao pântano. O Jim não estava na ilha, por isso fui a toda a

pressa para a enseada e embrenhei-me pelos salgueiros, morto de vontade de saltar para bordo e fugir daquele lugar horrível. A jangada tinha desaparecido! Senti a minha alma estilhaçar-se de susto. Fiquei sem fôlego durante um minuto inteiro. Depois dei um grito. Uma voz, a menos de vinte e cinco pés de mim, disse:

— Até qu'enfim! És tu, meu quêrido? Não faças báculho.

Era a voz do Jim. Nunca nada me parecera tão belo. Corri pela margem e saltei para a jangada; o Jim agarrou em mim e abraçou-me, estava feliz por me ver. Disse:

— Abençoado sejas, meu filho, quase tive á certeza quê tinhas morrido outra vez. O Jack êsteve áqui e diss' qu'achava quê tu tinhas levado um tiro, porque não voltast' pra casa, pôr isso agora eu estava a prêparar-m' pra levar á canoa prá boca da ensêada, dê maneir'á estar pronto pra fugir assim quê o Jack voltasse pra mê dizer quê tinh'á *certeza* quê tu estavas morto. Ah, céus, estou feliz pôr tê ter outra vez áqui, meu quêrido.

Eu disse assim:

— Está bem, isso é bom, eles não me hão de encontrar e pensarão que morri e fui a boiar pelo rio abaixo. Há uma coisa lá em cima que os vai convencer disso. Por isso não percas tempo, Jim, rema para as águas fundas o mais depressa que consigas.

Só me senti à vontade duas milhas mais abaixo, no meio do Mississípi. Pendurámos a candeia que nos servia de farol e pensámos que mais uma vez estávamos livres e a salvo. Eu não tinha comido nada desde a véspera, por isso o Jim deu-me umas bolachas de milho com leiteiro, carne de porco e couve: quando é bem feito, não há prato melhor do que este. E enquanto eu comia o jantar conversámos e passámos um bom bocado. Eu estava feliz por deixar para trás as contendadas, e o Jim estava feliz por deixar o pântano. Dissemos que, no fim de contas, não havia casa melhor do que uma jangada. Os outros sítios tornam-se apertados e sufocantes, mas nunca uma jangada. Numa jangada está-se sempre livre, confortável e à vontade.

Capítulo XIX

Dois ou três dias passaram a voar, acho que até se pode dizer que passaram a nadar, deslizando silenciosamente, tranquilos e agradáveis. Passámos os dias assim: ali o rio era monstruosamente largo — de vez em quando chegava a ter uma milha e meia de largura; à noite avançávamos e de dia parávamos e escondíamo-nos. Assim que a noite começava a chegar ao fim, deixávamos de navegar e prendíamos a jangada à margem, quase sempre nas águas paradas perto de um banco de areia; depois cortávamos choupos pequenos e salgueiros e tapávamos a jangada com eles. A seguir montávamos as linhas de pesca. Depois dávamos um mergulho no rio para nos reanimar e refrescar, e sentávamo-nos onde a água nos dava pelos joelhos a ver chegar o dia. Não se ouvia um único som — estava tudo perfeitamente calado, como se o mundo inteiro estivesse a dormir, tirando às vezes o chapinhar de uma rã-touro. A primeira coisa que se vê, ao longe, por cima da água, é uma espécie de traço opaco, que é a floresta do outro lado, e mais nada. A seguir aparece uma luz mortiça no céu, e cada vez mais luz a espalhar-se por toda a parte; e depois o rio abre-se até lá ao longe, e passa a ser cinzento em vez de negro; veem-se manchinhas pretas por toda a parte, até muito longe, que são barças e coisas assim, e também pequenos riscos pretos, que são jangadas. Às vezes ouve-se um leme ranger, ou vozes confusas — está tudo tão silencioso que se ouvem sons vindos de muito longe. Passado um bocado começam a ver-se uns riscos na água que se percebe, pelo aspeto, que estão onde há rochas submersas, em que esbarra a corrente rápida, e faz com que o risco tenha aquele aspeto; vê-se a neblina levantar-se da água, em espirais, enquanto a leste o céu vai ficando avermelhado e o rio também. Começa-se a perceber uma cabana na orla da floresta do outro lado do rio, que deve ser um armazém de madeireiro, e onde os toros foram empilhados por gente pouco honesta, pois dava para enfiar um cão através dos espaços em qualquer sítio. Depois levanta-se uma brisa suave que vem de longe despentear-nos, muito fresca e agradável de cheirar, por causa da floresta e das

flores — embora nem sempre seja assim, porque acontece eles deixarem peixes mortos por aí, e é um grande pivete. Depois é dia, todas as coisas sorriem ao sol e os pássaros começam a cantar.



ESCONDIDOS DURANTE O DIA.

De certeza que ninguém ia notar um fiozinho de fumo a esta hora, por isso tirávamos peixes das linhas e fazíamos um pequeno-almoço quente. Depois ficávamos a ver a solidão do rio, preguiçando por ali, até que por fim a preguiça se transformava em sono. Passado algum tempo acordávamos, levantávamo-nos para ver o que nos tinha acordado, e víamos um vapor tossicando pelo rio acima, tão afastado de nós que só a custo se conseguia perceber se era dos que têm a roda de lado ou na popa; depois, durante mais ou menos uma hora, não havia nada que ver nem que ouvir — só uma solidão maciça. A seguir passava uma jangada, deslizando ao longe, provavelmente com um marinho lá em cima a cortar toros, porque há quase sempre um em cada jangada: vê-se o machado luzir e cair, e não se ouve nada; vê-se o machado subir outra vez, e, quando já está à altura da cabeça do homem, é que se ouve o «Tchlunk!»: demora esse tempo todo a percorrer a distância da água. Assim passávamos o dia, a preguiçar, ouvindo o silêncio. Uma vez pôs-se um nevoeiro

cerrado, e as jangadas e outras coisas que iam passando batiam em painéis para que os vapores não lhes passassem por cima. Uma barcaça passou tão perto de nós que os ouvíamos perfeitamente rir e praguejar, mas não víamos o mais pequeno sinal deles: era uma coisa arrepiante, como se houvesse espíritos a passear pelos ares. O Jim disse que acreditava que eram espíritos, mas eu disse:

— Não, um espírito não havia de dizer «Maldito seja este nevoeiro dos diabos».

Assim que caía a noite, partíamos; quando a jangada já estava bem a meio do rio deixávamo-la ir ao sabor da corrente, acendíamos os cachimbos, com as pernas a baloiçar na água, e falávamos de tudo e mais alguma coisa. Íamos sempre nus, dia e noite, a não ser quando havia demasiados mosquitos: as roupas novas que a família do Buck tinha feito para mim eram demasiado boas para serem confortáveis e, além disso, eu cá nunca fui muito pessoa de gostar de roupa.

Às vezes tínhamos o rio todo por nossa conta durante horas a fio. Dos lados ficavam os bancos de areia e as margens, de vez em quando uma luzinha, que era uma vela à janela de uma cabana, e às vezes na água também se viam luzes, de jangadas ou de barcaças, e às vezes ouvia-se um assobio ou uma canção vinda de uma dessas embarcações. É tão bom viver numa jangada! Tínhamos o céu por cima das cabeças, todo salpicado de estrelas, e costumávamos ficar deitados de costas a olhar para elas, a discutir se elas tinham sido feitas por alguém ou se tinham aparecido sozinhas. O Jim achava que tinham sido feitas e eu achava que tinham aparecido. Pensava que teria levado demasiado tempo *fazer* tantas. O Jim disse que a Lua as podia ter *posto*, o que era bastante razoável, e eu não o contrariei, porque já vi rãs porem quase tantos ovos como isso, portanto era possível. Costumávamos ver estrelas-cadentes, também, e os rastros que elas faziam ao cair. O Jim achava que deviam estar estragadas e tinham sido expulsas do ninho.

Uma ou duas vezes em cada noite víamos um vapor deslizando; de vez em quando acontecia ele espirrar um monte de faúlhas pelas chaminés e elas choviam sobre o rio e era um lindo espetáculo; depois o vapor fazia uma curva e as luzes piscavam, o apito soava e logo a seguir o rio ficava outra vez silencioso. Um pouco mais tarde a ondulação chegava até nós, muito depois de

o vapor ter desaparecido, e abanava um bocadinho a jangada; depois não se ouvia nada durante um bocado e o tempo passava sem que o pudéssemos medir, só com o som de uma rã, ou de qualquer coisa assim, de vez em quando.

Depois da meia-noite, as pessoas das margens iam dormir, e durante duas ou três horas as margens ficavam completamente pretas — sem uma única luz nas janelas das cabanas. Estas luzes eram o nosso relógio: assim que a primeira se tornasse a acender queria dizer que vinha aí o dia, por isso começávamos logo a procurar um sítio para amarrar e esconder a jangada.

Um dia de madrugada encontrei uma canoa e atravessei por cima de uma queda-d'água até à margem principal, que só ficava a duzentas jardas; remei cerca de uma milha por um ribeiro acima, no meio dos ciprestes, para ver se conseguia encontrar umas bagas. Exatamente quando eu ia a passar pelo sítio em que um caminho de terra se cruzava com o ribeiro, apareceram dois homens a correr pelo caminho o mais depressa que podiam. Pensei que estava metido numa boa alhada, porque se andavam atrás de alguém esse alguém devia ser *eu*, ou talvez o Jim. Ia desatar a fugir para longe dali, mas eles já estavam bastante perto de mim e aproximaram-se e suplicaram-me que eu lhes salvasse a vida, porque eles não tinham feito nada e estavam a ser perseguidos. Disseram que havia homens e cães a chegar. Queriam saltar logo para a canoa, mas eu disse-lhes:

— Não, oiçam: não oiço cães nem cavalos, por isso vocês têm mais que tempo de se esconder no mato e de entrar no riacho mais adiante, e depois podem vir pela água até à canoa — assim podemos despistar os cães.



«E CÃES A CHEGAR.»

Foi o que eles fizeram, e assim que entraram na canoa eu saí disparado para o nosso banco de areia. Daí a cinco ou dez minutos ouvimos os homens e os cães lá ao longe, a gritar. Ouvimos alguns deles dirigirem-se para o regato, mas não os conseguíamos ver. Pareceu-nos que tinham parado e andado às voltas algum tempo — depois, como estávamos a afastar-nos cada vez mais, deixámos de os ouvir por completo. Pela altura em que saímos do mato e chegámos ao rio tudo estava silencioso, e nós remámos para o banco de areia e escondemo-nos a salvo no meio do bosque de álamos.

Um destes homens tinha uns setenta anos, ou mais, era careca e tinha uns bigodes muito grisalhos. Trazia uma boina velha e coçada na cabeça, uma camisola de lã azul com nódoas de gordura, uns calções de ganga azul enfiados para dentro das botas e um par de suspensórios tricotados à mão — ou melhor, para dizer a verdade, só tinha um. Pendurado por cima do ombro trazia um velho casaco de ganga comprido com botões de metal, e tanto ele como o outro traziam grandes sacos de tapeçaria, gordos e puídos.

O outro tipo devia ter uns trinta anos, e estava igualmente mal vestido. Depois do pequeno-almoço, arrumámos as coisas e pusemo-nos a conversar, e a primeira coisa que se percebeu foi que aqueles dois não se conheciam.

— Com'ê que te meteste em sarilhos? — disse o careca ao outro.

— Bem, andava a vender um produto para tirar o tártaro dos dentes, que funciona mesmo, só que geralmente leva também o esmalte atrás — mas deixei-me ficar mais tempo do que devia, e estava mesmo pronto a raspar-me quando dei contigo no caminho do lado de cá da cidade, a dizeres-me que eles vinham aí e suplicassem-me que te ajudasse a escapar, por isso eu disse-te que eu também estava a fugir e que podíamos fazer o caminho juntos. É esta a minha história. E a tua?

— Bem, eu há uma semana que andava por lá a organizar uma campanha contra o alcoolismo, e tornei-me o grande ídolo das mulheres, novas e velhas, porque dificultei mesmo a vida aos bêbedos, a sério, e fazia cinco ou seis dólares por noite: dez cêntimos por cabeça, pretos e crianças de graça — o negócio não parava de crescer, até que ontem à noite, não sei bem como, espalhou-se um rumor de que eu tinha o hábito de esvaziar um garrafãozinho nas horas livres. Um preto acordou-me hoje de manhã e disse-me que as pessoas se andavam a reunir pela calada com os cães e os cavalos e que daí a pouco estavam ali; que me iam dar meia hora de avanço e depois vinham atrás de mim: se me apanhassem, cobriam-me de alcatrão e de penas e deixavam-me montado numa viga. Não esperei pelo pequeno-almoço — não estava com muito apetite.

— Velhote — disse o novo —, parece-me que devíamos fazer uma dupla, o que é que achas?

— Não digo que não. Qual é a tua área de atividade?

— Sou impressor de profissão; também negocio em curativos; sou ator de teatro — sobretudo de tragédia; quando posso viro-me para o mesmerismo e para a frenologia; às vezes, para variar, dou aulas de canto e de geografia nas escolas; e de vez em quando umas conferências... Oh, faço montes de coisas — faço aquilo que der mais jeito para não ter de me cansar. E tu, qual é a tua especialidade?

— Quando era mais novo fui curandeiro. A minha melhor técnica era a aposição das mãos para o cancro, a paralisia, e coisas desse tipo. Também sei ler a sorte bastante bem, desde que tenha alguém que me informe dos factos. Também dou sermões, prego aos trabalhadores, e faço de missionário.

Durante algum tempo ficámos todos calados, depois o homem mais novo soltou um suspiro e disse:

— Ai de mim!

— Para que é que são esses ais? — disse o careca.

— Pensar que desci tão baixo, que estou rodeado por uma companhia destas!

— E pôs-se a esfregar o canto do olho com um trapo.

— O que é que foi, seu tratante, a companhia não é boa que chegue para ti?

— disse o careca, com um ar insolente e petulante.

— Oh, não, pelo contrário, é *exatamente* o que eu mereço; pois a culpa é só minha se me encontro agora tão baixo quando antes estava tão alto — não vos culpo por isso, meus senhores: não, longe de mim! Não culpo ninguém. Eu mereço tudo isto. Deixai o mundo pregar-me as suas partidas, pois de uma coisa eu tenho certeza: há algures uma campa que me espera. O mundo pode continuar exactamente como antes, e tirar-me tudo o que tenho — as pessoas que me são queridas, as coisas que me pertencem, tudo! —, mas isso não me pode tirar. Um dia hei de me estender e esquecer-me de tudo, e o meu pobre coração dorido poderá descansar. — E continuou a esfregar o olho.

— O teu pobre coração dorido? — disse o careca. — Para que é que nos estás a chatear a *nós* com o teu pobre coração dorido? *Nós* não te fizemos nada.

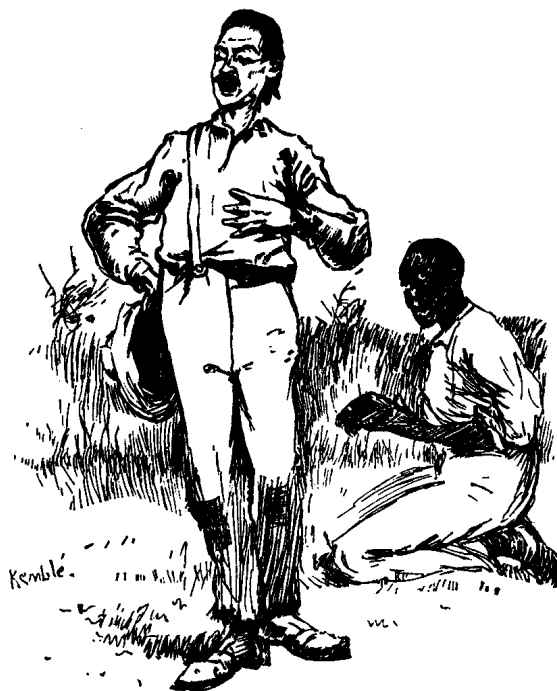
— Não, eu sei que não. Não estou a culpar-vos, meus senhores. Fui eu que me arruinei — sim, só eu. É justo que tenha de sofrer — perfeitamente justo — não me queixo.

— Arruinaste-te o quê? Qual era a tua fortuna?

— Oh, não acreditariam em mim, o mundo nunca acredita... Esqueçamos o assunto; não tem importância. O segredo do meu nascimento...

— O segredo do teu nascimento! Queres dizer...

— Senhores — disse o homem mais novo, muito solene —, revelo-vos este segredo, porque sinto que posso confiar em vocês. Sou duque por direito de nascença!



«SOU DUQUE POR DIREITO DE NASCENÇA!»

Os olhos do Jim saltaram-lhe das órbitas quando ouviu isto; e acho que os meus também. O careca disse:

— Não! Não pode ser...

— Sim. O meu bisavô, filho mais velho do duque de Bridgewater, fugiu para este país no meio do século passado, para respirar o ar puro da liberdade; casou-se aqui e morreu, deixando para trás um filho pequeno; o pai dele morreu pela mesma altura. O segundo filho do duque falecido apoderou-se do título e das terras, e o verdadeiro duque recém-nascido foi ignorado. Eu sou descendente em linha direta dessa criança, o legítimo duque de Bridgewater; e aqui estou, perdido, arrancado à minha condição social, perseguido pelos homens, desprezado pelo mundo cruel; esfarrapado, cansado, infeliz, e reduzido à companhia de criminosos numa jangada!

O Jim teve uma pena enorme dele, e eu também. Tentámos consolá-lo, mas ele disse que não valia a pena, que não havia maneira de o consolar; e que a melhor coisa que podíamos fazer por ele era reconhecemos-lhe o título; por isso dissemos que estava bem, desde que ele nos explicasse o que tínhamos de fazer. Ele disse que tínhamos de fazer uma vénia quando falássemos com ele, e chamar-lhe «Vossa Graça», «Vossa Excelência» ou «Vossa Senhoria», e que não

se importava se lhe chamássemos só «Bridgewater», o que, dizia ele, não era um nome mas sim um título; além disso, um de nós devia servi-lo às refeições e fazer tudo o que ele lhe pedisse.

Bem, tudo isto era bastante fácil, por isso fizemos como ele pedia. Durante todo o jantar, o Jim andou de volta dele a servi-lo, dizendo: «Vossa Graça quer mais distô ou dáquilo?», e assim por diante, e via-se que aquilo lhe estava a dar um prazer dos diabos.

Mas o velho aos poucos foi ficando muito calado — não tinha grande coisa para dizer e não parecia muito à vontade com todos os cuidados que estávamos a dar àquele duque. Parecia ter alguma ideia na cabeça. Então, à tarde, disse assim:

— Olha lá, Bilgewater, eu tenho muita pena de ti, mas não penses que és a única pessoa que teve problemas desses.

— Ai não?

— Não. Não foste o único a ser injustamente afastado de uma condição nobre.

— Ai de mim!

— Não, não és o único a ter segredos de nascimento. — E, maldição, põe-se *ele* também a chorar.

— Espera! O que queres dizer com isso?

— Bilgewater, posso confiar em ti? — diz o velho, ainda meio a soluçar.

— Até à morte! — Pegou na mão do velho, apertou-a e disse: — O segredo do teu nascimento — fala!

— Bilgewater, eu sou o falecido delfim!



«EU SOU O FALECIDO DELFIM!»

Podem crer que desta vez eu e o Jim ficámos mesmo embasbacados. Depois o duque disse:

— És o quê?

— Sim, meu amigo, é a verdade nua e crua — tens os olhos postos no pobre delfim desaparecido, Luís XVII, filho de Luís XVI e de Maria Antonieta.

— Tu! Com essa idade! Deves é estar a tentar dizer que és o imperador Carlos Magno, porque não me parece que tenhas menos de seiscentos ou setecentos anos, no mínimo.

— Foram as desgraças que me deixaram assim, Bilgewater, só as desgraças — elas é que puseram na minha cabeça estes cabelos brancos e esta calvície prematura. Sim, meus senhores, diante de vós, de calções de ganga e miserável, vedes o errante, maltratado e infeliz rei de França por direito.

Bem, ele chorou e pôs-se num tal estado que eu e o Jim não sabíamos o que é que havíamos de fazer, e tivemos imensa pena dele — também ficámos muito orgulhosos e felizes de o ter ali connosco. Por isso sentámo-nos à volta dele, como tínhamos feito antes com o duque, e tentámos consolá-lo também a *ele*. Mas ele disse que não valia de nada, que só se ia sentir melhor quando estivesse morto e acabado; mas também disse que se sentia um bocadinho melhor quando as pessoas o tratavam de acordo com a sua condição: se se ajoelhassem

para falar com ele, lhe chamassem sempre «Vossa Majestade», o servissem primeiro às refeições e não se sentassem na sua presença até ele lhes pedir que o fizessem. Por isso eu e o Jim começámos a tratá-lo por Majestade, a fazer mil recadinhos por ele, e a ficar de pé até ele nos mandar sentar. Isto foi muito bom para ele, e ele ficou bem-disposto e à vontade. Mas o duque estava um bocado azedo, e não parecia nada contente com a forma como se estavam a passar as coisas, apesar de o rei se mostrar muito simpático com ele e dizer que o *seu* pai tinha tido em grande estima o bisavô do duque e todos os outros duques de Bilgewater, e que os deixava muitas vezes vir ao palácio. Mas o duque continuou melindrado algum tempo, até que por fim o rei lhe disse:

— Parece provável que fiquemos ainda bastante tempo a bordo aqui desta jangada, Bilgewater, e de que é que serve estarmos chateados? Só vai tornar as coisas mais difíceis. Não tive culpa de não ter nascido duque, assim como tu não tiveste culpa de não ter nascido rei — por isso, de que é que serve estarmos a preocupar-nos? Se não tens aquilo de que gostas, gosta daquilo que tens, é o meu lema. Não se está mal aqui — não falta comida e a vida é fácil; por isso, duque, dá-me a mão e vamos ser amigos.

O duque concordou e eu e o Jim ficámos bastante contentes com isso. Acabou-se o mau humor e nós ficámos muito aliviados, porque ia ser uma confusão se houvesse zangas a bordo da jangada: o mais importante, numa jangada, é que todos estejam satisfeitos e se sintam bem-dispostos e de boa vontade com os outros.

Não levei muito tempo a perceber que aqueles aldrabões não eram reis nem duques nenhuns, mas sim fraudes, reles trapaceiros. Mas não disse nada, nem deixei que eles percebessem; guardei aquilo para mim, pois é o melhor que há a fazer — assim não há discussões e evitam-se problemas. Se eles queriam que lhes chamássemos rei e duque, por mim não havia problema, desde que assim se preservasse a paz na família; e não valia de nada contar ao Jim, por isso não lhe contei. Se o Velho alguma vez me ensinou alguma coisa, foi que a melhor maneira de nos entendermos com este tipo de gente é fazer-lhes a vontade.



Capítulo XX

Eles fizeram-nos bastantes perguntas; queriam saber porque é que cobríamos assim a jangada com plantas, e porque parávamos de dia em vez de continuarmos a avançar — o Jim era um escravo fugido? Eu disse:

— Mas que raio de ideia! Algum escravo ia fugir para o *Sul*?



NA JANGADA.

Não, eles reconheceram que não. Eu tive de justificar aquelas coisas de alguma maneira, por isso disse:

— A minha família vivia em Pike County, no Missouri, onde eu nasci, e todos morreram menos o meu pai e o meu irmão Ike. Um dia o meu pai decidiu ir-se embora para ir viver com o meu tio Ben, que tinha um casinhoto à beira do rio, quarenta e quatro milhas a sul de Orleães. O pai era bastante pobre e tinha algumas dívidas, por isso quando ele se foi embora deixou só dezasseis dólares e o nosso preto, o Jim. Isso não chegava para nos levar mil e quatrocentas milhas, mesmo com um bilhete de convés. Bem, um dia, quando

o rio subiu, o pai teve um golpe de sorte e encontrou este bocado de jangada, por isso decidimos ir nela até Orleães. Mas a sorte do pai foi de pouca dura: uma noite um vapor chocou contra a frente da nossa canoa, caímos todos borda fora e mergulhámos por baixo da roda — o Jim e eu regressámos à superfície sem problemas, mas o pai estava bêbado e o Ike só tinha quatro anos, por isso nunca mais voltaram a sair da água. Nos dois dias seguintes tivemos bastantes sarilhos, porque havia constantemente pessoas a vir ter connosco de barco para tentar levar-me o Jim; diziam que achavam que era um escravo em fuga. Agora já não andamos de dia; à noite ninguém nos incomoda.

O duque disse:

— Deixem-me sozinho para poder inventar uma maneira de conseguirmos andar de dia, se quisermos. Vou pensar nisso — vou inventar um plano para resolver isto. Vamos deixar estar por hoje, porque naturalmente não vamos querer passar por aquela cidade à luz do dia — é capaz de não ser muito bom para a nossa saúde.

Lá para o fim da tarde começou a escurecer e a ameaçar chuva, os relâmpagos de calor começaram a jorrar à nossa volta, muito baixo no céu, e as folhas começaram a estremecer: ia ser bastante feio, era fácil de ver. Por isso o rei e o duque foram investigar a tenda para ver como eram as nossas camas. A minha era uma enxerga de palha; melhor do que a do Jim, que era uma enxerga de folhas de milho, e nessas há sempre picos que se enfiam na carne e magoam, e quando a pessoa se vira fazem tanto barulho como se a pessoa se estivesse a rebolar num monte de folhas mortas; restolham de tal maneira que a pessoa acorda. Bem, o duque disse que achava que ia ficar com a minha cama, mas o rei disse que achava que não. Disse assim:

— Pensava que a diferença de ordem teria bastado para dar a entender que uma enxerga de folhas de milho não é exatamente uma cama própria para eu me deitar. Será a Vossa Graça a deitar-se na cama de milho.

O Jim e eu começámos outra vez a ficar nervosos, com medo de que fosse haver mais alguma zanga entre eles, por isso ficámos bastante satisfeitos quando ouvimos o duque dizer:

— É o meu destino ser constantemente esmagado na lama pelo calcanhar de ferro da opressão. Os azares debilitaram a minha alma, dantes tão altiva; cedo,

submeto-me; é este o meu destino. Estou sozinho no mundo — deixai-me sofrer, eu consigo suportá-lo.

Pusemo-nos a caminho assim que escureceu. O rei disse-nos para irmos bem pelo meio do rio, e para não acender nenhuma luz enquanto não nos tivéssemos afastado um bom bocado da cidade. Pouco tempo depois avistámos o montinho de luzes, que era a cidade, estão a ver — e deslizámos ao longo dele, a cerca de meia milha da margem, sem problemas. Quando estávamos uns três quartos de milha abaixo da cidade, içámos a candeia; por volta das dez da noite começou a chover, o vento a soprar, os trovões a ribombar, os relâmpagos a rasgar o céu e tudo mais, por isso o rei disse-nos aos dois que ficássemos de vigia até o tempo melhorar, a seguir ele e o duque enfiaram-se dentro da tenda e fecharam-se para a noite. O meu turno só começava à meia-noite, mas mesmo que tivesse uma cama não teria ido para dentro, porque não se vê uma tempestade daquelas todos os dias da semana, nem por sombras. Céus, como o vento uivava! E praticamente a cada segundo fulgia uma luz que iluminava as cristas brancas das ondas num raio de meia milha, e viam-se ilhas esbatidas pela chuva e árvores abanando ao vento como chicotes; depois vinha um *C-r-r-ack!* Bum! Bum! Bum-burum-bum-bum! — e o trovão continuava a ressoar e a resmungar cada vez mais longe até deixar de se ouvir. Então, zás!, lá vinha outro relâmpago e mais uma bordoadada. Às vezes as ondas quase me atiravam borda fora, mas eu estava nu e não me importava. Não foi difícil evitar os obstáculos, os relâmpagos eram tão brilhantes e irrompiam com tanta frequência que os víamos com antecendência mais do que suficiente para desviar o nariz da canoa para um lado ou para o outro de maneira a não lhes passar por cima.

Calhou-me o turno do meio, como já disse, mas por essa altura eu já estava bastante ensonado, por isso o Jim disse que faria a primeira metade por mim — era sempre bestial nessas coisas, ele. Eu rastejei para dentro da tenda, mas o rei e o duque tinham as pernas espalhadas lá pelo meio, de maneira que não sobrava espaço nenhum para mim, por isso deitei-me lá fora. Não me importava com a chuva, pois estava morna, e as ondas já não estavam tão altas. Só que por volta das duas da madrugada voltaram a subir, e o Jim ia avisar-me, mas mudou de ideias porque pensou que ainda não estavam suficientemente

altas para poder tocar-me — mas estava enganado: de repente uma vaga enorme arrastou-me borda fora. O Jim quase morreu de riso; também é verdade que nunca vi ninguém que se risse com tanta facilidade.

Peguei no turno e o Jim deitou-se e pôs-se a ressonar; aos poucos a tempestade foi acalmando de vez, e à primeira luz que se acendeu numa cabana eu acordei-o e pusemos a jangada num esconderijo para o dia.

O rei sacou de um velho baralho de cartas e jogou à manilha com o duque durante algum tempo, a cinco cêntimos por jogo. Depois fartaram-se e decidiram «montar uma campanha», como eles diziam. O duque rebuscou dentro do saco de tapeçaria e tirou de lá uma data de papelinhos impressos que se pôs a ler em voz alta. Um dizia que «o célebre Doutor Armand de Montalban, de Paris», daria «uma conferência sobre a Ciência da Frenologia» em tal e tal lugar, no dia tantos do tantos, com entrada a dez cêntimos por pessoa, e que traçaria «gráficos desvendando a sua personalidade», a vinte e cinco cêntimos cada. O duque disse que esse homem era *ele*. Noutro papel ele era o «mundialmente reputado intérprete de tragédias shakespearianas, Garrick Júnior, do Teatro Real de Drury Lane, Londres». Noutros papéis ele tinha mais uma data de nomes diferentes e fazia várias outras coisas espantosas, como encontrar água e ouro com uma «vara divinatória», «esconjurar bruxedos», e por aí fora. Passado um bocado disse:

— Mas a minha predileta é a musa histriónica. Já subiste ao palco, Realeza?

— Não — disse o rei.

— Pois antes que passem três dias, terás subido, ó Astro Caído — disse o duque. — Na primeira cidade boa a que chegemos alugamos uma sala e fazemos o duelo do *Ricardo III* e a cena da varanda do *Romeu e Julieta*. Que te parece?

— Eu estou por tudo, contanto que dê dinheiro, Bilgewater, mas não sei nada de interpretação, entendes, e nem sequer vi muito teatro na vida. Era demasiado pequeno quando o pai tinha peças lá no palácio. Achas que me podes ensinar?



O REI COMO JULIETA.

— Claro!

— Combinado. De qualquer forma estou mortinho por fazer uma coisa nova. Vamos começar já.

Por isso o duque explicou-lhe quem era o Romeu e quem era a Julieta, e disse que estava habituado a ser o Romeu, e que por isso o rei podia fazer de Julieta.

— Mas se a Julieta é uma rapariga tão nova, duque, a minha cabeça pelada e os meus bigodes brancos vão parecer muito estranhos nela, não?

— Não, não te preocupes, estes campónios nunca se vão lembrar disso. Ademais, vais estar mascarado, percebes, e isso faz uma diferença enorme — a Julieta está na varanda, a contemplar a luz da Lua antes de se ir deitar, e está de camisa de noite e de barrete de folhos na cabeça. Aqui estão os fatos.

Puxou de três fatos feitos de tecido de cortina e disse que eram duas armaduras medievais para o Ricardo III e para o outro tipo e uma camisa de noite de algodão branco e um barrete de folhos a condizer para a Julieta. O rei ficou satisfeito, por isso o duque puxou do livro e recitou algumas partes com uma enorme exaltação, pavoneando-se e gesticulando ao mesmo tempo para

mostrar como se fazia; depois deu o livro ao rei e mandou-o aprender de cor as suas deixas.

Havia uma terriola minúscula umas três milhas abaixo da curva do rio, e depois do jantar o duque disse que tinha concebido uma maneira de nos podermos mostrar de dia sem pôr o Jim em perigo, por isso disse que ia à terra no dia seguinte para preparar a coisa. O rei disse que ia também, para ver se arranjava alguma coisa interessante. Tinha-se-nos acabado o café, por isso o Jim disse que era melhor eu ir com eles na canoa para arranjar algum.

Quando lá chegámos não se via viva alma, as ruas vazias, tudo completamente morto e silencioso, como se fosse domingo. Encontrámos um preto doente a apanhar sol num pátio, e ele disse que todos os que não eram demasiado novos, demasiado doentes ou demasiado velhos tinham ido a uma reunião da igreja, a duas milhas dali, na floresta. O rei pediu as indicações de como lá chegar e disse que achava que lá ia para ver o que se conseguia arranjar. Eu pensei que talvez fosse com ele.

O duque disse que andava à procura de uma casa de impressão. Encontrámos uma, uma loja pequena por cima de uma carpintaria. Os carpinteiros e os impressores tinham todos ido à reunião sem trancar as portas. Era um sítio sujo, cheio de lixo, e havia manchas de tinta e cartazes com fotografias de cavalos e de escravos desaparecidos a cobrir as paredes todas. O duque tirou o casaco e disse que já tinha tudo aquilo de que precisava, por isso eu e o rei fomos para a reunião da igreja.

Chegámos lá daí a mais ou menos meia hora, encharcados, pois estava um dia terrivelmente quente. Estavam lá umas mil pessoas, vindas de toda a parte num raio de vinte milhas. A floresta estava cheia de carroças e de cavalos presos a todas as árvores, comendo das caixas dos atrelados, e batendo com os cascos para afastar as moscas. Havia barracas feitas de estacas com telhados de ramos em que vendiam limonada, bolo de gengibre, pilhas de melancias, milho verde e outras coisas desse estilo.

Os pregadores estavam em barracas parecidas, mas maiores e cheias de gente. Os bancos eram feitos de tábuas e de troncos ainda cobertos de casca, em cuja parte arredondada tinham feito uns buracos nos quais encaixavam os paus que serviam de pernas. Não tinham apoio para as costas. As mulheres traziam na

cabeça chapéus contra o sol, e algumas estavam vestidas de mistura de linho e lã, outras de holanda, outras, mais novas, de algodão. Alguns dos homens mais novos estavam descalços; havia crianças que só traziam no corpo uma camisa de tela grosseira. Algumas velhotas tricotavam, e entre a gente mais nova havia quem namoriscasse às escondidas.



«NAMORISCANDO ÀS ESCONDIDAS.»

Na primeira barraca a que fomos, o pregador estava a começar um cântico. Disse dois versos, que todos cantaram, e era quase glorioso de ouvir, eram imensos e cantavam com um tal entusiasmo! A seguir o pregador deu-lhes mais dois versos para cantar, e assim por diante. As pessoas foram-se animando cada vez mais, e cantavam sempre mais alto; até que para o fim alguns começaram a gemer e outros começaram a gritar. Depois o pregador começou a pregar, com ardor, andando de um lado para o outro do estrado, inclinando-se para o público, com os braços e o corpo inteiro sempre a agitarem-se, berrando as palavras com uma força estupenda, e de vez em quando abria a Bíblia e brandia-a pelos ares, gritando: «É a serpente dourada do deserto! Olhai-a e vivei!», e as pessoas gritavam: «Glória! Á-a-men!», e ele continuava, e as pessoas gemiam e diziam «ámen».

— Oh, vinde ao banco das lamentações! Vinde, vós que estais negros de pecado! (*Ámen!*) Vinde, doentes e moribundos! (*Ámen!*) Vinde, coxos, aleijados

e cegos! (*Ámen!*) Vinde, pobres e necessitados, vós que estais cobertos de vergonha! (*Á-a-men!*) Vinde, todos vós que sofreis, que estais cansados e impuros! Vinde com a alma em contrição! Vinde com os vossos farrapos, o vosso pecado, a vossa sujidade! As águas que limpam são de todos e as portas do céu estão abertas: oh, entrai e descansai! (*Á-a-men! Glória, glória, aleluia!*)

E assim por diante. Os choros e gritos eram tantos que já não se percebia nada do que o pregador dizia. Levantavam-se pessoas de todos os lados e faziam o caminho até ao banco das lamentações à custa de empurrões e de força bruta, com lágrimas a escorrerem-lhes pela cara; e quando todos tinham chegado aos bancos da frente, numa multidão, cantaram e gritaram e atiraram-se ao chão, loucos e desvairados.

Bem, quando dei por mim, vi que o rei se tinha juntado a eles, e ouvia-se a sua voz por cima das outras, e num instante tinha-se atirado para o estrado; o pregador suplicava-lhe que falasse às pessoas, e ele assim fez. Disse-lhes que era um pirata; que tinha sido pirata no oceano Índico durante trinta anos, e que a sua equipagem tinha ficado consideravelmente reduzida num combate na primavera anterior, e que por isso ele tinha voltado a casa para arrebanhar homens novos, mas que graças a Deus tinha sido assaltado na noite anterior e despejado de um vapor sem um único cêntimo, e que estava feliz por isso; era a coisa mais abençoada que alguma vez lhe tinha acontecido, porque agora ele era um homem novo, feliz pela primeira vez na sua vida, e, pobre como era, ia pôr-se já a trabalhar para poder regressar ao oceano Índico e passar o resto da sua vida a tentar pôr piratas no bom caminho, pois podia fazê-lo melhor do que qualquer outra pessoa, ele que conhecia todas as equipagens de barcos piratas nesse mar e, apesar de ter certamente de juntar dinheiro durante muito tempo até poder regressar, havia de lá chegar, e sempre que convencesse um pirata dir-lhe-ia: «Não me agradeças a mim, não fui eu que te salvei, foram as nobres pessoas da reunião da igreja de Pokeville, irmãos naturais e benfeitores da sua raça, e o seu nobre pregador, o amigo mais sincero que um pirata pode ter!»



«PIRATA DURANTE TRINTA ANOS.»

E desfez-se em lágrimas, assim como toda a assistência. Depois alguém bradou: «Recolham dinheiro para ele!», e meia dúzia de pessoas precipitaram-se para o fazer, mas alguém disse: «Deixem que *ele* passe o chapéu de mão em mão!», e todos o repetiram, incluindo o pregador.

Por isso o rei percorreu toda a multidão a secar os olhos com o chapéu enquanto abençoava, elogiava e agradecia às pessoas por serem tão boas para os pobres piratas que viviam lá tão longe; e a cada instante lindas raparigas, com lágrimas a escorrer pela cara, levantavam-se e perguntavam-lhe se podiam dar-lhe um beijo para se lembrarem dele, e ele aceitava sempre; algumas delas ele chegou a beijar e a abraçar umas dez ou doze vezes — e foi convidado a ficar uma semana, e todos queriam que ele fosse viver para casa deles, e diziam que seria para eles uma honra, mas ele dizia que, como este era o último dia da reunião, estava ansioso por regressar imediatamente ao oceano Índico para ir ajudar os piratas.

Quando regressámos à jangada, ele contou o dinheiro e descobriu que tinha recolhido oitenta e sete dólares e setenta e cinco centimos. E também tinha trazido um garrafão de *whisky* de três galões, que tinha encontrado na floresta, debaixo de uma carroça, quando estávamos a caminho de casa. O rei disse que era o melhor dia que tinha tido desde que começara a fazer de missionário.

Disse que, diga-se o que se disser, comparados com piratas, os pagãos não rendem nada numa reunião religiosa.

Até o rei aparecer, o duque achava que se tinha saído bastante bem, mas isso não durou muito. Ele tinha preparado e impresso dois cartazes para donos de quintas (para vender cavalos) e recebera por eles quatro dólares. E também tinha ganhado dez dólares de publicidade para o jornal, dizendo que poupavam quatro dólares se pagassem adiantado, o que os convenceu. O preço do jornal era de dois dólares por ano, mas ele vendeu três assinaturas a só meio dólar cada, desde que fosse pago na altura. Eles quiseram pagar em madeira e cebolas, como de costume, mas ele disse que tinha acabado de comprar a loja e que tinha baixado os preços o máximo que pudera para conseguir liquidez. Também tinha escrito um poema, pequeno, de três versos, assim meio bonitos e tristes, que lhe apareceram sem mais nem menos na cabeça. Chamava-se: «Sim, mundo cruel, esmaga este coração sombrio», e ele deixou-o todo pronto a ser impresso, de graça. No total tinha feito nove dólares e meio, e disse que tinha ganho bem o dia.

Depois mostrou-nos outro cartaz que tinha feito de borla, pois era para nós. Tinha uma fotografia de um preto em fuga com uma trouxa num pau por cima do ombro e dizia «200 dólares de recompensa» por baixo. O texto era todo sobre o Jim; descrevia-o até ao último pormenor. Dizia que tinha fugido da plantação de St. Jacques, quarenta milhas a sul de Nova Orleães, no inverno anterior; que era provável que tivesse ido para norte, e que quem quer que o apanhasse e o mandasse de volta receberia as despesas e a recompensa.



OUTRO CARTAZ.

— Agora — disse o duque —, depois desta noite vamos poder passar a mostrar-nos de dia sempre que quisermos. Sempre que virmos alguém vir na nossa direção podemos atar as mãos e os pés do Jim com uma corda e enfiá-lo na tenda e mostrar este papel e dizer que o capturámos mais a norte no rio e que como não tínhamos dinheiro para viajar de vapor pedimos esta jangada emprestada a um amigo e estamos a caminho do Sul para ir buscar a recompensa. Umas algemas e umas correntes ainda ficavam melhor no Jim, mas não iam condizer muito bem com essa história de sermos pobres: era como pôr-lhe joias. O que nós precisamos é de cordas: temos de observar as unidades, como se diz no teatro.

Todos dissemos que o duque era esperto e que de certeza que assim não teríamos problemas. Pensámos que nessa noite conseguiríamos afastar-nos o suficiente da confusão que os trabalhos do duque na casa de impressão iam causar naquela cidade, e que a partir daí ia ser sempre a andar.

Ficámos escondidos até às dez horas; depois lá fomos a deslizar, bastante afastados da cidade, e não içámos a candeia até ela estar completamente fora de vista.

Quando o Jim me chamou para o meu turno, às quatro da manhã, disse:

— Huck, achas quê vamos encontrar mais reis durante êsta viagem?

— Não — disse eu —, acho que não.

— Bem — disse ele —, ainda bem. Eu posso com um ou dois reis, mas mais quê isso não. Este istá completamente bêbado, e o duque não istá muito melhor.

Descobri que o Jim tinha andado a pedir-lhe que falasse francês, para ouvir como era, mas que ele tinha dito que já tinha estado neste país tantos anos, e tido tantos problemas, que se tinha esquecido.

Capítulo XXI

O Sol já se tinha levantado, mas nós seguimos em frente em vez de amarrarmos a jangada. Passado um bocado, o rei e o duque saíram cá para fora com um ar bastante enferrujado, mas pareceram bastante mais esprevidados depois de terem dado um mergulho. Depois do pequeno-almoço, o rei sentou-se num canto da jangada, enrolou os calções para cima, tirou as botas e deixou as pernas baloiçar na água, para se pôr confortável; depois acendeu o cachimbo e pôs-se a aprender o *Romeu e Julieta* de cor. Quando já o sabia bastante bem, ele e o duque puseram-se a ensaiar juntos. O duque teve de o ensinar vezes sem conta a dizer cada fala; punha-o a suspirar, dizia-lhe que poisasse a mão no coração, e passado um bocado ele já estava a sair-se bastante bem.



A ENSAIAR.

— Mas — dizia o duque — não podes berrar «*Romeu!*» dessa maneira, como um touro; tens de o dizer com um ar doce e lânguido, «R-o-o-me-u!», a ideia é essa; a Julieta é uma jovem delicada, percebes, não urra como uma besta.

Depois arranjaram um par de espadas compridas, que o duque fez com umas ripas de carvalho, e puseram-se a ensaiar o duelo — o duque chamava a si próprio Ricardo III, e era impressionante ver as danças e pulos que eles davam pela jangada. Mas, passado pouco tempo, o rei tropeçou e caiu borda fora, e depois eles descansaram um bocado e conversaram sobre as aventuras que já tinham tido no rio.

Depois do jantar, o duque disse:

— Olha lá, Capet, queremos que este espetáculo seja uma coisa de primeira categoria, por isso acho que vamos juntar-lhe mais alguma coisa. Pelo menos preparar alguma coisa para os *encores*.

— O qu'ê que são oncores, Bilgewater?

O duque explicou-lhe, e disse:

— Bem, eu posso fazer uma dança escocesa ou de marinheiros, e tu... deixa cá ver... Ah! Já sei: podes fazer o solilóquio do Hamlet.

— O quantas?

— O solilóquio do Hamlet, sabes, a coisa mais célebre que Shakespeare escreveu. Ah, é sublime, sublime! Conquista sempre o público. Não o tenho aqui no livro, só tenho o primeiro volume. Mas acho que o sei de memória. Vou andar um bocadinho para ver se consigo extraí-lo dos calabouços da memória.

Por isso pôs-se a andar de um lado para o outro, a pensar, franzindo o sobrolho de uma maneira horrível de vez em quando; a seguir erguia as sobrancelhas; ou encostava à testa o punho cerrado e cambaleava para trás soltando uma espécie de gemido; depois suspirava; a seguir fingia verter uma lágrima. Vê-lo era um encanto. Aos poucos lá conseguiu lembrar-se, e disse-nos que prestássemos atenção. Depois pôs-se numa atitude de grande nobreza, com uma perna para a frente, os braços esticados, a cabeça inclinada para trás, olhando para o céu, e começou a ranger os dentes, a gritar, a delirar; depois disso, durante todo o discurso, uivava, esticava-se, inchava o peito; enfim, bateu qualquer ator que *eu* alguma vez tivesse visto. Aqui está o discurso — eu aprendi-o enquanto ele o ensinava ao rei, foi fácil:



SOLILÓQUIO DO HAMLET.

*Ser ou não ser, tal é o punhal
De ponta afiada e inclemente
Que faz desta vida uma tal calamidade!
Pois quem tais fardos suportaria, até que chegasse Birnam Wood a Dunsinane,
Senão porque o medo de algo depois da morte
Se apodera sem piedade do sono inocente.
E assim nos deixamos dardejar pelas flechas da fortuna ultrajante,
Em vez de voar para o que não conhecemos.
É esse o respeito, é isso que nos obriga a refletir:
Acordai Duncan com as vossas pancadas!
Pois quem suportaria as chicotadas e o escárnio do tempo,
As injustiças do opressor, as afrontas dos orgulhosos,
As demoras da lei e as torturas que interrompem a quietude
Na desolação da noite, quando bocejam os cemitérios
Nos seus eternos trajos de luto.
Senão porque esse país desconhecido de cujos campos nenhum viajante retornou
Excita com os seus vapores fétidos a nossa aversão
E assim as cores nascentes da resolução, como o gato do adágio,*

*Encolhem-se perante as frias águas,
E escurecendo as nuvens nesse momento
Por via desta perspectiva mudam de sentido,
E saem do reino da ação.
Ó matrimónio que desejo ardentemente!
Mas pobre de ti, minha bela Ofélia:
Não abras agora as tuas ponderosas mandíbulas etéreas,
Mas entrega-te, antes, a um convento — vai!*

Bem, o velho gostou deste discurso, e em pouco tempo aprendeu a dizê-lo como ninguém. Parecia que tinha nascido para aquilo, e quando se entusiasmava era verdadeiramente maravilhosa a maneira que tinha de se atirar de um lado para o outro e de fazer uma espécie de cangocha nos pontos mais altos.

Assim que pôde, o duque imprimiu cartazes para o espetáculo; depois disso, durante dois ou três dias, enquanto íamos flutuando pelo rio fora, a jangada tornou-se um lugar extraordinariamente animado, pois não havia senão duelos e ensaios — como o duque dizia — o tempo todo. Certa manhã, no meio do Arkansas, avistámos uma terriola numa grande curva do rio, por isso amarrámos a jangada três quartos de milha acima dela, na foz de um regato escondido sob um túnel de ciprestes. Deixámos lá o Jim e fomos na canoa até à terra para ver se ia ser possível montar lá o nosso espetáculo.

Tivemos imensa sorte: ia haver um circo lá nessa mesma tarde e já havia pessoas a chegar de outros sítios para o ver, em toda a casta de carroças desengonçadas e a cavalo. O circo ia-se embora antes dessa noite, por isso o nosso espetáculo tinha uma boa oportunidade. O duque alugou o tribunal e fomos pendurar cartazes por toda a parte. Diziam assim:

Festival Shakespeariano!
Formidável Atração!
Por uma só noite!
Os atores mundialmente reputados
David Garrick Júnior, do Teatro de Drury Lane de Londres,

e
Edmund Kean Sênior, do Teatro Real de Haymarket,
Whitechapel, Pudding Lane, Piccadilly, Londres e dos Teatros Reais do
Continente,
No seu sublime espetáculo Shakespeariano intitulado
A Cena da Varanda
de
Romeu e Julieta!!!
Romeu Mr. Garrick
Julieta Mr. Kean
Assistidos por toda a companhia!
Novos figurinos, novas cenas, novos atores!
E ainda:
O inquietante, magistral e arrebatador duelo
de *Ricardo III!!!*
Ricardo III Mr. Garrick
Richmond Mr. Kean
E ainda:
(por especial pedido)
O Imortal Solilóquio de Hamlet
Pelo ilustre Kean!
300 noites consecutivas em Paris!
Por Uma Só Noite,
Devido a obrigações imperativas na Europa!
Entrada: 25 cêntimos; Crianças e criados: 10 cêntimos.

Depois fomos dar uma volta pela cidade. As casas e as lojas eram quase todas velhos barracões ressequidos que nunca tinham sido pintados; eram construídos dois ou três pés acima do nível do chão para não estarem ao alcance da água quando o rio transbordava. À volta das casas havia canteiros, mas não parecia crescer lá nada a não ser ervas daninhas, girassóis, pilhas de cinzas, velhas botas e sapatos engelhados, cacos de garrafas, trapos e latas enferrujadas. As vedações eram feitas de tábuas desirmanadas, pregadas em

sítios diferentes, cada uma inclinada para seu lado; a maior parte só tinha um gonzo na porta, feito de couro. Via-se que algumas das vedações tinham sido caídas, mas o duque dizia que, pelo ar delas, devia ter sido no tempo do Cristóvão Colombo. Em quase todos os jardins havia porcos e pessoas a mandá-los embora.

Todas as lojas ficavam na mesma rua. À frente todas tinham toldos brancos, feitos à mão, e as pessoas do campo prendiam os cavalos aos postes dos toldos. Debaixo dos toldos havia caixotes de legumes secos vazios, e tipos que não faziam nada a dormir lá dentro o dia todo, afiando as navalhas, mascando tabaco, bocejando e espreguiçando-se — um verdadeiro bando de inúteis. A maior parte usava chapéus de palha amarelos quase tão largos como sombrinhas, mas não vestiam casacos nem coletes. Chamavam-se Bill, Buck, Hank, Joe e Andy, e falavam com uma voz preguiçosa e arrastada, e praguejavam muitas vezes. Havia pelo menos um tipo encostado a cada um dos postes, sempre de mãos nos bolsos dos calções, a não ser quando as tirava de lá para emprestar um pedaço de tabaco ou para se coçar. Entre eles o que se ouvia era isto:

— Dá-me um bocado de tabaco, Hank.

— Na posso, já só tenho um. Pede ao Bill.



«DÁ-ME UM BOCADO.»

Ou o Bill lhe dá um bocado ou mente e diz-lhe que já não tem nenhum. Alguns destes tipos nunca têm um chavo nem um bocado de tabaco que lhes pertença; tudo o que mascam é emprestado; dizem assim: «Por favor, empresta-me um bocado, Jack, acabei agora mesmo de dar o meu último ao Ben Thompson» — o que é quase sempre mentira; só um estranho é que se deixa enganar — mas o Jack não é um estranho e diz:

— *Tu* deste-lhe um bocado, foi? Tu e a avó do gato da tua irmã. Quando me devolveres o que já te emprestei, Lafe Buckner, eu empresto-te uma ou duas toneladas dele, à confiança.

— Mas eu já te *paguei* um tanto no outro dia.

— Sim, pois foi — uns seis bocados. Levas tabaco de loja e devolves tabaco de preto.

O tabaco das lojas vende-se em barras pretas e lisas, mas muitos destes tipos mascam a própria folha, amachucada. Quando pedem um bocado emprestado não costumam cortá-lo com uma faca; em vez disso entalam a barra entre os dentes, cerrando os dentes e puxando pela barra até que ela se parta; às vezes,

depois disto o dono do tabaco olha para ele com um ar condoído, quando lhe é devolvido, e diz sarcasticamente:

— Mais valia dares-me o *bocado* e ficares tu com a *barra*!

Todas as ruas e ruelas eram de lama; não eram *senão* lama — uma lama preta como alcatrão, que em certos sítios chegava a ter um pé de profundidade, e que *nunca* tinha menos do que duas ou três polegadas. Os porcos espojavam-se e grunhiam por toda a parte. Via-se uma porca enlameada, seguida por uma ninhada de leitões, bamboleando-se pela rua abaixo para se vir rebolar mesmo no meio do caminho, onde as pessoas tinham de a contornar para passar; estendia-se, fechava os olhos e abanava as orelhas enquanto os leitões mamavam, com um ar tão satisfeito como se lhe estivessem a pagar para fazer aquilo. Mas daí a pouco ouvia-se um dos tipos chamar: «Vai-te a ela, kss kss!», e a porca fugia, guinchando horivelmente com um ou dois cães pendurados a cada orelha e mais três ou quatro dúzias atrás dela; então via-se os tipos das lojas levantarem-se para a ver fugir para longe, rindo-se da distração e parecendo gratos pelo barulho. Depois voltavam aos seus lugares até que houvesse uma luta de cães. Não havia nada que os pudesse acordar tão completamente nem fazer tão completamente felizes como uma luta de cães — tirando talvez encharcar um cão vadio em terebintina e pegar-lhe fogo, ou atar-lhe uma panela de lata à cauda e ficar a vê-lo correr até cair morto.

À beira-rio havia casas que ultrapassavam o fim da margem e estavam todas inclinadas e prontas a desabar lá para dentro. Quem lá vivia tinha-se mudado. Noutras casas a terra tinha-se desmoronado debaixo de um dos cantos, e esse canto tinha ficado suspenso. Ainda havia quem lá vivesse, mas era perigoso, porque de vez em quando desmorona-se de uma só vez uma faixa de terra da largura de uma casa inteira. Às vezes uma cintura de terra com um quarto de milha de profundidade começa a desmoronar-se aos poucos, cada vez mais, até que acaba por desaparecer tudo num só verão. Uma aldeia como esta tem de estar sempre a recuar, mais e mais e mais, porque o rio está sempre a tentar abocanhá-la.

Quanto mais nos aproximávamos do meio-dia nesse dia, mais as ruas se enchiam de carroças e de cavalos, e havia sempre novos a chegar. As famílias do

campo traziam consigo almoços e comiam-nos nas carroças. Havia bastante gente a beber *whisky*, e eu vi três rixas. Passado um bocado alguém gritou:

— Lá vem o velho Boggs! De volta do campo para a sua bebedeira mensal! Cá vem ele, rapazes!

Todos os tipos preguiçosos pareceram felizes; pensei que deviam ter o hábito de troçar do Boggs. Um deles disse assim:

— Gostava de saber quem é que ele vai matar desta vez. S'ele tivesse matado todos os que ameaçou nos últimos vinte anos, a esta hora já era um homem famoso.

E outro disse: «Eu cá gostava que o velho Boggs me ameaçasse hoje, assim tinha a certeza de viver mais uns mil anos.»

O Boggs lá vem a grande velocidade em cima do cavalo, ululando como um índio e gritando:

— Saíam do caminho, vocês aí. Estou a caminho da guerra e sinto que vai aumentar o preço dos caixões.

Estava bêbado, oscilando de um lado para o outro na sela; tinha mais de cinquenta anos e uma cara muito vermelha. Todos lhe gritavam e se riam dele e o provocavam, e ele pagava-lhes na mesma moeda, e dizia que lhes ia tratar da saúde a todos, cada um na sua vez, mas que hoje estava com pressa porque tinha vindo à cidade para matar o velho coronel Sherburn: «A carne primeiro e a sopa depois, é o meu lema.»

Viu-me, cavalgou até mim, e disse:

— De onde é que vens, rapaz? Estás pronto para morrer?

Depois continuou em frente. Eu estava assustado, mas um homem disse-me:

— Ele não sabe o que diz, passa a vida nisto quando está bêbado. É o imbecil mais bondoso do Arkansas — nunca magoou ninguém, bêbado ou sóbrio.

O Boggs cavalgou até à maior loja da cidade, baixou a cabeça para espreitar para debaixo do toldo e gritou:

— Anda cá, Sherburn! Anda cá, vem-te haver com o homem que aldrabaste! É de ti que eu ando à procura, espécie de cão, e hei de te tratar da saúde!

E assim continuou, chamando ao Sherburn todos os nomes que lhe saíam de baixo da língua — a rua estava apinhada de gente que ouvia e se ria. Passado

um bocado, um homem de uns cinquenta e cinco anos, com um ar orgulhoso, e de longe o mais bem vestido da cidade, saiu de dentro da loja, e a multidão abriu-se dos seus lados para o deixar passar. Com uma grande calma, muito devagar, disse ao Boggs:

— Estou farto disto, mas vou aguentar até à uma da tarde. Até à uma, e nem mais um minuto. Se voltares a abrir a boca contra mim uma vez que seja depois dessa altura, hei de te encontrar por muito longe que fujas.



A BEBEDEIRA MENSAL.

Depois fez meia-volta e foi-se embora. A multidão estava terrivelmente séria, ninguém se mexia e não se ouviam risos. O Boggs cavalcou para longe injuriando o Sherburn tão alto quanto conseguia, pela rua fora, e passado pouco tempo voltou e parou à frente da loja, ainda aos berros. Alguns homens acercaram-se dele e tentaram fazer com que ele calasse a boca, mas ele não se deixou convencer; disseram-lhe que faltava um quarto de hora para a uma, e que portanto ele *tinha* de ir já para casa, nesse instante. Mas tudo caía em orelhas moucas. Ele continuou a praguejar a plenos pulmões, atirou o chapéu para a lama e espezinhou-o com o cavalo, e daí a nada foi-se outra vez a espumar pela rua fora, com o cabelo grisalho ao vento. Todos os que tinham força tentavam arrancá-lo do cavalo para o poderem trancar nalgum sítio até ficar sóbrio, mas sem sucesso — ele punha-se a galopar pela rua acima outra vez, para amaldiçoar o Sherburn mais um bocado. Algum tempo depois alguém disse:

— Vão buscar a filha dele! Depressa, a filha dele, às vezes ele dá-lhe ouvidos. Se há alguém capaz de o convencer, é ela.

Por isso alguém desatou numa correria. Eu desci um bocado da rua e parei. Daí a dez ou quinze minutos lá veio de novo o Boggs, mas não estava montado. Vinha a cambalear pela rua, na minha direção, de cabeça destapada, com um amigo de cada lado a segurá-lo pelos braços e a puxá-lo para andar mais depressa. Estava calado, parecia pouco à vontade, e não estava a arrastar-se, mas sim a tentar despachar-se. Alguém chamou:

— Boggs!

Olhei para lá à procura da pessoa que o chamava e vi o Coronel Sherburn. Estava de pé, imóvel na rua, e tinha uma pistola levantada na mão direita — não estava a fazer pontaria, mas apenas a segurá-la com o cano apontado para o céu. No mesmo instante vi uma rapariga nova que vinha a correr, e dois homens com ela. Boggs e os homens viraram-se para ver quem o tinha chamado e, quando viram a pistola, os homens afastaram-se de um pulo para o lado, e a mira da pistola foi descendo lenta e certamente até ao seu nível — com os dois canos desarmados. O Boggs levantou ambas as mãos e disse: «Meu Deus, não dispare!» BANG!, lá vai o primeiro tiro, e ele cambaleia para trás, tentando agarrar-se ao ar — BANG!, lá vai o segundo, e ele aterra de costas no chão, maciço e pesado, de braços abertos. A rapariga nova soltou um grito e veio a correr, e deixou-se cair sobre o seu pai, chorando e dizendo: «Ele matou-o, matou-o!» A multidão fechou-se sobre eles, com encontrões e cotoveladas, de pescoço esticado para tentar ver, e as pessoas de dentro tentando empurrá-los para trás e berrando: «Para trás! Para trás! Deem-lhe ar, deem-lhe ar!» O Coronel Sherburn atirou a pistola para o chão, rodou sobre os calcanhares e foi-se embora.

Levaram o Boggs para uma pequena farmácia, com a multidão a empurrar exatamente como antes, e toda a cidade atrás dele, e eu despachei-me e arranjei um bom lugar à janela, onde estava perto dele e conseguia ver lá para dentro. Estenderam-no no chão e puseram-lhe uma Bíblia grossa debaixo da cabeça, depois abriram outra e poisaram-lha no peito, mas primeiro rasgaram-lhe uma abertura na camisa, e eu vi onde tinha entrado uma das balas. Ele deu mais ou menos doze longos suspiros, com o peito a empurrar a Bíblia para cima cada

vez que ele inspirava, e cedendo outra vez quando ele expirava — depois disso ficou quieto; estava morto. Então puxaram a filha para longe dele, entre lágrimas e gritos, e levaram-na embora. Tinha uns dezasseis anos, e um ar muito doce e amável, mas estava terrivelmente pálida e assustada.



A MORTE DO BOGGS.

Bem, daí a nada estava lá a cidade inteira, engalfinhando-se, atropelando-se, empurrando-se e puxando-se para chegar até à janela e dar uma olhadela, mas as pessoas que tinham esses lugares não queriam sair de lá, e os que estavam por trás não paravam de dizer: «Olha lá, já não viste que chegou? Não vês que na 'tá certo e que né justo 'tares aí o tempo todo e na deixares os outros ver? Olha ca gente temos os mesmos direitos que tu.»

Não faltava quem quisesse responder-lhes, de maneira que me fui embora com medo de que houvesse uma briga. As ruas estavam cheias e as pessoas estavam muito agitadas. Todos os que tinham visto o tiroteio estavam a contar como se tinha passado, e à volta de cada uma dessas pessoas reunia-se uma grande multidão de gente de pescoço esticado a ouvir. Um homem alto e magro de cabelo comprido com um chapéu de pele branca na nuca, e uma bengala curva, marcou no chão os sítios em que tinham estado o Sherburn e o Boggs, e as pessoas seguiam-no de um lado para o outro e prestavam atenção a

tudo o que ele fazia, acenando com a cabeça para mostrar que percebiam, e inclinando-se um bocadinho com as mãos apoiadas nas coxas para o ver desenhar as marcas no chão com a bengala; depois ele pôs-se muito direito no sítio onde tinha estado o Sherburn, franzindo o sobrolho e baixando a aba do chapéu para os olhos, e chamou: «Boggs!»; depois baixou lentamente a bengala até ao nível, e disse «Bang!»; cambaleou para trás; disse «Bang!» outra vez; e aterrou de costas no chão. As pessoas que tinham visto a coisa diziam que ele tinha feito tudo na perfeição, que era exatamente assim que as coisas tinham acontecido. Depois, não menos do que uma dúzia de pessoas puxaram de garrafas e ofereceram-lhe de beber.

Bem, passado um bocado alguém disse que o Sherburn devia ser linchado. Dentro de um minuto toda a gente dizia o mesmo, e lá se foram, enraivecidos, aos berros, e arrancando todas as cordas de roupa por onde passavam para as usarem na forca.

Capítulo XXII

Foram até casa do Sherburn, como um enxame de abelhas, gritando e vociferando como índios, e tudo o que ficasse na sua passagem era atropelado e espezinhado até ficar feito em puré — era terrível de ver. Crianças aos gritos encabeçavam o cortejo, a galope, tentado afastar-se; todas as janelas pelo caminho estavam cheias de caras de mulheres; havia rapazes pretos em todas as árvores e pretos e pretas espreitando por trás de todas as vedações; assim que a multidão se aproximava deles, eles dispersavam e fugiam para mais longe. Muitas mulheres e crianças choravam e gemiam, meio mortas de medo.

Reuniram-se em frente à vedação do Sherburn tão amontoados quanto era possível, e o barulho era tal que uma pessoa nem se ouvia pensar. Era um patiozinho de vinte pés de comprimento. Alguns berravam: «Arranquem a vedação! Arranquem a vedação!» Depois ouviu-se o um estrondo e coisas a serem partidas e arrancadas, e lá se foi a vedação, e a primeira fila de pessoas começou a resvalar lá para dentro como uma onda.



O SHERBURN APARECEU.

Nesse mesmo instante, o Sherburn apareceu no telhado do seu pequeno alpendre, com uma espingarda de dois canos na mão, e ficou ali de pé, perfeitamente calmo e resoluto, sem dizer uma palavra. O barulho parou; a onda retraiu-se.

O Sherburn não disse uma palavra — apenas ficou ali parado, a olhar para baixo. O silêncio era verdadeiramente arrepiante e constrangedor. O Sherburn passeava devagar os olhos pela multidão, e todos aqueles em que se fixava tentavam fazê-lo desviar o olhar, mas não conseguiam, eles é que baixavam os olhos furtivamente. Daí a pouco tempo o Sherburn pareceu rir-se, não de uma forma agradável, mas com um daqueles sorrisos que fazem quem está a ver sentir-se como se estivesse a comer pão com areia lá dentro.

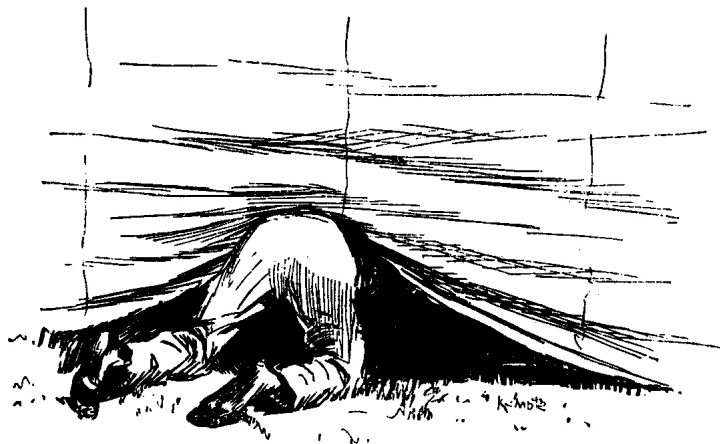
Depois disse, devagar e com desprezo:

— *Vocês* a linchar alguém? Tem piada. Pensar que vocês acharam que tinham tripas para linchar um *homem*! Porque têm coragem de rebolar em alcatrão e penas as pobres mulheres renegadas e sozinhas que aqui aparecem, pensaram que seriam capazes de tocar num *homem*? Ora, um *homem* está a salvo entre dez mil de vós, enquanto seja dia e não o apanhem pelas costas.

«Não vos conheço? Conheço-vos como a palma da minha mão. Nasci e fui criado no Sul, e vivi no Norte, por isso conheço a média da humanidade: a maior parte dos homens é covarde. No Norte deixam-se espezinhar pelo primeiro que aparecer, e depois vão para casa pedir a Deus um espírito humilde para suportar isso. No Sul um homem completamente sozinho parou um autocarro apinhado, em pleno dia, e levou todas as bolsas. Os vossos jornais repetem tantas vezes que este é um povo corajoso que vocês se acham o mais corajoso dos povos — quando, na verdade, são exatamente *iguais*, nem mais nem menos. Porque é que os vossos jurados não mandam os assassinos para a forca? Porque têm medo de que os amigos deles venham dar-vos um tiro nas costas, às escuras — e de facto é o que eles *fariam*.

«Por isso os júris ilibam toda a gente, e depois, à noite, vai um *homem*, seguido por cem cobardes mascarados, linchar o criminoso. O vosso primeiro erro foi que se esqueceram de trazer um homem convosco; o segundo foi que não vieram às escuras com as vossas máscaras. Trouxeram meio homem — ali o Buck Harkness — e se não o tivessem à cabeça teriam gastado o fôlego todo em conversa fiada.

«Vocês não queriam vir. O homem comum não gosta de perigos nem de confusões. *Vocês* não gostam de perigos nem de confusões. Mas basta que *meio* homem — assim como o Buck Harkness — grite «Linchem-no, linchem-no!» para que vocês fiquem com medo de que se descubra o que realmente são — *cobardes* — e por isso armam uma algazarra, agarram-se à cauda do casaco do vosso meio homem, e vêm como loucos para aqui a jurar que vão fazer coisas grandiosas. Não há nada mais desprezível do que multidões; é o que são os exércitos: não é a própria coragem que vos faz lutar, mas a coragem que devem ao seu número e aos seus oficiais. Mas uma multidão sem um único *homem* a liderá-la está abaixo do desprezo. Agora o que vos resta fazer é pôr o rabo entre as pernas e rastejarem juntos para casa. Se algum linchamento é para ser feito, há de ser feito às escuras, à moda do Sul, e os que vierem hão de trazer as suas máscaras, e um *homem*. Agora *vão* — e levem o vosso meio homem convosco.» E, enquanto dizia isto, desengatilhou a arma e apontou-a por cima do seu lado esquerdo.



ENTRAR À SOCAPA.

De repente a multidão vazou para longe, e depois dispersou-se e partiu em debandada em todas as direções, com o Buck Harkness a correr atrás dela, com um ar bastante acanhado. Eu podia ter ficado se me tivesse apetecido, mas não tive grande vontade.

Fui até ao circo e vagueei pelas traseiras até aparecer o guarda, então mergulhei para debaixo da tenda. Tinha os meus vinte dólares de ouro e mais algum dinheiro, mas achei melhor não o gastar, porque nunca se sabe quando é que vai vir a fazer falta, sobretudo quando se anda assim longe de casa, entre estranhos. O cuidado nunca é demasiado. Não sou contra a ideia de gastar dinheiro em circos quando não há outra solução, mas não serve de nada andar a *desperdiçá-lo*.

Era um circo e peras. Que coisa esplêndida vê-los entrar, montados, dois a dois, um senhor e uma senhora, ao lado um do outro, os homens só de ceroulas e camisola interior, sem sapatos nem estribos, de mãos pousadas nas coxas, perfeitamente à vontade — deviam ser uns vinte —, e todas as senhoras tinham belas compleições, eram em tudo perfeitas, pareciam mesmo um bando de rainhas altivas — vestidas com roupas que custam milhões de dólares, completamente carregadas de diamantes. Era uma coisa mesmo linda de se ver, nunca vi nada tão bonito. Depois, um a um, puseram-se de pé e foram passeando de um lado para o outro da arena, graciosos, flexíveis, delicados, os homens parecendo mais altos, mais leves e mais direitos do que nunca, a fazer pequenos movimentos com a cabeça, de olhos postos no teto da tenda,

enquanto os vestidos rosados de folhos das senhoras ondulavam levemente em torno das suas ancas, e elas pareciam as mais lindas sombrinhas do mundo.

Depois começaram a ir cada vez mais depressa, todos a dançar, primeiro levantavam um pé no ar e depois o outro, com os cavalos cada vez mais inclinados, e o patrão às voltas no meio, a dar estalidos com o chicote e a gritar «Ai! Ai!», com o palhaço a fazer graçolas atrás dele; e passado um bocado todas as mãos soltaram as rédeas, e todas as senhoras puseram as mãos nas ancas e todos os senhores cruzaram os braços, e como os cavalos se arqueavam! Então, um a seguir ao outro, deram o salto mais bonito que alguma vez vi e saíram a saltitar, enquanto toda a gente aplaudia, praticamente fora de si.

Bem, durante todo o espetáculo fizeram coisas extraordinárias, e durante todo o tempo aquele palhaço fazia tais e tantas que quase os ia matando. O patrão não o podia dizer nada sem que desse as respostas mais cómicas que alguma vez ouvi, num abrir e fechar de olhos — nem se percebia como era *possível* ele pensar em todas elas, assim tão de repente. Sim, porque eu não me teria lembrado de todas nem que tivesse tido um ano para pensar! Ao fim de um bocado, um homem bêbado tentou saltar para a arena, a dizer que queria montar, que sabia montar melhor do que ninguém. Eles puseram-se a discutir com ele e tentaram afastá-lo, mas ele não quis ouvir nada, e teve de se interromper o espetáculo. As pessoas começaram a berrar-lhe coisas e a fazer troça dele, e ele ficou furioso, e pôs-se a armar uma enorme zaragata — isto irritou as pessoas, que começaram a deixar os bancos e a agrupar-se junto à arena, a dizer: «Deem-lhe uma traulitada! Mandem-no lá pra fora!», até que uma ou duas mulheres começaram a gritar. Por isso, nessa altura o patrão teve de fazer um discurso, a dizer que esperava que não houvesse nenhum transtorno, e que se o homem promettesse que não armava mais confusões, e se achava que se aguentava em cima de um cavalo, podia montar. Então todos se riram e disseram que estava bem, e o homem montou o cavalo. Assim que ele se pôs lá em cima, o cavalo começou aos sacões e às puxadelas, a dar pinotes em todas as direções, com dois homens do circo a segurar-lhe no bridão para o tentar acalmar, e o bêbado abraçado ao pescoço do cavalo, com os pés a esvoaçar pelos ares cada vez que o cavalo dava um pulo, e toda a assistência de pé aos gritos e a rir até às lágrimas. Por fim, claro, apesar dos esforços dos

homens do circo, o cavalo soltou-se, e aí disparou com toda a força, dando voltas e mais voltas à arena, com aquele bebedolas pendurado ao pescoço, e ia ora uma perna ora outra praticamente a arrastar pelo chão, primeiro de um lado, depois do outro, e as pessoas a delirar. Mas para mim aquilo não teve piada; estava todo a tremer só de ver o perigo que ele corria. Só que, daí a pouco, ele lá se içou para cima da sela e agarrou no bridão, ainda a oscilar de um lado para o outro, e no minuto seguinte alçou-se, deixou cair as rédeas, e ficou de pé em cima do cavalo! E com o cavalo numa correria infernal, ainda por cima. Ele ficou de pé, a navegar por ali com o à-vontade de quem nunca bebeu um copo na vida, e depois começou a arrancar a roupa e a atirá-la, tão depressa que enchia os ares; ao todo despiu dezassete fatos. Quando acabou, lá estava ele, magro e elegante, vestido das cores mais garridas e bonitas que alguma vez se viram, e pôs-se a dar chicotadas ao cavalo para o fazer andar ainda mais depressa, até que por fim saltou para o chão, fez uma vénia, e foi-se a dançar para o vestiário, com toda a gente a uivar de prazer e de espanto.



ELE DESPIU DEZASSETTE FATOS.

Então o patrão percebeu como tinha sido enganado, e acho que nunca vi ninguém tão maldisposto! Pudera, era um dos seus homens! Tinha inventado aquela graça sozinho, sem nunca dizer nada a ninguém. Bem, eu fiquei bastante envergonhado por ter caído, por isso nem quero imaginar como se

deve ter sentido o patrão — não tinha trocado de lugar com ele nem que me pagassem mil dólares. Não sei, talvez haja circos mais espetaculares do que este, mas eu ainda não vi nenhum. Enfim, para *mim* foi mais do que suficiente, e se o tornar a encontrar podem ter a certeza de que não vou fazer-me rogado.

Bem, nessa noite tivemos o nosso espetáculo, mas só lá estavam doze pessoas — chegou resvês para cobrir as despesas. Passaram o tempo todo a rir-se, o que enfureceu o duque, e de qualquer maneira foram-se todos embora antes do fim, a não ser um rapaz que tinha adormecido. Por isso o duque disse que estes tacanhos do Arkansas não mereciam Shakespeare; que o que eles queriam era comédia de baixo nível — talvez algo ainda pior do que comédia de baixo nível, achava ele. Disse que estava mesmo a ver qual era o estilo deles. Por isso na manhã seguinte arranjou grandes folhas de papel de embrulho e tinta preta e pintou uns cartazes à mão, que pendurou por toda a aldeia. Os cartazes diziam assim:

NA SALA DO TRIBUNAL!
POR TRÊS NOITES APENAS!
Os atores mundialmente conhecidos
DAVID GARRICK JÚNIOR
E
EDMUND KEAN SÊNIOR
Do Teatro de Londres e do Teatro Continental
Apresentam a empolgante tragédia
A GIRAFA DO REI
OU
A REALEZA SEM IGUAL
Entrada: 50 cêntimos

Depois, por baixo, estava a linha mais grossa de todas, que dizia:

NÃO SÃO ADMITIDAS SENHORAS NEM CRIANÇAS.

— Cá está — disse ele —, ou eu não conheço o Arkansas ou isto há de fazê-los aparecer!

Capítulo XXIII

Bem, o rei trabalhou sem parar o dia todo, a montar um palco, uma cortina e uma fileira de velas a fazer de luzes de cena, e nessa noite a casa ficou a abarrotar de homens num abrir e fechar de olhos. Quando já não cabia nem mais uma pessoa, o duque saiu da bilheteira, foi pelas traseiras até ao palco, e fez um pequeno discurso, elogiou aquela tragédia, disse que era a coisa mais empolgante que alguma vez tinha sido escrita, e continuou a gabar a tragédia e o Edmund Sénior, que tinha o papel principal, até que, por fim, quando já todos estavam em grande expectativa, ele abriu a cortina, e no instante seguinte entrou o rei a arrastar-se de gatas, nu, pintado e rabiscado de todas as cores, esplêndido como um arco-íris. E — nem vou falar do resto dos atavios dele — aquilo foi uma alarvice, mas teve imensa piada. As pessoas riam-se como perdidas, e quando o rei acabou o seu bailarico e foi a saltitar para os bastidores, eles aplaudiram, bramiram e estrondearam até ele voltar e repetir o número; e a seguir ainda o fizeram voltar mais uma vez. A verdade é que as cabriolas daquele idiota até teriam feito rir uma vaca.



TRAGÉDIA.

Depois o duque baixou a cortina, fez uma vénia, e disse que as representações da grande tragédia só continuavam por mais duas noites, por causa de compromissos urgentes em Londres, onde já estava esgotado o Teatro de Drury Lane; a seguir fez outra vénia e disse que, caso o espetáculo tivesse satisfeito as expectativas do público, ficaria muito agradecido se falassem dele aos amigos e lhes dissessem para o vir ver.

Vinte pessoas gritaram: «O quê? Já acabou? É só *isto*?»

O duque disse que sim. Depois é que foi bonito. Puseram-se todos a gritar: «Gatunos!», e levantaram-se em fúria, a atirar-se ao palco e aos atores. Mas um homem grande, com bom aspeto, saltou para cima de um banco e gritou:

— Calma! Só uma palavra, meus senhores — eles pararam à escuta. — Fomos enganados, e muito enganados. Mas parece-me não queremos ser a chacota desta cidade, e ouvir falar disto até à hora da nossa morte. *Não*. O que nos convém é sair daqui caladinhos, dizer bem deste espetáculo, e vendê-lo ao resto da cidade! Assim ficaremos todos no mesmo barco. É ou não é verdade? («Pois é! O juiz tem razão!», disseram todos.) Então muito bem — nem uma

palavra sobre aldrabices! Vão para casa e digam a toda a gente para vir ver a tragédia.

No dia seguinte só se ouvia falar de quão estupendo o espetáculo era. A casa ficou outra vez a abarrotar nessa noite, e aldrabámos aquela gente da mesma maneira. Quando eu, o rei e o duque fomos para a jangada, jantámos; passado um bocado, por volta da meia-noite, eles disseram-nos, a mim e ao Jim, para descermos o rio e escondermos a jangada uma ou duas milhas abaixo da cidade.

Na terceira noite, a casa estava outra vez a abarrotar — e desta vez não eram pessoas que vinham pela primeira vez, mas sim gente que já tinha visto o espetáculo nas noites anteriores. Eu fiquei de pé à porta, perto do duque, e reparei que todos os homens que vinham a entrar tinham os bolsos salientes, ou coisas escondidas por baixo do casaco — percebi que com certeza não eram doces. Cheirava a ovos e couves podres e a coisas dessas a milhas; e é tão certo como eu não ser cego que estavam naquela sala sessenta e quatro gatos mortos. Tentei misturar-me com o público, mas o fedor era demasiado intenso e não consegui ficar ali. Bem, quando já não cabia nem mais um homem na sala, o duque deu uns trocos a um homem para o substituir na bilheteira e enfiou-se pelas traseiras como quem vai subir para o palco mas, assim que dobrámos uma esquina e ficámos às escuras, ele disse-me:



DE BOLSOS SALIENTES.

— Vai a andar o mais depressa que consigas até já não haver casas e depois larga a correr para a jangada como se o Diabo viesse atrás de ti!

Fiz o que ele dizia, e ele fez o mesmo. Chegámos à jangada ao mesmo tempo, e em menos de dois segundos estávamos a vogar com a corrente, com tudo escuro e silencioso à nossa volta, dirigindo-nos para o meio do rio — ninguém disse uma palavra. Eu pensei que o pobre do rei devia estar metido numa confusão das boas, mas enganei-me: daí a pouco ele saiu de baixo da tenda e disse:

— Então, como é que correu o espetáculo desta vez, duque? — não tinha sequer ido à povoação.

Não acendemos luz nenhuma até estarmos a dez milhas da aldeia. Nessa altura fizemos lume e comemos o jantar, e o rei e o duque riram até lhes doerem os maxilares a pensar como tinham enrolado aquela gente toda. O duque disse:

— Que paspalhos, que imbecis! Eu já calculava que a primeira fornada ficasse caladinha e deixasse o resto da cidade ser enganada, e sabia que eles haviam de nos querer fazer pagar as favas na terceira noite, a achar que *agora* ia ser a vez deles. Pois, é *mesmo* a vez deles, e eu cá gostava de saber o que é que

estão a achar. Até *pagava* para ver como é que se estão a sair. Se lhes der para aí, podem transformar aquilo num piquenique — trouxeram provisões de sobra.

Aqueles patifes meteram ao bolso quatrocentos e sessenta e cinco dólares nas três noites. Nunca vi dinheiro às pazadas como naquele dia. Passado um bocado, quando eles estavam a dormir e a ressonar, o Jim disse:

— A ti não t'êspanta quê os reis sê portem assim, Huck?

— Não — disse eu —, não me espanta.

— E pôrquê, Huck?

— Ora, porque é uma coisa que lhes está no sangue. Cá pra mim são todos iguais.

— Mas, Huck, estês reis aqui são uns aldrabões com'outros quaisquer, mais nada! Iguaizinhos!

— Pois, é o que eu 'tou a dizer, pelo que eu percebi, quase todos os reis são uns patifes.

— Ai é?

— Tu leste o que diziam sobre eles — pensa só. Vê lá o Henrique VIII, *este* ao pé dele é um autêntico menino da catequese. E o Carlos II, e o Luís XIV, o Luís XV, o James II, o Eduardo II, o Ricardo III, e dezenas de outros; além das heptarquias saxónicas que dantes passavam a vida aí às voltas a armar zaragatas. Bem, devias ter visto o Henrique VIII nos seus melhores dias. Era cá uma florzinha! Todos os dias se casava com uma noiva diferente, e na manhã seguinte cortava-lhe a cabeça. E para ele aquilo era como mandar fazer uma omelete. «Tragam-me a Nell Gwynn», dizia ele. Eles traziam-na; na manhã seguinte, era: «Cortem-lhe a cabeça!», e eles cortavam. «Tragam-me a Jane Shore», dizia ele; ela lá vinha; no dia seguinte, «Cortem-lhe a cabeça!» — e eles cortavam. «Chamem a bela Rosamunda!». A bela Rosamunda vinha e, na manhã seguinte: «Cortem-lhe a cabeça!» Ele mandava cada uma contar-lhe uma história à noite, e continuou assim até reunir mil e uma histórias num livro, a que chamou «O Dia Fatídico»¹ — foi um bom título, que mostrava logo a situação. Tu não conheces os reis, Jim, mas eu sim, e este velho trapo que nós aqui temos é um dos melhores que se encontram na história. Bem, às tantas o Henrique decidiu vir atacar a América. Como é que achas que ele fez? Pensas que deu algum aviso? Que lhe deu alguma hipótese de se preparar? Não.

De repente atira borda fora todo o chá do porto de Boston, inventa uma declaração de independência às três pancadas, e desafia-os a fazerem-lhe frente. Isso é que era o estilo dele — nunca dava a ninguém a mais pequena oportunidade. Desconfiava do próprio pai, que era o duque de Wellington. Então o que é que achas que ele fez? Que lhe pediu que se apresentasse? Não: afogou-o num barril de vinho, como um gato. Imagina que alguém deixava dinheiro esquecido onde ele estava — o que é que ele fazia? Metia-o ao bolso. Imagina que alguém o contratava para ele fazer uma coisa qualquer, e lhe pagava, mas não ia lá vigiar o que ele andava a fazer — o que é que ele fazia? O contrário do que lhe tinham pedido. Imagina que ele abria a boca — o que é que acontecia? Se não voltasse a fechá-la muito depressa, saíam-lhe logo cinco ou seis mentiras. O Henrique era um tipo assim; se nos tivesse calhado ele em vez destes que aqui temos, tinha enganado a gente daquela cidade ainda muito mais. Não digo que os nossos sejam cordeirinhos, porque não são, se pensarmos nos factos, mas a verdade é que não são nada ao pé desse velho carneiro. O que eu digo é que reis são reis, tem de se dar o desconto. Assim, de um modo geral, são uns tipos bastante reles, é da educação que recebem.



HENRIQUE VIII NO PORTO DE BOSTON.

— Mas êste aqui ainda por cima *tresanda*, Huck.

— Pois, todos eles são assim, Jim. Não há remédio para o pivete dos reis, Jim — é o que nos ensina a história.

— Mas o duque até é mais ou menos simpático.

— Sim, os duques são diferentes, mas não muito. Este, para duque, não é dos melhores. Quando se embebeda, nem à lupa se distingue de um rei.

— Bem, seja como for, eu já ‘tou farto deles os dois. Já aguentei tudo o quê podia.

— Eu estou como tu, Jim. Mas agora vamos ter de os aturar, e temos de nos lembrar de quem eles são e dar o desconto. Às vezes gostava de estar num país em que não houvesse reis nenhuns.

De que é que valia explicar ao Jim que eles não eram reis nem duques a sério? Não ia mudar nada, e, além disso, era como eu tinha acabado de dizer: estes eram tal e qual os verdadeiros.

Fui dormir, e o Jim não me chamou quando chegou o meu turno. Acordei ao nascer do dia e vi-o ali sentado com a cabeça entre os joelhos a gemer e a lamentar-se sozinho. Não liguei nem disse nada. Sabia porque é que ele estava assim: estava a pensar na mulher e nos filhos, que tinha deixado lá longe no Norte; estava deprimido e com saudades de casa, porque nunca antes se tinha afastado de lá durante tanto tempo, e eu acredito mesmo que ele devia gostar tanto da família dele como os brancos gostam das suas famílias. Não parece natural, mas eu acho que é assim. Vi-o muitas vezes gemer e lamentar-se assim à noite, quando pensava que eu estava a dormir, e a dizer «Pobre pequena Elizabeth! Pobre pequeno Johnny! Como isto é duro, principalmente porque eu sei quê nunca mais vos vou ver, nunca mais!» Era mesmo um preto com bom coração, o Jim.

Por esta altura eu comecei a falar com ele sobre a mulher e os filhos, já não sei bem como, e às tantas ele disse-me:

— O quê mê faz sentir pior agôra é que ouvi uma coisa na margem, como uma pancada, ou um golpê, e fez-me lembrar da vez que tratei mal a minha Elizabeth. Ela só tinha quatrô anos, e estava cum atáquê d’iscarlatina muitô mau, mas mêlhorou, e um dia estava ali dê pé, e eu disse-lhe: «Fecha a porta», e ela não sê mexeu, ficou parada, meio a sorrir pra mim. Eu zanguei-me, e disse-lhe outra vez, aos berros, «Não ouves? Fecha a porta!», e ela continuou ali

parada, meio a sorrir. Eu estava a ferver! Disse: «Vais fazer o que tê mandei!», e dei-lhe uma chápada num ladô da cabeça e ela ficou êstendida no chão. Dêpois fui prò outro quarto e fiquei lá uns dez minutos, e quando voltei a porta estava *êscancarada*, e a minina estava lá, a olhar prò chão, com lágrimas na cara. Mas, meu Deus, eu êstava *furioso*! Ia bater na minina, mas nesse instante (a porta abria pra dentro), o vento fez a porta bater atrás das costas dela, *vlam!* — e, santô Deus, ela nem sê mexeu! Quase sufoquei, senti-mê tão... tão... nem sei com'ê qu'eu mê senti. Saí dali pra fôra, todo a trêmer, dei a volta ao quarto e abri a outra porta dêvagar, com cuidado, e dêpois enfiei a cabeça atrás dela, sem fazer barulho, e de rêpente gritei *Bú!* o mais alto que pude. *Ela nem estremêceu!* Oh, Huck, eu desatei a chorar, pêguei nela ao colo e disse: «Coitadinha! Que Deus Todo-Podêroso pêrdoe o pobrê Jim, porque ele, enquanto for vivo, nunca vai pêrdoar a si próprio!» Ela istava surda-muda, Huck, e eu tinha-a tratado daquela maneira!

[1](#) No original, *Domesday Book*, um censo realizado por ordem de Guilherme, o Conquistador, em 1086. (N. T.)

Capítulo XXIV

No dia seguinte, por volta da meia-noite, abrigámo-nos debaixo de uns chorões num banco de areia que ficava no meio do rio, num sítio em que havia uma aldeia de cada lado, e o rei e o duque começaram a inventar um plano de trabalho para aquelas duas cidades. O Jim falou com o duque e disse que esperava que não fosse uma coisa para demorar mais do que algumas horas, porque para ele era muito cansativo ter de passar dias inteiros amarrado dentro da tenda. Estão a ver, é que, quando ele ficava sozinho, tínhamos de o deixar amarrado, porque se acontecesse alguém passar por ali e vê-lo sozinho e à solta não ia parecer nada que ele era um preto capturado, não é? Por isso o duque disse que de facto *era* cansativo passar dias inteiros amarrado e que ia pensar numa maneira de não ter de se fazer isso.



INOFENSIVO.

Era extraordinariamente inteligente, aquele duque, e não demorou muito a descobrir a solução. Vestiu o Jim na roupa do Rei Lear, que era uma longa túnica de algodão de cortinas, uma peruca branca de pelo de cavalo e uns

bigodes; depois, pegou nas pinturas de teatro e pintou a cara, as mãos, as orelhas e o pescoço do Jim de um azul baço, espesso e macilento, como o de um afogado que passou nove dias na água. Macacos me mordam se ele não era a aberração mais repelente que alguma vez vi. Depois o duque pegou numa placa e pintou lá as palavras:

Árabe doente — mas quase sempre inofensivo.

Pregou a placa a uma ripa e enterrou a ripa a cinco ou seis pés da tenda. O Jim ficou satisfeito. Disse que aquilo não se comparava com ter de passar o dia amarrado dentro da tenda a tremer de susto cada vez que ouvia um barulho. O duque disse-lhe que ficasse à vontade e que não se preocupasse; que se alguma vez alguém viesse ali bisbilhotar, ele devia pular para fora da tenda, armar um espalhafato, soltar uns uivos como um animal selvagem, e que isso provavelmente bastaria para que se fossem embora e o deixassem em paz. O que era bastante verdade, embora eu ache que uma pessoa normal não ia ficar à espera dos uivos. É que ele não parecia morto, parecia ainda pior do que isso.

Aqueles patifes queriam voltar a fazer o truque da Realeza sem Igual, porque rendia muito, mas pensaram que talvez fosse demasiado arriscado, porque por aquela altura a história já podia ter chegado até ali. Não conseguiam pensar em nada que servisse, por isso o duque acabou por dizer que ia dar uma volta e puxar pelo cérebro durante uma ou duas horas, para ver se conseguia encontrar alguma coisa à altura de uma aldeia do Arkansas; e o rei disse que achava que ia dar uma volta pela outra cidade sem plano nenhum, a contar só com a Providência — o Diabo, queria ele dizer — para o guiar na direção mais proveitosa. Tínhamos todos comprado roupa nova na última paragem, e agora o rei ia vestir a dele, e disse-me que vestisse a minha. Eu fiz como ele dizia, é claro. A roupa do rei era toda preta, e ele ficava com um ar mesmo formal e importante assim vestido — eu nunca tinha reparado como a roupa pode mudar completamente uma pessoa. É que no minuto anterior ele parecia o pior dos rufiões; agora, quando levantava o seu novo chapéu branco, fazendo uma vénia e inclinando-se, parecia tão magnífico, bom e piedoso, que se diria ter saído direitinho da arca, senão mesmo do velho Levítico. O Jim limpou a

canoa e eu preparei o meu remo. Havia um grande vapor parado na margem umas três milhas acima da cidade — já lá estava há umas horas, a ser carregado. Diz o rei:

— Pela maneira como estou vestido, acho que será melhor ter chegado agora de St. Louis ou de Cincinnati, ou de qualquer outra cidade grande. Vamos para o vapor, Huck, chegaremos nele à aldeia.

Não tiveram de me pedir duas vezes para ir dar um passeio de vapor. Encostei à margem meia milha acima da aldeia e depois fui deslizando pelas águas paradas ao longo das margens a pique. Daí a pouco vimos um jovem camponês com um ar simpático e inocente sentado num ramo a limpar o suor da cara, pois estava um calor enorme, e ao lado dele estavam poisados dois sacos de tapeçaria.

— Enfia para terra — disse o rei. Eu obedeci. — O jovem para onde é que vai?

— Para o vapor, vou para Orleães.

— Suba a bordo — disse o rei —, espere aí, que o meu criado ajuda-o com os sacos. Adolphus, salta daí e ajuda o senhor! — claro que o Adolphus era eu.



O ADOLPHUS.

Fiz o que ele dizia, e depois seguimos caminho os três. O rapaz ficou profundamente agradecido, disse que era difícil carregar a bagagem com um tempo daqueles. Perguntou ao rei onde é que ele ia, e o rei disse-lhe que tinha vindo a descer o rio, que tinha chegado à aldeia do outro lado nessa manhã, e

que agora ia subir umas milhas para ver um velho amigo que tinha uma quinta mais adiante. O jovem disse:

— Quando eu o vi, pensei comigo próprio: «É o Mr. Wilks, de certeza, e por pouco tinha chegado a tempo.» Mas depois pensei: «Não, não deve ser ele, ele não estaria a remar pelo rio acima.» O senhor não é ele, pois não?

— Não, o meu nome é Blodgett... Alexander Blodgett. Na verdade suponho que deveria dizer *reverendo* Alexander Blodgett, visto que sou um dos pobres servidores do Senhor. Mas ainda assim tenho pena de que o Mr. Wilks não tenha chegado a tempo, sobretudo se isso o fez perder alguma coisa importante; espero que não seja esse o caso.

— Bem, não perdeu bens, para isso ainda vai a tempo, mas chega tarde de mais para ver o irmão Peter morrer — o que talvez não lhe faça diferença, vá-se lá saber —, mas o seu irmão teria dado tudo para o ver a ele antes de morrer; não falou de outra coisa durante estas últimas três semanas. Não o tinha visto desde que eram pequenos, e quanto ao seu irmão William, que era surdo-mudo, nunca o chegou a ver de todo — ele só tem uns trinta ou trinta e cinco anos. O Peter e o George foram os únicos que vieram para aqui; o George era o irmão casado, e ele e a mulher morreram os dois no ano passado. Agora só restam o Harvey e o William, e, como eu ia dizendo, não vão chegar lá a tempo.

— Ninguém mandou avisá-los?

— Oh, sim, há um mês ou dois, quando o Peter adoeceu, porque o Peter dizia que desta vez sentia que não ia melhorar. É que ele já era bastante velho, e as filhas do George eram demasiado novas para lhe fazerem companhia, tirando a Mary Jane, que é a ruiva; por isso ele sentia-se um bocado sozinho depois da morte do George e da mulher dele, e não parecia ter grande vontade de viver. Queria desesperadamente ver o Harvey — e o William também, lá por isso —, porque era uma dessas pessoas que não conseguem escrever um testamento. Deixou uma carta para o Harvey, e disse que a carta dizia onde estava escondido o dinheiro dele, e que ele queria que o resto da propriedade fosse dividida e dada às filhas do George, porque o George não lhes tinha deixado nada. E essa carta foi tudo o que conseguiram que ele escrevesse.

— E porque será que o Harvey não vem? Onde é que ele mora?

— Oh, ele vive em Inglaterra, em Sheffield; é lá pastor. Nunca esteve neste país. Não teve muito tempo para aqui chegar, e além disso pode não ter recebido a carta.

— Que pena não ter vivido para ver os irmãos, o infeliz! E o jovem vai para Orleães, é?

— Sim, mas isso é só o princípio. Na quarta-feira que vem apanho um barco para o Rio de Janeiro, onde mora o meu tio.

— É uma viagem comprida! Mas vai ser muito bonito, quem me dera também poder ir! A Mary Jane é a mais velha? As outras que idade têm?

— A Mary Jane tem dezanove anos, a Susan quinze, e a Joanna catorze — essa é a que faz obras de caridade e tem um lábio leporino.

— Pobrezinhas, sozinhas neste vasto mundo!

— Oh, podiam ter mais azar. O velho Peter tinha amigos que vão tomar conta delas. Há o Hobson, que é pastor batista; o diácono Lot Hovey; o Ben Rucker; o Abner Shackelford; o Levi Bell, que é advogado; o Dr. Robinson, e as mulheres deles; mais a viúva Bartley, e — bem, há muita gente, mas estes são aqueles de quem o Peter era mais amigo, e sobre quem às vezes escrevia nas cartas para casa, por isso o Harvey há de saber onde procurar amigos quando aqui chegar.

Bem, o velho continuou a fazer perguntas até ter praticamente esvaziado o jovem rapaz. Macacos me mordam se ele não fez perguntas sobre todas as pessoas e todas as coisas que havia naquela santa cidade; sobre toda a família Wilks, sobre o negócio do Peter, que era curtidor; sobre o do George, que era carpinteiro; e sobre o do Harvey, que era pastor dissidente, e aquilo e aqueloutro. Depois disse:



ELE PRATICAMENTE Esvaziou o jovem rapaz.

— Porque é você queria ir a pé até ao vapor?

— Porque este é um dos grandes que vão para Orleães, e tive medo de que não parasse na aldeia. Quando vão cheios, não param onde se lhes pede. Os de Cincinnati sim, mas este é de St. Louis.

— O Peter Wilks era rico?

— Oh, sim, bastante. Tinha casas e terreno, e diz-se que deixou três ou quatro mil em dinheiro enterrados nalgum sítio.

— Quando é que diz que ele morreu?

— Não disse, mas foi ontem à noite.

— O funeral é para amanhã, não?

— Sim, lá para o meio do dia.

— Pois, é uma grande dor e uma tristeza, mas todos temos a nossa vez, mais tarde ou mais cedo. Por isso o que há a fazer é estar preparado, para poder ir sem problemas.

— Pois, é como deve ser. A minha mãe diz sempre isso mesmo.

Quando chegámos ao vapor, eles já tinham praticamente acabado de o carregar, e daí a pouco tempo partiram. O rei não falou em subir para bordo, portanto perdi o meu passeio. Quando o vapor partiu, o rei mandou-me remar uma milha até um sítio isolado e depois saltou para a margem e disse:

— Agora vai à jangada e traz-me aqui o duque e os sacos de tapeçaria novos. Vai num pé e vem no outro! E se ele tiver ido para o outro lado, vai lá buscá-lo

e trá-lo aqui. Aconteça o que acontecer, diz-lhe para vir bem vestido. Vai, despacha-te.

Eu vi logo qual era a ideia dele, mas não disse nada, é claro. Quando voltei com o duque, escondemos a canoa, e depois eles sentaram-se num tronco e o rei contou-lhe tudo até à última palavra, tal e qual como lhe tinha dito o rapaz. E enquanto o fazia tentava falar como um inglês, e até se saía bem, para um aselha como ele. Não sei imitá-lo, por isso nem vou tentar, mas ele tinha mesmo bastante jeito. Depois disse assim:

— Sabes fazer de surdo-mudo, Bilgewater?

O duque disse que podiam contar com ele, que já tinha feito de surdo-mudo nos palcos histriónicos. Por isso ficaram à espera de um vapor.

A meio da tarde apareceu um par de barquinhos, mas não vinham de suficientemente longe. Por fim, apareceu um grande, e fizemos-lhe sinal. Apitou e nós subimos a bordo; vinha de Cincinnati, e quando eles perceberam que íamos sair cinco ou seis milhas mais adiante ficaram furiosos, deram-nos um raspanete e disseram que não paravam. Mas o rei estava calmo. Disse:

— Se eu aceitar pagar um dólar por milha por cada um de nós para sermos deixados em terra por uma chalupa, os senhores com certeza aceitarão levar-nos.

Então eles amansaram e disseram que podia ser, e quando chegámos à aldeia levaram-nos a terra numa chalupa. Umas duas dúzias de homens precipitaram-se para a chalupa quando a viram chegar, e quando o rei disse:

— Será que um dos senhores me pode mostrar onde mora o Peter Wilks? — eles olharam uns para os outros e acenaram com a cabeça como quem diz «Eu não te tinha dito?». Depois um deles disse, numa voz suave e triste:

— Tenho muita pena, mas o melhor que posso fazer é mostrar-lhe onde ele viveu até ontem à noite.

Num abrir e fechar de olhos, a velha raposa deixou-se cair, abateu-se sobre o homem, poisou o grande queixo no seu ombro, e começou-lhe a chorar pelas costas abaixo, dizendo:

— Oh, que desgraça, o nosso pobre irmão, morto, sem nós o termos visto, oh, é cruel, é demasiado cruel!

Depois virou-se, a soluçar, e fez uma data de fosquinhas idiotas ao duque, com as mãos, e não é que *ele* deixa cair o saco que traz na mão e se desfaz também em lágrimas? Eram uns malandros do piorio, aqueles dois.



«OH, QUE DESGRAÇA,
O NOSSO POBRE IRMÃO.»

Bem, os homens reuniram-se e compadeceram-se deles, disseram-lhes todo o tipo de coisas, levaram-lhes os sacos de tapeçaria, deixaram-nos encostar-se a eles para chorar, contaram ao rei tudo sobre os últimos momentos do irmão, o rei tornou a contar tudo vezes sem conta com as mãos ao duque, e puseram-se os dois num tal estado por aquele curtidor morto que pareciam ter acabado de perder os doze discípulos. Nunca vi coisa semelhante, é tão certo como eu ser branco. Era de fazer uma pessoa ter vergonha de pertencer à raça humana.

Capítulo XXV

As notícias espalharam-se pela cidade em dois minutos, e viam-se pessoas a correr por toda a parte, algumas a vestir os casacos enquanto andavam. Daí a pouco estávamos cercados por uma chusma de gente, e o barulho dos passos parecia o de um regimento inteiro. As janelas e as soleiras das portas estavam cheias de gente, e a cada instante alguém perguntava, por detrás de uma vedação:

— São *eles*?

E algum dos que seguia o cortejo respondia dizendo:

— São mesmo!



«SÃO MESMO!»

Quando chegámos à casa, a rua estava apinhada de gente, e as raparigas estavam de pé à porta. A Mary Jane era mesmo ruiva, mas isso nem interessa,

era terrivelmente bonita, a cara e os olhos eram resplandecentes como a glória; estava feliz por ter ali os tios. O rei abriu os braços e a Mary Jane correu para eles; a do lábio leporino saltou para os braços do duque, e eles todos contentes! Quase toda a gente, pelo menos as mulheres, chorava de alegria por os ver enfim reunidos a passar momentos tão bons.

Depois o rei fez uma sinalefa ao duque, que eu vi, e olharam em volta à procura do caixão, que estava num canto em cima de duas cadeiras; por isso depois ele e o duque, com os braços por cima dos ombros um do outro, e a outra mão pousada sobre os olhos, foram devagar e solenemente até lá, com toda a gente a abrir alas para os deixar passar, todas as conversas e o barulho a esmorecerem-se; as pessoas a dizer «Chiu!» e todos os homens a tirar os chapéus e a baixar os olhos, até que por fim se teria ouvido uma agulha cair ao chão. Quando eles lá chegaram inclinaram-se e olharam para o caixão, espreitaram lá para dentro, e puseram-se a chorar tão alto que se devia ouvir em Orleães; depois puseram os braços à volta do pescoço um do outro e poisaram o queixo no ombro um do outro, e depois, durante três ou quatro minutos, ficaram ali a pingar como ninguém. E, convém que se diga, toda a gente estava a fazer o mesmo, aquilo ficou tudo húmido como eu nunca vi. Depois um deles pôs-se de um lado do caixão, e outro do outro, e ajoelharam-se com as cabeças apoiadas no caixão, dando a entender que estavam a rezar para dentro. Bem, quando chegámos a esta fase, a audiência perdeu a cabeça e começaram todos a chorar baba e ranho; as pobres raparigas também. Todas as mulheres, ou quase, foram ter com elas e, sem uma palavra, beijavam-nas solenemente na testa; depois passavam-lhes a mão pela cabeça e levantavam os olhos para o céu, com lágrimas a escorrer-lhes pela cara, e depois explodiam e iam-se embora a soluçar, deixando o lugar à seguinte. Nunca vi nada tão repugnante.



A PINGAR.

Bem, finalmente o rei levanta-se, avança um bocadinho e põe-se a fazer um discurso entre soluços, cuspo e lágrimas, uma conversa fiada cheia de lamúrias sobre a dura prova que era para ele e para o irmão ter-se perdido o defunto, e não terem chegado a tempo de ver o defunto vivo depois das longas quatro mil milhas de viagem, mas que era ao mesmo tempo uma prova que fora suavizada e santificada por aquele belo exemplo de comiseração e por aquelas lágrimas sagradas, e por isso ele agradecia a todos do fundo do seu coração e do coração do seu irmão, porque as suas bocas não bastariam, sendo as palavras demasiado fracas e frias, e isto e aquilo, uma tal bodega sentimental que até enjoava; depois gaguejou um «ámen» santarrão, desenfreou-se e pôs-se a chorar como uma madalena.

E no minuto em que ele acabou de falar alguém na turba de gente começou a doxologia, e juntaram-se todos de alma e coração; aquilo aquecia por dentro e sabia bem, como quando a pessoa vai cantar à igreja e alivia tudo o que tem cá dentro. A música é uma coisa boa, e depois daquela chachada de fazer chorar as pedras da calçada, isto era refrescante e honesto.

Depois o rei acionou outra vez os maxilares, e pôs-se a dizer que ele e as suas sobrinhas ficariam felizes se alguns dos amigos mais próximos da família ficassem por ali para jantar nessa noite e velar com eles os restos mortais do

defunto, e que se o seu pobre irmão que ali jazia pudesse falar, sabia bem quem ele iria nomear, pois eram nomes que lhe eram muito queridos e de que ele falava muitas vezes nas suas cartas; por isso ele iria chamar os mesmos, ou seja, os seguintes: reverendo Hobson, diácono Lot Hovey; Mr. Ben Rucker, Abner Shackleford, Levi Bell, Dr. Robinson, e as suas mulheres, e também a viúva Bartley.

O reverendo Hobson e o Dr. Robinson tinham ido à caça juntos na outra ponta da cidade — ou seja: quero dizer que o médico estava a expedir um paciente para o outro mundo e que o reverendo tinha ido ajudá-lo. Levi Bell, o notário, estava em Louisville em negócios. Mas todos os outros estavam ali, por isso vieram apertar a mão ao rei, agradeceram-lhe e conversaram com ele; depois apertaram a mão ao duque sem dizer nada, apenas sorrindo e abanando a cabeça como um bando de tacanhos enquanto ele gesticulava sem parar e dizia «Glu-glu-gluu-glu-glu» o tempo todo, como um bebé que não sabe falar.

O rei ia falando e conseguiu perguntar por todas as pessoas e por todos os cães das redondezas, tratando-os pelo nome próprio, e falando de mil e uma coisas insignificantes que ali tinham acontecido a dada altura, ou que se tinham passado com a família do George, ou com o Peter. Ele dava sempre a entender que tinha sido o Peter a escrever-lhe as coisas, mas era mentira. Todas, até à última, tinham sido sacadas àquele pateta daquele rapaz que levámos de canoa até ao vapor.

Depois a Mary Jane foi buscar a carta que o pai dela tinha deixado, e o rei leu-a em voz alta e chorou ao lê-la. Deixava a casa e três mil dólares de ouro às meninas, e a curtição (que fazia bom negócio), e mais algumas casas e terrenos (que valiam uns sete mil dólares), e três mil dólares de ouro ao Harvey e ao William; também dizia em que parte da cave estavam escondidos os seis mil dólares em dinheiro. Por isso aqueles dois aldrabões disseram que iam lá buscá-lo para dividir tudo às claras em frente a toda a gente, e mandaram-me segurar na vela. Fechámos a porta da cave atrás de nós e quando eles encontraram o saco despejaram tudo no chão, e era uma coisa mesmo bonita de ver, aquele ouro todo. Como os olhos do rei brilhavam! Deu uma palmada no ombro do duque e disse:

— Isto é que é um saque a valer! Diz-me cá, ó Bilgy, isto bate ou não bate o Realeza sem Igual?

O duque reconheceu que sim. Os dois enterraram as patas nas moedas de ouro, e deixaram-nas escorrer-lhes por entre os dedos e cair a tilintar no chão, até que o rei disse:

— Não há discussão possível; o que nos convém, a mim e a ti, Bilge, é ser irmãos de um morto rico e representantes dos herdeiros estrangeiros que restam. Isto é o que se ganha quando se confia na Providência, o que a longo prazo é a melhor coisa a fazer — eu já tentei de tudo e não há nada que dê tão bons resultados.

Quase toda a gente se teria contentado com aquela pilha e a teria levado à confiança, mas não, eles tiveram de contar quanto lá havia. Por isso lá se puseram a contar, e quando acabaram faltavam quatrocentos e quinze dólares. O rei disse assim:

— Maldito seja, onde terá ele enfiado os quatrocentos e quinze dólares?

Ficaram a remoer naquilo algum tempo, e vasculharam por toda a parte à procura deles. Depois o duque disse:

— Bem, ele estava bastante doente, e cá para mim o mais provável é ter-se enganado. O melhor é deixar estar e não falar nisso. Não nos faz assim tanta diferença.

— Sim, tens razão, que se dane, não nos faz *muita* diferença. Estou-me nas tintas para isso — estou preocupado é com a *contagem*. Temos de ser muito ingénuos e sinceros com esta gente, percebes. Temos de levar este dinheiro aqui lá para cima e contá-lo em frente de toda a gente, assim não hão de ficar desconfiados. É que quando o morto diz que estão cá seis mil, não queremos que pareça...

— Espera aí — disse o duque —, vamos mas é repor o défice — e começou a despejar dólares dos bolsos.

— Isso é que uma ideia genial, duque! Essa tua cabecinha é *mesmo* das boas! — diz o rei. — O nosso abençoado Sem Igual é que nos está a valer outra vez — e começou ele também a despejar e a empilhar os dólares que trazia nos bolsos.



A REPOR O DÉFICE.

Ficaram quase de mãos a abanar, mas repuseram os seis mil certinhos.

— Olha lá — diz o duque —, tenho outra ideia. Vamos lá para cima, contamos este dinheiro, e depois agarramos nele e *oferecemo-lo às raparigas*.

— Meu Deus, duque, deixa-me abraçar-te! É a ideia mais espantosa que alguma vez brotou da cabeça de um homem! Tens mesmo os melhores miolos que alguma vez vi. Oh, isto é um golpe de mestre, não há dúvida. Eles que venham com todas as desconfianças que quiserem: isto vai arrumá-los.

Quando subimos, todos se sentaram de volta da mesa, e o rei contou e empilhou o dinheiro; trezentos dólares por pilha; vinte belas pilhas. Todos olhavam para aquilo como se estivessem com fome, a lamber os beiços. Depois eles enfiaram tudo de novo no saco e eu vi o rei encher o peito de novo para mais um discurso. Disse assim:

— Caros amigos, o meu pobre irmão que aqui jaz foi bem generoso com estes que ficam para trás nos vales do sofrimento. Foi generoso com estes pequenos cordeirinhos de quem ele tanto gostava e a quem deu guarida, e que não têm pai nem mãe. Sim, e nós que o conhecíamos sabemos que ele teria sido ainda mais generoso se não tivesse sido o medo de nos magoar, ao pobre William e a mim. Haverá *dúvidas* de que é assim? *Para mim*, não. Ora, então,

que irmãos seríamos nós para nos opormos a ele numa altura destas? E que tios seríamos nós para roubar — sim, *roubar* — uns pobres cordeirinhos inocentes como estes, de quem ele tanto gostava? Se eu conheço o William... e *parece-me* que o conheço... ele... esperem, vou perguntar-lhe — deu meia-volta e começou a fazer sinalefas ao duque com as mãos, e o duque ficou a olhar para ele com um ar empedernido e oco durante algum tempo; depois, de repente, pareceu entender o que ele lhe dizia; saltou para cima do rei com o ar mais feliz do mundo e abraçou-o umas quinze vezes antes de o soltar. Depois o rei disse:

— Eu sabia, acho que *isto* será suficiente para convencer qualquer pessoa do que ele pensa sobre este assunto. Aqui têm, Mary Jane, Susan, Joanna: fiquem com o dinheiro — fiquem com *tudo*. É uma dádiva daquele que jaz enterrado, frio mas feliz.

A Mary Jane correu para ele; a Susan e a do lábio leporino para o duque, e depois foi outra vez um estendal de abraços e beijos como eu nunca tinha visto. E toda a gente se juntou de lágrimas nos olhos e veio apertar a mão àqueles dois patifes, dizendo sempre:

— Que almas tão *nobres*! Que *bonito*! Ser *capaz* de uma coisa destas!...



A CORRER PARA ELE.

Bem, daí a pouco estavam todos outra vez a falar do morto, e de como ele era bom, e que grande perda era, e por aí fora; e não passou muito tempo até se

enfiar ali dentro, vindo da rua, um homem alto de mandíbulas de ferro, que ficou à escuta e a olhar, sem dizer nada; sem que ninguém lhe dissesse nada a ele, porque o rei estava a falar e estavam todos entretidos a ouvi-lo. O rei ia a meio de uma história qualquer que tinha começado:

— ... sendo amigos íntimos do morto. Foi por isso que foram convidados esta noite; mas amanhã gostaríamos que *todos* viessem — toda a gente; pois ele respeitava toda a gente, gostava de toda a gente, e por isso é apropriado que as suas orgias funerárias sejam públicas.

E lá continuou a dar à língua, porque gostava do som da própria voz, e volta e meia lá vinham outra vez à baila as tais orgias funerárias, até que o duque não aguentou mais e escrevinhou num pedaço de papel: «*Exéquias*, seu velho idiota»; dobrou o papel, e foi por entre as pessoas com toda a pressa, levantando o papel por cima das suas cabeças para lho entregar. O rei leu-o, pô-lo no bolso, e disse:

— Pobre William, apesar da doença que o aflige, o seu *coração* está sempre certo. Pede-me que convide toda a gente para o funeral; quer que diga a todos que são bem-vindos! Mas não precisa de se preocupar, era isso mesmo que eu estava a fazer.

Depois continuou o seu discurso, com grande calma, falando das orgias funerárias uma vez por outra, exatamente como tinha feito até essa altura. E, à terceira vez, disse:

— Eu digo «orgias», não porque isso seja o termo comum, que não é, visto que exéquias é o termo que se costuma usar; mas porque orgias é o termo *correto*. Em Inglaterra já não dizemos «exéquias» — a palavra caiu em desuso. Agora dizemos «orgias». «Orgias» é uma palavra melhor, porque descreve aquilo que está em causa de uma forma mais precisa. É uma palavra que vem do grego *orgo*, que quer dizer fora, exterior, aberto, estrangeiro; e do hebraico *gisum*, que quer dizer plantar, cobrir; e portanto, enterrar. Portanto, como veem, as cerimónias funerárias abertas ao público são chamadas «orgias funerárias».

Era o tipo mais *manhoso* que alguma vez encontrei. O homem das mandíbulas de ferro riu-se na cara dele, e todos ficaram chocados. Todos disseram: «Então, *doutor!*» e o Abner Shackleford disse:

— Então, Robinson, não te deram as notícias? Este é o Harvey Wilks.

O rei fez um sorriso de orelha a orelha, estendeu-lhe a mão, e disse:

— É *você* o médico e bom amigo do meu pobre irmão? Eu...

— Tira as patas de cima de mim! — disse o médico. — Achas que falas como um *inglês*, tu, é? É a pior imitação que alguma vez ouvi! *Tu*, seres irmão do Peter Wilks! És uma fraude, é o que és!



O MÉDICO.

Bem, ficaram todos num estado! Precipitaram-se para cima dele para lhe explicar que o Harvey tinha provado mais de quarenta vezes que era o Harvey, que conhecia toda a gente pelo nome, até os cães; *suplicavam-lhe* que não ofendesse o Harvey e as pobres meninas, e por aí fora. Mas não serviu de nada, ele estava enraivecido, e dizia que qualquer homem que fingisse ser inglês sem saber imitar o falar deles melhor do que aquilo era uma fraude e um aldrabão. As coitadas das raparigas estavam abraçadas ao rei a chorar, e de repente o médico parou e dirigiu-se a *elas*:

— Eu era amigo do vosso pai e sou vosso amigo; e é enquanto amigo honesto e que vos quer proteger e evitar que sejam prejudicadas ou magoadas que vos aconselho a virarem as costas a esse reles trapaceiro e a não darem ouvidos a um vagabundo ignorante, com um grego e um hebraico, como ele lhes chama, que não têm ponta por onde se lhes pegue. É mais do que óbvio

que ele é um impostor; chegou aqui com uma data de nomes e de factos que não querem dizer nada, que pescou num sítio qualquer, e que vocês tomam por *provas*; e os tacanhos que vos rodeiam, e que deviam ter juízo, deixam que vos enganem e enganam-se convosco! Mary Jane Wilks, sabes que sou teu amigo, e que não o sou por interesse, por isso ouve o que te digo: manda embora este canalha desgraçado, *suplico-to*. Acreditas em mim?

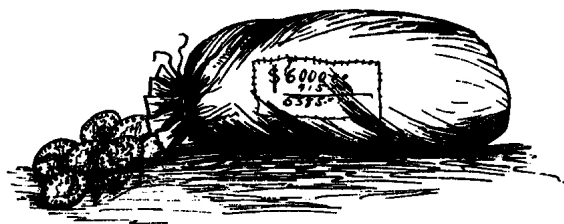
A Mary Jane endireitou as costas e, meu Deus, como era bonita! Disse:

— Aqui tem a minha resposta — levantou o saco do dinheiro e pô-lo nas mãos do rei, dizendo: — Leve estes seis mil dólares e invista-os por mim e pelas minhas irmãs onde e como quiser, não precisamos de recibo.

Depois pôs um braço à volta dos ombros do rei de um lado, e da Susan e da do lábio leporino do outro. Todos aplaudiram e bateram com os pés no chão, fazendo uma autêntica trovoadas, enquanto o rei erguia a cabeça e sorria com orgulho. O médico disse:

— Está bem; eu lavo daqui as minhas mãos. Mas aviso-te de que chegará a altura em que a simples lembrança deste dia será suficiente para te deixar muito maldisposta.

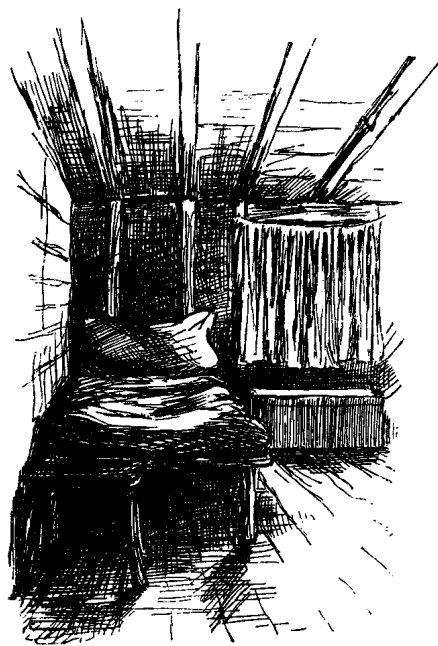
— Muito bem, doutor — disse o rei, num tom de chacota —, nesse dia farei com que você seja chamado — e todos se riram, dizendo que tinha sido uma resposta muitíssimo bem achada.



O SACO DO DINHEIRO.

Capítulo XXVI

Bem, quando já se tinham ido todos embora, o rei perguntou à Mary Jane como é que elas estavam de quartos livres, e ela disse que havia um, que ficava para o Tio William, e que dava o dela ao Tio Harvey, porque era um bocado maior, e ia dormir numa cama de dobrar no quarto das irmãs. Também disse que havia uma enxerga numa água-furtada e o rei disse que isso servia muito bem para o seu valete, que era eu.



A ENXERGA.

Por isso a Mary Jane levou-nos lá para cima e mostrou-lhes os quartos, que eram simples mas agradáveis. Disse que, se os seus vestidos e as outras coisas incomodassem o Tio Harvey, ela os mandava tirar de lá, mas ele disse que não. Os vestidos estavam pendurados ao longo da parede, tapados por uma cortina de algodão que vinha até ao chão. Num dos cantos estava uma velha mala de pele, noutro a caixa de uma viola, e havia toda a casta de bibelôs e bugigangas espalhados por toda a parte — o estilo de coisas com que as raparigas gostam

de enfeitar os quartos. O rei disse que com estes arranjos o quarto ficava mais acolhedor e mais agradável, e que por isso devia ficar tudo na mesma. O quarto do duque era bastante pequeno, mas mais do que suficiente, e o meu também.

Nessa noite fizeram um grande jantar, com todos os homens e as mulheres, e eu fiquei de pé atrás das cadeiras do duque e do rei a servi-los; os pretos serviram os outros. A Mary Jane estava à cabeceira, com a Susan a seu lado, e dizia que os biscoitos não prestavam, que as conservas eram uma porcaria, que o frango era rijo e mau — enfim, todas essas tretas que as mulheres dizem sempre para obrigar os outros a elogiá-las; e as pessoas sabiam que era tudo do melhor, e diziam isso mesmo — diziam: «Mas *como* é que fazes para os biscoitos ficarem tão dourados?» e «Mas *onde* é que foste arranjar uns *pickles* tão deliciosos?», e iam fazendo o estilo de conversa de chacha que se faz sempre em jantares destes, vocês sabem.

Quando tudo acabou, eu e a do lábio leporino comemos restos na cozinha, enquanto os outros ajudavam os pretos a arrumar as coisas. A do lábio leporino começou a querer saber coisas sobre Inglaterra e, valha-me Deus, por várias vezes eu bem senti que o verniz estava prestes a estalar. Ela diz assim:

— Alguma vez viste o rei?



JANTAR COM A DO LÁBIO LEPORINO.

— Quem? Guilherme IV? Bem, é claro que sim, ele vai à mesma igreja que nós. — Eu sabia que ele já tinha morrido há uns anos, mas não deixei que ela desse por nada. E quando eu lhe disse que ele vinha à nossa igreja ela diz assim:

— O quê, regularmente?

— Sim, regularmente. O banco dele é mesmo à frente do nosso — do outro lado do púlpito.

— Mas eu pensava que ele vivia em Londres.

— Pois, e vive. Onde mais havia ele de viver?

— Mas eu pensava que *vocês* viviam em Sheffield.

Vi que estava encurralado. Tive de fingir que me engasgava com um osso de frango para ter tempo de pensar como é que havia de me safar. Depois disse:

— Quero dizer que ele vai regularmente à nossa igreja quando está em Sheffield, o que é só no verão, quando ele vem aos banhos de mar.

— As coisas que tu dizes! Sheffield não é no mar.

— E quem é que disse que era?

— Ora essa! Tu.

— *Eu* não disse de certeza.

— Disseste, sim!

— Não disse, não.

— Disseste.

— Nunca disse uma coisa dessas.

— Então *o que é* que foi que disseste?

— O que eu disse foi que ele lá ia para tomar *banhos* de mar.

— Sim, e então, como é que ele toma banhos de mar se não há lá mar nenhum?

— Olha lá — disse eu —, já alguma vez viste água do Congresso?

— Já.

— E tiveste de ir ao Congresso buscá-la?

— Ora, claro que não.

— Pois, então, é a mesma coisa; o Guilherme IV também não tem de ir ao mar para tomar um banho de mar.

— Então como é que faz?

— Da mesma maneira que as pessoas daqui arranjam água do Congresso: vem em barris. Lá no palácio de Sheffield há caldeiras, porque ele quer a água quente. Ao pé do mar não podem ferver aquelas quantidades de água, não têm com quê.

— Ah, já estou a perceber. Se tivesses começado por aí tinhas poupado algum tempo.

Quando ela disse aquele «estou a perceber» vi que já não estava em apuros, e fiquei satisfeito e à vontade. A seguir ela disse:

— Tu também vais à igreja?

— Sim, sempre.

— Onde é que te sentas?

— Ora, no nosso banco.

— O nosso de *quem*?

— Homessa, o nosso, o do teu Tio Harvey!

— Dele? Para que é que *ele* quer um banco?

— Para se sentar. Para que é que *achas* que o havia de querer?

— Ora, é que eu pensei que ele ficasse no púlpito.

Maldito, esqueci-me de que era pastor. Vi que estava outra vez encurralado, por isso tornei a fingir que me engasgava e puxei outra vez pela cabeça. Depois disse:

— Achas mesmo que só há um pregador em cada igreja?

— Então, para que é que haviam de ser precisos mais?

— Para pregar a um rei? Nunca ouvi tal coisa. Não têm menos de dezassete!

— Dezassete? Meu Deus! Eu não aguentava dezassete sermões nem que fosse o *único* caminho para a glória! Deve demorar uma semana.

— Mas que ideia! Eles não pregam *todos* no mesmo dia, é *um* de cada vez!

— Então e os outros, o que é que fazem?

— Oh, não fazem grande coisa. Andam por ali, passam o prato das esmolas, vão fazendo uma ou outra coisa. Mas a maior parte do tempo não fazem nada.

— Então para que é que *servem*?

— Ora, para dar *estilo*. Será que não percebes nada de nada?

— Bem, também não quero saber de parvoíces dessas. Como é que os criados são tratados em Inglaterra? Tratam-nos melhor do que nós tratamos os

nossos pretos?

— *Não!* O criado lá não é nada. Tratam-nos pior do que cães.

— Não lhes dão folgas, como nós fazemos, no Natal, na semana de Ano Novo e no 4 de Julho?

— Oh, ouve lá o que te estou a dizer! Uma pessoa vê *logo* que nunca foste a Inglaterra, só por isso que acabaste de dizer. É que, Lábi..., Joanna, eles não têm folga um único dia do ano, nunca vão ao circo, nem ao teatro, nem aos espetáculos para pretos — nada.

— Nem à igreja?

— Nem à igreja.

— Mas *tu* vais sempre à igreja.

Bem, tinha-me enterrado outra vez. Esqueci-me de que era criado do velho. Mas no minuto seguinte meti-me numa explicação qualquer de como um valete é diferente de um criado normal e *tem* de ir à igreja quer queira quer não e de se sentar com a família, por causa da lei que assim manda. Mas não me saí muito bem, e quando acabei vi que ela não estava satisfeita. Disse assim:

— Promessa de índio que não me estiveste a contar um monte de mentiras.

— Promessa de índio — disse eu.

— Nem uma só?

— Nem uma única. Não havia nem uma mentira em tudo o que eu te disse — disse eu.

— Poisa a mão neste livro e repete isso.



«PROMESSA DE ÍNDIO.»

Vi que não passava de um dicionário, por isso poisei lá a mão e repeti tudo. Ela pareceu um bocadinho mais satisfeita, e disse:

— Bem, nesse caso eu vou acreditar nalgumas partes, mas Deus me acuda se alguma vez acreditar no resto.

— Em que é que não acreditas, Joe? — disse a Mary Jane, que vinha a entrar com a Susan atrás de si. — Não te fica nada bem e não é nada simpático da tua parte falares-lhe assim, a ele que é estrangeiro e que está tão longe dos seus. Gostavas que te tratassem assim a ti?

— És sempre a mesma coisa, Maim, a correr para defender as pessoas antes que lhes tenham feito mal. Não lhe fiz nada. Acho que ele me disse algumas aldrabices e limitei-me a dizer que não ia engolir tudo, *mais nada*. Acho que ele deve ser capaz de aguentar uma coisinha assim sem importância, não?

— Não me interessa que seja uma coisa com importância ou sem importância; ele está em nossa casa e é uma visita, portanto não lhe devias ter falado assim. Se estivesse no seu lugar, ficarias envergonhada; e não deves dizer a outra pessoa nada que a envergonhe *a ela*.

— Mas, Maim, ele disse que...

— Não me interessa o que ele *disse*, não é essa a questão. A questão é que deves ser *amável* com ele, e não lhe dizer coisas que o façam lembrar-se de que isto não é o seu país nem a sua gente.

Eu pensei comigo mesmo: «É *esta* a rapariga que estou a deixar ser roubada por aquele crocodilo!»

Depois a Susan meteu-se ao barulho e, acreditem, deu à Lábio Leporino um sermão do outro mundo!

Pensei eu comigo mesmo: «Esta é *outra* rapariga que estou a deixar ser roubada por aquele crocodilo!»

Depois a Mary Jane voltou à carga, e por fim voltou a ser doce e amável como era naturalmente; só que quando acabou a pobre Lábio Leporino já estava praticamente esmagada, e deu um berro.

— Vá lá — disseram as outras —, basta pedires-lhe desculpa.

E ela lá pediu, e pediu com graça. Pediu com tanta graça que dava gosto ouvir, e eu desejei poder contar-lhe mil mentiras para a ouvir fazê-lo outra vez.

Pensei comigo mesmo: «Esta é *outra* rapariga que estou a deixar ser roubada por aquele crocodilo.» E quando ela acabou as três não pouparam esforços para me fazer sentir em casa e entre amigos. Achei-me tão reles e tão maldoso que disse a mim mesmo: «Tomei uma decisão, hei de lhes devolver aquele dinheiro nem que tenha de morrer para isso.»

Por isso fui-me embora a grande velocidade — para a cama, disse-lhes, e era para lá que iria mais tarde ou mais cedo. Quando me achei sozinho, pus-me a pensar naquilo. Perguntei a mim mesmo: «Será que devo ir àquele médico, às escondidas, para lhe denunciar estas fraudes? Não — isso não serve. Ele é bem capaz de lhes dizer quem lhe disse, e então o rei e o duque haviam de me fazer a cama. Será que devo ir às escondidas contar à Mary Jane? Não; também não dá, eles veriam tudo na cara dela, de certeza, e como têm o dinheiro fugiam logo a correr com ele. E parece-me que, se ela fosse buscar ajuda, eu ainda me via metido no assunto antes de estar tudo resolvido. Não, só há uma coisa a fazer. Tenho de roubar aquele dinheiro, de alguma maneira, e tenho de o roubar de maneira a que eles não percebam quem o roubou. Eles têm aqui um filão, e não se hão de ir embora até terem espremido esta família e esta cidade até às últimas, por isso hei de ter oportunidades de sobra. Vou roubá-lo e

escondê-lo, e passado algum tempo, quando já estiver longe no rio, escrevo uma carta à Mary Jane a dizer-lhe onde está escondido. Mas o melhor era escondê-lo ainda esta noite, porque talvez o médico não se tenha desinteressado tão completamente como diz, e ainda pode assustá-los e pô-los em fuga.»

«Por isso», pensei eu, «vou subir e revistar os quartos deles.» Lá em cima o corredor estava escuro, mas encontrei o quarto do duque, e pus-me a procurar com as mãos, mas lembrei-me de que seria pouco típico do rei deixar alguém que não fosse ele tomar conta daquele dinheiro, por isso fui até ao quarto dele e comecei às apalpadelas por lá. Mas percebi que não conseguia fazer nada sem uma vela, e claro que não ia acender nenhuma. Por isso pensei fazer a outra coisa — esconder-me e ouvir as conversas deles. Por essa altura ouvi passos a aproximarem-se, e ia deitar-me debaixo da cama: tentei encontrá-la com a mão, mas não estava onde eu pensava que ia estar; em vez disso toquei foi na cortina de algodão que tapava os vestidos da Mary Jane, por isso saltei lá para trás, disfarcei-me no meio dos vestidos e fiquei ali sem me mexer.



O DUQUE ESPREITA DEBAIXO DA CAMA.

Eles entraram e fecharam a porta, e a primeira coisa que o duque fez foi baixar-se e espreitar debaixo da cama. Então fiquei feliz por não a ter encontrado quando tentara. E, no entanto, sabem, é bastante natural uma

pessoa esconder-se debaixo da cama quando está a fazer alguma coisa pela calada. Sentaram-se os dois e o rei disse:

— Então, o que é que se passa? E despacha-te, porque nós devíamos era estar lá em baixo a puxar pelos pesares, e não aqui em cima a dar tempo às pessoas para falarem de nós.

— Ora bem, Capet, é o seguinte: não me sinto à vontade, não estou com muita garra. Não consigo deixar de pensar naquele médico. Queria saber quais são os teus planos. Tenho a minha ideia, e acho que não está errada.

— E qual é ela, duque?

— Que era melhor desaparecermos esta noite antes das três da manhã, e fazermo-nos ao rio com aquilo que temos. Sobretudo tendo em conta a facilidade com que o ganhámos — foi-nos *dado*, oferecido numa bandeja, como se diz, quando nós estávamos prontos a roubá-lo a qualquer custo. Acho que devíamos dar à asa e fugir daqui.

Senti-me bastante mal ao ouvir aquilo. Uma ou duas horas antes teria sido um bocado diferente, mas agora sentia-me maldisposto e desapontado. O rei interrompeu-o e disse:

— O quê? Sem vender o resto das propriedades? Desertar como dois imbecis e deixar oito ou nove mil dólares de propriedades aí à mão de semear, praticamente a pedir para serem fanados?... E ainda por cima tudo coisas de qualidade, que se vendem bem!

O duque resmungou, disse que o saco de ouro era suficiente, que não queria ir mais longe, que não queria roubar a uma data de órfãs *tudo* o que elas tinham.

— Esta agora! As coisas que tu dizes! — disse o rei. — Não lhes vamos roubar nada a não ser este dinheiro. Quem comprar é que vai ser enganado, porque assim que se vier a saber que as propriedades não eram nossas — o que vai acontecer assim que sairmos daqui —, a venda deixa de ser válida, e é tudo devolvido aos herdeiros. As órfãs hão de voltar a ter as suas casas, o que para *elas* é mais do que suficiente; são novas e saudáveis e não hão de ter dificuldade em ganhar a vida. *Elas* não hão de sofrer. Ora, basta pensares, há milhares e milhares de pessoas que não têm nem um décimo daquilo com que *elas* vão ficar. Deus te abençoe, *elas* não têm razão de queixa.

Bem, o rei cegou-o com as suas palavras, de maneira que ele acabou por ceder, e disse que estava bem, mas que continuava a acreditar que era um grande erro ficar mais tempo ali com aquele médico pronto a cair-lhes em cima. Mas o rei disse:

— Que se dane o médico! O que é que ele nos interessa a nós? Não temos já todos os idiotas da cidade do nosso lado? E isso não é uma maioria suficiente em qualquer parte do mundo?

Por isso, prepararam-se para voltar lá para baixo. O duque disse:

— Acho que não pusemos o dinheiro num lugar muito bom.

Aquilo fez-me logo arrebitar. Já começava a pensar que não ia ouvir nada que me ajudasse. O rei disse:

— Porquê?

— Porque a Mary Jane vai estar de luto a partir de agora, e antes que demos por isso está aí o preto que arruma os quartos a dobrar estas farpelas todas para as meter no sótão, e achas que um preto pode ver dinheiro sem levar algum emprestado?

— A tua cabeça já está outra vez a funcionar, duque — disse o rei, e veio remexer na cortina a três ou quatro pés do sítio onde eu estava. Eu coleime-me todo à parede e fiquei calado que nem um rato, apesar de estar meio a tremer; depois pus-me a pensar no que aqueles dois me diriam se me apanhassem ali, e no que eu devia fazer se eles me apanhassem. Mas o rei encontrou o saco antes de eu conseguir produzir nem que fosse meio pensamento, e nunca suspeitou de que eu tivesse ali estado. Eles pegaram no saco, enfiaram-no num rasgão do colchão de palha que estava por baixo do colchão de penas, e disseram que agora estava bem, porque os pretos batem no colchão de penas, mas não viram o de palha mais de duas vezes por ano, portanto não havia perigo de o dinheiro ser roubado dali.

Mal sabiam eles: antes de eles terem chegado ao fim das escadas já eu o tinha tirado dali. Fui até à minha água-furtada às apalpadelas e escondi-o ali até poder arranjar algum sítio melhor. Pensei que o melhor era escondê-lo fora de casa, pois sabia muito bem que se eles dessem pela falta dele davam a volta à casa toda. Depois meti-me na cama, todo vestido, mas estava numa tal agitação para dar conta daquele assunto que, mesmo que tivesse querido, não teria

conseguido dormir. Passado um bocado ouvi o rei e o duque subirem, por isso rolei para fora do meu colchão e fiquei deitado com o queixo no rebordo do alçapão, à espera de ver o que é que acontecia. Mas não aconteceu nada.

Por isso fiquei acordado até os barulhos tardios se terem acabado e ainda não terem começado os da madrugada, e depois desci a escada.



O HUCK TIRA O DINHEIRO.

Capítulo XXVII

Rastejei até às portas dos quartos deles e fiquei à escuta: estavam a ressonar. Por isso segui caminho em bicos de pés e cheguei ao fim das escadas sem percalços. Espreitei por uma racha na porta da sala de jantar e vi os homens que tinham ficado de vigília ao cadáver adormecidos nas cadeiras. A porta que dava para a sala de estar, onde estava o cadáver, estava aberta, e havia uma vela em cada divisão. Eu fui passando, e vi que a porta da sala de estar estava aberta, mas que não estava lá ninguém, a não ser os restos do Peter, por isso apressei-me — só que a porta da frente estava trancada, e a chave não estava lá. Precisamente nessa altura, ouvi passos a descer a escada, mesmo atrás de mim. Corri para a sala de estar, olhei rapidamente em volta, e o único sítio que vi para esconder o saco foi o caixão. A tampa estava pousada a cerca de um pé da ponta, para se ver a cara do morto lá no fundo, com um pano molhado por cima, e embrulhado na mortalha. Eu enfiei o saco do dinheiro debaixo da tampa, mesmo abaixo do sítio onde se cruzavam as suas mãos, o que me fez estremecer, tão frias elas estavam; depois corri através da sala e encostei-me atrás da porta.



UMA RACHA NA PORTA
DA SALA DE JANTAR.

Quem lá vinha era a Mary Jane. Foi ao caixão, muito devagar, ajoelhou-se e olhou lá para dentro; depois puxou do lenço e vi que começou a chorar, apesar de não a conseguir ouvir, e de ela estar de costas voltadas para mim. Saí sem fazer barulho, e depois de passar a sala de jantar quis ter a certeza de que eles não me tinham visto, por isso espreitei pela racha, e estava tudo em ordem. Não se tinham mexido.

Subi e fui para a cama, bastante contristado, por ter acabado tudo assim depois de eu ter feito tantos esforços e ter corrido tantos riscos à conta daquilo. Pensei assim: «Se ele ficasse onde está, tudo bem, porque quando tiver feito mais cem ou duzentas milhas pelo rio posso escrever à Mary Jane e ela pode desenterrá-lo e ficar com ele, mas não é isso que vai acontecer — o que vai acontecer é que o dinheiro vai ser encontrado quando eles vierem aparafusar a tampa. O rei vai ficar com ele outra vez, e tão cedo não vai deixar que alguém volte a tirar-lho.» Claro que eu queria esgueirar-me lá para baixo para o tirar dali, mas não tive coragem. Agora amanhecia a cada segundo, e daí a pouco algumas daquelas pessoas que tinham ficado de vigília haviam de começar a mexer-se, e eu podia ser apanhado — apanhado com seis mil dólares nas mãos, sem que ninguém me tivesse pedido para tomar conta deles. «Não me quero meter numa alhada dessas», pensei eu.

Quando desci as escadas de manhã, a sala de estar estava fechada e as pessoas tinham-se ido embora. As únicas pessoas que tinham ficado eram a família, a viúva Bartley e a nossa tribo. Olhei para as caras deles para ver se tinha acontecido alguma coisa, mas não consegui perceber.

A meio do dia veio o cangalheiro com o ajudante, e puseram o caixão no meio da sala em cima de umas cadeiras; depois puseram todas as nossas cadeiras em filas e pediram mais algumas emprestadas aos vizinhos até que a entrada e a sala de jantar estavam cheias de cadeiras. Vi que a tampa do caixão estava na mesma posição, mas não fui espreitar lá para baixo, com aquela gente toda à minha volta.

Depois as pessoas começaram a chegar: os vigaristas e as raparigas sentaram-se na fila da frente, à cabeça do caixão, e durante meia hora as pessoas foram chegando em fila, devagar; olhavam para a cara do morto durante algum tempo, alguns vertiam uma lágrima; foi tudo muito solene e silencioso, só com as raparigas e os vigaristas de lenço nos olhos e as cabeças inclinadas, a soluçar baixinho. Não se ouvia nada além do som dos pés a arrastarem-se pelo chão e das pessoas a assoarem-se — porque toda a gente se assoa sempre muito mais em funerais do que em qualquer outro lugar, tirando a missa.

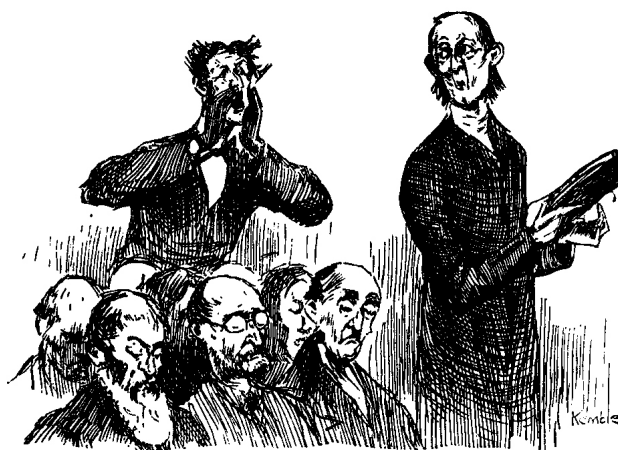
Quando tudo ficou cheio de gente, o cangalheiro pôs-se a deslizar de um lado para o outro, com as suas luvas pretas e as suas maneiras polidas e reconfortantes, sem fazer mais barulho do que um gato. Nunca falava: mexia pessoas de um lado para o outro, arranjava lugar para os que chegavam atrasados, abria passagem, e fazia tudo aquilo com acenos e gestos das mãos. Depois punha-se no seu lugar, contra a parede. Era o homem mais rápido, mais esquivo, mais arisco que alguma vez vi, e era tão incapaz de sorrir como um presunto.



O CANGALHEIRO.

Tinham pedido um pequeno órgão, todo desafinado, e quando tudo ficou pronto uma mulher nova sentou-se a tocar; o órgão fazia sons gritantes e parecia ter cólicas; todos o acompanharam a cantar e quanto a mim o Peter foi o único que não passou um mau bocado. Depois o reverendo Hobson pôs-se em posição, devagar e solene, e começou a falar; imediatamente rebentou na cave a algazarra mais incrível que alguma vez se ouviu: era só um cão, mas fazia um chinfrim impressionante, e nunca mais acabava: o pastor teve de ficar ali de pé por cima do caixão, à espera, porque o barulho era tal que uma pessoa nem ouvia os próprios pensamentos. Foi verdadeiramente constrangedor, ninguém parecia saber o que fazer. Mas passado um bocado viu-se aquele cangalheiro de perna longa acenar ao pastor como quem diz: «Não te preocupes — deixa isto comigo.» Depois dobrou-se e começou a apressar-se ao longo da parede, só com os ombros a verem-se por cima das cabeças das pessoas. Lá se foi apressando, com o tumulto e o chinfrim a piorar a cada segundo; por fim, quando já tinha percorrido duas paredes, desapareceu para a cave. Depois, daí a uns dois segundos, ouvimos um baque e o cão acabou o concerto com um ou dois uivos formidáveis; depois ficou tudo num silêncio de morte e o pastor voltou a pegar no seu discurso solene onde o tinha interrompido. Daí a um ou dois minutos lá vieram outra vez as costas e os ombros do cangalheiro a deslizar

ao longo da parede; foi deslizando e deslizando, percorreu três paredes, depois levantou-se, tapou a boca com as mãos, esticou o pescoço para o pregador, por cima das cabeças das pessoas, e disse, numa espécie de sopro áspero: «Estava lá uma ratazana.» Depois encolheu-se e voltou a deslizar pela parede até ao seu lugar. Via-se que toda a gente estava muito satisfeita, pois naturalmente todos queriam saber. Uma coisa assim pequena não custa nada, e é precisamente o estilo de coisa que faz com que um homem seja respeitado e admirado. Ninguém naquela cidade era mais popular do que o cangalheiro.



«ESTAVA LÁ UMA RATAZANA.»

Bem, o sermão funerário foi muito bom, mas comprido pra burro e cansativo; depois o rei meteu-se e começou a cuspir o lixo do costume, e por fim o assunto ficou encerrado e o cangalheiro começou a aproximar-se do caixão com a chave de parafusos. Eu estava muito agitado nessa altura, a observá-lo com imensa atenção. Mas ele não remexeu em nada, limitou-se a puxar a tampa para a frente, como se tivesse rodas, e a aparafusá-la depressa e bem apertada. E ali estava eu! Não sabia se o dinheiro lá estava ou não. «E agora», pensei eu, «imagina-se que alguém arrebanhou aquele dinheiro sem se fazer notar? Como é que *eu* sei se hei de escrever à Mary Jane ou não?» Se ela o fosse desenterrar para nada, havia de ficar com uma linda imagem de mim! «Maldição, ainda podiam vir à minha procura para me meter na prisão, é melhor ficar quietinho e não escrever nada, agora está tudo numa enorme embrulhada, e eu a tentar melhorar as coisas já as tornei mil vezes piores; quem me dera nunca me ter metido nisto, tinha sido melhor solução!»

Enterraram-no e voltámos para casa, e eu pus-me outra vez a observar caras — não podia deixar de o fazer, não conseguia ficar descansado. Mas não descobri nada, as caras não me disseram nada.

O rei passou a noite em visitas, a adoçar o humor de toda a gente, mais cordial do que nunca. Começou a espalhar a ideia de que a sua paróquia em Inglaterra devia estar muito preocupada com ele, e que por isso tinha de tratar de vender a propriedade assim que possível e voltar para casa. Tinha muita pena que tivesse de ser assim, ele e toda a gente — todos desejavam que ele pudesse ficar mais tempo, mas diziam compreender que lhe era impossível. Ele também dizia que ele e o William iam levar as raparigas consigo para casa, o que agradava muito a toda a gente, porque elas ficariam bem entregues às suas relações; e agradava às raparigas, também — estavam de tal maneira excitadas, que se esqueciam de todas as desgraças que lhes tinham acontecido, e diziam-lhe que vendesse tudo tão depressa quanto quisesse, que elas estavam prontas. As coitaditas estavam tão felizes e tão contentes que me doía o coração de as ver serem enganadas e gozadas, mas não via nenhuma maneira segura de fazer alguma coisa para os pôr a cantar outras cantigas.

E claro que o rei não perdeu tempo e pôs imediatamente a casa, os pretos e o resto das propriedades à venda num leilão, que ia ser dois dias depois do funeral; embora quem quisesse pudesse comprar em venda particular antes disso.

Por isso, no dia a seguir ao funeral, por volta do meio-dia, a felicidade das raparigas sofreu um primeiro abalo. Apareceu um par de negociantes de escravos e o rei vendeu-lhes os pretos por bom preço, pagos por cheque, e lá se foram eles, dois filhos rio acima para Memphis, e a mãe rio abaixo para Orleães. Pensei que aquelas pobres raparigas e aqueles pretos iam ficar com os corações desfeitos de tristeza; choravam uns à volta dos outros, e puseram-se num tal estado que quase fiquei doente só de olhar para eles. As raparigas diziam que nunca tinham sonhado ver a família separada ou vendida para fora da cidade. Há de me ficar sempre na memória a visão daquelas pobres raparigas e daqueles pretos pendurados aos pescoços uns dos outros a chorar, e acho que não teria aguentado aquilo tudo e teria explodido e denunciado o nosso bando

se não soubesse que a venda ia ser considerada inválida e que os pretos iam estar de volta a casa daí a um dia ou dois.

Aquilo também criou um grande rebuliço na cidade, e muitos vieram bater o pé e dizer que era um escândalo separar a mãe dos filhos daquela maneira. Isto manchou um bocado a imagem dos crápulas na cidade, mas o velho teimou em seguir com a venda, apesar de tudo o que o duque lhe dizia, e posso dizer-vos que o duque estava bastante nervoso.

O dia seguinte era o dia do leilão. Quando o Sol já ia alto de manhã, o rei e o duque vieram à minha água-furtada acordar-me, e vi pela cara deles que havia sarilhos. O rei diz-me assim:

— ‘Tiveste no meu quarto na noite antes de ontem?’

— Não, Vossa Majestade — que era como eu o tratava sempre que estávamos só nós, os do bando.

— E ‘tiveste lá dentro ontem ou na noite passada?’

— Não, Vossa Majestade.

— Tens a certeza? Não me mintas.

— Tenho a certeza, Vossa Majestade, estou a dizer a verdade. Não andei perto do seu quarto desde que a Miss Mary Jane o mostrou a si e ao duque.



«TIVESTE NO MEU QUARTO?»

O duque disse:

— Viste alguém entrar lá dentro?

— Não, Vossa Graça, que me lembre não, acho eu.

— Pensa.

Fiquei um bocadinho a matutar e vi a oportunidade; então disse:

— Bem, vi os pretos entrar lá várias vezes.

Ambos tiveram um pequeno sobressalto, e ficaram com ar de quem não estava nada à espera daquilo, e logo a seguir com ar de quem já tinha pensado no caso. Depois o duque disse:

— O quê? *Todos*?

— Não — pelo menos ao mesmo tempo, não. Quer dizer, acho que nunca os vi todos sair de lá ao mesmo tempo, tirando aquela vez...

— Ah! Qual vez?

— Foi no dia do funeral. De manhã. Eu estava atrasado, porque dormi de mais. Ia a descer pela escada quando os vi.

— Então, vá lá, *desembucha*! O que é que eles estavam a fazer? Que ar é que tinham?

— Não estavam a fazer nada, e também não tinham grande ar, pelo menos que eu notasse. Foram-se embora pé ante pé, por isso eu percebi — era fácil — que eles tinham ido ao quarto de Vossa Majestade, ou qualquer coisa assim, a pensar que estava levantado, e que afinal o tinham encontrado *a dormir*, e por isso estavam a tentar escapar-se dali sem o acordar, se é que não o tinham já acordado, para não arranjam problemas.

— Caramba! *Isto* é qualquer coisa! — disse o rei, e ambos ficaram com um ar bastante maldisposto e um tanto apatetado. Ficaram para ali a pensar e a coçar a cabeça durante um minuto, e depois o duque deu uma pequena gargalhadinha rouca e disse:

— Estes pretos fizeram a jogada limpinha. Fingiram estar com *pena* de se ir embora desta terra! E eu acreditei que eles estavam com pena, tu também, toda a gente acreditou. *A mim* não me voltam a dizer que um preto não tem talento histriónico. Qual quê, a maneira como eles representaram aquele bocado teria enganado *qualquer pessoa*. Quanto a mim, eles valem uma fortuna. Se eu tivesse capital e um teatro, não pedia melhor investimento do que aquilo — e

fomos nós vendê-los por tuta e meia. E por agora estamos de mãos a abanar. Mas afinal onde é que para esse cheque?

— No banco, à espera de que o vão lá levantar. *Onde mais* querias tu que estivesse?

— Bem, então *isso* está a salvo, graças a Deus.

Digo eu, fingindo-me um tanto tímido:

— Passa-se alguma coisa?

O rei vira-se para mim com um ar furioso e diz:

— Não tens nada com isso! Tu vê mas é se não tens ideias e trata mas é da tua vida. Enquanto estiveres nesta cidade não te *esqueças* disso, está bem? — depois diz ao duque:

— Temos de encaixar o golpe e ficar caladinhos: *boca fechada* é a palavra de ordem.



A FALAR.

Quando já iam a descer a escada, o duque deu outra gargalhadinha e disse:

— Vendas rápidas e pequenos lucros! É um grande negócio, oh, sim.

O rei olhou para ele com um ar irado e disse:

— Eu estava a tentar fazer o melhor possível ao vendê-los tão depressa. Se o lucro acabou por ser nenhum, e se falta um bom bocado e não há nada para nos encher os bolsos, a culpa não é mais minha do que tua.

— Bem, se tivesses ouvido o que te disse, a esta hora estavam *eles* aqui em casa e *nós* não.

O rei vociferou o mais alto que podia sem cometer imprudências e depois deu meia-volta e virou-se para *mim* outra vez. Deu-me um raspanete por não o ter ido avisar quando vi os pretos sair do quarto dele a portarem-se daquela

maneira — disse que qualquer idiota teria percebido que estavam a tramar alguma. Depois pôs-se às reviravoltas a amaldiçoar-se a si próprio durante um bocado, dizendo que tudo aquilo só tinha acontecido por ele não dormir até tarde e não cumprir o seu descanso natural, e que nunca em dias da sua vida se havia de tornar a levantar cedo. Depois continuaram a falar, e eu senti-me pessimamente por ter empurrado aquilo tudo para cima dos pretos, apesar de não lhes ter feito nenhum mal com isso.

Capítulo XXVIII

Daí a pouco foi hora de acordar. Por isso desci a escada e comecei a dirigir-me lá para baixo, mas quando passei pelo quarto das raparigas a porta estava aberta e vi a Mary Jane sentada ao lado da sua velha mala de pele, que estava aberta e cheia de coisas — ela estava-se a preparar para ir para Inglaterra. Mas agora tinha-se interrompido com um vestido meio dobrado no colo e estava com a cabeça nas mãos a chorar. Senti-me terrivelmente mal ao vê-la, claro, qualquer pessoa teria sentido o mesmo. Entrei lá dentro e disse:

— Miss Mary Jane, a menina não aguenta ver pessoas em apuros e *eu* tão pouco... quase nunca. Diga-me o que é que se passa.



EM APUROS.

Então ela contou-me. E era por causa dos pretos, como eu esperava. Dizia que para ela a linda viagem a Inglaterra estava praticamente arruinada; não percebia como ia alguma vez ser feliz lá, sabendo que a mãe e os filhos nunca se iam voltar a ver — e depois desfez-se em lágrimas ainda mais desesperadas, levantou as mãos para o céu, e disse:

— Oh, meu Deus, meu Deus, pensar que eles *nunca mais* se vão ver!

— Mas vão — eu sei! —, daqui a duas semanas, no máximo — disse eu.

Céus, a choradeira acabou antes que eu tivesse tempo de pensar! E antes que eu tivesse podido pestanejar ela pôs os braços à volta do meu pescoço e pediu-me que dissesse aquilo *outra vez, outra vez, outra vez!*

Eu vi que tinha falado demasiado cedo e de mais, e que estava a enfiar-me num buraco. Pedi-lhe que me desse um minuto para pensar e ela ficou ali sentada, muito impaciente, agitada, e elegante, mas parecendo mais aliviada, como uma pessoa a quem acabaram de arrancar um dente. Por isso pus-me a examinar a situação. Disse a mim mesmo: «Não posso dizer isto de experiência própria, nem tenho a certeza, mas isso não interessa: parece-me que uma pessoa que diz a verdade quando se vê apanhada num impasse está a correr riscos consideráveis, e no entanto aqui está um caso em que dizer a verdade me parece melhor e menos arriscado do que mentir. Tenho de guardar isto nalgum canto da ideia e pensar no assunto um dia qualquer, é tão estranho e fora do vulgar... Nunca vi nada parecido. Bem, vou experimentar: desta vez conto a verdade, apesar de parecer quase tão mau como sentar-me num barril de pólvora e acendê-lo só para ver onde vou parar.»

Depois disse:

— Miss Mary Jane, há algum sítio fora da cidade onde pudesse ir passar três ou quatro dias?

— Há, sim, a casa do Mr. Lothrop. Mas porquê?

— Isso para já não interessa. Importava-se de ir passar quatro dias em casa do Mr. Lothrop, se eu lhe contasse porque é que os pretos se vão voltar a ver, aqui nesta casa, dentro de duas semanas no máximo, e lhe desse provas de que isso é verdade?

— Quatro dias! — diz ela. — Passava lá um ano!

— Está bem — disse eu —, basta que me dê a sua palavra — prefiro isso aos juramentos de mão na Bíblia da maior parte das pessoas. — Ela sorriu e corou, muito meiga, e eu disse: — Se não se importa, vou fechar a porta — e trancá-la.

Depois voltei a sentar-me e disse:

— Não se ponha aos berros. Fique sentada e oiça como um homem. Eu tenho de lhe dizer a verdade, e a menina tem de se preparar, Mary Jane, porque não é nada agradável, e não vai ser fácil de ouvir, mas não há outra solução. Estes seus tios não são seus tios coisa nenhuma, são um par de fraudes, de velhacos comuns. Pronto, já está, o pior já está dito, o resto vai ser mais fácil de aguentar.

Claro que foi um golpe duro para ela, mas o pior já tinha passado, por isso continuei sem parar; os olhos dela cada vez mais incandescentes, e eu a contar-lhe tudo, até ao último pormenor, desde a altura em que tínhamos visto aquele rapaz sem juízo que ia apanhar o vapor até à altura em que ela se atirou ao pescoço do rei e ele a beijou umas dezasseis ou dezassete vezes — aí ela levanta-se de um pulo, com a cara afogueada como um pôr do sol, e diz:

— O monstro! Vamos, não há um minuto a perder — nem um *segundo*! —, hão de ser passados pelo alcatrão e pelas penas e atirados ao rio!

Eu digo assim:

— Com certeza. Mas *antes* de ir para casa do *Mr. Lothrop*...?

— Oh — diz ela —, mas *onde* é que eu tenho a cabeça! — diz, e volta logo a sentar-se. — Não liguês ao que eu te disse, não liguês, *não tem importância, pois não?* — poisou a mão sedosa na minha de uma maneira que me fez pensar que estava pronto a morrer por ela. — Não estava a pensar, estava tão enervada — disse ela —, agora podes continuar, eu não voltarei a deixar-me levar. Diz-me o que devo fazer, que eu obedeço.

— Bem — digo eu —, estes dois aldrabões não são para brincadeiras, mas eu, por certas razões que prefiro não dizer, tenho de viajar com eles por mais algum tempo, quer queira quer não; se a menina os denunciasse, esta cidade livrava-me das garras deles, e *eu* ficava a salvo, mas outra pessoa que eu conheço ficava em grande perigo. E *temos* de a salvar, não é verdade? Pois é. Bom, por causa disso não podemos denunciá-los.



INDIGNAÇÃO.

Dizer estas palavras fez-me ter uma boa ideia. Vi que talvez houvesse uma maneira de eu e o Jim nos vermos livres dos aldrabões; de fazer com eles fossem presos ali, e depois ir embora. Mas não me apetecia andar na jangada durante o dia sem ninguém além de mim para responder às perguntas que me fizessem, por isso não queria que o plano começasse antes de a noite já ir bem avançada. Disse assim:

— Miss Mary Jane, vou-lhe dizer o que vamos fazer, e nem vai ter de ficar muito tempo em casa do Mr. Lothrop. É muito longe daqui?

— Um bocadinho menos do que quatro milhas de caminho — é mesmo no meio do campo, ali por trás.

— Bem, isso serve. Então vá andando para lá e fique escondida até às nove ou nove e meia da noite; nessa altura peça que a tragam de volta para casa — diga-lhes que se lembrou de uma coisa. Se aqui chegar antes das onze, ponha uma vela nesta janela e, se eu não aparecer, espere até às onze; então, se eu não aparecer, quer dizer que me fui embora, que estou longe daqui, e a salvo. Então espalhe as notícias e faça com que estes vigaristas sejam presos.

— Está bem — disse ela —, assim farei.

— E se por acaso acontecer que eu não consiga fugir e seja preso com eles, a menina tem de me defender, dizer que eu já lhe tinha contado tudo, e fazer todos os possíveis para que não me aconteça nada.

— Mas é claro! Todos os possíveis! Não hão de tocar num único cabelo da tua cabeça! — disse ela, e eu notei que as narinas se lhe dilataram e que as pestanas se cerraram enquanto ela o dizia.

— Se eu conseguir ir embora, não vou estar aqui — disse eu — para provar que estes malandros não são teus tios, e mesmo que aqui estivesse não conseguia *prová-lo*. Podia jurar que são os dois vigaristas e vagabundos, mais nada, apesar de isso ainda ser alguma coisa. Bem, há quem possa provar isso melhor do que eu, e são gente de quem não se vai duvidar tanto como se havia de duvidar de mim. Vou-lhe dizer onde os pode encontrar. Arranje-me um lápis e uma folha de papel. Aqui está — *A Realeza sem Igual, Bricksville*. Arrume-o e não o perca. Quando o tribunal quiser saber coisas sobre estes dois, diga-lhes que mandem alguém dizer em Bricksville que têm os dois homens do espetáculo da Realeza sem Igual, e pedir testemunhas — há de ter a cidade inteira aqui antes que o Diabo esfregue um olho, Miss Mary. E hão de estar furiosos, garanto-lhe.



ONDE OS ENCONTRAR.

Achei que já estava tudo mais ou menos acertado, por isso disse:

— Deixe que o leilão aconteça e não se preocupe. Foi anunciado com tão pouca antecedência que ninguém tem de pagar as coisas que comprar até ao dia seguinte, e eles não se hão de ir embora até *terem* o dinheiro; de qualquer maneira, como as coisas estão arranjadas, a venda não vai ser aceite e eles não hão de receber nada. É exatamente como aconteceu com os pretos: não foram realmente vendidos, e eles hão de estar de volta aqui antes que passe muito tempo. Ora, eles ainda nem o dinheiro dos pretos podem levantar! Estão metidos numa bela alhada, Miss Mary.

— Bem — diz ela —, agora vou depressa lá para baixo tomar o pequeno-almoço, e depois vou direitinha a casa do Mr. Lothrop.

— Ah, mas não está a perceber bem a ideia, Miss Mary Jane! — disse eu —, é que nem pensar nisso; tem de ir *antes* do pequeno-almoço.

— Porquê?

— Porque é que acha que eu quero que vá para lá?

— Bem, nem pensei nisso — e palavra, agora que penso, não faço ideia. Porque é?

— Pois, é porque a Miss Mary Jane não é propriamente uma cara de pau. A sua cara é um livro aberto. Pode uma pessoa sentar-se a lê-la como se fosse um jornal. Acha que consegue olhar para os seus tios quando eles lhe vierem dar os bons-dias, sem não...

— Está bem, já chega! Sim, eu vou antes do pequeno-almoço, até é melhor assim. E deixo as minhas irmãs com eles?

— Sim, não se preocupe com elas. Terão de os aguentar mais um bocadinho. Eles podiam desconfiar se desaparecessem todas de uma vez. Não quero que a Miss Mary Jane os veja a eles, nem às suas irmãs, nem a mais ninguém desta cidade; se um vizinho hoje de manhã lhe perguntasse como estão os seus tios, a sua cara havia de trair alguma coisa. Não, vá diretamente para lá, que eu trato deles. Dou recado à Miss Susan para mandar beijinhos seus aos tios e para lhes dizer que a menina se foi embora por algumas horas para descansar um bocado, ou para visitar uma amiga, e que volta esta noite ou amanhã pela fresca.

— Podes dizer que fui visitar uma amiga, mas não quero que digas que mando beijinhos.

— Ah, nesse caso não digo nada. — Não havia mal em deixá-la acreditar que não, era uma coisa sem importância. Era só uma coisinha de nada, e são coisas assim que tornam mais fáceis as vidas das pessoas cá em baixo: a Mary Jane ficava contente e não me custava nada. Depois eu disse:

— Há mais uma coisa: o saco do dinheiro.

— Pois, esse têm-no eles, e sinto-me bastante estúpida quando penso em como lhes foi parar às mãos.

— Não, nisso está bem enganada. Eles não o têm.

— Então quem tem?

— Quem me dera saber! Não sei. Era *eu* que o tinha, porque o roubei para lho devolver, e sei onde é que o escondi, mas tenho medo de que já lá não esteja. Tenho muita pena, Miss Mary Jane, tenho mesmo imensa pena, mas fiz o melhor que pude, a sério. Estive muito perto de ser apanhado, e tive de o enfiar no primeiro sítio que apareceu e fugir. E não era um sítio nada bom.

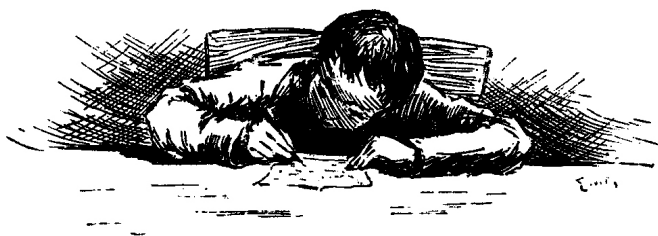
— Oh, para de te culpar, proíbo-te de continuares. Fizeste o que podias, a culpa não foi tua. Onde é que o escondeste?

Eu não queria que ela se pusesse outra vez a pensar nas suas desgraças, e parecia que não conseguia fazer com que as palavras saíssem da minha boca, para a fazer imaginar aquele cadáver estendido no caixão com um saco de dinheiro poisado no estômago. Por isso não disse nada durante um minuto, e depois disse:

— Eu preferia não lhe dizer onde o meti, Miss Mary Jane, se não se importasse; mas escrevo-lho aqui num papel e pode lê-lo quando estiver a caminho de casa do Mr. Lothrop, se quiser. Pode ser?

— Sim, claro.

Por isso eu escrevi: «Meti-o no caixão. Eu estava lá quando a Miss Mary Jane estava a chorar ao pé dele, a meio da noite. Eu estava atrás da porta, e tive tanta pena de si!»



ELE ESCREVEU.

Os meus olhos ficaram um bocadinho húmidos de me lembrar dela a chorar ali sozinha a meio da noite, com aqueles demónios debaixo do seu teto, a envergonhá-la e a enganá-la, e quando dobrei o papel e lho dei vi que os olhos dela também estavam cheios de lágrimas. Ela apertou-me a mão com força e disse:

— Adeus! Vou fazer tudo exatamente como me disseste, e se nunca mais te vir, nunca mais me vou esquecer de ti e hei de pensar em ti muitas e muitas

vezes, e hei de *rezar* por ti, também! — E foi-se embora.

Rezar por mim! Se ela me conhecesse, acho que não se teria querido ver com uma tal tarefa nos braços. Se bem que, na verdade, acho que o teria feito de qualquer maneira, era esse estilo de pessoa. Tinha força para rezar por Judas, se lhe desse na gana; acho que nada a fazia recuar. Podem dizer o que quiserem, mas cá para mim ela tinha mais coragem do que todas as raparigas que já conheci, era valente até dizer chega. Parece graxa, mas não é nada disso. E em termos de beleza, e em bondade, também, vale mais do que as outras todas. Nunca mais a voltei a ver, desde o dia em que a vi sair por aquela porta — não, não a voltei a ver, mas pensei nela mais de um milhão de vezes, e no que ela disse, que ia rezar por mim; e se alguma vez tivesse julgado que faria algum bem eu rezar por *ela*, podem crer que o teria feito, custasse o que custasse.

Bem, a Mary Jane foi-se embora à pressa, pela porta das traseiras, acho eu, porque ninguém a viu sair. Quando encontrei a Susan e a do lábio leporino, disse assim:

— Como é que se chamam aqueles que vocês vão às vezes visitar, do outro lado do rio?

Elas disseram:

— Há vários, mas vamos mais vezes aos Proctors.

— Esses mesmo — disse eu —, tinha-me esquecido. Bem, a Miss Mary Jane disse-me para vos dizer que foi para lá, numa pressa enorme, porque um deles está doente.

— Qual?

— Não sei, ou seja, já me esqueci, mas acho que é...

— Valha-nos Deus, espero que não seja a Hannah!

— Tenho muita pena — disse eu —, mas acho que é mesmo a Hannah.

— Céus! E ela que estava de perfeita saúde ainda na semana passada! Está muito mal?

— Pior do que mal. A Miss Mary Jane disse que estiveram à cabeceira dela a noite toda e que acham que já não vai viver muitas horas.

— Esta agora! O que é que ela tem?

Naquele instante não consegui pensar em nenhuma coisa com sentido, por isso disse:

— Papeira.

— Papeira, a tua avó! Não se fica a noite toda a pé quando alguém tem papeira.

— Pois não, não é? Mas com *esta* papeira, sim. Esta é diferente. A Miss Mary Jane disse que é uma espécie nova de papeira.

— Nova como?

— Porque está misturada com outras coisas.

— Que outras coisas?



HANNAH COM PAPEIRA.

— Bem, sarampo, tosse convulsa, erisipela, tísica, trízia, meningite e mais não sei quê.

— Credo! E por que raio lhe chamam *papeira*?

— Ora, porque *é* papeira. É por aí que começa.

— Isso não tem pés nem cabeça. Uma pessoa podia perder o dedo grande do pé, tomar veneno, cair ao fundo de um poço, partir o pescoço, e dar um tiro nos miolos, e depois vir alguém e perguntar de que tinha morrido, e uma inteligência qualquer dizia: «Ah, perdeu o *dedo grande do pé!*» — isso tinha algum jeito? Não. E *isto* também não tem. Pega-se?

— Se se *pega*? As coisas que uma pessoa ouve! Pega-se que nem lume em mato seco! Se não pegar uma faúlha, pega a seguinte. E quando se pega a uma, pega-se logo às outras todas, não há nada que o pare, não é? Pois então esta

papeira alastra assim como lume, e não é desses fogos mansos; quando pega, arde mesmo.

— Bem, isso é terrível — disse a do lábio leporino —, vou ter com o Tio Harvey...

— Ah, sim — disse eu —, que *boa ideia*. Eu ia *já*, a correr.

— E porque é que não havias de ir?

— Pensa lá um minuto, que talvez lá chegues. Os vossos tios não foram obrigados a vir de Inglaterra o mais depressa que puderam? E achas que seriam maus ao ponto de vos deixar para trás para fazerem a viagem sozinhas? Com certeza *sabes* que eles hão de ficar à vossa espera. Até aqui, não há problema. O Tio Harvey é pastor, não é verdade? Muito bem, pois, e será que um *pastor* vai enganar o oficial de um vapor; será que vai enganar o oficial de um *navio*, para conseguir que a Miss Mary Jane entre a bordo? *Não*, sabem muito bem que não. O que será que ele vai fazer, então? Ora, dirá: «É uma grande pena, mas a minha igreja terá de passar sem mim, pois a minha sobrinha foi exposta à terrível papeira *pluribus unum*, e portanto é meu dever incontornável ficar aqui três meses parado até se ver se a apanhou.» Mas que importância tem isto, se acha que o melhor é contar ao seu Tio Harvey...

— Oh, nem pensar, para depois ficar aqui a olhar para o ar, à espera de saber se a Mary Jane está doente ou não, quando podia estar a divertir-me em Inglaterra? Tens cada ideia!

— Bem, de qualquer maneira, talvez devêssemos contar aos vizinhos.

— Essa então! É o cúmulo da estupidez natural. Não *vês* que *eles* iam dizer a toda a gente? A única coisa a fazer é não contar a *ninguém*.

— Bem, talvez tenhas razão. Sim, parece-me que tens mesmo razão.

— Mas mesmo assim acho que devíamos contar ao Tio Harvey que ela saiu, para ele não ficar preocupado com ela.

— Sim, a Miss Mary Jane queria que fizessem isso. Ela disse-me assim: «Diz-lhes que digam ao Tio Harvey e ao Tio William que lhes mando beijinhos, e que fui num instante ao outro lado do rio ver o Mr. ... Mr. ... como é que se chama aquela família rica de quem o vosso tio Peter gostava tanto? Aquela, a que...

— Ah, deves estar a falar dos Apthorps, não?

— Claro, que confusão que é com esses nomes; uma pessoa nunca se consegue lembrar deles, vá-se lá saber porquê. Sim, disse ela, «elas que digam que eu fui aos Apthorps pedir que não deixassem de vir ao leilão comprar esta casa», porque achava que o tio Peter gostaria mais de a ver nas mãos deles do que nas de qualquer outra pessoa, e disse que ia ficar com eles até eles lhe prometerem que vinham, e depois, se não estivesse demasiado cansada, voltava para casa, senão voltava amanhã de manhã de qualquer maneira. Ela pediu que não se dissesse nada sobre os Proctors, só sobre os Apthorps — o que não vai ser mentira, porque ela *também* vai lá falar com eles sobre a compra da casa, e eu sei isso porque ela própria mo contou.



O LEILÃO.

— Está bem — disseram elas, e foram-se embora ter com os tios, transmitir-lhes o recado e os beijinhos.

Tudo estava a postos. As raparigas não haviam de dizer nada, porque queriam ir para Inglaterra, e o rei e o duque haviam de preferir que a Mary Jane andasse na outra margem a tratar do leilão do que por ali, ao alcance do doutor Robinson. Eu estava muito satisfeito; achei que me tinha saído bastante bem, e que nem o Tom Sawyer teria feito melhor. Claro que talvez tivesse feito

as coisas com mais estilo, mas eu não sou muito bom nisso, não fui educado assim.

Bem, organizou-se o leilão na praça pública, para o fim da tarde, e foi durando e durando; o velho estava lá, com o seu ar canalha de sempre, lá em cima, ao lado do leiloeiro, de vez em quando interrompia com comentários santarrões e coisas do Evangelho; o duque também andava por lá a fazer-se de interessante e a tentar despertar a simpatia das pessoas o melhor que conseguia com os seus gluglus.

Mas, finalmente, depois de muito arrastar, tudo foi vendido — tudo menos uma parcelazinha de terra insignificante no cemitério. Mas eles *tinham* de tratar também disso — nunca vi ninguém como o rei para querer engolir *tudo* o que via, ele era uma autêntica girafa! Bem, estavam eles naquilo quando chegou o vapor, e passados uns dois minutos veio uma multidão aos gritos, aos uivos e a rir, numa grande algazarra, gritando:

— Chegou a oposição! Mais um par de herdeiros do velho Peter Wilks! É ao gosto do freguês!

Capítulo XXIX

Traziam com eles um senhor velho com um ar muito simpático, e outro mais novo, também com um ar simpático, que tinha o braço direito ao peito. E santo Deus, como as pessoas gritavam e riam sem parar! Mas eu não via onde estava a graça, e pensei que o rei e duque também iam ter alguma dificuldade em ver o lado cómico da coisa. Esperava vê-los empalidecer — mas não, nem um *bocadinho*! O duque parecia não ter percebido nada do que se estava a passar; continuou por ali aos gluglus, como um jarro de leite que se esvazia, feliz e contente; quanto ao rei, limitava-se a lançar olhares piedosos aos recém-chegados, como se ficasse com dores de estômago no fundo do coração só de pensar que podiam existir semelhantes vigaristas e velhacos no mundo. Oh, ele representava admiravelmente o seu papel. Muitas das pessoas mais importantes reuniram-se à volta do rei, para lhe dar a entender que estavam do lado dele. O senhor velho que tinha acabado de chegar parecia mais confuso do que um cão num tiroteio. Passado pouco tempo começou a falar, e eu vi logo que a pronúncia dele era a de um inglês — não como a do rei, apesar de a do rei ser *mesmo* bastante boa para uma imitação. Não sei quais foram as palavras exatas do senhor velho, e tão-pouco sei imitar a sua pronúncia, mas ele virou-se para a multidão e disse mais ou menos isto:



OS VERDADEIROS IRMÃOS.

— Isto é uma surpresa de que eu não estava à espera, e reconhecerei com toda a franqueza que não sei muito bem como devo reagir; pois eu e o meu irmão passámos por tribulações; ele partiu o braço, e ontem à noite a nossa bagagem foi descarregada numa cidade aqui ao pé, por engano. Eu sou o Harvey, irmão de Peter Wilks, e este é William, que não ouve nem sabe falar — e nem sequer pode fazer muitos sinais, agora que só tem uma mão disponível. Somos quem dizemos ser, e daqui a um ou dois dias, quando chegar a bagagem, posso prová-lo. Mas até lá não direi mais nada; vou esperar no hotel.

E assim ele e o novo mudo foram-se embora, e o rei riu-se e sentenciou:

— Partiu o braço! *Muito* plausível, *não é?* E muito conveniente, também, para um vigarista que tem de fazer sinais e não sabe como. Perderam a bagagem! *Essa* é que é boa! E engenhosa, tendo em conta as circunstâncias.

Riu-se outra vez, e todos se riram com ele, menos uns três ou quatro, ou talvez uma meia dúzia. Um destes era o médico, outro era um senhor com um ar muito elegante, que trazia um saco de tapeçaria dos antigos; tinha acabado de sair do vapor e falava em voz baixa com o médico, olhando de viés para o rei e acenando com a cabeça — era Levi Bell, o advogado que tinha ido a Louisville; outro era um tipo grande, robusto e rude, que tinha vindo ouvir o

que o senhor velho dissera e agora ouvia o rei. Quando o rei acabou, este grandalhão agarrou em si e disse:

— Olha lá, diz-me uma coisa, já que és o Harvey Wilks, quando é que chegastes a esta cidade?

— No dia antes do funeral, amigo — disse o rei.

— Mas a que horas?

— À tarde, uma ou duas horas antes do pôr do sol.

— *Como* é que viestes?

— Vim no *Susan Powell*, de Cincinnati.

— Se foi assim, como é que é possível teres estado no Pint nessa *manhã*, numa canoa?

— Eu não estava no Pint de manhã.

— É mentira.

Muita gente o rodeou, suplicando-lhe que não falasse assim a um homem velho e pastor.

— É tão pastor como eu; é um vigarista e um mentiroso. Ele estava no Pint nessa manhã. Eu moro lá, não moro? Pois, eu estava lá, e ele também. Eu vi-o. Chegou numa canoa, com o Tim Collins e um miúdo.

O médico meteu-se e disse:

— Reconhecias esse rapaz se o visses outra vez, Hines?

— Acho que sim, mas não tenho a certeza. Ora! Ali está ele. Reconheço-o sem problema nenhum.

Era para mim que estava a apontar. O médico disse:

— Meus vizinhos, não sei se o par que chegou agora é vigarista ou não, mas se estes dois não são, então eu sou um idiota, é simples. Acho que é o nosso dever zelar por que eles não se vão embora daqui até termos investigado este assunto. Vamos, Hines; venham todos. Vamos levar estes senhores à taberna e confrontá-los com o outro par, e parece-me que havemos de acabar por descobrir *alguma coisa*.

O público delirava, tirando talvez os amigos do rei, e lá fomos todos. Eram alturas do pôr do sol. O médico levou-me pela mão e foi verdadeiramente amável, mas sem nunca me largar a mão.



O MÉDICO LEVA O HUCK.

Entrámos todos numa grande sala do hotel, acendemos algumas velas e trouxemos para lá o outro par. Primeiro o médico disse:

— Não quero ser demasiado duro com estes dois homens, mas eu acho que eles são fraudes, e talvez tenham cúmplices que não conhecemos. Se for assim, não é provável que esses cúmplices fujam com o saco de ouro que o Peter Wilks deixou? Parece-me que sim. Se estes homens não são fraudes, não terão objeções a que se mande buscar o dinheiro para que nós o guardemos até se provar que são honestos — não é verdade?

Todos reconheceram que sim — então eu julguei que o caso estava complicado para os malfeitores, logo desde o princípio. Mas o rei limitou-se a pôr um ar triste e disse:

— Meus senhores, quem me dera que o dinheiro lá estivesse, pois eu não tenho feitiço para dificultar a investigação imparcial e exaustiva deste assunto lamentável; mas, infelizmente, o dinheiro não está lá — podem mandar verificar.

— Então onde é que está?

— Bem, a minha sobrinha deu-mo para o guardar por ela e eu peguei nele e enfiei-o no colchão de palha da minha cama, não o querendo depositar pelos

poucos dias que aqui passávamos, considerando a cama um sítio seguro, visto que não estou habituado a pretos e que os supunha honestos, como os criados em Inglaterra. Os pretos roubaram-no logo na manhã seguinte, assim que eu saí do quarto, e eu, quando os vendi, ainda não tinha dado pela falta do dinheiro, por isso escaparam mesmo com ele. Aqui o meu criado pode confirmar que isto é verdade.

O médico e várias outras pessoas disseram «Bolas!» e eu vi que ninguém acreditava completamente nele. Um homem perguntou-me se eu tinha visto os pretos roubá-lo. Eu disse que não, mas que os tinha visto sair sorrateiramente do quarto e irem-se embora muito depressa, e que nunca tinha desconfiado de nada, só pensara que eles se tinham assustado por terem acordado o meu patrão e que estavam a tentar afastar-se dali antes que ele ralhasse com eles. Não me perguntaram mais nada. Depois o médico voltou-se para mim de repente e disse:

— E *tu* também és inglês?

Eu disse que sim, e ele e alguns outros riram-se e disseram: «Essa é boa!»

Bem, eles avançaram com a investigação geral, examinando tudo do princípio ao fim, durante horas a fio, sem que ninguém dissesse nada sobre jantar nem parecesse pensar nisso. E nunca mais se calavam, aquilo era a coisa *mais* enredada que alguma vez se viu. Mandaram o rei contar a versão dele, e o senhor velho a sua; e só mesmo um bando de vinhos casmurros é que não teria visto logo que o senhor velho estava a dizer a verdade e o outro a contar mentiras. Passado um bocado puseram-me a mim a contar o que sabia. O rei lançou-me um olhar do canto do olho e eu percebi de que lado devia ficar. Comecei a falar de Sheffield e de como lá vivíamos, de como eram os Wilks ingleses, e por aí fora, mas não tinha ido muito longe quando o médico se começou a rir, e Levi Bell, o advogado, disse:

— Senta-te, meu rapaz, eu se fosse a ti não me cansava tanto. Parece-me que não estás habituado a mentir, isso não te vem muito facilmente — é com certeza falta de prática. Vê-se que te estás a esforçar.

O elogio não me agradou, mas de qualquer maneira fiquei contente por me deixarem em paz.

O médico começou a dizer qualquer coisa, mas depois virou-se e disse:

— Se tivesses aqui estado desde o princípio, Levi Bell... — O rei interrompeu-o e pôs-se a avançar para o outro de mão estendida, dizendo:

— Ah, é o grande amigo do meu pobre falecido irmão, sobre quem ele me escreveu tantas vezes?

O advogado apertou-lhe a mão, sorrindo com um ar agradado; falaram durante um bocado e depois foram para um canto e falaram em voz baixa; por fim o advogado levantou a voz e disse:

— Muito bem. Eu envio-lhe o cheque ao mesmo tempo que o do seu irmão, e assim todos verão que está tudo bem.

Por isso pegaram em papel e caneta; o rei sentou-se, e, inclinando a cabeça para um dos lados e mordendo a língua, escrevinhou qualquer coisa; depois deu a caneta ao duque, e pela primeira vez o duque pareceu maldisposto. Mas pegou na caneta e escreveu. Então o advogado virou-se para o senhor novo e disse:

— O senhor e o seu irmão façam o favor de escrever uma linha ou duas e de assinar os vossos nomes.



O DUQUE ESCRVEU.

O senhor velho obedeceu, mas ninguém percebia o que ele tinha escrito. O advogado parecia espantadíssimo, e disse:

— Palavra, é incrível! — e num ápice tirou do bolso um monte de cartas velhas que se pôs a examinar. A seguir examinou a letra do velho, e depois a *deles*; por fim disse:

— Estas são velhas cartas escritas por Harvey Wilks, e aqui estão estas letras, e qualquer pessoa consegue ver que *eles* não as escreveram. — (O rei e o duque ficaram cá com uma cara de parvos quando viram como o advogado os tinha

apanhado!) — E aqui está a letra *deste* velho senhor e qualquer pessoa pode ver, sem grande dificuldade, que ele não as escreveu — na verdade os rabiscos que ele fez não são propriamente *escrita* nenhuma. Também aqui tenho algumas cartas do...

O novo homem diz assim:

— Se não se importa, gostaria de explicar. Ninguém além do meu irmão que ali está consegue ler a minha letra, por isso ele passa tudo por mim. É a letra *dele* que aí tem, e não a minha.

— Bem! — diz o advogado —, *essa* então! Também tenho aqui algumas cartas do William, por isso se lhe pedir para ele escrever qualquer coisa para podermos...

— Ele não sabe escrever com a mão esquerda — diz o senhor velho. — Se ele pudesse usar a mão direita, o senhor via que ele escreveu as cartas dele e as minhas também. Compare-as, por favor, e verá que são escritas pela mesma pessoa.

O advogado obedeceu, e disse:

— Parece-me que tem razão — pelo menos há uma parecença muito maior do que eu alguma vez notara. Bem, bem, bem! E eu que pensava que estava prestes a arranjar uma solução, mas foi tudo por água abaixo. Quer dizer, quase tudo, porque uma coisa está provada: *estes* dois não são os irmãos Wilks — e apontou com a cabeça para o rei e para o duque.

Mas acham que aquela mula velha se deu por vencida? Não, nem numa altura destas! Nem por nada. Disse que aquele teste não era justo. Disse que o seu irmão William era muito brincalhão e que nem sequer tinha *tentado* escrever — assim que o William tinha pegado no papel e na caneta ele tinha visto que era para pregar uma das suas partidas. Foi aquecendo e continuou as suas cantorias indignadas até que *ele próprio* começou a acreditar no que dizia. Mas daí a nada o senhor que chegara nesse dia interrompeu-o e disse:

— Tive uma ideia: há aqui alguém que tenha ajudado a arranjar o meu irm... a arranjar o falecido Peter Wilks antes do enterro?

— Sim — disse alguém —, eu e o Ab Turner. Estamos os dois aqui.

Depois o velho virou-se para o rei e disse:

— Talvez este senhor me saiba dizer o que ele tinha tatuado no peito?

O rei teve de se controlar mesmo muito depressa para não ficar com cara de quem deixou de sentir o chão debaixo dos pés, como acontece naqueles sítios à beira de água onde o rio escavou a terra por baixo; aquilo apanhou-o de repente, e, ainda por cima, era uma pergunta calculada para apanhar praticamente qualquer pessoa desprevenida — uma prova tão certa, exigida assim sem pré-aviso! Como ia *ele* saber o que o homem tinha tatuado no peito? Ele empalideceu um bocadinho; não pôde impedi-lo. Estava tudo profundamente calado lá dentro; toda a gente estava ligeiramente inclinada para a frente para o poder ouvir. Eu disse a mim mesmo: «Agora é que ele vai desistir, não serve de nada continuar.» Mas acham que sim? É inacreditável, mas ele continuou em frente. Cá para mim pensou que se continuasse com aquilo até as pessoas estarem esgotadas e começarem a dispersar-se, ele e o duque podiam escapar e fugir. Fosse como fosse, ali estava ele, sentado, e daí a pouco começou a sorrir, e disse:

— Hum! É uma pergunta verdadeiramente difícil, não é verdade? Ah, pois é. Eu digo-lhe o que ele tem tatuado no peito: é uma setinha pequena, azul — e se não se olhar de perto, nem sequer se vê. Então, o que é que me diz, há?

Nunca vi ninguém com um descaramento tão grande como aquela velha pústula.

O novo senhor velho virou-se vivamente para o Ab Turner e o companheiro dele, com olhos a brilhar como se achasse que *desta vez* tinha apanhado o rei, e disse:

— Cá está! Viram alguma coisa assim no peito do Peter Wilks?

Os dois disseram bem alto:

— Não vimos nada que se parecesse.

— Muito bem! — disse o senhor velho. — O que vocês viram no seu peito foi um P pequeno e meio apagado, um B (que é uma inicial que ele deixou de usar quando era novo), e um W, com traços a separá-los, assim: P — B — W — e escreveu-os dessa maneira numa folha de papel. — Então, não foi isto que viram?

Ambos voltaram a falar alto, dizendo:

— Não, *não* foi. Não vimos tatuagem nenhuma.

Bem, por esta altura já toda a gente estava num grande alvoroço, e puseram-se a bradar:

— São todos vigaristas! Vamos atirá-los ao rio! Afogá-los! Enforcá-los! — e todos se puseram a gritar ao mesmo tempo, e fizeram um chinfrim dos diabos. Mas o advogado saltou para cima da mesa, deu um berro, e disse:

— Meus senhores! Meus *senhores*! Oiçam-me só por um instante — só um *instante* —, *por favor*! Ainda há uma maneira — vamos desenterrar o cadáver.

Isto arrebatou-os.



«MEUS SENHORES! MEUS SENHORES!»

— Hurra! — gritaram em coro, e puseram-se logo a caminho, mas o médico e o advogado berraram:

— Esperem! Esperem! Prendam estes quatro homens e o rapaz e tragam-nos connosco!

— Sim! Vamos! — gritaram todos. — E se não encontrarmos tatuagem nenhuma linchamo-los a todos!

Agora eu estava com medo, garanto-vos. Mas não havia maneira de escapar. Agarraram em nós todos e arrastaram-nos com eles, direitinhos ao cemitério, que ficava uma milha e meia mais abaixo ao longo do rio, com a cidade inteira no nosso encalço, pois o barulho atraía as pessoas, e ainda eram só nove da noite.

Quando passámos pela nossa casa desejei não ter mandado embora a Mary Jane, porque agora se pudesse dar-lhe uma piscadela de olho ela sairia em minha defesa, e denunciaria aqueles dois canalhas.

Bem, descemos a estrada do rio como um gigantesco enxame, e as pessoas iam nervosas que nem lince; para tornar as coisas ainda mais assustadoras, começava agora a escurecer, os relâmpagos luziam e coruscavam no céu, e o vento fazia as folhas estremecer. Foi o pior sarilho e a situação mais perigosa em que alguma vez estive, e sentia-me bastante atordoado — tudo corria de forma tão diferente daquilo que eu tinha esperado! Em vez de ter tempo para avançar com calma, assistir ao espetáculo, e ter a Mary Jane por trás pronta a salvar-me e libertar-me quando eu estivesse num aperto, lá estava eu sem rigorosamente nada, além daquela tatuagem, a separar-me de uma morte violenta. Se não a encontrassem...

Não aguentava pensar nisso, mas por alguma razão também não conseguia pensar noutra coisa. Foi ficando cada vez mais escuro, e era uma altura das melhores para escapar e fugir deles, mas o grandalhão, o Hines, tinha-me preso pelo pulso — era a mesma coisa que tentar escapar ao Golias! Ele ia-me arrastando, e ia tão apressado que eu tinha de correr para o acompanhar.

Quando chegámos, a turba encheu o cemitério como se fosse líquida, e quando chegámos à campa todos se aperceberam de que tinham cem vezes mais pás do que precisavam mas que ninguém se tinha lembrado de trazer uma candeia. Mesmo assim, puseram-se imediatamente a escavar à luz faiscante dos relâmpagos, e mandaram um homem buscar uma candeia emprestada à casa mais próxima, que ficava a meia milha de distância.

Escavavam e escavavam, como possessos, e ficou terrivelmente escuro; depois começou a chover, o vento silvava e assobiava como um chicote, os relâmpagos eram cada vez mais enérgicos, e os trovões ribombavam, mas ninguém parecia preocupar-se com isso; estavam todos tão atarefados. Num minuto viam-se todas as coisas e todas as caras naquela grande chusma, e as pazadas de lama a saltarem para fora da campa; no minuto seguinte a escuridão dissolvia tudo aquilo e não se via um palmo à frente do nariz.

Por fim lá chegaram ao caixão e puseram-se a desaparafusar-lhe a tampa; houve logo tanto empurrão, tanto encontrão, tanta carga de ombro, com toda

a gente a tentar enfiar-se para o meio para dar uma espreitadela, como nunca se viu; ainda por cima assim, às escuras — foi vergonhoso. O Hines aleijou-me imenso o punho de tanto puxar e se agarrar a ele; estava tão ofegante e tão excitado que acho que se deve ter esquecido completamente de que eu ali estava.

De repente um relâmpago iluminou tudo com um jorro perfeito de luz branca, e alguém exclamou:

— Cruzes, está aqui o saco do ouro em cima do peito dele!

O Hines soltou um uivo, assim como toda a turba, soltou o meu pulso e atirou-se para a frente com um grande esticão para espreitar. Só Deus sabe como eu me consegui esquivar e ir disparado até à estrada.

Eu praticamente voava — além de mim, nessa estrada só estavam a escuridão maciça, os clarões de vez em quando, o zumbido da chuva, as bofetadas do vento e o estampido dos trovões — e podem crer que corri a toda a brida.

Quando cheguei à cidade, vi que não estava ninguém cá fora, por causa da trovoadas, por isso em vez de procurar ruas secundárias fui a galope pela principal, e, à medida que me fui aproximando da nossa casa, procurei-a e fiquei de olho nela. Não vi lá luz nenhuma, a casa estava toda às escuras, e senti-me triste e desapontado sem saber porquê. Mas, por fim, mesmo quando a ia perder de vista, *zás!*, apareceu uma luz no quarto da Mary Jane, e o meu coração encheu-se todo de repente como se fosse rebentar. No mesmo instante a casa ficou para trás na escuridão; eu, nesta vida, nunca mais ia voltar a vê-la. Mas aquela *foi* a melhor rapariga que alguma vez conheci, e a mais corajosa.

Assim que fiquei suficientemente longe da cidade para perceber que ia conseguir chegar ao banco de areia, comecei a olhar a toda a volta à procura de um barco que pudesse levar emprestado, e quando um relâmpago me mostrou um que não estava acorrentado agarrei nele e pus-me a remar. Era uma canoa, e estava presa só com uma corda. O banco de areia ficava longe como o diabo, lá longe no meio do rio, mas eu não perdi tempo, e quando atingi a jangada estava tão estafado que só me apetecia deitar-me a arquejar e a recuperar o fôlego, mas não foi isso que fiz. Assim que poisei o pé na jangada, exclamei:

— Salta cá pra fora, Jim, e larga a jangada! Deus seja louvado, livrámo-nos deles!

O Jim saiu a toda a pressa, e vinha ter comigo de braços abertos, estava radiante; mas quando eu o entrevi à luz de um relâmpago saiu-me o coração pela boca e caí de costas na água, porque me tinha esquecido de que ele era uma mistura do velho Rei Lear e de um árabe morto por afogamento, e aquilo aterrorizou-me mais do que a morte. Mas o Jim lá me repescou, pronto a abraçar-me e a dar-me a sua bênção; estava felicíssimo por eu estar de volta e por nos termos livrado do rei e do duque, mas eu disse:



O JIM SAI A TODA A PRESSA.

— Agora não! Fica para depois do jantar! Solta as amarras e deixa-a andar!

Por isso daí a dois segundos lá fomos a deslizar pelo rio abaixo, e parecia tão bom estarmos livres outra vez, sozinhos no grande rio, sem ninguém para nos chatear, que eu até dei uns pulinhos e fiz uma dança, não pude impedir-me — mas enquanto andava nisso ouvi uma canção que conhecia de ginjeira; sustive a respiração, fiquei à escuta — e, claro, quando o relâmpago seguinte rebentou por cima das águas, lá estavam eles! A dar aos remos o mais que podiam, a acelerar com o barco: era o rei e o duque.

Então deixei-me cair nas tábuas e desisti. Foi por pouco que não me pus a chorar.

Capítulo XXX

Quando eles subiram a bordo, o rei atirou-se a mim, sacudiu-me pelo colarinho e disse:

— Estavas a tentar desfazer-te de nós, não estavas, seu presumido? Se calhar estavam fartos da nossa companhia, era?

Eu disse:

— Não, Vossa Majestade, não estávamos — por favor, pare, Vossa Majestade!

— Então vá, depressa, diz-me lá que ideia era a tua, ao certo, ou levas um abanão que ficas virado do avesso!



O REI SACODE O HUCK.

— Sim, eu conto-lhe tudo exatamente como aconteceu, prometo, Vossa Majestade. O homem que me estava a segurar foi muito bom para mim, e passou o tempo a dizer que tinha um rapaz da minha idade que tinha morrido há um ano, e que tinha pena de me ver numa situação tão perigosa; por isso, quando eles todos foram apanhados de surpresa por verem ali o ouro, e se atiraram ao caixão, ele soltou-me e segredou-me: «Corre agora, ou eles enfor-

cam-te de certeza!», e eu fugi disparado. Não parei de correr até encontrar a canoa, e quando aqui cheguei disse ao Jim que se despachasse, ou eles ainda me apanhavam e me enforcavam, e disse-lhe que tinha medo de que Vossa Majestade e o duque já não estivessem vivos, e tive um grande desgosto, e o Jim também, e fiquei felicíssimo quando vos vi chegar; pergunte ao Jim se não é verdade.

O Jim disse que era assim e o rei mandou-o calar a boca e disse: «Oh, sim, é o mais provável!», e voltou a dar-me um abanão, dizendo que achava que me ia afogar. Mas o duque disse:

— Deixa o rapaz em paz, seu velho idiota! O que é que *tu* tinhas feito no lugar dele? Eu não me lembro de te ver preocupares-te muito em saber onde é que ele andava quando te soltaste!

Por isso, o rei largou-me e pôs-se a praguejar contra a cidade e contra todas as pessoas que lá viviam. Mas o duque disse:

— Era bem melhor que rogasses pragas a ti próprio, porque és quem as merece mais. Desde o princípio que não fizeste uma coisa bem feita, tirando teres tido o sangue-frio e a lata de inventar aquela seta azul. Isso foi inteligente, foi um golpe de génio, e foi o que nos salvou. Porque, sem isso, tinham-nos fechado a sete chaves até chegarem as malas daqueles ingleses e depois era a prisão, de certeza! Mas essa manha levou-os ao cemitério, e o ouro ainda nos fez um favor maior, porque se aqueles idiotas exaltados não tivessem largado tudo para ir lá dar uma espreitadela, esta noite tínhamos dormido de gravata, e amanhã andávamos com ela ao pescoço — amanhã e até ao fim dos nossos dias!

Ficaram calados um minuto, a pensar; depois o rei disse, com um ar distraído:

— Hm! E dizer que pensávamos que os pretos o tinham levado!

Eu não sabia em que buraco havia de me enfiar!

— Sim — disse o duque, devagar e pausadamente, com um ar sarcástico —, pois *pensávamos*.

Passado meio minuto, o rei disse, num falar arrastado:

— Pelo menos *eu* pensava que sim.

E o duque, no mesmo tom:

— Pelo contrário, *eu* é que pensava que sim.

O rei irritou-se e disse:

— Olha cá, Bilgewater, de que é que estás a falar?

O duque disse, bruscamente:

— Já que estamos nisto, talvez eu te devesse perguntar o mesmo a ti.

— Ora, bolas! — disse o rei, muito sarcástico —, só que *eu* não sei! Talvez estivesse a dormir em pé e não soubesses o que estavas a fazer.

O duque afinou e disse:

— Ora, vamos parar com estas conversas de chacha, tu achas que eu nasci ontem? Não te parece que eu sei quem escondeu o dinheiro naquele caixão?

— Acho que *sim*! Acho que sabes *muito bem*, porque foste tu quem o escondeu!

— É mentira! — disse o duque, e atirou-se a ele. O rei exclamou:

— Larga-me! Tira-me as mãos do pescoço! Eu retiro o que disse!



O DUQUE ATIRA-SE A ELE.

E o duque diz:

— Só quando admitires que escondeste o dinheiro lá dentro e que tencionavas escapar-te um dia destes e voltar para o desenterrar e ficar com ele todo para ti.

— Bem, espera lá um minuto, duque; responde-me a esta pergunta, honestamente — se não puseste lá o dinheiro, basta dizeres-me isso e eu acredito em ti e retiro tudo o que disse.

— Seu velho trapaceiro, não pus e tu sabes muito bem que não pus. Aí tens.

— Ora, nesse caso eu acredito em ti. Mas deixa-me perguntar-te só mais uma coisa, e não te zangues: nunca *pensaste* em agarrar no dinheiro e escondê-lo?

O duque não disse nada durante um bocadinho e depois disse:

— Não me *interessa* se pensei nisso ou não, porque de qualquer maneira não *fiz* nada. Mas tu não só pensaste em fazer como também *fizeste*.

— Juro-te pela minha vida que não fiz, duque, e não estou a mentir. Não vou dizer que não *ia* fazer, porque *ia*, mas tu — quero dizer, alguém... foi mais rápido do que eu.

— Estás a mentir! Foste tu, e vais *admitir* que foste, senão...

O rei começou a engasgar-se e depois disse, num sufoco:

— Basta! Eu *confesso*!

Fiquei muito contente por o ouvir dizer aquilo; tirou-me um peso do peito. Então o duque levantou as mãos e disse:

— Se alguma vez voltares a negar, eu afogo-te. É muito bom que estejas aí a choramingar como um bebé; é o que tu mereces, depois da maneira como te portaste. Nunca vi tamanha avestruz, sempre a querer meter ao bico tudo o que vê — e eu a confiar em ti aquele tempo todo, como se fosses meu pai. Devias ter vergonha de ter ficado parado a ouvir acusar uma data de pretos, sem nunca dizeres nada para os defender. Sinto-me ridículo só de pensar que fui suficientemente ingénuo para acreditar nas tuas tretas. Maldito sejas, agora vejo porque é que estavas tão ansioso por que se cobrisse o défice — até o dinheiro que eu fiz no Sem Igual, e noutros negócios, tu querias meter ao bolso!

O rei disse, timidamente, ainda a fungar:

— Ora, duque, foste tu quem sugeriu que se cobrisse o défice, não fui eu.

— Está calado, já ouvi que chegue! — disse o duque. — E *agora* vê o que ganhaste com isso. Eles ficaram com o dinheiro deles todo e com todo o *nosso* dinheiro, tirando um cobre ou dois. Vai-te deitar, e *a mim* nunca mais me venhas falar de défices enquanto fores *vivo*!

Por isso o rei esgueirou-se para dentro da tenda para se ir consolar junto da garrafa; passado pouco tempo, o duque atacou a *dele*; de maneira que daí a uma meia hora já eram outra vez grandes compinchas; quanto mais iam

bebendo, mais amor se tinham, e acabaram por adormecer nos braços um do outro. Ficaram os dois completamente amolecidos, mas eu reparei que o rei chegou ao ponto de se esquecer de não negar que tinha escondido o saco do dinheiro. Por isso fiquei satisfeito e à vontade. Claro que, assim que eles começaram a risonar, eu e o Jim tivemos uma grande conversa e eu contei-lhe tudo o que tinha acontecido.

Capítulo XXXI

Não voltámos a parar em cidade nenhuma por dias a fio; continuámos sempre pelo rio fora. Agora estávamos mesmo no Sul, onde o tempo é quente, longíssimo de casa. Começámos a encontrar árvores com barbas-de-velho a pender-lhes dos ramos como longos cabelos brancos. Eu nunca tinha visto aquilo; fazia a floresta ficar com um ar solene e deprimente. Por esta altura as fraudes decidiram que estavam fora de perigo e começaram outra vez a explorar as aldeias.



BARBAS-DE-VELHO.

Primeiro fizeram uma conferência sobre abstinência, mas não lhes rendeu que chegasse para se embebedarem os dois. Depois, noutra aldeia, abriram uma escola de dança, mas sabiam tanto de dança como um canguru, e ao primeiro passo que deram o público mandou-os dançar para outro lado. Outra vez tentaram a locução, mas não tinham locucionado muito tempo quando a

audiência se levantou para se pôr a insultá-los, e a sério, de maneira que se foram logo embora. Também fizeram de missionários, de hipnotistas e de curandeiros; leram sinas — foi de tudo um pouco, mas não pareciam estar com sorte nenhuma. Por fim, ficaram sem um tostão furado, e iam estendidos na jangada enquanto ela flutuava pelo rio abaixo, a pensar e a pensar, passando meio dia de cada vez sem dizer nada, infelicíssimos e desesperados.

Por fim, aquilo começou a mudar; encostavam as cabeças uma à outra e falavam baixo, em tom confidencial, durante duas e três horas de cada vez. Eu e o Jim começámos a ficar pouco à vontade, não gostávamos nada daquilo. Pensámos que eles deviam estar a preparar a pior patifaria de sempre. Pensámos nisso vezes sem conta, e acabámos por decidir que eles iam assaltar uma loja ou uma casa, ou que se iam pôr a falsificar dinheiro, ou qualquer coisa desse estilo. Então ficámos bastante assustados, e jurámos um ao outro que não íamos ter absolutamente nada a ver com tais ações, e que se tivéssemos a mínima hipótese nos desfazíamos deles e fugíamos, deixando-os para trás. Bem, certa manhã, cedo, escondemos a jangada num sítio bom e seguro, umas duas milhas abaixo de uma aldeiazinha mal amanhada chamada Pikesville, e o rei saiu para terra e mandou-nos a todos ficar escondidos enquanto ele ia à terra farejar para ver se ali se tinha falado da Realeza sem Igual. («Para ver se há uma casa para assaltar, queres tu *dizer*», dizia eu a mim mesmo, «e, quando tiveres voltado do teu assalto, hás de aqui chegar e pensar no que me terá acontecido a mim, ao Jim e à canoa — e terás de te contentar com conjeturas.») Ele disse que se não tivesse voltado ao meio-dia queria dizer estava tudo bem e que eu e o duque podíamos avançar.

Ficámos onde estávamos. O duque estava numa grande agitação, não parava quieto e estava de mau humor, a dar-nos raspanetes por tudo e por nada — parecia que não fazíamos nada como deve ser, ele criticava tudo até à última coisa. Estavam a cozinhar alguma, eu tinha a certeza. Fiquei feliz da vida quando chegou o meio-dia e o rei não apareceu, apetecia-me sair dali, e ainda por cima talvez houvesse oportunidade para *a* grande oportunidade. Por isso eu e o duque subimos até à aldeia e procurámos o rei por lá; acabámos por o encontrar na sala do fundo de uma tasca, completamente grosso, com uma data de tipos a provocá-lo por desporto, enquanto ele praguejava e os

ameaçava, enraivecido, mas tão grosso que não conseguia andar e não lhes podia fazer nada. O duque começou a insultá-lo e a dizer que ele era um velho idiota e o rei pagou-lhe na mesma moeda, e assim que os vi engalfinhados saí dali a grande velocidade e corri à desfilada que nem um veado pela estrada do rio abaixo, porque via que aquilo era a nossa oportunidade, e decidi que ia passar muito tempo antes que eles tornassem a pôr a vista em cima de mim e do Jim. Cheguei lá a baixo todo esbaforido mas feliz da vida, e exclamei:

— Deixa-a ir, Jim! Estamos livres!

Mas não houve resposta e ninguém saiu da tenda. O Jim tinha desaparecido! Eu dei um berro, e depois outro e outro ainda, e fui assim a correr pela floresta fora, aos uivos e aos gritos, mas não serviu de nada — o velho Jim tinha desaparecido. Então sentei-me a chorar, não pude impedir-me. Mas não consegui ficar muito tempo parado. Daí a pouco fui pela estrada fora, a tentar pensar no que havia de fazer, quando vi um rapaz, e perguntei-lhe se ele tinha visto um preto esquisito vestido de tal e tal maneira, e ele disse:

— Vi, vi.

— Onde? — perguntei eu.

— Em casa do Silas Phelps, a duas milhas daqui. É um preto que anda fugido e eles apanharam-no. Andas à procura dele?

— Podes crer que não! Vi-o na floresta há uma ou duas horas, e ele disse que se eu gritasse me arrancava as tripas, e mandou-me deitar e ficar onde estava, e eu obedeci e desde essa altura que fiquei lá parado, com medo de me mexer.

— Bem — disse ele —, já não tens de ter medo, eles apanharam-no. Ele tinha fugido de algum sítio no Sul.

— Ainda bem que o apanharam.

— Sim, pois foi! Há uma recompensa de duzentos dólares para quem o devolver — é como encontrar dinheiro na estrada.

— Sim, pois é. E eu se fosse mais forte podia ter ficado com ele, porque fui *eu* que o vi primeiro. Quem é que o apanhou?

— Foi um velho que não era de cá, e vendeu a informação por quarenta dólares, porque tinha de subir o rio e não podia esperar. Imagine-se! Podes crer que *eu* tinha esperado, nem que fossem sete anos!

— Também eu — disse eu. — Mas se ele o vendeu tão barato, se calhar é porque não valia mais do que isso. Talvez haja aí alguma coisa que a gente não saiba.

— Mas olha que não, é um negócio às direitas; eu vi o cartaz com os meus próprios olhos, e descreve-o de alto a baixo, até ao último detalhe, diz tudo sobre ele, e que vem de uma plantação a sul de Novórleães. Na senhor, não há de ser por ali que eles vão perder dinheiro, acredita. Olha lá, não me arranjas um bocado de tabaco?



«QUEM É QUE O APANHOU?»

Não tinha nada, por isso ele foi-se embora. Eu fui até à jangada e sentei-me na tenda a pensar. Mas não ia a lado nenhum. Pensei até me doer a cabeça sem chegar a solução nenhuma. Depois desta viagem toda, e depois de tudo o que tínhamos feito por aqueles malfeitores, estávamos sem nada, estava tudo perdido e arruinado, porque eles tinham sido capazes de pregar ao Jim uma partida daquelas, de deixar que ele voltasse a ser escravo a vida inteira, de gente que não conhecia, ainda por cima, e tudo por quarenta miseráveis dólares.

A certa altura disse a mim mesmo que, já que o Jim tinha de ser escravo, seria mil vezes melhor para ele ser escravo em casa, onde tinha a sua família, e

por isso pensei que o melhor que havia a fazer era mandar uma carta ao Tom Sawyer a dizer-lhe que dissesse à Miss Watson onde o Jim estava. Mas rapidamente desisti da ideia, por duas razões: ela ia ficar furiosa e indignada por pensar que ele tinha tido a baixeza e a ingratidão de a abandonar, e havia de o vender imediatamente para alguma quinta do Sul; e, mesmo que isso não acontecesse, toda a gente detesta pretos ingratos, e haviam de fazer o Jim ver isso até ele se sentir infame e desgraçado. E pensem no que seria de mim! Havia de se dizer por toda a parte que o Huck Finn tinha ajudado um preto a tornar-se livre, e se eu alguma vez voltasse a ver alguém daquela cidade acho que ia ter tanta vergonha que era capaz de me ajoelhar e de lhe beijar os pés. É assim que as coisas são: uma pessoa faz uma coisa desprezível e depois não quer assumir as consequências do que fez. Vai-se pensando que o mal, enquanto andar escondido, não é mal nenhum. Era exatamente essa a minha situação. Quanto mais eu pensava naquilo, mais a minha consciência me atormentava e mais eu me sentia mau, vil e desprezível. Por fim, apercebi-me de repente de que aquilo era claramente a mão da Providência a dar-me chapadas na cara para me mostrar que lá em cima no céu não lhe escapava nenhuma das minhas baixeiras, que eu estava a roubar o preto a uma velhinha que nunca me tinha feito mal nenhum, mas que lá em cima o Eterno estava sempre de olho aberto e não ia permitir que coisas tão infames continuassem indefinidamente. Nessa altura fiquei tão assustado que já não me aguentava nas pernas. Bem, fiz o melhor que pude para tentar tornar aquilo menos negro para mim, pensando que a culpa não era só minha porque eu tinha sido educado a fazer o mal, mas alguma coisa dentro de mim continuava a dizer: «Havia a catequese, e se quisesses podias ter ido, e se tivesses ido tinhas aprendido que pessoas que se portam como eu me tinha andado a portar com este preto vão parar às labaredas do inferno.»

Estremeci. Decidi mais ou menos começar a rezar para ver se conseguia deixar de ser o rapaz que era e passava a ser melhor. Por isso ajoelhei-me. Mas não me saíam palavras nenhuma. Porque é que seria? Não valia a pena tentar esconder-me Dele nem de *mim*. Eu sabia muito bem porque é que as palavras não me saíam: era porque o meu coração estava carregado, porque eu não era tacanho, porque estava a fazer jogo duplo. Estava a fingir que queria abandonar

o pecado, mas lá no fundo de mim continuava agarrado ao pior de todos. Estava a tentar que a minha boca dissesse que eu ia fazer o que devia, o que estava certo, e escrever à dona do preto a dizer onde ele estava, mas lá no fundo eu sabia que era mentira, e Ele também sabia. Não se podem rezar mentiras, foi o que eu percebi.

Por isso, tinha todos os problemas às costas, e mais alguns, e não sabia o que havia de fazer. Por fim tive uma ideia — disse: «Vou escrever a carta, e *depois* vejo se consigo rezar.» Bem, foi espantoso como imediatamente os problemas se evaporaram e eu me senti leve como uma pena. Por isso, peguei numa folha de papel e num lápis, sentei-me e escrevi:

Miss Watson, o Jim, o seu preto desaparecido, está duas milhas abaixo de Pikesville, é um Mr. Phelps que o tem e devolve-lho em troca da recompensa.

HUCK FINN.

Pela primeira vez na vida senti-me lavado dos meus pecados, e soube que agora poderia rezar. Mas não rezei logo — pousei o papel e pus-me a pensar, a pensar em como aquilo tudo tinha vindo a acontecer, e em quão perto eu tinha estado de me perder e de ir parar ao inferno. Continuei a pensar e pus-me a pensar na nossa viagem pelo rio abaixo, e não parava de ver o Jim, de dia, à noite, às vezes ao luar, às vezes nas trovoadas, e nós a flutuar por ali fora, a conversar, a rir e a cantar. Só que, por alguma razão, não consegui pensar em nada que me pusesse de má vontade contra ele, mas só exatamente o contrário. Via-o fazer o meu turno além do dele, em vez de me chamar, para eu poder continuar a dormir; via a felicidade dele quando eu voltei a aparecer depois do nevoeiro; e quando fui ter com ele ao pântano, lá no sítio da contenda; só coisas assim, e como ele me chamava sempre querido, me mimava e me fazia mil favores — como era sempre bondoso. Por fim, lembrei-me da vez em que o salvei dizendo aos homens que tínhamos varíola a bordo, e de como ele ficou grato e disse que eu era «o melhor amigo quê o velho Jim alguma vez teve, e o *único* qu'ele tem ágora»; depois, por acaso, olhei em volta e vi o papel.



A PENSAR.

Estava entre a espada e a parede. Peguei nele e fiquei a segurá-lo na mão. Estava a tremer, pois tinha de decidir, para sempre, entre duas coisas, e sabia que assim era. Pensei um minuto, quase sem respirar, e depois disse a mim mesmo:

— Que assim seja, *vou* para o inferno! — e rasguei-o em pedaços.

Eram pensamentos horríveis e palavras horríveis, mas estavam ditos. E eu deixei-os estar assim, e nunca mais pensei em os reformular. Empurrei o assunto todo para longe da minha cabeça e disse que ia voltar a ser mau, que era o meu feitio, já que tinha sido assim educado, e não na bondade. E para começar ia outra vez arrancar o Jim à escravatura e, se conseguisse pensar nalguma coisa pior do que isso, havia de a fazer também, porque já que era para ser mau, e mau a valer, já agora que fosse um mau digno desse nome.

Depois sentei-me a pensar em como é que havia de conseguir aquilo, moí e remoí várias ideias diferentes, na minha cabeça, até que por fim inventei um plano que achei bom. Então avistei uma ilha coberta de mato que ficava um bocado mais abaixo no rio e assim que escureceu o suficiente saí de fininho na minha jangada e fui até lá, onde me escondi e adormeci. Dormi a noite inteira e acordei antes de ser dia, tomei o pequeno-almoço, vesti a minha roupa nova, e enfiei a outra e mais umas coisas numa trouxa; meti-me na canoa e fui para a margem. Amarrei-a abaixo do sítio em que pensava que devia ficar a casa do

Phelps, escondi a trouxa na floresta, enchi a canoa de água e de pedras e afundei-a num sítio onde sabia que a podia tornar a encontrar quando precisasse dela, mais ou menos um quarto de milha abaixo de uma pequena oficina de madeireiro que ficava na margem.

Depois pus-me a subir a estrada e quando passei pelo madeireiro vi um letreiro que dizia «Madeiras Phelps», e quando cheguei às casas da quinta, umas duzentas ou trezentas jardas mais adiante, ia de olho aberto, mas não vi ninguém, apesar de o dia já ir alto. Mas não me importei, porque não queria ver ninguém para já — só queria ficar com uma ideia de como era o sítio. De acordo com o plano, eu devia chegar ali vindo da aldeia, e não vindo de baixo. Por isso só dei uma olhadela e continuei depressa em frente, em direção à terra. Bem, a primeira pessoa que vi quando lá cheguei foi o duque. Estava a colar um cartaz para a Realeza sem Igual, com três noites de espetáculo, como da outra vez. Tinham mesmo uma grande lata, aqueles aldrabões! Já ia mesmo em cima dele quando me quis desviar. Ele olhou para mim com um ar muito espantado e disse:

— Olá! De onde é que tu saíste agora? — E depois, com um ar ansioso e contente: — Onde é que está a jangada? Puseste-a a bom recato?

Eu disse:

— Ora essa, era isso mesmo que eu lhe ia perguntar, Vossa Graça!

Ele já não parecia tão satisfeito, e disse:

— E porque é que havias de me perguntar isso a *mim*?

— Bem — digo eu —, é que ontem, quando vi o rei naquela tasca, pensei que não íamos conseguir tirá-lo dali durante algumas horas, até ele ficar mais sóbrio, por isso fui dar uma volta pela cidade para matar o tempo de espera. Um homem ofereceu-me dez cêntimos para o ajudar a puxar um barco pelo rio acima, ir buscar uma ovelha e voltar, e eu fui, mas quando estávamos a arrastar a ovelha para dentro do barco, o homem deixou-me a segurar na corda para a ir empurrar por trás e ela deu um puxão, soltou-se e fugiu, e nós atrás dela. Não tínhamos cão, por isso tivemos de correr atrás dela por toda a parte até ela se cansar, e só a apanhámos quando já estava escuro; nessa altura lá a levámos, e depois eu fui para a jangada. Quando lá cheguei e vi que lá não estava, pensei: «Arranjaram problemas e tiveram de fugir, e levaram o meu preto, o único

preto que eu tenho no mundo, e agora estou numa terra desconhecida sem nada que seja meu, nada, e sem maneira de ganhar a vida», por isso sentei-me a chorar. Dormi na floresta a noite toda. Mas *o que é que* aconteceu à jangada, afinal? E o Jim... pobre Jim!



ELE DEU-LHE DEZ CÊNTIMOS.

— Eu é que gostava de saber o que aconteceu à jangada. Aquele velho idiota fez um negócio ontem e arranjou quarenta dólares, e quando o encontrámos na tasca ele já tinha conseguido gastar tudo em apostas, menos o que tinha gastado em *whisky*; depois, quando o levei para casa ontem à noite e vimos que a jangada tinha desaparecido, dissemos: «Aquele pequeno tratante roubou-nos a jangada e abandonou-nos, bateu a asa e foi por esse rio abaixo.»

— Eu não ia abandonar o *meu preto*! O único preto que eu tinha no mundo, a minha única propriedade!

— Não pensámos nisso. Na verdade já tínhamos começado a considerá-lo o nosso preto... Sim, era mesmo assim. Também, depois de tudo o que fizemos por ele... Por isso quando vimos a jangada desaparecida, e nós sem um tostão, não tivemos outra escolha senão sacar outra vez da manga a Realeza sem Igual. E tenho andado para aí em correrias, seco como um saco de pólvora. Onde é que estão esses dez cêntimos? Dá-mos cá.

Eu tinha bastante dinheiro, por isso lá lhe dei os dez cêntimos, mas supliquei-lhe que os gastasse em comida e que me desse alguma, pois aquele era o único dinheiro que eu tinha e já não comia desde ontem. Ele não disse nada. Depois virou-se para mim de repente e disse:

— Achas que esse preto vai denunciar-nos? Nós dávamos cabo dele...

— Como é que vos havia de denunciar? Ele não fugiu?

— Não! Aquele velho idiota vendeu-o e gastou o dinheiro todo sem dividir nada comigo.

— *Vendeu-o?* — disse eu, e pus-me a chorar. — Quer dizer, era o *meu* preto, e era o *meu* dinheiro. Onde é que ele está? Eu quero o meu preto de volta.

— Pois, mas não pode ser, e é assim. Por isso para com a choraminguice. Olha lá, achas que eras *capaz* de nos denunciar? Maldita a hora em que confiei em ti. É que se fizesses uma coisa dessas...

Parou. Nunca o tinha visto fazer um olhar tão mau. Continuei a gemer, e disse:

— Não quero denunciar ninguém, e de qualquer maneira não tenho tempo para essas coisas. Tenho de ir à procura do meu preto.

Ele parecia um bocado incomodado, e ficou para ali de pé com os cartazes a esvoaçar-lhe por cima do braço, a pensar, com a testa enrugada. Por fim disse:

— Eu digo-te uma coisa. Temos de ficar aqui três dias. Se prometeres que não nos denuncias e que não deixas o preto denunciar-nos, digo-te onde ele está.

Eu prometi, e ele disse:

— Está na quinta de um homem chamado Silas Ph... — e parou. Tinha começado a dizer a verdade, já se vê, mas depois parou daquela maneira e pôs-se a pensar e a matutar outra vez, e eu pensei que estava a mudar de ideias. E assim era. Não tinha confiança em mim, mas queria ter a certeza de que eu não ia atrapalhá-los durante três dias inteiros. Por isso daí a pouco tempo disse:

— O homem chama-se Abram Foster — Abram G. Foster — e mora a quarenta milhas daqui, no campo daquele lado, na estrada para Lafayette.

— Está bem — disse eu —, eu consigo fazer isso em três dias. Vou já esta tarde.

— Não vais, não, vais já *agora*, e não percas tempo, nem dêes à língua pelo caminho. Lembra-te de ir caladinho, e despacha-te a ir para lá se não queres ter problemas *connosco*, ouviste?

Era aquilo mesmo que eu queria ouvir, era o que eu tinha tentado fazê-lo dizer. Queria ser deixado em paz para poder cumprir o meu plano.

— Desaparece — disse ele —, e podes dizer ao Mr. Foster tudo o que quiseses. Talvez consigas que ele acredite que o Jim *é* o teu preto — alguns idiotas não pedem documentos; pelo menos ouvi dizer que há gente dessa aqui no Sul. Quando lhe disseres que o aviso e a recompensa são falsos, talvez ele acredite em ti, se lhe explicares porque *é* que os inventámos. Agora vai, e diz-lhe o que quiseses, mas tem cuidado com o que te escapa da garganta *entre* cá e lá.

Então eu fui-me embora, como quem se afasta do rio — não olhei em volta mas parecia que sentia que ele me estava a vigiar. Mas eu sabia como dar a volta a isso. Fui pela terra adentro durante uma milha ou mais antes de parar; depois voltei para trás pela floresta, em direção a casa do Phelps. Achei que era melhor começar logo a pôr o meu plano em prática, sem perder tempo, porque queria que o Jim ficasse calado até aqueles dois se irem embora. Não queria ter sarilhos com gente daquela. Já tinha visto o suficiente e queria ver-me livre deles de uma vez por todas.



A AFASTAR-SE DO RIO.

Capítulo XXXII

Quando cheguei a casa do Phelps, estava tudo tão calmo que parecia domingo; fazia calor e o Sol brilhava, os trabalhadores tinham ido para o campo. Ouvia-se aquele zunzum frouxo de insetos e moscas no ar que faz tudo parecer desolado, como se estivessem todos mortos e as coisas ao abandono; numa altura dessas, se ouvir a brisa que estremece e afaga levemente as folhas, uma pessoa enche-se de tristeza, porque a faz lembrar espíritos mortos há muitos anos a sussurrar — e acha sempre que é sobre *ela* que estão a falar.



CALMO COMO UM DOMINGO.

A quinta do Phelps era uma daquelas pequenas plantações de algodão, e são todas iguais. Uma vedação metálica à volta de duas jeiras de pátio, uma barreira de toros com as pontas cortadas a fazer de degrau, como barris mais pequenos, dos que se usam para saltar vedações, que eram para as mulheres se poderem pôr lá em cima quando queriam subir para cima de um cavalo; algumas manchas de erva adoentada no pátio principal, apesar de a maior parte dele ser vazio e liso, como um chapéu velho com o tecido coçado; para os brancos, uma grande casa dupla de toros serrados no sentido do comprimento, cujos

interstícios, tapados com argila ou estuque, já tinham visto cal há algum tempo; a cozinha, de toros inteiros, com um telheiro grande e largo a ligá-la à casa; um grande fumeiro atrás da cozinha; três pequenas cabines de toros para os pretos, em fila do lado de lá do fumeiro; uma cabana sozinha lá ao longe nas traseiras, perto da vedação, e mais umas dependências um pouco mais abaixo do outro lado; perto da cabana pequena, a tremonha das cinzas e um grande caldeirão para fazer sabão; um banco perto da porta da cozinha, com um balde de água e uma cabaça; um cão ali a dormir ao sol; mais cães a dormir nas redondezas; três árvores ao longe num canto; alguns arbustos de groselha e de cássis perto da vedação; do outro lado da vedação uma horta e uma plantação de melancias; depois começam os campos de algodão, e depois a floresta.

Dei a volta, trepei a barreira das traseiras, ao pé da tremonha, e fui até à cozinha. Depois de andar um bocadinho, ouvi o murmúrio débil de uma roca de fiar, que gemia alto e depois baixava outra vez a voz, e nessa altura tive a certeza de que preferia estar morto, pois *não há* ruído mais desolador do que esse.

Continuei em frente, sem pensar em nenhum plano em particular, mas confiando apenas na Providência para me pôr as palavras certas na boca quando chegasse a altura, pois tinha notado que a Providência punha sempre as palavras certas na minha boca se eu a deixasse em paz.

Quando ia a meio caminho, levantou-se primeiro um cão e logo a seguir outro e vieram na minha direção, e eu, claro, parei de frente para eles e fiquei quieto. E que chinfrineira que eles fizeram! Daí a um minuto eu era uma espécie de centro de uma roda, e os raios eram cães — um círculo de quinze cães apertados à minha volta, com os pescoços e os focinhos esticados para mim, a ladrar e a uivar, e viam-se mais a chegar, a aparecer de trás das vedações e ao dobrar das esquinas, de todos os lados.

Uma preta precipitou-se para fora da cozinha com um rolo da massa na mão a gritar: «Chô, *Tigre!* Chô, *Malhado!* Chô, sai!» Distribui umas par de pancadas e mandou-os todos embora a uivar, com os que não tinham apanhado atrás dos outros. No minuto seguinte já tinha voltado metade do bando, a abanar a cauda e a fazer as pazes comigo. Os cães são boas criaturas.

E atrás da mulher vinha uma miudinha preta e dois miúdos pretos que só traziam vestidas camisas de algodão grosseiro, e penduravam-se ao vestido da mãe e espreitavam para mim de trás dela, tímidos, como é costume com as crianças. Então apareceu uma mulher branca de quarenta ou quarenta e cinco anos, a correr vinda de casa, com a cabeça descoberta e o fuso na mão, e atrás vinham as crianças dela, a portar-se da mesma maneira que os miúdos pretos. Estava a sorrir com tanta força que mal se aguentava nas pernas.

— Até que enfim, és tu, não és?

Eu deixei escapar um «sim» antes de pensar.

Ela agarrou em mim e abraçou-me com força, depois pegou-me nas duas mãos e sacudiu-as várias vezes, com lágrimas nos olhos e a escorrerem-lhe pela cara toda; parecia que não se cansava de me abanar, e dizia: «Pensava que eras mais parecido com a tua mãe, mas o que é que isso importa, estou tão feliz por te ver! Meu Deus, meu Deus, era capaz de te cobrir de beijos! Meninos, este é o vosso primo Tom, digam olá!»



ELA ABRAÇOU-O COM FORÇA.

Mas eles encolheram a cabeça entre os ombros, puseram os dedos na boca e esconderam-se atrás dela. Por isso ela continuou:

— Lize, despacha-te e traz-lhe um almoço, rápido! Ou será que comeste no barco?

Eu disse que tinha comido no barco. Então ela dirigiu-se para casa, levando-me pela mão, com as crianças a correr atrás de nós. Quando chegámos, ela sentou-me numa cadeira de verga e sentou-se num banquinho à minha frente, segurando-me nas duas mãos, e disse:

— Deixa-me cá olhar bem para ti; santo Deus, esperei tantas vezes por este momento, em todos estes anos, e agora finalmente estás aqui! Esperávamos-te há dois dias, o que foi que te atrasou? O barco encalhou?

— Sim, minha senhora, o...

— Não é minha senhora, é Tia Sally. Onde é que encalhou?

Eu não sabia o que é que havia de dizer porque não sabia se o barco vinha a subir ou a descer o rio. Mas confio muitas vezes no meu instinto, e ele dizia-me que o barco vinha a subir, de algum sítio perto de Orleães. Só que isso não me ajudava muito, porque eu não conhecia os nomes dos baixios para esses lados. Vi que tinha de inventar ou de me esquecer do nome do sítio em que tínhamos encalhado, ou... Tinha tido uma ideia, e deitei-a cá para fora:

— Não foi termos encalhado; isso só nos atrasou um bocadinho. Um dos cilindros explodiu.

— Céus! Alguém ficou ferido?

— Não, minha senhora. Morreu um preto.

— Bem, foi uma sorte, porque às vezes magoa-se mesmo gente. Fez dois anos no Natal passado que o teu Tio Silas vinha de Novórleães no velho *Lally Rook* e explodiu-lhes um cilindro; houve um homem que ficou estropiado, e acho que depois morreu. Era um batista. O teu Tio Silas conhecia uma família em Baton Rouge que conhecia muito bem a família dele. Sim, já me lembro, ele morreu mesmo. Começou a gangrenar e tiveram de o amputar. Mas não o conseguiram salvar. Sim, foi de gangrena. Ficou todo azul e morreu com a esperança de uma ressurreição gloriosa. Dizem que era uma coisa terrível de ver. O teu tio tem ido à cidade todos os dias para te ir buscar. E agora saiu outra vez, há coisa de uma hora; deve estar a chegar a qualquer momento. Viste-o na estrada, não? Um homem assim de meia-idade, com uma...

— Não, não vi ninguém, Tia Sally. O barco atracou mesmo ao romper do dia e eu deixei a minha bagagem no cais e fui ver a cidade e um bocado dos

campos, para passar o tempo e não chegar aqui demasiado cedo; por isso cheguei cá pelas traseiras.

— A quem é que deste a bagagem?

— A ninguém.

— Pobre criança! Vai ser roubada!

— Não, onde eu a escondi duvido que seja — disse eu.

— E como é que te deram de comer tão cedo no barco?

Estava em areias movediças, mas disse:

— O comandante viu-me a andar por ali e disse-me que eu devia comer qualquer coisa antes de sair para terra, por isso levou-me à cabine principal, onde estava a refeição da tripulação, e deixou-me comer o que quisesse.

Estava a ficar tão nervoso que quase não conseguia ouvir como deve ser. Não parava de pensar nas crianças; queria apanhá-las à parte e tirar alguns nabos da púcara para ver se percebia quem era. Mas não tive oportunidade, a Mrs. Phelps não se calava. Daí a pouco escorreram-me suores frios pela espinha abaixo, porque ela disse:

— Mas estamos aqui em grande conversa e tu ainda não me contaste novidades da minha irmã, nem de nenhum dos outros! Agora vou ficar caladinha um bocado e falas-me tu das vossas coisas — conta-me *tudo* —, fala-me de cada um deles, diz-me como eles estão, o que é que andam a fazer, que recados te deram para mim — tudo aquilo em que conseguires pensar.

Vi que estava o caso muito mal parado. Até aqui a Providência tinha estado a meu lado, mas agora eu estava perfeitamente encalhado. Achei que não ia servir de nada tentar continuar com aquilo — *tinha* de me dar por vencido. Por isso pensei comigo mesmo: «Cá está mais uma ocasião em que vou ter de arriscar a verdade.» Abri a boca para começar, mas ela agarrou em mim e empurrou-me para trás da cama, dizendo:

— Ali vem ele! Baixa a cabeça — isso, assim está bem, já ninguém te vê. Não deixes que te veja! Vou-lhe pregar uma partida. Meninos, não digam nada.

Vi que estava numa bela alhada. Mas não servia de nada estar a preocupar-me; não havia nada a fazer senão ficar quieto e tentar estar pronto quando rebentasse a tempestade.

Consegui ver o senhor de raspão quando ele entrou; depois a cama escondeu-o. A Mrs. Phelps saltou-lhe ao pescoço e disse:

— Já chegou?

— Não — disse o marido.

— Mas, *meu Deus!* — diz ela —, o que é que lhe terá acontecido?

— Não faço ideia — diz o senhor velho —, e devo dizer que estou muito apreensivo.

— Apreensivo! — diz ela. — Eu estou praticamente a enlouquecer! Ele *tem* de ter chegado; talvez não tenhas dado por ele na estrada. Tenho a *certeza* de que é isso. *Algo* me diz que ele está cá.

— Por favor, Sally, eu não *podia* não o ver na estrada, tu sabes isso.

— Mas, meu Deus, meu Deus, o que será que a minha irmã vai dizer! Ele tem de ter chegado! Foste tu que não o viste. Ele...

— Não me ponhas mais preocupado do que eu já estou! Não percebo o que poderá ter acontecido. Estou a começar a perder a cabeça, e confesso-te que estou com um grande medo. Mas de certeza que ele não chegou; porque era *impossível* ele chegar sem eu o ver. Sally, é terrível, terrível, alguma coisa aconteceu de certeza ao barco!

— Ah, Silas! Olha ali!... Na estrada!... Não vem lá alguém?

Ele precipitou-se para a janela, à cabeceira da cama, o que deu à Mrs. Phelps a oportunidade que ela queria. Agachou-se um instante aos pés da cama, deu-me um puxão, e eu saí cá para fora, e quando ele se afastou da janela lá estava ela, de pé, com um sorriso mais luminoso do que uma casa em chamas, e eu de pé, manso e a suar ao lado dela. O senhor velho ficou pasmado e disse:

— Então? Quem é este?

— Quem é que achas que é?

— Não faço ideia, *quem é?*

— É o *Tom Sawyer!*



«QUEM É QUE ACHAS QUE É?»

Mil diabos, eu quase caí ao chão! Mas não houve tempo para arrumar as ideias, o senhor velho agarrou-me na mão e apertou-a durante imenso tempo, e durante todo esse tempo a mulher saltitou à nossa volta a rir e a chorar; depois puseram-se os dois a disparar perguntas sem parar sobre o Sid, a Mary e o resto da tribo.

Mas a alegria deles não era nada comparada com a que eu sentia: era como ter nascido outra vez; estava tão feliz por ter descoberto quem era! Bem, eles estiveram de roda de mim durante duas horas; no fim eu tinha os maxilares tão cansados que já quase não conseguia falar, e tinha-lhes contado mais coisas sobre a minha família — isto é, sobre a família do Tom Sawyer — do que alguma vez aconteceu a seis famílias Sawyer. E expliquei-lhes que o cilindro tinha explodido na foz do rio White e que tinha levado três dias a consertar. Foi bem dito e funcionou lindamente, porque eles não percebiam nada daquilo. Se tivesse dito que tinha explodido o perno eles tinham engolido tudo na mesma.

Agora sentia-me muito à vontade por um lado e muito preocupado por outro. Ser o Tom Sawyer era fácil e cómodo, e continuou assim até eu ouvir um vapor a tossicar pelo rio abaixo. Então pensei comigo mesmo: «E se o Tom

vem neste barco? E se ele entra por aqui adentro a qualquer momento e me chama pelo nome antes que eu consiga fazer-lhe sinal para estar calado?»

Bem, não podia deixar que acontecesse uma coisa dessas; não ia ser mesmo nada bom. Tinha de subir a estrada para o caçar. Por isso disse ao casal que achava que era altura de ir à cidade buscar a minha bagagem. O senhor velho queria vir comigo, mas eu disse que não, que conseguia levar o cavalo sozinho, e que não queria que ele se incomodasse comigo.



«ERA O TOM SAWYER.»

Capítulo XXXIII

Então fui na carroça em direção à cidade, e quando ia a meio caminho vi passar outra carroça: tive a certeza de que era o Tom Sawyer, e fiquei parado à espera de que ela passasse por mim. Disse: «Para!» e ela parou ao meu lado; vi a boca dele abrir-se como um forno e ficar assim; depois engoliu duas ou três vezes, como se tivesse a garganta seca, e disse:

— Nunca te fiz mal nenhum. Sabes isso. Para que é que voltaste para me assombrar a *mim*?

Eu disse:

— Não voltei... nunca cheguei a ir.

Quando ouviu a minha voz pareceu sentir-se um bocadinho melhor, mas ainda não estava completamente satisfeito. Disse assim:

— Não me tentes enganar, sabes que eu não te enganava a ti. Palavra de honra que não és um fantasma?

— Palavra de honra.

— Bem... eu... eu... bem, isso devia bastar, claro, mas por alguma razão continuo a não perceber. Então tu *nunca* foste assassinado?

— Não, nunca fui assassinado. Foi uma artimanha minha. Vem cá dentro e toca-me se não acreditas.

Ele obedeceu e ficou satisfeito; estava tão feliz por me voltar a ver que não sabia o que é que havia de fazer. E quis saber tudo logo ali, porque era uma aventura enorme e misteriosa, e ele tinha um fraquinho por essas coisas. Mas eu disse-lhe que esperasse até mais logo; mandei-o esperar o condutor dele e avancei com ele para um bocadinho mais longe; depois disse-lhe a situação em que me encontrava e perguntei-lhe o que é que ele achava que devíamos fazer. Ele disse para eu não o incomodar durante um minuto e pôs-se a pensar. Pensou e pensou e acabou por dizer:

— Já está, já sei. Põe a minha mala na tua carroça e diz que é tua; depois volta para casa a pisar ovos, para chegares mais ou menos à hora que devias; eu

vou para a cidade um bocado e depois volto outra vez, para chegar lá um quarto de hora ou meia hora depois de ti; a princípio podes fingir que não me conheces.

Eu disse:

— Está bem, mas espera um segundo. Há mais uma coisa — uma coisa que ninguém sabe além de mim: está aqui um preto que eu estou a ajudar a escapar à escravatura; o nome dele é Jim — é o velho Jim da Miss Watson.

Ele disse:

— O quê? O Jim está...

Parou e ficou a pensar. Eu disse assim:

— Já sei o qu' é que vais dizer. Vais dizer que é uma coisa repugnante e reles. Que seja. Eu próprio sou reles, e vou roubá-lo. E quero que fiques calado e não digas nada. Fazes isso?

Os olhos dele brilharam e ele disse:

— Eu *ajudo-te* a roubá-lo!

Bem, fiquei pasmado, foi como se tivesse levado um murro. Foi a coisa mais espantosa que alguma vez ouvi, e devo dizer que o Tom Sawyer desceu bastante na minha consideração. Nem queria acreditar — o Tom Sawyer, *ladrão de escravos*!

— Caramba! — disse eu —, estás a brincar.

— Não, não estou.

— Bem, nesse caso — disse eu —, com brincadeiras ou sem brincadeiras, se ouvires alguma coisa sobre um preto fugido, não te esqueças de te lembrar de que *tu* não sabes nada sobre ele, e que *eu* sei tão pouco como tu.

Depois pegámos na mala dele e pusemo-la na minha carroça; ele foi para um lado e eu para o outro. Mas ia tão contente e tão distraído a pensar que claro que me esqueci completamente de ir devagar, e por isso cheguei a casa muito antes do que teria demorado a fazer uma viagem daquele tamanho. O senhor velho estava à porta, e disse:

— Ah, mas que maravilha! Nunca teria pensado que esta égua tinha tanta força! Quem me dera tê-la cronometrado. E não suou nem uma gota, nem uma gota! É uma maravilha. Não a vendia nem por cem dólares, agora — a

sério! —, e no entanto ontem tinha-a vendido a quem me desse quinze dólares por ela, e pensava que era o que ela valia.

Não disse mais nada. Era o mais inocente e o mais bondoso dos velhos, o que era natural, porque além de ter a fazenda também era pregador, e tinha uma capelazinha pequena, de madeira, ao fundo da plantação, que construía ele próprio, do seu bolso, para servir de igreja e de escola. Nunca levava nada pelos sermões, e pregava lindamente. No Sul havia muitos fazendeiros como ele, que pregavam.

Daí a mais ou menos meia hora, a carroça do Tom passou pela vedação da frente e a Tia Sally viu-a pela janela, porque só ficava a umas cinquenta jardas, e disse:

— Ah, mas vem aí alguém! Quem será? Parece-me que é alguém que não conhecemos. Jimmy (era uma das crianças), vai a correr dizer à Lize que ponha mais um lugar à mesa.

Todos se precipitaram para a porta, claro, porque não é *todos* os anos que se recebe um desconhecido, e por isso quando chega um ficam todos mais exaltados do que se fosse a febre amarela. O Tom tinha ultrapassado a barreira e vinha em direção à casa; a carroça subia a estrada de volta à aldeia, e nós estávamos todos amontoados à porta. O Tom vinha vestido com as suas roupas de domingo, e tinha ali um público pronto a ouvi-lo, o que para ele era sempre um desvario. Em situações daquelas ele portava-se sempre com grande estilo. Não era rapaz para atravessar aquela distância tímido e encolhido como um bezerro; não, vinha calmo e inchado como um carneiro. Quando chegou onde nós estávamos levantou o chapéu, cheio de graça e de delicadeza, como se fosse a tampa de uma caixa em que dormiam borboletas que ele não queria incomodar, e disse:

— Presumo que seja esta a casa do Mr. Archibald Nichols?

— Não, meu rapaz — disse o senhor velho. — Lamento mas o teu condutor enganou-te; a casa do Nichols fica umas três milhas mais adiante. Entra!



«PRESUMO QUE SEJA A CASA
DO MR. ARCHIBALD NICHOLS?»

O Tom olhou por cima do ombro e disse:

— Tarde de mais... já desapareceu.

— Sim, já se foi embora, meu rapaz, e tu faz o favor de entrar e vir jantar connosco, que nós depois levamos-te a casa do Nichols.

— Oh, mas eu não *posso* deixar que se incomodem dessa maneira, é impensável. Vou a pé, não me custa nada.

— Mas nós não te deixamos — ou para que é que servirá a hospitalidade do Sul? Anda para dentro!

— Vá lá — diz a Tia Sally —, não é incómodo nenhum para nós, não nos custa nada! Tens de ficar. São três milhas compridas e poeirentas e *não deixaremos* que as faças a pé. E além disso já os mandei pôr mais um lugar à mesa, quando te vi chegar, e não podes desiludir-nos. Anda para dentro e põe-te à vontade.

Por isso o Tom agradeceu-lhes com muito jeito, muito jovial, e deixou-se convencer a entrar; quando já estava lá dentro disse que era de Hicksville, no Ohio, e que se chamava William Thompson — e fez mais uma vénia.

Bem, ele falou, falou e falou, inventando coisas sobre todas as pessoas de Hicksville que conseguia imaginar, e eu estava a ficar um bocadinho nervoso, sem perceber em que é que isto me ia ajudar a desenvencilhar-me; até que, por fim, ainda a falar, o Tom se esticou e beijou a Tia Sally em cheio na boca, e

depois voltou a sentar-se muito à vontade na sua cadeira, sem parar de falar; mas ela deu um pulo, limpou a boca às costas da mão, e disse:

— Seu atrevidote!

Ele pôs um ar um tanto magoado e disse:

— Surpreende-me, minha senhora!

— Surp... Mas o que é que achas que eu sou? Eu devia era... Mas que ideia era a tua para me beijares assim?

Ele pôs um ar humilde e disse:

— Não era ideia nenhuma, minha senhora, não foi por mal — eu... pensei que lhe agradasse.

— O quê? Seu sacripante! — Pegou no fuso e via-se que tinha de se esforçar para não lhe dar uma vergastada com ele. — O que é que te fez pensar semelhante coisa?

— Não sei... disseram-me...

— Disseram-te? Quem te disse isso é um lunático ainda pior do que tu. Não acredito no que estou a ouvir. Quem foi que te disse?

— Ora, toda a gente. Todos disseram o mesmo, minha senhora.

Ela estava à beira de um ataque de nervos, os olhos a piscar, os dedos a retorcer-se como se quisesse arranhá-lo, e disse:

— Quem são todos? Os nomes todos cá para fora ou este mundo ainda perde um idiota.

Ele levantou-se com um ar nervoso, ajeitou o chapéu, e disse:

— Peço desculpa, não era isto que eu esperava. Todos me disseram para fazer isto; disseram: «Beija-a, ela há de ficar contente.» Diziam todos o mesmo, todinhos. Mas eu peço desculpa, minha senhora, e juro que não volto a beijá-la. A sério, prometo.

— Ah, *prometes*, essa é boa! Pois era o que faltava!

— É verdade, prometo, pode ter a certeza de que não volto a fazê-lo — só quando me pedir.

— Quando eu te *pedir*! Nunca em dias da minha vida eu ouvi tamanha asneira! Podes até morrer mais velho do que um Matusalém sem miolos, que nunca há de chegar o dia em que *eu* te hei de pedir a ti ou a outros como tu uma coisa semelhante!

— Bem — diz ele —, é verdade que estou bastante surpreendido. Por alguma razão não consigo entender. Disseram todos que era boa ideia, eu pensava que sim, mas afinal... — Parou e olhou em volta, devagar, como se desejasse que houvesse por ali um olhar amigável; olhou para o senhor velho e disse:

— O senhor não pensou que ela ia ficar contente por eu a beijar?

— Mas é claro que não; nunca pensei tal coisa.

Depois olhou para mim da mesma maneira e disse:

— E tu, Tom, não pensaste que a Tia Sally ia abrir os braços e dizer: «Sid Sawyer...»

— Meu Deus! — disse ela, interrompendo-o e virando-se para ele de um pulo —, seu traste sem vergonha, a enganar as pessoas desta maneira! — E ia dar-lhe um beijo, mas ele afastou-a e disse:

— Não, só quando me pedir!

Então ela pediu-lhe, sem perder tempo; abraçou-o e cobriu-o de beijos e depois virou-o para o velho e ele ficou com o que ainda sobrava do Tom. Quando se acalmaram, ela disse:

— Santo Deus, nunca tive uma surpresa assim! Não estávamos de todo à tua espera, pensávamos que só vinha o Tom. A minha irmã não escreveu nada sobre vir mais alguém além dele.

— É porque não estava previsto vir mais ninguém — disse ele —, mas eu supliquei e supliquei, e ao último minuto ela deixou-me vir também; então no caminho, enquanto vínhamos a descer o rio, eu e o Tom pensámos que era uma surpresa de primeira se ele chegasse cá antes e eu aparecesse passado um bocado a fingir ser um desconhecido. Mas enganei-me, Tia Sally. Isto não é um sítio próprio para desconhecidos.

— Não — só não é próprio para miúdos desavergonhados, Sid. Devias ter levado um bom puxão de orelhas; há muito tempo que eu não me irritava tanto. Mas não me importa quais são as condições — era capaz de aguentar mil partidas para te ter por cá. Bem, só de pensar naquele número! Não vou negar, fiquei quase petrificada de espanto quando me deste aquele beijo.

Jantámos debaixo do grande telheiro que ligava a casa à cozinha; havia comida na mesa que chegasse para sete famílias, e tudo quente, também, nada

daquela carne rija e gelatinosa que passa a noite toda num armário numa cave húmida e que no dia seguinte tem o sabor de um naco de canibal velho e frio. O Tio Silas pediu uma bênção bastante comprida, mas valeu a pena, e a comida não arrefeceu nem um bocadinho, como costuma acontecer com este estilo de interrupções. Falou-se bastante durante a tarde, e eu e o Tom estivemos sempre alerta, mas não serviu de nada, eles não disseram nada sobre um escravo fugido, e nós tínhamos medo de tentar puxar pelo assunto. Mas ao jantar, à noite, uma das crianças disse:

— Pai, o Tom e o Sid podem vir comigo ao espetáculo?

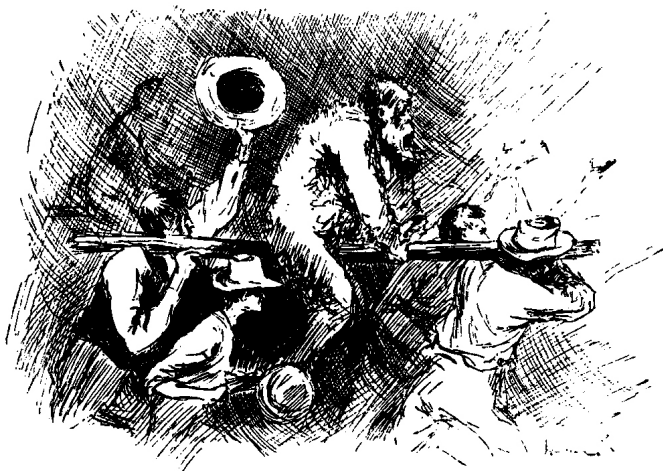
— Não — disse o velho —, acho que não vai haver espetáculo nenhum, e se houvesse vocês não podiam ir, porque aquele preto que encontrámos aí contou-me a mim e ao Burton tudo sobre esse espetáculo escandaloso, e o Burton disse que ia avisar as pessoas, por isso parece-me que desta vez devem ter mandado esses aldrabões descarados embora da cidade antes de eles se porem a trabalhar.



UMA BÊNÇÃO BASTANTE COMPRIDA.

Já estava! Eu não tinha podido impedi-lo. Eu e o Tom íamos ficar no mesmo quarto e na mesma cama, por isso, como estávamos cansados, demos as boas-noites e fomos para a cama logo a seguir ao jantar; depois saímos pela janela, descemos abraçados ao para-raios, e fomos até à cidade, porque eu não acreditava que alguém fosse avisar o duque e o rei, por isso, se não me despachasse, eles iam de certeza ter sarilhos.

Pelo caminho o Tom contou-me que se tinha chegado à conclusão de que eu tinha sido assassinado, que o Velho tinha desaparecido passado pouco tempo e que nunca mais tinha voltado, e que o desaparecimento do Jim tinha causado uma grande agitação. Eu contei ao Tom tudo sobre os nossos canalhas da Realeza sem Igual, e tanto da viagem de jangada quanto tive tempo para dizer. Quando íamos a entrar na cidade, e começávamos a atravessá-la — eram para aí oito e meia da noite —, apareceu uma turba enfurecida de gente com archotes, a soltar uivos e gritos medonhos, a bater em panelas e a tocar trompas; nós saltámos para a berma para os deixar passar, e, à medida que foram passando, vi que tinham consigo o rei e o duque, montados numa barra — quer dizer, eu sabia que *eram* o rei e o duque, apesar de eles estarem cobertos de alcatrão e penas de cima a baixo e parecerem tudo menos humanos —, pareciam um par de plumas de chapéu monstruosamente grandes. Bem, até fiquei maldisposto de olhar para aquilo, tive pena daqueles dois canalhas desgraçados — parecia que tinha ficado completamente incapaz de sentir a mais pequena dureza para com eles. Era uma coisa assustadora de ver — os seres humanos às vezes *conseguem* ser bestialmente cruéis uns para os outros.



MONTADOS NUMA BARRA.

Percebemos que era tarde de mais, já não havia nada a fazer. Fizemos algumas perguntas a uns passantes e eles disseram que toda a gente tinha ido ao espetáculo fingindo-se muito inocente e que tinham ficado quietos e calados até o pobre velho do rei começar as suas cabriolas no palco; nessa altura alguém tinha feito um sinal e toda a audiência se levantou e se atirou a eles.

Por isso fomos voltando para casa, às escuras, e eu não me sentia tão afoito como antes; mas sim um tanto desprezível e culpado, por alguma razão, apesar de não ter feito nada. Mas é *sempre* assim — pouco importa se se fez bem ou mal, a nossa consciência não tem *uma ponta* de bom senso, e, por muito que façamos, ela vira-se contra nós. Se eu tivesse um cão tão estúpido como uma consciência de pessoa, envenenava-o. Ocupa mais espaço do que todo o resto das nossas entranhas, e no entanto não presta para nada. O Tom Sawyer diz o mesmo.

Capítulo XXXIV

Parámos de falar e pusemo-nos a pensar. Passado um bocado, o Tom disse:

— Ora, Huck, que estúpidos que fomos por não ter pensado nisso antes! Aposto que sei onde está o Jim.

— Não! Aonde?

— Naquela cabana ao pé da tremonha. Pensa lá, Huck, quando estávamos a jantar não viste um preto que ia para lá e levava comida?

— Vi.

— E para que é que achaste que era a comida?

— Para um cão.

— Eu também. Mas não era para cão nenhum.

— Como é que sabes?

— Porque ele levava lá melancia.



COMIDA.

— Pois foi, eu reparei. Nem acredito que nunca pensei que um cão não come melancia. Uma pessoa pode ver as coisas e não ver nada ao mesmo

tempo.

— Bem, o preto abriu o cadeado quando entrou e voltou a trancá-lo quando saiu. Pela altura em que nos levantámos da mesa ele deu ao Tio uma chave — e eu aposto que era a mesma. Melancia, logo homem; cadeado, logo preso — e numa plantação tão pequena onde as pessoas são tão boas e amáveis não deve haver mais do que um preso. É o Jim. Certo! Ainda bem que descobrimos isto como detetives, de outra maneira não ia ter interesse nenhum. Agora pensa, inventa um plano para libertar o Jim; eu também vou pensar num e depois ficamos com o melhor.

Que cabeça tinha ele para um rapaz daquela idade! Se eu tivesse uma cabeça daquelas não a trocava por um título de nobreza, nem por um trabalho num vapor, nem por um papel de palhaço num circo, nem por nada de que me consiga lembrar. Pus-me a pensar num plano, mas só para passar o tempo; sabia muito bem de onde é que ia vir o melhor plano. Daí a pouco o Tom disse:

— Pronto?

— Sim — disse eu.

— Muito bem. Diz lá.

— O meu plano é assim — disse eu —, podemos descobrir facilmente se é o Jim que está lá dentro. Depois amanhã à noite vamos até à minha canoa e trazemos a jangada da ilha. Depois, assim que ficar escuro roubamos a chave das calças do velho, quando ele tiver ido para a cama, e vamos pelo rio fora, na jangada, com o Jim, a escondermo-nos de dia e a avançar de noite, como eu e o Jim costumávamos fazer. Achas que funciona?

— Se *funciona*? É claro que funciona, é como juntar duas ratazanas e ver se elas lutam. Mas é demasiado simples, não tem o *mínimo* interesse. De que é que vale fazer planos se não for para serem mais trabalhosos do que esse? É mesmo desenhado. Não vês, isso não daria mais que falar do que se assaltássemos uma fábrica de sabões.

Eu não disse nada, porque não esperava outra coisa, mas sabia muito bem que o plano dele, quando estivesse pronto, não ia ter nenhum destes defeitos.

E assim foi. Ele explicou-me como era, e eu vi logo que valia quinze dos meus em termos de estilo e que servia igualmente bem para libertar o Jim,

além de ser muito capaz de nos matar a todos. Por isso fiquei satisfeito e disse que podíamos começar já a dar os primeiros passos. Não vale a pena explicar aqui o que era o plano — eu já sabia que não ia ficar igual: ele havia de estar a mudar de ideias e a alterar tudo a cada passo que déssemos e a juntar novos detalhes incríveis sempre que conseguisse.

Bem, uma coisa era certa: o Tom Sawyer não estava a brincar e ia mesmo ajudar-me a libertar um escravo. Isso era o que eu não conseguia perceber. Ali estava um rapaz respeitável e bem-educado; que tinha a reputação dele e a da sua família para manter; que era esperto, e não um tacanho qualquer; que era inteligente, e não ignorante; que não era mesquinho, mas bondoso — e no entanto ali estava ele, sem que o orgulho, a retidão ou o sentimento o impedissem de se envolver numa história destas e de se envergonhar a si próprio e à sua família em frente a toda a gente. Era um escândalo e eu sabia que, como verdadeiro amigo que era, devia ir ter com ele e dizer-lhe que desistisse do assunto antes que fosse tarde de mais. Tentei dizer-lhe isto, mas ele mandou-me calar e disse:

— Achas que eu não sei o que estou a fazer? Será que eu não costumo saber o que ando a fazer?

— Não...

— Eu não te *disse* que te ia ajudar a libertar o preto?

— Sim, disseste.

— *Pois*, então.

Ele não disse mais nada, e eu também não. Não valia a pena dizer mais nada, porque ele fazia sempre o que dizia. Mas eu não conseguia perceber porque é que ele estava disposto a meter-se numa coisa destas, por isso deixei de tentar. Se ele queria que fosse assim, não era eu que o ia impedir.

Quando chegámos a casa tudo estava calado e escuro; por isso fomos até à cabana que ficava perto da tremonha para a estudar com atenção. Atravessámos o pátio, a ver qual era a reação dos cães. Eles conheciam-nos e não fizeram mais barulho do que fazem sempre que se mexe a mínima coisa durante a noite. Quando chegámos à cabana, examinámos a frente e os dois lados; do lado que eu nunca tinha visto — o lado norte — descobrimos uma janela quadrada, bastante alta, só com uma tábuia pregada a tapá-la. Eu disse:

— Cá está aquilo de que nós precisamos. A janela é suficientemente grande para o Jim passar através dela se arrancarmos a tábuia.

O Tom disse:

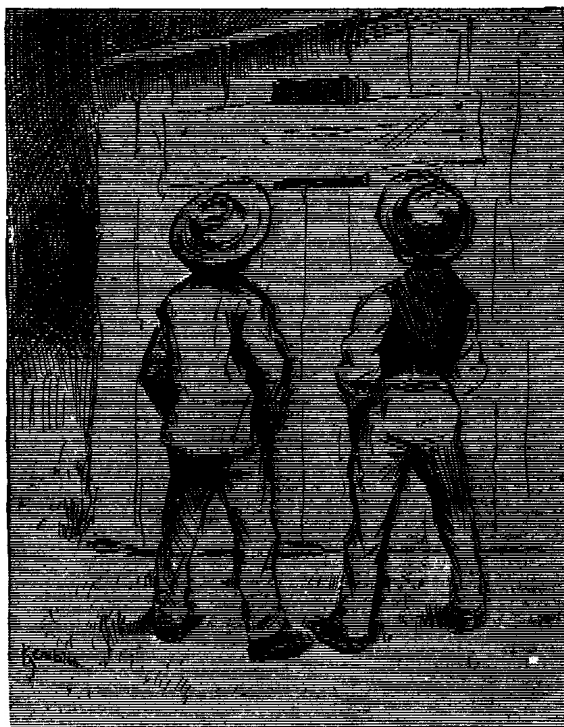
— Claro, é zás, trás, pás; pão pão, queijo queijo; simples como somar dois mais dois! Espero *bem* que encontremos uma coisa um bocadinho mais complicada do que *isso*, Huck Finn.

— Bem — disse eu —, e se o cortássemos aos bocados, como eu fiz antes de ser assassinado da outra vez?

— Isso já começa a ser melhor — diz ele. — É misterioso e perturbador... é realmente bom. Mas aposto contigo que conseguimos arranjar uma maneira que demore duas vezes mais. Não há pressa; vamos explorar mais um bocado.

Entre a cabana e a vedação, nas traseiras, havia um anexo de madeira, que continuava no prolongamento do telhado. Era tão comprido como a cabana, mas mais estreito — tinha só cerca de seis pés de largura. A porta que dava para lá ficava virada para sul e estava trancada com um cadeado. O Tom foi até ao caldeirão do sabão com ar de quem procura alguma coisa e voltou com aquela coisa de ferro que eles usam para levantar a tampa do caldeirão; pegou nela e arrancou uma das argolas a que estava preso o cadeado. A corrente caiu; nós abrimos a porta e entrámos; depois voltámos a fechá-la. Acendemos um fósforo e vimos que o anexo era construído ao lado da cabana mas que não comunicava com ela; não tinha chão e lá dentro não havia nada a não ser enxadas, ancinhos e picaretas velhos e enferrujados e um arado partido. O fósforo apagou-se e nós saímos, tornámos a enfiar a argola na parede e a porta ficou tão bem trancada como antes. O Tom estava feliz. Disse assim:

— Agora sim, já sei o que vamos fazer. Vamos escavar um túnel para o tirar de lá. Vai demorar para aí uma semana!



UMA TAREFA SIMPLES.

Depois fomos para casa e entrámos pela porta das traseiras — só tinha de se puxar por uma faixa de couro para entrar, porque eles lá não trancam as portas —, só que isso não era romântico que chegasse para o Tom Sawyer, para quem a única maneira de entrar em casa era trepando o para-raios. Mas depois de ter trepado três vezes até meia altura e das três vezes ter acabado por se espalhar cá em baixo, sem rachar a cabeça por um triz à terceira, achou melhor desistir; mas depois de descansar um bocadinho achou melhor fazer mais uma tentativa, para não haver azares, e dessa vez conseguiu chegar até lá acima.

No dia seguinte acordámos antes da alvorada e fomos até às casas dos pretos fazer festas aos cães e travar conhecimento com o preto que dava de comer ao Jim — se é que era o Jim que estava a ser alimentado. Os pretos estavam a acabar o pequeno-almoço e prestes a partir para as plantações; o preto do Jim estava a encher uma panela com pão, carne e outras coisas — e, enquanto os outros saíam, a chave veio ter com ele.

Este preto era um tipo bem-disposto, tinha uma cara risonha, e trazia a lã da cabeça toda aos tufos, presos com fio — para afastar as bruxas. Dizia que há algum tempo que as bruxas não o deixavam em paz durante a noite, que o

faziam ver toda a casta de coisas esquisitas e ouvir toda a casta de palavras e ruídos estranhos, e que nunca na vida tinha sido perseguido por elas durante tanto tempo. Ficou tão preocupado e embrenhou-se tanto nos seus problemas que se esqueceu do que é que estava a fazer. Por isso o Tom disse:

— Para que é que é isso? Vais dar de comer aos cães?

A cara do preto encheu-se devagar de uma espécie de sorriso, como quando se deixa cair uma pedra numa poça, e disse:

— Sim, sinhô Sid, um cão. Um cão bastante isquisito. Quer ir ver?

— Sim.

Eu dei uma cotovelada ao Tom, e disse:

— Vais vê-lo assim à luz do dia? *Isso* não fazia parte do plano.

— Pois não, mas faz agora.

Por isso, o malfadado do Tom seguiu-o, e eu a ele, mas não gostava lá muito daquilo. Entrámos e não conseguíamos ver nada, de tão escuro; mas o certo é que o Jim estava lá e nos conseguia ver a nós, porque se ouviu:

— *Huck!* E, *santo* Deus — não é o sinhô Tom?

Sabia que aquilo ia acontecer; estava mesmo à espera. Eu não sabia o que havia de fazer; e, mesmo que tivesse alguma ideia, não poderia ter feito nada, porque o preto deu um grito e disse:

— Não é possível, pôr amôr dê Deus! Ele cõhece-vos?

Já conseguíamos ver bastante bem. O Tom olhou fixamente para o preto, com um ar um tanto intrigado, e disse:

— *Quem* é que nos conhece?

— Ora, estê preto fugido quê ‘tá ‘qui.

— Não me parece, mas onde é que foste buscar essa ideia?

— *Onde é quê a fui buscar?* Ele não ácabou agora mesmo dê gritar quê vós conhecia?

O Tom disse, com ar de quem estava um bocado baralhado:

— Que estranho! *Quem* é que gritou? *Quando?* *O que é que* disseram? — E vira-se para mim, com o ar mais calmo do mundo, e diz:

— *Tu* ouviste alguém gritar?

Claro que eu não tinha escolha senão dizer que não, por isso respondi:

— Não; *eu* não ouvi ninguém dizer nada.

Depois ele virou-se para o Jim, olhando para ele como se nunca antes o tivesse visto, e disse:

— Tu gritaste?

— Não, patrão — disse o Jim —, *eu* não diss' nada.

— Nadinha?

— Nem uma palavra, patrão.

— Já alguma vez nos tinhas visto?

— Não, patrão, qu'eu mê lembrê, não.

Então o Tom virou-se para o preto, que estava com um ar nervoso e perplexo, e disse num tom severo:

— Mas qual será o teu problema? O qu'ê que te fez pensar qu'alguém tinha gritado?

— Oh, são estas malditas bruxas, patrão, e quem mê dera estar morto, quem mê dera! Elas não param, e tão á dar cabo dê mim, pregam-m' cada susto! Pôr favor, não conte a ninguém, patrão, ou o velho patrão Silas vai-me da' um ráspanete, porqu'ele diz que *não existem* bruxas. Que mê dera qu'ele 'tivesse aqui, ágora, prá ver o quê dizia! Aposto quê *desta vez* havia d'acrêditar! Mas é sempre assim, as pessoas teimosas continuam teimosas e nunca querem ver nada sozinhas, e dêpois, quando á gente encontra provas, elas não acrêditam!



BRUXAS.

O Tom deu-lhe uma moeda e disse que não contava a ninguém e que ele fosse comprar mais algum fio para atar a lâ da cabeça; depois olhou para o Jim e disse:

— Pergunto a mim mesmo se o Tio Silas vai enforcar este preto. Se eu apanhasse um preto suficientemente ingrato para ter fugido, *eu* não o devolvia; enforcava-o. — E enquanto o preto ia até à porta para ver bem a moeda e a morder para ver se era verdadeira, ele segredou ao Jim:

— Nunca deixes que percebam que nos conheces. E se ouvires barulho à noite, somos nós a escavar para te libertar.

O Jim só teve tempo para nos apertar as mãos; depois o preto voltou e nós dissemos que, se ele nos deixasse, um dia destes voltávamos, e ele disse que deixava, ainda mais se fosse de noite, porque à noite as bruxas atacavam-no mais vezes, e nessas alturas era bom ter gente a fazer-lhe companhia.

Capítulo XXXV

Ainda faltava quase uma hora para o pequeno-almoço, por isso nós saímos e fomos para a floresta, porque o Tom dizia que precisávamos de alguma luz para podermos escavar, e que uma candeia fazia luz a mais, e podia-nos dar problemas; do que nós precisávamos era de uma data daqueles bocados de madeira apodrecida em que cresce um fungo que brilha com uma luz fraca quando está às escuras. Trouxemos uma braçada cheia e escondemo-la nas ervas altas; a seguir o Tom disse, um bocado irritado:



A APANHAR MADEIRA.

— Que porcaria, isto é tudo tão fácil e tacanho! Torna-se complicado arranjar um plano complicado. Não há nenhum guarda que tenha de ser adormecido — *devia* haver um guarda! Nem sequer há um cão que se possa drogar. O Jim está lá, com uma corrente de dez pés a prender-lhe uma das pernas à cama: basta levantar a cama e soltar a corrente! O Tio Silas confia em toda a gente, dá a chave àquele preto com uma cabeça de abóbora e nem o manda vigiar. A esta hora já o Jim podia ter saído por aquela janela, só que não servia de nada tentar fugir com uma corrente daquele tamanho presa à perna.

Raios, Huck, isto é a coisa mais estúpida que alguma vez vi; temos de inventar *todas* as dificuldades. Bem, a única coisa a fazer é tentar o melhor possível com o material que há. De qualquer maneira, uma coisa é certa: é mais honroso libertá-lo por entre uma data de dificuldades e perigos quando nenhuns deles foram criados pelas pessoas que tinham o dever de os criar, por isso temos de os tirar das nossas próprias cabeças. Agora pensa só nessa coisa da candeia: bem vistas as coisas, temos de *fingir* que é arriscado usar uma candeia. Ora, cá para *mim*, se quiséssemos, podíamos trabalhar à luz de uma procissão de archotes. Agora que penso nisso, assim que tivermos uma oportunidade, temos de arranjar coisas para fazer uma serra.

— Pra qu'ê que a gente quer uma serra?

— *Para quê?* Então não temos de serrar a perna da cama do Jim para soltar a corrente?

— Mas tu acabaste de dizer que bastava levantar a cama!

— Bem, isso é mesmo teu, Huck Finn. Às vezes pareces mesmo uma criancinha de colo com essas maneiras de pensar. Será que não leste mesmo livros nenhuns? O Barão Trenck, o Casanova, o Benvenuto Tchelini, o Henrique IV — nenhum desses heróis? Tu achas que os prisioneiros são libertados por velhinhas ou quê? Não! As melhores autoridades serram a perna da cama em dois, cobrem o corte de sebo e de sujidade, engolem a serradura para não ser encontrada e deixam as coisas assim mesmo, de maneira a que até o senescal mais astuto seja incapaz de perceber que foi serrada e pense que a cama está toda inteira. Depois, na noite em que estão prontos, dão um pontapé à perna, ela cai, puxa-se a corrente, e já está — agora só falta prender a escada de corda às ameias; descer o mais rápido possível; partir uma perna no fosso porque a escada é dezanove pés mais curta do que devia ser, são aquelas coisas; e encontram-se os cavalos e os fiéis vassalos, que agarram na pessoa e a atiram para cima de uma sela para a levar para o seu Languedoc natal, ou para Navarra, ou seja onde for. É incrível, Huck. Quem me dera que esta cabine tivesse um fosso. Se tivermos tempo na noite da evasão, escavamos um.

Eu disse:

— Para que é que havemos de precisar de um fosso se o vamos tirar dali por um buraco no chão?

Mas ele não me ouviu. Tinha-se esquecido de mim e de tudo o resto. Estava a pensar, com a mão poisada no queixo. Daí a um bocado suspirou, abanou a cabeça, voltou a suspirar, e disse:

— Não, não pode ser... não é indispensável.

— O que é que não é indispensável?

— Cortar a perna ao Jim — diz ele.

— Graças a Deus! Bem dizes que não é *indispensável*. Pra qu'ê que lhe havias de cortar a perna?

— Bem, algumas das melhores autoridades fizeram assim. Como não conseguiam ver-se livres da corrente, cortaram a mão e fugiram. E uma perna era melhor ainda. Mas não vai dar. Não é indispensável, e além disso o Jim é um preto e não ia perceber as nossas razões, nem que é o que se faz na Europa, por isso não vai dar. Em todo o caso, podíamos ter uma escada de corda; podíamos rasgar os lençóis e fazer-lhe uma escada de corda sem grande dificuldade. E podemos mandar-lha numa tarte, que é como se costuma fazer. E já comi coisas piores.



UMA DAS MELHORES AUTORIDADES.

— Ora, Tom, as coisas que tu dizes! — disse eu. — O Jim não precisa de uma escada de corda *para nada*.

— Precisa, sim, senhor. Devias pensar era nas coisas que *tu* dizes, não percebes nada de nada. Ele tem de ter uma escada de corda, todos têm!

— E que raio queres tu que ele faça com ela?

— Então, pode escondê-la na cama, não pode? É o que eles todos fazem, e é o que ele tem de fazer, também. Huck, tu parece que não queres fazer nada como deve ser, queres andar sempre a inventar coisas novas. E imagina que ele *não faz* nada com a corda — ela não vai estar lá na cama dele, depois de ele ter fugido, a servir de pista? E não achas que são precisas pistas? Claro que são. Não ias deixar nada? Isso é que era cortês, não era? Nunca ouvi tal coisa.

— Bem — disse eu —, se está no regulamento e é obrigatório, que assim seja, damos-lhe uma corda, porque eu cá não quero infringir nenhum regulamento; mas há uma coisa, Tom Sawyer — se rasgarmos os nossos lençóis para fazer uma escada, vamos ter problemas com a Tia Sally, é tão certo como tu teres nascido. O que eu penso é que uma escada de casca de noqueira não custa nada, não desperdiça nada, e é tão fácil de esconder numa tarte ou dentro de uma enxerga de palha como qualquer corda de trapos — e quanto ao Jim, não tem experiência nenhuma, portanto *ele* não se vai importar com que tipo...

— Caramba, Huck Finn, se eu fosse tão ignorante como tu ficava calado — era o que *eu* fazia. Onde é que já se ouviu falar de um prisioneiro de Estado que tivesse fugido por uma escada de casca de noqueira? Que ideia mais ridícula!

— Pronto, está bem, Tom, faz como quiseres — mas se ouvires o que te digo, deixas-me trazer um lençol emprestado da corda de secar a roupa.

Ele disse que estava bem.

— Traz também uma camisa.

— Para que é que precisamos de uma camisa, Tom?

— Para o Jim escrever lá o seu diário.

— Um diário? Enlouqueceste? O *Jim* não sabe escrever!

— Está bem, imaginemos que ele *não sabe* escrever — se lhe fizermos uma pena com uma colher de estanho velho ou com um bocado do arco de uma pipa ele pode fazer uns rabiscos na camisa, ou não pode?

— Ora, Tom, era muito mais rápido e melhor arrancarmos uma pena a um ganso.

— Os prisioneiros não têm gansos às voltas nas masmorras para lhes arrancarem penas do rabo, seu parvo. Fazem-nas *sempre* com um bocado de candelabro de latão duro, difícil e aguçado, ou com qualquer coisa desse tipo que tenham à mão; e demoram semanas atrás de semanas e meses atrás de meses para os porem prontos, porque têm de os limar esfregando-os contra a parede. *Eles* não usavam uma pena de ganso mesmo que tivessem uma. Não é assim que as coisas se fazem.

— E com qu'ê que fazemos a tinta?

— Há muitos que a fazem com ferrugem e lágrimas, mas isso é mais para mulheres e gente comum — as melhores autoridades usam o seu próprio sangue. O Jim pode fazer isso, e quando quiser mandar uma vulgar mensagem curta e misteriosa a avisar o mundo de que está cativo, pode escrevê-la com um garfo no fundo de um prato de metal que atira pela janela. O Homem da Máscara de Ferro fazia sempre assim; é uma ideia e peras.

— O Jim não tem pratos de metal. Dão-lhe a comida numa panela.

— Não faz mal, podemos arranjar-lhe alguns.

— Ninguém vai poder *ler* os pratos dele.

— *Isso* não tem nada que ver com o assunto, Huck Finn. O que *ele* tem de fazer é escrever no prato e atirá-lo cá para fora. Não tem de ser legível. Oh, a maior parte do tempo não se percebe nada do que um prisioneiro escreve — seja num prato de metal ou noutro sítio qualquer.

— Então pra que é que se hão de desperdiçar os pratos?

— Mas que coisa, não interessa, não vês que os pratos não são *do prisioneiro*?

— Mas são *de alguém*, não são?

— Então, e que sejam! O que é que interessa ao *prisioneiro* de quem são...

Nessa altura ele interrompeu-se, porque ouviu a tocar a corneta do pequeno-almoço. Por isso fomos para casa.



A CORNETA DO PEQUENO-ALMOÇO.

Durante essa manhã fui buscar o lençol e a camisa, emprestados, à corda da roupa; encontrei uma saca velha e meti-os lá dentro; depois fomos lá abaixo buscar o fogo-podre, que juntámos ao resto. Eu dizia «emprestado» porque era assim que o Velho dizia sempre, mas o Tom dizia que aquilo não era levar emprestado, era roubar. Dizia que estávamos a representar um prisioneiro, e que aos prisioneiros não interessa como arranjam uma coisa desde que arranjem aquilo de que precisam para escapar, e que ninguém os culpa por isso. «Quando um prisioneiro rouba aquilo de que precisa para escapar, não é crime», dizia o Tom, «é um direito que ele tem.» Por isso, enquanto estivéssemos a representar um prisioneiro, tínhamos todo o direito de roubar qualquer coisa naquele lugar que nos desse jeito para conseguirmos fugir da prisão. Ele dizia que, se não fôssemos prisioneiros, era outra coisa muito diferente, e que só uma pessoa reles e mesquinha roubava quando não estava prisioneira de ninguém. E no entanto fez-me uma cena enorme depois disto num dia em que eu roubei uma melancia da plantação dos pretos e a comi — obrigou-me a ir dar-lhes uma moeda sem dizer porquê. Disse que o que tinha querido dizer era que podíamos roubar tudo aquilo de que *precisássemos*.

«Então», disse eu, «e eu precisava daquela melancia.» Mas ele disse que eu não precisava dela para fugir da prisão, e que aí é que estava a diferença. Disse que, se eu precisasse dela para esconder lá dentro uma faca e a mandar secretamente ao Jim para que matasse com ela o senescal, já não fazia mal. Por isso eu não disse mais nada, embora não percebesse qual era a vantagem de representar um prisioneiro se tinha de me sentar a ruminar subtilezas daquelas cada vez que visse uma oportunidade de fanar uma melancia.

Bem, como eu ia dizendo, nessa manhã ficámos à espera de que toda a gente estivesse ocupada a trabalhar, e quando já não havia ninguém à vista no pátio o Tom levou a saca até ao anexo e eu fiquei um pouco mais atrás a montar a guarda. Daí a pouco ele saiu e fomos sentar-nos numa pilha de madeira para falar. Ele disse:

— Já está tudo pronto, a não ser as ferramentas, mas isso é fácil de arranjar.

— Ferramentas? — perguntei eu.

— Sim.

— Ferramentas pra quê?

— Então! Pra escavar. Não queres que a gente faça o buraco com os *dentes*, pois não?

— E aquelas picaretas velhas que estão lá dentro não servem para libertar um preto? — disse eu.

Ele virou-se para mim com um ar de dó tão grande que dava vontade de chorar.

— Huck Finn, já alguma vez ouviste falar de um prisioneiro que tivesse pás e picaretas e todos os confortos da vida moderna arrumados no guarda-fatos à espera para quando ele precisasse de escavar um túnel? Já agora pergunto-te, se é que tens uma ponta de bom senso, que tipo de herói seria um prisioneiro *desses*? Não, é que mais valia emprestarem-lhe a chave e acabar assim com a história! Pás e picaretas! Que ideia, nem a um rei eles dariam tais coisas.

— Bem, nesse caso — disse eu —, se não queremos as pás e as picaretas, o que é que vamos usar?

— Um par de facas.

— Pra escavar um túnel por debaixo das paredes daquele anexo?

— Sim.

— Esquece isso, Tom, é uma ideia tresloucada.

— Não m' interessa que seja tresloucado, é *assim* que se faz; é a forma correta. E *eu* nunca ouvi falar de mais maneiras *nenhumas*, apesar de ter lido todos os livros em que vem informação sobre estes assuntos. Eles escavam sempre com uma faca — e não é terra que eles atravessam, repara, é pedra dura. Demoram semanas atrás de semanas e mais semanas, autênticas eternidades. Ora, basta veres aquele que estava prisioneiro no calabouço mais fundo do Castelo Dife, no porto de Marselha, e que se libertou dessa maneira — quanto tempo é que achas que demorou, diz lá?

— Não sei.

— Tenta adivinhar.

— Não sei. Um mês e meio.

— *Trinta e sete anos* — e saiu na China. Disso é que eu estou a falar. Quem me dera que esta fortaleza fosse construída em cima de rocha.

— O *Jim* não conhece ninguém na China.

— Mas o que é que *isso* tem que ver? O outro também não conhecia. Mas tu estás sempre a fugir ao assunto. Não consegues concentrar-te nas questões essenciais?

— Está bem. A *mim* não me interessa onde é que ele vai parar, desde que *saia* dali, e parece-me que o Jim deve achar a mesma coisa. Mas, de qualquer maneira, há um problema — o Jim é demasiado velho para ser tirado dali com uma faca. Não vai viver tempo que chegue.

— Ora, claro que vai. Não achas que vai demorar trinta e sete anos a escavar um túnel na *terra*, pois não?

— Quanto tempo é que vai demorar, Tom?

— Bem, não podemos arriscar-nos a demorar o tempo todo que devíamos, porque o Tio Silas pode ter notícias de Nova Orleães daqui a pouco tempo. Vai descobrir que o Jim não é de lá. O próximo passo vai ser pôr um anúncio a dizer que o encontrou, ou uma coisa parecida. Por isso não podemos arriscar-nos a demorar o tempo todo que devíamos. Em princípio, acho que devíamos demorar uns dois anos, mas não pode ser. Havendo tantas incertezas, o que eu recomendo é isto: escavamos com toda a força, o mais rápido que pudermos, e depois fingimos, para nós próprios, que demorámos trinta e sete anos. Assim

podemos livrá-lo dali e pô-lo em fuga assim que houver sinais de alarme. Sim, parece-me a melhor maneira.

— Isso sim, é uma coisa *bem pensada* — disse eu. — Fingir não custa nada, não dá sarilhos e, por mim, até podíamos fingir que demorávamos cento e cinquenta anos — não me cansava mais nem menos. Vou dar uma volta por aí a ver se encontro umas facas.



A ENCONTRAR UMAS FACAS.

— Arranja três — disse ele —, precisamos de uma para fazer de serra.

— Tom, deve ser pouco religioso e irregular sugerir isto — disse eu —, mas ali adiante, debaixo do telheiro que fica atrás do fumeiro, está uma lâmina de serra velha e enferrujada.

Ele ficou com um ar muito cansado e abatido, e disse:

— Não vale a pena tentar ensinar-te nada, Huck. Corre e arranja lá essas facas — traz três.

E foi o que eu fiz.

Capítulo XXXVI

Nessa noite, assim que achámos que estava toda a gente a dormir, descemos pelo para-raios, trancámo-nos no anexo, pegámos no nosso monte de fosforescência e metemo-nos ao trabalho. Tirámos do chão tudo o que ficava num raio de cinco ou seis pés do meio do toro mais baixo. O Tom disse que agora estávamos mesmo por trás da cama do Jim, que íamos fazer o túnel sair debaixo dela, e que quando chegássemos ao outro lado nunca ninguém ia saber que havia ali um buraco, porque a colcha do Jim quase roçava no chão, e uma pessoa tinha de se baixar e arregaçar a colcha para ver o buraco. Por isso escavámos sem parar com as facas até ser quase meia-noite; no fim estávamos derreados, as nossas mãos estavam cheias de bolhas, e não tínhamos feito quase nada. Eu acabei por dizer:



A DESCER O PARA-RAIOS.

— Isto não vai levar trinta e sete anos, Tom Sawyer, vai levar trinta e oito.

Ele não disse nada. Mas suspirou, daí a pouco parou de escavar, e depois eu vi que ele ficou a pensar durante um bom bocado.

— Não serve de nada, Huck, não vai funcionar. Se fôssemos prisioneiros funcionava, porque podíamos demorar os anos todos que quiséssemos, sem pressas; não teríamos mais do que alguns minutos para escavar em cada dia, enquanto eles mudassem de turno, por isso as nossas mãos não ficavam com bolhas e podíamos continuar anos a fio e fazer as coisas como dever ser, como elas devem ser feitas. Mas nós não nos podemos dar a esse luxo, temos de nos despachar, não há tempo a perder. Se trabalhássemos mais uma noite como esta, tínhamos de ficar parados uma semana à espera de que as nossas mãos ficassem boas — não seríamos capazes de pegar numa faca antes disso.

— Então o que é que vamos fazer?

— Eu digo-te: é errado e imoral, e não gostaria que se soubesse, mas não temos escolha — escavamos com as picaretas e *fingimos* que são facas.

— Isso é que é falar! — disse eu —, a tua cabeça funciona melhor a cada dia que passa, Tom Sawyer. Uma picareta é a coisa ideal, moral ou não, e eu cá de qualquer maneira estou-me nas tintas para a moralidade disto tudo. Quando vou roubar um preto, uma melancia ou um livro de catequese, não sou nada esquisito com a maneira de fazer as coisas, desde que fiquem feitas. O que eu quero é o meu preto, ou a minha melancia ou o meu livro de catequese, e se o que me dá mais jeito é uma picareta, é uma picareta que eu uso para arranjar esse preto ou essa melancia ou esse livro de catequese, e estou-me marimbando para o que as autoridades acham disso.

— Bem — disse ele —, num caso como este há boas razões para usar picaretas a fingir, mas se não fosse isso eu não aprovava, e não ia ficar parado a ver as regras serem quebradas, porque o que está bem está bem, e o que está mal está mal, e uma pessoa não tem nada que andar a fazer as coisas mal quando não é nenhum ignorante e sabe fazê-las bem. Talvez para ti não fizesse mal tirar o Jim cá para fora com uma picareta, *sem sequer* fingir que é uma faca, porque não conheces melhor do que isso; mas para mim não podia ser, porque eu sei como as coisas devem ser feitas. Passa-me uma faca.

Ele tinha uma poisada a seu lado, mas eu dei-lhe a minha. Ele atirou-a para o chão e disse:

— Passa-me uma *faca*.

Eu não sabia o que havia de fazer; mas depois pensei — remexi nas ferramentas velhas, arranjei uma picareta e dei-lha, e ele pegou nela e pôs-se a trabalhar, sem dizer mais nada.

Ele era sempre assim minucioso. Tinha princípios.

Depois eu peguei numa pá e picámos e escavámos, um de cada vez, e avançávamos rápido. Continuámos durante para aí meia hora, até já não nos aguentarmos nas pernas, e ainda fizemos uma cova bem grande. Quando cheguei ao cimo das escadas, espreitei pela janela e vi o Tom a fazer o seu melhor para trepar pelo para-raios, mas tinha as mãos tão feridas que não era capaz. Por fim disse:

— Não vale a pena, não vai dar. O que é que achas que eu faça? Consegues pensar nalguma solução?

— Sei uma — disse eu —, mas acho que não vem no regulamento. Vem pelas escadas e finge que é um para-raios.

E foi o que ele fez.

No dia seguinte o Tom roubou uma colher de estanho e um candelabro de latão para fazer uma pena para o Jim, e também seis velas de banha; eu fui passear perto da cabana dos pretos, esperei por uma oportunidade, e roubei três pratos de metal. O Tom disse que três não chegavam, mas eu disse que nunca ninguém ia ver os pratos que o Jim atirasse pela janela, porque iam cair na fedegosa e nas ervas daninhas que ali cresciam, e que por isso nós podíamos ir lá buscá-los e dar-lhos para ele os usar outra vez. Então o Tom ficou satisfeito. Depois disse:



A ROUBAR COLHERES.

— Agora a questão é saber como é que vamos fazer com que estas coisas cheguem ao Jim.

— Levamo-las pelo buraco — disse eu —, quando estiver pronto.

Ele olhou para mim com um ar de desprezo e disse qualquer coisa sobre se alguém alguma vez teria ouvido uma ideia tão patética; depois pôs-se a pensar. Passado um bocado disse que tinha descoberto duas ou três maneiras, mas que ainda não era preciso decidir qual delas é que íamos usar. Disse que primeiro tínhamos de avisar o Jim.

Nessa noite, depois das dez, descemos pelo para-raios levando connosco uma das velas; ficámos à escuta debaixo da janela e ouvimos o Jim rressonar, por isso atirámos a vela lá para dentro, mas não o acordou. Então começámos a dar à pá e à picareta e daí a duas horas e meia estava o trabalho feito. Rastejámos para debaixo da cama do Jim, dentro da cabana; às apalpadelas encontrámos a vela e acendemo-la; depois ficámos um bocado a olhar para o Jim, que estava com um ar saudável e vigoroso. Depois acordámo-lo devagar, de mansinho. Ficou tão feliz de nos ver que quase chorou, e chamou-nos «queridos» e todos os nomes carinhosos em que conseguia pensar, e queria que fôssemos imediatamente buscar um cinzel a frio para lhe cortarmos a corrente da perna e

fugirmos sem perder tempo. Mas o Tom explicou-lhe as irregularidades que isso implicava e sentou-se a contar-lhe quais eram os nossos planos, dizendo-lhe que os podíamos alterar a qualquer minuto se houvesse alguma razão de alarme, e que ele não tivesse medo, pois não havia dúvida de que nós havíamos de fazer com que ele fugisse dali. O Jim disse que estava bem e sentámo-nos um bocado a falar dos velhos tempos, depois o Tom fez uma data de perguntas, e quando o Jim lhe disse que o Tio Silas ia lá todos os dias ou dia sim, dia não para rezar com ele, e que a Tia Sally ia visitá-lo para saber se ele estava bem instalado e se tinha comida suficiente, e que eram os dois muito afáveis, o Tom disse:

— Já sei como é que vamos fazer! Vamos mandar-te algumas coisas através deles.

Eu disse:

— Não faças isso, é uma das ideias mais tristes que alguma vez ouvi — mas ele não me ligou nenhuma e continuou a falar. Era sempre assim quando tomava uma decisão.

Então ele disse ao Jim que íamos ter de mandar a escada de corda e as outras coisas maiores através do Nat, que era o preto que lhe dava de comer, e que ele devia ficar alerta e não se deixar surpreender nem deixar que o Nat o visse abrir as coisas; quanto às coisas mais pequenas, púnhamo-las nos bolsos do Tio e ele tinha de as roubar de lá, ou atávamo-las às fitas do avental da Tia ou púnhamo-las no bolso dela, se conseguíssemos, e explicou-lhe para que é que eram as coisas. Disse-lhe como ele havia de escrever um diário com o seu próprio sangue, e essas coisas. Disse-lhe tudo. O Jim não percebia para que é que aquilo ia servir, mas achou que nós, que éramos brancos, devíamos saber melhor do que ele, e por isso ficou satisfeito e disse que ia fazer exatamente como o Tom dizia.

O Jim tinha tabaco e montes de cachimbos feitos de maçarocas de milho, por isso passámos um momento mesmo bom à conversa; depois rastejámos pelo buraco e voltámos para a cama, com as mãos desfeitas. O Tom estava de ótimo humor. Dizia que nunca antes se tinha divertido tanto, nem de uma maneira tão intelequetual, e que o que era bom era conseguir imaginar uma forma de continuarmos assim o resto das nossas vidas e deixarmos o Jim para

os nossos filhos libertarem — porque ele achava que o Jim, à medida que se fosse habituando, havia de passar a gostar cada vez mais daquela situação. Dizia que aquilo podia ser arrastado durante uns oitenta anos, e que esse seria o melhor tempo de que há registo. E dizia que todos aqueles que tivessem participado naquilo se tornariam célebres.

De manhã fomos até à pilha de madeira e partimos o candelabro em bocados de tamanhos práticos, e o Tom enfiou a colher de estanho no bolso. Depois fomos até às cabanas dos pretos e, enquanto eu distraía o Nat, o Tom enfiou um bocado de candelabro num pão de milho que estava na panela do Jim, e fomos com o Nat ver o que aquilo ia dar, e funcionou maravilhosamente: o Jim quase partiu os dentes todos quando mordeu o pão — era impossível ter pensado num plano melhor; até o Tom reconheceu isso. O Jim fingiu que era só uma pedrinha ou uma dessas coisas que estão sempre a aparecer no pão, vocês sabem; só que depois disso não voltou a morder nada sem primeiro picar com o garfo em três ou quatro sítios diferentes.

E ali estávamos nós de pé na penumbra quando de repente aparecem dois cães a saltar de baixo da cama do Jim, e continuaram a amontoar-se até haver para aí onze deles, e praticamente já não haver espaço sequer para respirar. Meu Deus! Tínhamo-nos esquecido de trancar a porta do anexo! O preto Nat só berrou «Bruxas!» e depois desabou no chão no meio dos cães e começou a gemer como se estivesse a morrer. O Tom abriu a porta com um puxão e atirou lá para fora uma tira da carne do Jim, e todos os cães foram atrás dela; o próprio Tom saiu e voltou a entrar em dois segundos, e eu sabia que ele tinha ido tratar também da outra porta. Depois tratou do preto, pôs-se a consolá-lo e a fazer-lhe festas e a perguntar-lhe se andava outra vez a ver coisas. Ele olhou para cima, piscou os olhos, e disse:

— Sinhô Sid, vai dizê qu'eu sou máluco, mas eu quê morra já aqui sê 'tou a mentir quandô digo quê vi quase um milhão de cães, ou de demónios, ou lá o qu'elis são. Eu vi, é vêrdad'. E senti eles, sinhô Sid, em cima dê mim, em toda a partê. Ah, eu s'eu consêguiss'agárrar uma bruxa dessas nem quê fosse uma vez só, uma vez, é tudo o qu'eu peço. Mas gôstava inda mais qu'elas mê deixassem em paz, oh, sim.

O Tom disse:

— Olha, isto é o que eu acho: porque é que será que tu as vês sempre aqui à hora do pequeno-almoço deste preto? É porque têm fome, mais nada. Faz-lhes uma tarte de bruxa, é o que eu te aconselho.

— Mas, meu Deus, sinhô Sid, como é que eu vou fazer prá elas uma tarte de bruxa? Não sei como é que sê fazem! Nunca ouvi falar em tal coisa.

— Bem, nesse caso, vou ter de ser eu a fazê-la.

— A sério, quêrido? O Nat beija o chão que o sinhô Sid pisar, pátrão!



O TOM ACONSELHA UMA TARTE DE BRUXA.

— Está bem, eu faço isso por ti, porque foste simpático para nós e nos mostraste onde estava o preto. Mas tens de ter muito cuidado. Enquanto a fizermos, tens de te virar de costas e não olhar para nada do que pusermos na panela. E não podes olhar quando o Jim esvaziar a panela — pode-te acontecer uma coisa, não sei bem o quê. E, acima de tudo, não *toques* nas coisas das bruxas.

— Tôcar-lhes, sinhô Sid? Acha qu'eu lhes *tôcava*? Mesmo quê mê pagassem cem mil milhares de mil milhões, eu não punha lá nem um dedo!

Capítulo XXXVII

Assim tudo ficou arranjado. Fomo-nos embora e fomos até à pilha de lixo no pátio das traseiras, onde eles têm botas velhas, trapos, bocados de garrafas, coisas gastas, e tralhas assim, e procurámos por lá até encontrarmos um velho alguidar de metal. Tapámos-lhe os buracos o melhor que conseguimos, para cozermos lá a tarte; levámo-lo para a cave e enchemo-lo de farinha; a seguir, fomos para casa para tomar o pequeno-almoço, encontrámos dois pregos que o Tom disse que davam jeito para um prisioneiro gravar o seu nome e as suas desgraças nas paredes da masmorra, e deixou cair um deles no bolso do avental da Tia Sally, que estava pendurado numa cadeira, e metemos o outro na fita do chapéu do Tio Silas, que estava poisado em cima da secretária, porque tínhamos ouvido as crianças dizer que o pai e a mãe iam visitar o preto nessa manhã. Depois fomos tomar o pequeno-almoço e o Tom deixou cair a colher de estanho no bolso do casaco do Tio Silas, mas a Tia Sally ainda não tinha chegado, por isso tivemos de esperar um bocado.



A PILHA DE LIXO.

Quando chegou, ela estava vermelha e furiosa e, mal a bênção acabou, pôs-se a servir o café com uma mão e a dar piparotes com o dedal na cabeça da criança mais próxima com a outra. Disse assim:

— Procurei por *toda* a parte, e *só Deus sabe* o que aconteceu à tua outra camisa.

O meu coração desabou pelo meio dos pulmões e dos fígados e isso, e um bocado de côdea desceu-me pela garganta atrás dele, mas pelo caminho encontrou um ataque de tosse e foi disparado por cima da mesa, e acertou em cheio no olho de uma das crianças, que soltou um berro pior do que um grito de guerra e se pôs a contorcer-se como uma minhoca. O Tom ficou meio azul e durante cerca de um quarto de minuto houve uma desordem tão grande que eu tinha dado tudo o que me pedissem para poder não estar ali. Mas daí a pouco regressou tudo ao normal — era o choque que nos tinha feito perder assim a cabeça. O Tio Silas disse:

— É realmente estranho; não percebo. Tenho a certeza absoluta de que a *despi*, porque...

— Porque só tens *uma* vestida. *Oiçam-me* isto! Eu sei que a tiraste, e não preciso da tua cabeça de vento para saber isso, porque ainda ontem eu própria a vi pendurada na corda da roupa. Mas agora desapareceu, foi o que foi, e vais ter de usar uma das vermelhas de flanela até eu ter tempo de fazer uma nova. Vai ser a terceira em dois anos. Não há meio de parar de te fazer camisas, e lá o que tu *fazes* com elas é uma coisa que a mim me ultrapassa. É que na tua idade era de esperar que já tivesses *aprendido* a tomar conta das tuas coisas.

— Eu sei, Sally, e faço o melhor que posso. Mas não deve ser só culpa minha, porque, como tu sabes, eu não vejo as camisas nem tenho nada a ver com elas a não ser quando as trago vestidas, e parece-me que até hoje ainda não perdi nenhuma que trouxesse na *pele*.

— Pois não foi de certeza mérito *teu*, Silas, se houvesse a mínima hipótese de as perder, tu tinha-las perdido. E também não foi só a camisa que desapareceu — também desapareceu uma colher, e não é *tudo*. Havia dez, e agora só há nove. Se calhar o vitelo comeu a camisa, mas *de certeza* que não foi ele a levar a colher!

— E o que é que desapareceu mais?

— Mais seis *velas*! Talvez as ratazanas as tenham levado, deve ter sido o que aconteceu, e só me espanta que não levem a casa toda, contigo sempre a dizer que vais tapar os buracos delas sem nunca fazeres nada. Se fossem mais espertas, faziam o ninho na tua cabeça, Silas, e *tu* não davas por nada. Mas a colher não foram elas, e isso *eu sei*.

— Bem, Sally, estou em falta e reconheço-o, fui negligente, mas prometo-te que não passa de amanhã sem os buracos estarem tapados.

— Oh, não te apresses, para o ano que vem também serve. Matilda Angelina Araminta *Phelps*!

E zás, lá veio o dedal, e a criança tirou imediatamente a pata do açucareiro. No mesmo instante apareceu uma preta na ombreira da porta e disse:

— Dona Sally, dêsapareceu um lençol.

— Um *lençol*! Ó danação!

— Eu tapo os buracos hoje mesmo — disse o Tio Silas com um ar entristecido.



«DONA SALLY, DÊSAPARECEU
UM LENÇOL.»

— Oh, está *calado*! Achas que as ratazanas levaram o lençol? *O que é que* aconteceu ao lençol, Lize?

— Acrêdite qu'eu não sei, Dona Sally. Estava na corda inda ontem, mas agôra dêsapareceu: já não está.

— É o fim! *Nunca* em dias da minha vida eu vi uma coisa destas. Uma camisa, um lençol, uma colher, seis velas...

— Dona Sally — veio uma mulata nova dizer —, dêsapareceu um candelabro dê latão!

— Desaparece-me daqui, sua ordinária, ou eu atiro-te uma panela à cabeça!

Bem, ela estava enraivecida. Eu comecei a ver quando é que havia uma oportunidade de fugir para a floresta até acabar a tempestade. Ela continuava com o espalhafato, com aquele motim de uma só pessoa, e toda a gente à sua volta estava calada e obediente; até que finalmente o Tio Silas, com um ar um tanto aparvalhado, pescou a colher de dentro de um bolso. Ela parou, de boca aberta e mãos no ar; quanto a mim, só desejava estar em Jerusalém ou noutro sítio qualquer. Mas logo a seguir ela disse:

— Ah, estava-se *mesmo* a ver! Tiveste-a no bolso este tempo todo, e o mais provável é que também tenhas aí dentro as outras coisas todas. Como é que isso foi aí parar?

— Não sei mesmo, Sally — disse ele, como quem pede desculpa —, sabes que eu te dizia se soubesse. Estive a estudar o capítulo XVII dos Atos antes do pequeno-almoço e devo tê-la posto aqui sem dar por isso, em vez da Bíblia; deve ter sido mesmo isso, porque a minha Bíblia não está aqui, mas vou ver, e se a Bíblia estiver onde a deixei, quer dizer que não a pus aqui dentro e portanto ficamos a saber que poisei a Bíblia e peguei na colher e...

— Oh, por amor de Deus! Deixa-me estar sossegada! Vá, agora ponham-se a andar daqui para fora, vocês todos, e não se cheguem perto de mim outra vez até eu estar recomposta.

Eu tinha obedecido àquela ordem mesmo que ela não a tivesse dito, e tinha-me levantado e saído mesmo que estivesse morto. Enquanto passávamos pela sala de estar, o velho tirou o chapéu e o prego caiu ao chão; ele apanhou-o e poisou-o na lareira, sem dizer uma palavra, e saiu. O Tom viu-o e lembrou-se da colher, e disse:

— Bem, não vale a pena tentar enviar mais coisas através *dele*, já vimos que não é de fiar. — Depois disse:

— Mas é verdade que, sem saber, nos fez um grande favor com aquela colher, por isso vamos-lhe fazer um favor a ele, sem que ele saiba: tapar os buracos das ratazanas.

Não eram poucos os buracos na cave, e demorámos uma hora inteira, mas fizemos aquilo tudo bem feitinho e à maneira. Depois ouvimos passos nas escadas; soprámos a vela e escondemo-nos, e vimos entrar o velhote, com uma vela numa mão e um molho de coisas na outra, com um ar tão distraído que devia estar a pensar na morte de dez bezerras. Foi dando a volta à cave, olhando primeiro para um buraco e depois para outro, até ter olhado para todos. Depois ficou parado a pensar, arrancando as lágrimas de cera da vela que trazia na mão. A seguir fez meia-volta devagar, como que a sonhar, e subiu as escadas, dizendo:

— Ai de mim, se me lembro de ter feito isto. Podia provar-lhe agora que não tive culpa das ratazanas... Mas não vale a pena. Acho que não servia de nada.

E assim, a murmurar, subiu as escadas e saiu. Era um velhote muito simpático, e ainda é.

O Tom estava bastante preocupado com o problema da colher, porque dizia que era indispensável termos uma, por isso pôs-se a pensar. Quando arranjou uma solução, explicou-me o que devíamos fazer, e ficámos à espera ao pé do cesto das colheres até vermos chegar a Tia Sally; nessa altura o Tom pôs-se a contar as colheres, alinhando-as umas ao lado das outras, e eu enfiei uma na manga; depois o Tom disse:

— Mas, Tia Sally, *continua* a só haver nove colheres!

Ela disse:

— Vai mas é brincar e não me irrites. Eu é que sei, fui eu quem as contou.

— Bem, eu já as contei duas vezes, Tia, e só vejo nove.

Ela estava com muito pouca paciência, mas veio contá-las — qualquer pessoa teria feito a mesma coisa.

— Santo Deus, é verdade que *só* cá estão nove! — diz ela. — Mas como é que é possível? Malditas sejam, vou contá-las outra vez.

Por isso eu voltei a pôr lá a que tinha tirado, e quando ela acabou de contar, disse:

— Calma lá, miseráveis, agora estão cá *dez* outra vez! — Estava com um ar perplexo e contrariado. Mas o Tom disse:

— Não, Tia, não me parece que estejam cá dez.

— Não sejas parvo, não me viste *contá-las* agora mesmo?

— Eu sei, mas...

— Pronto, vou contá-las outra vez.

Por isso surripiei uma, e ela contou nove, como da primeira vez. Bem, ela estava *mesmo* exasperada, tremia de alto a baixo, estava furiosa. Mas continuou a contar e a recontar até ficar tão enervada que começou a contar o *cesto* como uma colher; por três vezes a conta saiu certa e outras três saiu errada. Então ela agarrou no cesto e atirou com ele pelos ares, acertando em cheio no gato; depois disse-nos para desaparecermos e a deixarmos em paz e sossego, e que se voltássemos a incomodá-la antes do jantar ela nos esfolava vivos. Mas ficámos com a colher, e enfiámo-lha no bolso do avental enquanto ela nos ordenava que saíssemos dali, e ela foi parar às mãos do Jim, juntamente com o prego,

antes do meio-dia. Estávamos muito satisfeitos com o andar das coisas, e o Tom dizia que aquilo tinha valido a pena nem que tivesse dado o dobro do trabalho, porque a partir de agora ela não ia ser *capaz* de contar duas vezes o mesmo número de colheres nem que a sua vida dependesse disso, e *nunca mais* havia de acreditar que as tinha contado bem; o Tom dizia que ela ia passar os próximos dois dias a contar até não poder mais, e que depois disso matava a primeira pessoa que voltasse a falar-lhe em colheres.



EXASPERADA.

Por isso nessa noite voltámos a pôr o lençol na corda de secar, e roubámos-lhe um do armário; depois durante dois dias não parámos de o tirar e de o voltar a pôr até ela já não saber, nem *querer* saber, quantos lençóis tinha, e preferir morrer a ter de tornar a pensar no assunto.

Portanto, agora o problema da camisa, do lençol, da colher e das velas estava resolvido, graças à ajuda do vitelo e das ratazanas e das contagens erradas; quanto ao candelabro, não tinha importância, havia de ser esquecido mais tarde ou mais cedo.

Mas aquela tarte era uma tarefa e peras; tivemos sarilhos sem fim à custa dela. Preparámo-la lá longe, na floresta, e foi lá que a cozemos. Por fim, tínhamo-la pronta, e até bastante conseguida, mas levou bastante tempo, e primeiro que a pudéssemos acabar tivemos de usar três alguidares cheios de

farinha; também nos queimámos em quase todas as partes do corpo, e praticamente fomos cegados pelo fumo; isto tudo porque só queríamos a parte de fora, estão a perceber, e ela esbarrondava-se sempre em vez de ficar de pé como nós queríamos. Mas claro que acabámos por descobrir uma solução: tínhamos de a cozer com a escada lá dentro. Por isso na noite seguinte fomos ter com o Jim, rasgámos o lençol todo às tiras e atámo-las umas às outras, e muito antes do nascer do Sol tínhamos uma bela corda que até dava para enforcar uma pessoa — dizíamos que tinha demorado nove meses a fazer.

Antes do almoço levámo-la para a floresta, mas não cabia dentro da tarte. Como era feita de um lençol inteiro, havia que chegasse para quarenta tartes e ainda sobrava recheio para umas salsichas, umas sandes, ou para o que viesse mais a calhar. Podíamos ter feito uma refeição inteira.



UM DOS SEUS ANTECESSORES.

Só que não precisávamos de tanto. Guardámos o suficiente para uma tarte e deitámos fora o resto. Não cozíamos as tartes no alguidar, por medo de que ele derretesse, mas o Tio Silas tinha uma escalfeta de que gostava muito, porque tinha pertencido aos seus antepassados e tinha um longo cabo de madeira trazido de Inglaterra a bordo do *Mayflower* ou de um desses navios antigos, com o Guilherme, o *Conquistador*, e que estava escondido no sótão juntamente com uma data de loiças velhas e de outras coisas valiosas, não por valerem alguma coisa, que não valiam, mas por serem relíquias — sabem do que é que

eu estou a falar. Fomos até lá e trouxemo-la cá para fora, às escondidas, e levámo-la para a floresta, e ela falhou as primeiras tartes, porque não sabíamos usá-la, mas saiu-se bem na última. Pegámos nela e forrámo-la de massa, depois poisámo-la no carvão e enchemo-la com a corda, e depois cobrimos a corda com uma camada de massa, fechámos a tampa, e poisámos-lhe brasas em cima; e graças ao cabo comprido podíamos ficar a cinco pés de distância, frescos e confortáveis, e em quinze minutos tínhamos uma tarte que dava gosto ver. Mas quem a quisesse comer fazia bem em se precaver com uns poucos caixotes de palitos para os dentes, e ou eu não sei nada ou aquela escada de corda bastava para lhe dar dores no estômago até ao fim dos seus dias.

O Nat não olhou para nós enquanto púnhamos a tarte de bruxa dentro da panela do Jim, por isso pusemos três pratos de estanho no fundo da panela, debaixo da comida; o Jim recebeu tudo em ordem, e, assim que se viu sozinho, abriu a tarte e escondeu a corda dentro da enxerga, e também fez uns riscos num prato e atirou-o pela janela fora.

Capítulo XXXVIII

Fazer as penas foi difícil e cansativo; a serra não foi melhor, e o Jim achava que a inscrição (a tal que um prisioneiro tem de gravar na parede) ia ser o mais complicado de tudo. Mas tinha de ser, o Tom disse que ele tinha de a fazer, e que nunca um prisioneiro de Estado se teria ido embora sem deixar atrás de si o seu escudo de armas.



O ESCUDO DE ARMAS DO JIM.

— Vejam, por exemplo, a Lady Jane Grey — dizia ele — ou o Guilford Dudley; ou o velho Northumberland! Sim, Huck, digamos que isto é o cabo dos trabalhos — qual é a tua solução? Como é que dás a volta a isto? O Jim tem de deixar uma inscrição e as armas. É o que toda a gente faz.

O Jim disse:

— Ora, sinhô Tom, eu não tenh'armas nenhumas, não tenho nada além desta camisa velha quê aqui 'tá, e tenho dê a usar pra escrever o diário.

— Jim, tu não percebes, as armas da família não são *armas*.

— Bem — disse eu —, seja como for, o Jim tem razão quando diz que não tem armas, porque não tem.

— Acho que já sabia isso — disse o Tom —, mas podes apostar que vai passar a ter antes de esta história chegar ao fim, porque vai sair daqui como deve ser e com uma folha de serviço impecável.

Por isso enquanto eu e o Jim limávamos as penas num tijolo, o Jim a fazer a sua com os pedaços do candelabro e eu com a colher, o Tom pôs-se a pensar no problema das armas. Passado um bocado disse que tinha pensado em tantas tão boas que era difícil escolher, mas que achava que havia uma que era melhor do que as outras todas. Disse assim:

— No escudo vamos ter uma banda *or* na base dextra, uma aspa grená na faixa, um cão, passante, como peça principal e, debaixo do seu pé, uma corrente batalhante, para representar a escravatura, com uma asna *vert* num chefe denticulado, três travessas invertidas num campo *azure* e os pontos do umbigo rampantes num bordo dentelado. No timbre, um preto fugido, *sable*, com a trouxa por cima do ombro no cantão sinistro e um par de goles como suportes, que somos eu e tu; e a divisa: *Maggiore fretta, minore atto*. Vi num livro, quer dizer «quanto mais depressa mais devagar».

— Credo! — disse eu —, e o resto, o que é que quer dizer?

— Não temos tempo agora para pensar nisso — disse ele —, temos de ser o mais rápidos possível.

— Explica-me pelo menos algumas das coisas. O que é que é uma aspa?

— Uma aspa... uma aspa é... ora, tu não precisas de saber o que é uma aspa. Quando chegar a altura, eu mostro ao Jim como é que se faz.

— Caramba, Tom — disse eu —, podias dizer-me! O que é um cantão sinistro?

— Oh, eu *sei lá*. O que interessa é que ele tem de ter um, como tem toda a nobreza.

Ele era mesmo assim. Se não lhe apetecesse explicar uma coisa, não explicava. Podia-se tentar soltar-lhe a língua uma semana inteira que não mudava nada.

Como o problema do escudo de armas estava resolvido, agora o Tom tinha de acabar a segunda parte daquela tarefa, que era inventar uma inscrição muito

triste — dizia que o Jim tinha de deixar uma, como faziam todos os outros. Inventou uma data delas, escreveu-as num papel e leu-as em voz alta, assim:

Aqui definhou um coração cativo.

Aqui, desprezado pelo mundo e pelos amigos, um pobre prisioneiro consumiu a sua vida em tormentos e ansiedades.

Aqui definhou um coração solitário e uma alma exausta encontrou finalmente o sossego, depois de trinta e sete anos de reclusão.

Aqui, longe de casa e dos amigos, depois de trinta e sete anos de amarga reclusão, expirou um nobre estrangeiro, filho natural de Luís XIV.

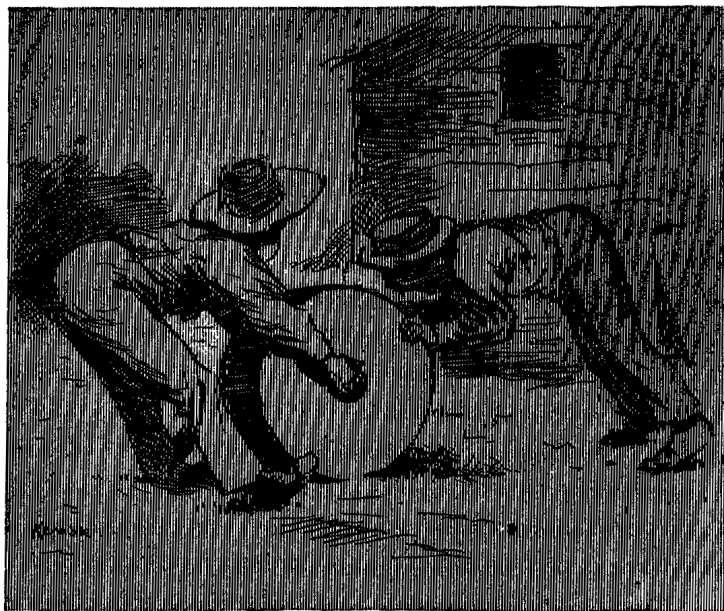
A voz tremia-lhe enquanto as lia, e quase se deixou ir abaixo. Quando acabou não conseguia de maneira nenhuma decidir qual é que o Jim devia gravar na parede; dizia que eram todas muito boas. Por fim decidiu que o ia deixar gravar as quatro. O Jim disse que ia demorar um ano a gravar tantos rabiscos nos toros da parede com um prego, e que além disso não sabia desenhar letras, mas o Tom disse que as ia desenhar em maiúsculas para ele e que assim bastaria copiar os traços. Passado pouco tempo disse:

— Agora que penso nisso, a parede de toros não vai servir; não há paredes de toros nos calabouços. Temos de escavar as inscrições numa pedra. Arranjamos uma pedra.

O Jim disse que uma pedra era pior do que os toros; que ia demorar uma tal eternidade a escavar as letras numa pedra que nunca mais ia conseguir ir-se embora dali. Mas o Tom disse que o ajudava. Depois espreitou para ver como é que eu e o Jim nos estávamos a sair com as penas. Era a coisa mais trabalhosa, frustrante, chata e lenta que já se viu. Destruíu qualquer hipótese de as feridas nas minhas mãos se curarem, mas mesmo assim praticamente não avançávamos, por isso o Tom disse:

— Já sei o que devemos fazer. Precisamos de uma pedra para as inscrições e para as armas, e podemos matar dois coelhos com uma cajadada só: lá em baixo no moinho há uma grande pedra de moer, vamos bifá-la para gravar as coisas e assim também podemos afiar lá as penas e a serra.

Até tinha sido uma grande ideia, aquilo, se a pedra não fosse também tão grande — mas mesmo assim decidimos tentar. Ainda não era bem meia-noite, por isso fomos até ao moinho e deixámos o Jim a trabalhar. Agarrámos na pedra e trouxemo-la a rolar até casa, mas não foi nada fácil. Às vezes, apesar de nos esforçarmos, não conseguíamos evitar que ela caísse, e de todas as vezes que isso acontecia era por pouco que não nos esmagava. O Tom disse que ela ia de certeza apanhar um de nós antes de termos chegado. Levámo-la até meio caminho e ficámos completamente estafados e a nadar em suor. Vimos que não valia a pena continuar, por isso fomos buscar o Jim. Ele levantou a cama e desenfiou a corrente do pé a que estava presa, pendurou-a à volta do pescoço e saímos a rastejar pelo buraco; eu e o Jim fizemo-nos à pedra e trouxemo-la como se não fosse nada e o Tom superintendeu. Ele era melhor a superintender do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Sabia como se fazia tudo.



«NÃO FOI NADA FÁCIL.»

O buraco que tínhamos escavado era bastante grande, mas não era suficientemente grande para fazer passar por lá a pedra de moer. Por isso o Jim pegou na picareta e daí a pouco já tinha tamanho que chegasse. Depois o Tom pegou no prego, desenhcou tudo o que era preciso gravar e disse ao Jim que começasse o trabalho, com o prego a fazer de cinzel e uma barra de ferro que tínhamos encontrado junto às outras velharias que havia no anexo a fazer de

martelo. O Tom disse-lhe que trabalhasse até a vela o deixar às escuras e que depois disso se podia deitar, não sem antes esconder a pedra de moer debaixo da enxerga de palha — dormia lá em cima. Depois ajudámo-lo a voltar a prender a corrente ao pé da cama e já estávamos prontos a ir para a cama, quando o Tom pensou nalguma coisa, e disse:

— Tens por aqui aranhas, Jim?

— Não, graças a Deus não tenho, sinhô Tom.

— Está bem, nós arranjam-te umas.

— Mas, meu quêrido, eu não *quero* aranhas. Tenho medo delas. Quase prêferia ter cascavéis por aí.

O Tom pensou durante um minuto ou dois e depois disse:

— É boa ideia, e já deve ter sido feito. Sim, de certeza *absoluta* que já foi feito, é óbvio. Sim, é mesmo boa ideia. Onde é que a punhas?

— Onde é que punha o quê, sinhô Tom?

— Ora, a cascavel!

— Cruzes, sinhô Tom, santô Deus! S'eu viss'aqui uma cáscavel era capaz dê rêbentar os toros dessa páred' com a minha própria cabeça!

— Ora, Jim, habituavas-te depressa a ela. Podias domesticá-la.

— *Dômesticá-la!*

— Sim, era fácil. Todos os animais gostam que se lhes faça festas e que se seja amigo deles, e nunca pensariam em magoar uma pessoa que os trata bem. Qualquer livro te diz isso. Experimenta — é tudo o que eu te peço —, experimenta por dois ou três dias. É que passado pouco tempo ela vai afeiçoar-se a ti, dormir contigo, nunca se vai querer afastar de ti, e vai deixar que tu a enroles à volta do pescoço e que enfies a cabeça dela na tua boca.

— *Pôr favor*, sinhô Tom, *não* diga uma coisa dessas! É dê mais! Diz qu'ela mê *deixava* enfiar-lhe á cabeça na minha boca? Pra eu ficar contente? Como s'eu alguma vez quiséss'uma coisa dessas! E mais, também não a quero a *dôrmir* cômigo.

— Jim, não sejas tolo. Um prisioneiro tem de ter *algum* tipo de animal, e se ainda ninguém tentou uma cascavel, quer dizer que há mais glória a ganhar em seres tu o primeiro do que em qualquer outra coisa que alguma vez consigas imaginar.

— Mas, sinhô Tom, eu não quero glória nênhuma. Qual é a glória dê uma cobra mê arrancar o queixo? Não, pátrão, eu não quero nadá disso.

— Mas que coisa, não podias só *experimental*? Só *queria* que experimentasses, não precisavas de ficar com ela se visses que não estava a correr bem.

— Mas sê ela mê morder enquanto eu estou a experimentar, o mal fica feito. Sinhô Tom, eu faço quase tudo desde quê seja razoável, mas sê o Huck mê meter aqui pra dentro uma cascavel pra eu domesticar, pode acréditar que eu *fujo*.

— Pronto, está bem, deixa estar, se vais mesmo ser tão casmurro. Podemos arranjar umas anguinhas e tu podes atar-lhes uns botões à cauda para fingir que são cascavéis. Vai ter de servir.



BOTÕES NAS CAUDAS.

— Com essas eu posso, sinhô Tom, mas acrédite que passava bem sem elas. Nunca imaginei quê dess' tantô trabalho e quê foss' tão difícil ser prisioneiro.

— Pois, mas dá, se for bem feito. Tens aqui ratazanas?

— Não, pátrão, não vi nênhumas.

— Bem, nós arranjamos-te umas.

— Ora, sinhô Tom, eu não *quero* rátazanas nênhumas! São as piores criaturas que há, a incômodar uma pêssoa, a correr pôr cima de nós, á nós morder os pés quand' 'stamos a tentar dôrmir. Não, venham as anguinhas, sê tiver dê ser, mas rátazanas não, não quero ter nada quê ver com elas.

— Mas tem de ser, Jim. Eles têm sempre ratazanas, por isso nem vale a pena discutirmos mais este assunto. Nunca houve prisioneiros sem ratazanas. Não há um único caso. Eles treinam-nas, fazem-lhes festas, ensinam-lhes truques, e elas

tornam-se sociáveis como moscas. Mas tens de tocar música para elas. Tens alguma coisa para tocar?

— Só tenho um pentê velho, um bocado dê papel e um bêrimbau, mas acho qu'elas não iam quêrer ouvir um bêrimbau.

— Ai isso é que iam. *Elas* não se importam com o tipo de música. Um berimbau é mais do que suficiente para uma ratazana. Todos os animais gostam de música, e ainda mais numa prisão. Gostam sobretudo de música que doa, e é a única que se consegue com um berimbau. Interessam-se sempre, vêm ver o que se passa contigo. Sim, estás muito bem apetrechado. Deves sentar-te na cama à noite antes de ir dormir e de manhã cedo, e tocar-lhes *The Last Link is Broken*, que é das coisas mais eficazes que há para atrair ratazanas: quando tiveres tocado uns dois minutos vais ver que as ratazanas, as cobras, as aranhas e essas coisas começam a ficar preocupadas e vêm ter contigo. Hão de chegar às dúzias para se aconchegar em cima de ti, e vai ser uma festa.

— Sim, pra *elas*! E eu, sinhô Tom? Acha quê *o Jim* sê vai divêrtir? Macacos mê mordam s'eu pêrcebo pra qu'ê qu'isto é prêciso... Mas sê tiver dê ser, olha. Acho quê mais vale entrêter os animais e não ter prôblemas.

O Tom ficou a pensar algum tempo, para ver se não se lembrava de mais nada, e passado um bocadinho disse:

— Ah, ainda há uma coisa de que me esqueci. Achas que conseguias fazer crescer uma flor aqui dentro?

— Não sei; é pôssível, sinhô Tom, mas aqui dentro é bástante iscuero, e eu não tenho quê fazer com uma flor, dê qualquer maneira, e ia dar um trabalhão dôs diabos.

— Bem, pelo menos tenta. Já houve prisioneiros que conseguiram.

— Aqui sê calhar crêscia um daqueles pés de vêrbasco que parecem rabos dê gato, sinhô Tom, mas não me parecesse quê valesse o êsforço.

— Acredita que vale. Nós trazemos-te uma pequena e tu planta-la ali no canto e trata dela. E não lhe chames verbasco, chama-lhe Pitchiola, que é como se deve dizer quando se está na prisão. E tens de a regar com lágrimas.

— Mas eu tenho água dê sobra, sinhô Tom.

— Não interessa, tens de a regar com lágrimas. É assim que se faz.

— Ora, sinhô Tom, mas no tempô quê dêmore a criar *um* com lágrimas eu criava *dez* com água!

— É possível, mas *tens* de usar lágrimas.

— Então, sinhô Tom, ela vai môrrer, de cêrtezinha, porquê eu quase nunca choro.

Aquilo deixou o Tom encalhado. Mas pensou um bocado e depois disse que o Jim ia ter de se comover o melhor que conseguisse com uma cebola. Prometeu que de manhã ia às cabanas dos pretos para lhe meter uma às escondidas no café. O Jim disse que «quase prêferia ter tábaco no café» e levantou tantos problemas, falou tanto do trabalho e da canseira que era plantar o pé de verbasco, tocar berimbau para as ratazanas, e fazer festas e ser simpático para as cobras e para as aranhas, para além de todo o trabalho que já tinha com penas, inscrições e diários, e disse que ser prisioneiro lhe dava mais responsabilidades e mais preocupações do que qualquer outra coisa que ele já tivesse feito, até que por fim o Tom perdeu por completo a paciência com ele, e disse-lhe que estava rodeado de mais ocasiões absolutamente flagrantes para se tornar célebre do que qualquer outro prisioneiro tinha tido, e que não entendia a importância daquilo e estava pronto a desperdiçá-las todas. Por isso o Jim pediu desculpa e disse que não voltava a portar-se assim, e eu e o Tom fomos para a cama.



IRRIGAÇÃO.

Capítulo XXXIX

Na manhã seguinte fomos até à aldeia e comprámos uma ratoeira de arame que levámos para casa; depois destapámos a toca maior, na cave, e numa hora arranjámos quinze ratazanas bestiais; depois guardámo-las num lugar seguro debaixo da cama da Tia Sally. Mas enquanto andávamos à procura de aranhas, o pequeno Thomas Franklin Benjamin Jefferson Alexander Phelps encontrou-as lá e abriu-lhes a porta para ver se elas saíam, e saíram; depois apareceu a Tia Sally, e quando nós voltámos ela estava de pé em cima da cama a fazer uma cena dos diabos, e as ratazanas a fazer todos os possíveis por que ela não se enfadasse. Ela agarrou em nós e chegou-nos com a vergasta; depois passámos umas duas horas a apanhar mais quinze ou dezasseis, graças ao maldito cretino metediço, e já não eram tão boas, porque a primeira leva tinha sido a nata da colónia. Nunca tinha visto ratazanas tão avantajadas como as dessa primeira leva.



PARA NÃO SE ENFADAR.

Arranjámos um formidável sortido de aranhas, insetos, rãs, lagartas e mais umas coisas; gostávamos de ter arranjado um ninho de vespas mas não conseguimos — a família estava em casa. Não desistimos logo, ficámos por perto o tempo todo que pudemos, a pensar que ou elas se cansavam ou tinham de nos cansar a nós, que foi o que acabou por acontecer. Arranjámos helénio para esfregar nas picadas e ficámos quase bons, embora não nos conseguíssemos sentar como deve ser. A seguir fomos à procura de cobras e arranjámos duas dúzias de anguinhas e de bichas e metemo-las num saco e guardámo-lo no nosso quarto; depois foi altura de jantar, e depois de um dia de trabalho honesto como este acho que estávamos com *um bocadinho* de fome... Quando voltámos lá para cima não havia uma única bendita cobra no saco — nós tínhamos atado bem o saco, mas elas lá se arranjaram de alguma maneira e saíram. Mas não tinha grande importância, porque de certeza que ainda andavam algures dentro de casa, por isso pensámos que havíamos de conseguir voltar a caçar algumas. A verdade é que durante as horas que se seguiram o que havia mais naquela casa eram cobras. De vez em quando via-se uma a deslizar pelas vigas para depois vir quase sempre aterrar nos pratos ou nas nucas das pessoas, ou noutras sítios onde era melhor não haver cobras. Bem, eram giras, todas às riscas, e inofensivas da primeira à última, mas isso não mudava nada para a Tia Sally. Ela odiava cobras, fossem de que raça fossem, não as suportava de maneira nenhuma, e sempre que uma delas lhe caía em cima como um figo maduro ela interrompia o que quer que estivesse a fazer e fugia. Nunca vi nada assim. Ouviam-se os berros dela em Jericó. Nem com uma tenaz ela se teria aproximado de uma cobra. Se se virasse na cama e encontrasse uma, saía de lá aos trambolhões e punha-se aos berros como se a casa estivesse a arder. Cansou tanto o velho que ele dizia que quase desejava que as cobras nunca tivessem sido criadas. De cada vez que púnhamos fora a última cobra, ela precisava de mais de uma semana para se acalmar, e mesmo assim aquilo não lhe passava — bastava tocar-lhe com uma pena na nuca quando estava sentada a pensar nalguma coisa para ela dar um pulo tão grande que as meias ficavam no chão. Era muito estranho. Mas o Tom dizia que todas as mulheres faziam exatamente o mesmo, que por alguma razão eram assim feitas.

Nós levávamos uma sova de cada vez que lhe aparecia uma cobra pela frente, e ela avisava-nos de que isto não era nada comparado com o que ela ia fazer se alguma vez enchêssemos outra vez a casa daquelas criaturas. Eu não me importava com as sovas, porque não eram grande mal, mas importava-me com o trabalho que íamos ter a encontrar mais cobras. Mas lá conseguimos, e quando elas saíam para ouvir música juntamente com os outros bichos todos, a cabana do Jim era a coisa mais animada que já se viu. O Jim não gostava de aranhas e as aranhas não gostavam do Jim e davam-lhe cabo da cabeça. Ele dizia que com as ratazanas, as cobras e a pedra de moer não sobrava muito espaço para ele na cama e que, mesmo quando sobrava algum, não conseguia dormir, era sempre uma balbúrdia, porque nunca dormiam todas ao mesmo tempo, faziam turnos; de maneira que quando as cobras estavam a dormir estavam as ratazanas de guarda, e quando as ratazanas iam dormir vinham as cobras para o convés, tanto que ele tinha sempre uma companhia por baixo e a outra a armar um circo por cima; e se se levantasse para procurar outro sítio as aranhas atacavam-no enquanto atravessava o quarto. Dizia que se escapasse desta nunca mais queria ser prisioneiro, nem por um salário.

Bem, passadas três semanas, estava tudo bastante bem encaminhado. Primeiro mandámos a camisa dentro de uma tarte, e sempre que uma ratazana mordida o Jim ele levantava-se para escrever no diário enquanto a tinta estava fresca; as penas estavam feitas, as inscrições e essas coisas todas gravadas na pedra de moer; o pé da cama serrado em dois, e tínhamos comido a serradura e ficado com umas incríveis dores de estômago. Pensámos que íamos todos morrer, mas não morremos. Era a serradura mais indigesta que alguma vez vi, e o Tom achou o mesmo. Mas, como eu ia dizendo, por esta altura tínhamos o trabalho todo feito, finalmente, e andávamos todos completamente estoirados, mas sobretudo o Jim. O velho tinha escrito mais de uma vez à plantação a sul de Nova Orleães para lhes dizer que viessem buscar o preto deles, mas não tinha recebido resposta, porque a plantação não existia, por isso decidiu pôr um anúncio nos jornais de St. Louis e de Nova Orleães. Quando eu o ouvi falar em St. Louis, fiquei cheio de suores frios e percebi que não havia tempo a perder. Por isso o Tom disse que agora era a altura de mandarmos as cartas nónimas.



A DIETA DA SERRADURA.

— O que é isso? — perguntei eu.

— São maneiras de avisar as pessoas de que se passa alguma coisa. Também há outras maneiras. Mas há sempre um espião por perto que avisa o governador do castelo. Quando o Luís XVI ia fugir das Tulherias, foi uma criada que o denunciou. É uma boa tática, e as cartas também. Nós vamos usar as duas. E também é costume a mãe do prisioneiro trocar de roupa com ele e sair pela calada com a roupa dele. Também vamos fazer isso.

— Mas tu pensa lá, ó Tom, para que é que nós queremos avisar quem quer que seja? Deixa que eles descubram o que conseguirem, é problema deles.

— Eu sei, mas não se pode confiar neles. É assim que eles se têm comportado desde o princípio — tivemos de fazer *tudo* sozinhos. São tão crédulos e tão toscos que nunca se apercebem de nada. Por isso, se não formos *nós* a avisá-los, não vai haver nada nem ninguém para interferir nos nossos planos, e depois deste trabalho e destas dificuldades todas, a fuga vai ser um falhanço, não vai valer nada — não vai haver nada para lhe *dar* valor.

— Pois; para mim era assim que devia ser, Tom.

— Acudam-me! — disse ele, pondo um ar enojado. Por isso eu disse:

— Mas não me vou queixar. O que estiver bem para ti está bem para mim. Onde é que vais arranjar a criada?

— És tu que vais fazer de criada. A meio da noite tens de ir lá às escondidas roubar o vestido daquela mulata.

— Ora, Tom, isso vai causar problemas de manhã; duvido que ela tenha mais algum além daquele.

— Eu sei, mas tu só precisas de quinze minutos para pegar na carta nónima e ir enfiá-la debaixo da porta da frente.

— Está bem, eu vou, mas posso fazer isso tudo igualmente bem vestido com a minha roupa.

— Sim, mas *assim* não ias parecer uma criada, ou ias?

— Não, mas não vai lá estar ninguém para ver o que é que pareço, *ou vai?*

— Mas isso não é para aqui chamado. Nós temos de cumprir o nosso *dever* sem nos preocuparmos em saber se está alguém a *assistir* ou não. Será que não tens mesmo princípios nenhuns?

— Pronto, já cá não está quem falou. Eu sou a criada. Quem vai ser a mãe do Jim?

— Eu vou ser a mãe dele. Vou bifar um vestido à Tia Sally.

— Mas então vais ter de ficar na cabana quando eu e o Jim fugirmos.

— Olha que não. Encho as roupas do Jim de palha e estendo-as na cama para fazer de mãe dele, disfarçada, e o Jim põe o vestido da preta que eu levo vestido e evadimo-nos juntos. Quando um prisioneiro importante foge, chama-se sempre uma evasão. Por exemplo, quando é um rei que foge, é sempre assim que se diz. E é a mesma coisa com os filhos dos reis, quer sejam naturais ou artificiais.

Por isso o Tom lá escreveu a carta nónima e nessa noite eu bifei o vestido da criada mulata, vesti-o, e enfié a carta debaixo da porta da frente, como o Tom me tinha dito para fazer. Dizia assim:

Cuidado. Está a tramar-se alguma... Fiquem alerta.

UM AMIGO DESCONHECIDO



ESTÁ A TRAMAR-SE ALGUMA...

Na noite seguinte pendurámos na porta da frente uma imagem de uma caveira e de umas tíbias cruzadas, que o Tom desenhou a sangue, e na noite seguinte uma de um caixão na porta das traseiras. Nunca vi uma família numa tamanha aflição. Não teriam tido mais medo se a casa estivesse cheia de fantasmas à espera em todas as esquinas, debaixo de todas as camas e a esvoaçar pelos ares. Quando batia uma porta, a Tia Sally dava um pulo e dizia «ai!», quando caía qualquer coisa, ela dava um pulo e dizia «ai!», fazia o mesmo se alguém lhe tocasse quando não estava à espera; não havia posição que lhe conviesse porque achava que havia sempre qualquer coisa atrás dela, por isso passava o tempo inteiro a dar reviravoltas e a dizer «ai!», e antes que tivesse dado uma volta completa já estava a virar-se para o outro lado e a dizer «ai!» outra vez. Tinha medo de ir dormir, mas também não queria ficar a pé. O Tom dizia que estava tudo a funcionar às mil maravilhas, que nunca tinha visto nada correr tão bem. Dizia que aquilo era a prova de que as coisas tinham sido bem feitas.

Agora, dizia ele, era a altura do grande golpe! Por isso, na manhã seguinte, quando raiou o dia tínhamos uma carta pronta, e estávamos a pensar no que havíamos de fazer com ela, porque os ouvimos dizer ao jantar que iam pôr um preto de guarda em cada porta a noite inteira. O Tom desceu pelo para-raios

para ir ver o que se passava e encontrou o preto das traseiras adormecido, por isso enfiou-lhe a carta por trás do pescoço e voltou para cima. Tinha escrito:

Não me traiam, quero ser vosso amigo. Chegou do Território Índio um bando de assassinos desesprados que virá esta noite raptar o preto que aqui está preso, e que vos tem tentado assustar para que se deixem ficar em casa e não os atrapalhem. Eu faço parte do bando, mas acredito em Deus e quero tornar-me uma pessoa honesta, por isso aqui denuncio o plano diabólico. Eles virão do Norte, ao longo da vedação, à meia-noite em ponto, com uma chave falsa, e irão buscar o preto à cabana. A mim mandaram-me ficar de vigia, mais longe, e tocar uma trompa se houver algum perigo. Mas em vez disso eu vou balir como uma ovelha assim que eles entrarem, e não hei de tocar trompa nenhuma. Enquanto eles estiverem a desacorrentá-lo vocês aproximam-se e trancam-nos lá dentro, para depois os matarem à vontade. Façam exatamente como vos digo, ou eles podem desconfiar e armar uma confusão de mil diabos. Não desejo outra recompensa para além de poder saber que fiz a coisa acertada.

AMIGO DESCONHECIDO

Capítulo XL

A seguir ao pequeno-almoço, eu e o Tom estávamos bastante satisfeitos; pegámos na minha canoa e fomos pescar para o rio, com um farnel, e foi divertido. Fomos espreitar a jangada e encontrámo-la como a tínhamos deixado. Chegámos atrasados a casa para jantar e encontrámo-los tão ansiosos e preocupados que pareciam perdidos, e mandaram-nos para a cama assim que acabámos de jantar, sem nos explicar o que é que se passava e sem nunca deixarem escapar uma só palavra sobre a última carta, mas nós não precisávamos que eles nos dissessem nada, porque sabíamos tanto sobre essa carta como qualquer outra pessoa naquela casa. Quando já íamos a meio das escadas e a Tia Sally virou costas, voltámos a descer e fomos à socapa até ao armário da cave, arranjámos um bom farnel, levámo-lo para o nosso quarto e fomos dormir; depois levantámo-nos por volta das onze e meia e o Tom vestiu o vestido da Tia Sally que tinha fanado e ia pôr-se a caminho com o farnel, quando disse:



A PESCAR.

— Onde é que está a manteiga?

— Eu pus um naco num pão de milho — disse eu.

— Nesse caso deves ter-te esquecido de a trazer, não está cá nada.

— Podemos passar sem manteiga — disse eu.

— Sim, mas não passaremos melhor por isso — disse o Tom —, vai lá abaixo num instante buscá-la. Depois volta rápido para o para-raios e vem ter comigo. Eu vou enchendo a roupa do Jim de palha para representar a mãe dele, disfarçada, e vou-me pôr a postos para balir como uma ovelha e fugir assim que tu chegues.

Então ele lá saiu e eu desci para a cave. O naco de manteiga, do tamanho de um punho fechado, estava onde eu o tinha deixado, por isso peguei na fatia de pão de milho onde ela estava poisada, apaguei a vela, e comecei a subir as escadas com mil cuidados e cheguei ao primeiro andar sem problemas, mas logo apareceu a Tia Sally com uma vela, eu enfiei as coisas no chapéu e enfiei o chapéu na cabeça; um segundo depois ela viu-me e disse:

— Estiveste na cave?

— ‘Tive, sim.

— A fazer o quê?

— Nada.

— *Nada!*

— Sim.

— E o que é que te deu para ires lá abaixo a uma hora destas?

— Não sei, minha senhora.

— Não sabes? Não me dês respostas dessas, Tom. Eu quero saber o que é que foste *fazer* lá abaixo.

— Não fui fazer absolutamente nada, Tia Sally. Juro que não fui fazer nada.

Pensei que ela me ia deixar ir, e em qualquer outro dia teria deixado, mas acho que estavam a acontecer-lhe tantas coisas estranhas que ela se punha em ânsias pela mínima coisa que não fosse clara como água, por isso disse com um ar muito decidido:

— Vai já para a sala de estar e fica lá até eu voltar. Andaste a fazer alguma e podes crer que *eu* não te vou deixar em paz até descobrir o que era.

Então ela foi-se embora e eu abri a porta e entrei para a sala de estar. Mas, meu Deus, estava lá dentro uma multidão! Quinze fazendeiros, cada um com a sua arma. Eu fiquei terrivelmente maldisposto, cheguei-me disfarçadamente a uma cadeira e sentei-me. Estavam todos ali sentados, alguns conversavam um bocadinho em voz baixa, todos inquietos e nervosos e tentando fazer com que isso não se visse; mas eu sabia que o estavam porque não paravam de tirar e pôr os chapéus, de coçar a cabeça, de trocar de cadeira e de retorcer os botões. Eu próprio não me sentia muito calmo, mas, ainda assim, pelo menos não tirei o chapéu.

Desejava que a Tia Sally voltasse depressa, que encerrasse o assunto, e me desse uma sova se quisesse, para eu me poder ir embora e dizer ao Tom até que ponto tínhamos exagerado com esta história e que estávamos metidos num imenso ninho de víboras, para nos podermos ir logo embora sem mais perdas de tempo e tirar o Jim dali antes que aqueles brutamontes perdessem a paciência e viessem atrás de nós.

Por fim, ela chegou e começou a fazer-me perguntas, mas eu estava *incapaz* de lhe responder como deve ser, estava completamente apalermado, porque estes homens já estavam de tal modo inquietos que alguns deles queriam sair *imediatamente* para ir caçar esses bandidos, dizendo que já só faltavam poucos

minutos para a meia-noite, enquanto outros os tentavam fazer esperar pelo sinal do balido, e no meio disto ali estava a Tia a disparar perguntas e eu todo a tremer e pronto a esconder-me dentro da roupa que trazia vestida, tal era o meu medo. A sala foi ficando cada vez mais quente, e a manteiga começou a derreter e a escorrer pelo meu pescoço e por trás das minhas orelhas; daí a pouco um deles disse: «*Eu* acho que devíamos sair *já*, para irmos *primeiro* à cabana, e depois os apanharmos quando eles chegarem.» Eu quase caí da cadeira abaixo, e começou a escorrer um fio de manteiga pela minha testa, que a Tia Sally viu. Ficou muito pálida e disse:



CADA UM COM A SUA ARMA.

— Santo Deus, o que é que se passa com esta criança? Tem meningite de certezinha absoluta, está a pingar cá para fora!

Vieram todos a correr ver; ela arrancou-me o chapéu e descobriu o pão e o que ainda sobrava da manteiga e agarrou em mim e abraçou-me, dizendo:

— Oh, mas que número o teu! Estou tão feliz por ser só isto! É que a sorte está contra nós, e um azar nunca vem só, por isso quando vi aquilo a escorrer achei que te tínhamos perdido, porque sabia pela cor e isso que o teu cérebro havia de estar... Ai, ai. Porque é que não me disseste o que tinhas lá ido fazer? *Eu* não me tinha ralado. Agora vai dormir e não me apareças mais até amanhã de manhã.

Num segundo subi as escadas e noutro desci o para-raios; depois fui a toda a velocidade até ao anexo. Eu estava tão nervoso que quase não consegui deitar

cá para fora as palavras, mas disse ao Tom o mais rápido que pude que não havia nem um minuto a perder, que tínhamos de nos pôr imediatamente a caminho, e que a casa estava cheia de homens armados.

Ele ficou com os olhos em brasa, e disse:

— A sério? Que espetáculo! Bem, Huck, se pudéssemos fazer tudo outra vez talvez conseguíssemos reunir duzentos! Se pudéssemos adiar isto até...

— Despacha-te! *Despacha-te!* — disse eu. — Onde é que está o Jim?

— Mesmo ao teu lado, se esticares o braço tocas-lhe. Ele está vestido e já está tudo pronto. Agora vamos sair e fazer o balido.

Mas nessa altura ouvimos o espezinhar de homens que vinham até à porta, e ouvimo-los puxar pelo cadeado e um deles dizer:

— Eu bem vos disse que vínhamos demasiado cedo — eles ainda não chegaram, a porta está fechada. Vamos trancar alguns de vocês lá dentro para ficarem à espera deles no escuro e os matarem quando eles chegarem; os outros espalhem-se por aí e vejam se os ouvem chegar.

Portanto entraram uns quantos, mas não nos viam no escuro e quase nos pisavam enquanto nós nos esforçávamos por nos enfiar debaixo da cama. Mas conseguimos enfiar-nos lá em baixo e saímos pelo buraco, rápidos mas sem barulho — primeiro o Jim, depois eu e no fim o Tom, que era como ele tinha mandado. Agora estávamos no anexo, e ouvíamos passos lá fora, por perto. Fomos pé ante pé até à porta; aí o Tom fez-nos parar e encostou um olho à fenda, mas não conseguiu distinguir nada de tão escuro que estava. Em voz baixa disse que ia ficar à escuta até que os passos se afastassem, e que quando nos desse uma cotovelada devíamos sair, o Jim primeiro e ele no fim. Então encostou a orelha à fenda e pôs-se à escuta e assim continuou muito tempo, mas os passos continuavam a arrastar-se pelo chão ali em volta, sem parar; até que por fim ele nos deu uma cotovelada e nós esgueirámo-nos lá para fora e agachámo-nos, sem respirar e sem fazer o mínimo barulho, e fomos sorrateiramente até à vedação, em fila indiana. Conseguimos lá chegar sem problemas, e eu e o Jim saltámos para o outro lado, mas os calções do Tom ficaram presos numa lasca na tábuia mais alta, e nessa altura ouvimos passos aproximarem-se e por isso ele teve de fazer força para se soltar, e a lasca partiu-

se e fez um barulho e, assim que ele caiu do nosso lado e se pôs a correr no nosso encalço, alguém exclamou:

— Quem está aí? Respondam ou eu disparo!



TOM PRESO NUMA LASCA.

Mas nós não respondemos, atirámos os calcanhares para trás das costas e fugimos. Houve um momento de agitação; depois um *bang, bang, bang!* — e como as balas assobiavam à nossa volta! Ouvimo-los gritar:

— Cá estão eles! Vão para o rio! Atrás deles, rapazes, e soltem os cães!

Então vieram em força. Ouvíamo-los porque iam de botas e aos berros, mas nós nem berrávamos nem tínhamos botas. Íamos pelo caminho do moinho, e quando eles se aproximaram de nós desviámo-nos para o mato e deixámo-los continuar; depois seguimos atrás deles. Tinham feito calar todos os cães, para não afastarem os ladrões, mas por esta altura alguém os soltou, e lá vinham eles, fazendo um chinfrim tal que pareciam ser um milhão — mas eram os nossos cães, por isso ficámos parados até eles nos apanharem e eles quando chegaram perceberam que éramos só nós, e que não havia ali nada que valesse aquela excitação toda, por isso vieram só dizer olá e voltaram depressa para o tropel e para os gritos; e nós disparámos outra vez a todo o vapor atrás deles quase até ao moinho, e depois enfiámos a subir pelo mato até ao sítio onde

estava amarrada a minha canoa; saltámos lá para dentro e remámos para o meio do rio com quanta força tínhamos, mas sem fazer mais barulho do que era mesmo necessário. Depois metemo-nos para a ilha onde estava a minha jangada, calmos e despreocupados, e ouvíamos-los gritar e ladrar uns aos outros por toda a margem, até estarmos tão longe que os sons se esmoreceram. Quando subimos a bordo da jangada eu disse:

— *Agora* sim, Jim, meu velho, és *outra vez* um homem livre, e aposto que nunca mais hás de ser escravo.

— E quê trabalho bem feito quê foi, Huck, tudo tão bem planêado, e tão bem exêcutado! Achô quê ninguém mais havia de ter inventado um plano tão confuso e tão espectacular como estê.

Estávamos todos felizes da vida, e o Tom era o mais feliz de todos porque tinha uma bala na barriga da perna.

Quando eu e o Jim ouvimos isto, os nossos ânimos resfriaram. Não lhe doía pouco, e sangrava; por isso esticámo-lo na tenda e rasgámos uma das camisas do duque para lhe fazer uma ligadura, mas ele disse:

— Deem-me os trapos, eu consigo tratar disto sozinho. Não parem agora, não se distraiam aqui, com uma evasão tão perfeita — agarrem nos remos e larguem as amarras! Rapazes, tratámos disto com uma elegância! Quem me dera que tivéssemos sido nós a tratar do Luís XVI, não tinha havido nada de «Filho de São Luís, subi ao céu» na biografia dele — qual quê! Tínhamo-lo logo enviado para o lado de lá da fronteira, era o que era, e com uma limpeza! Os remos! Deem aos remos!

Mas eu e o Jim estávamos em deliberações, e pensávamos no caso. Passado um minuto, eu disse:

— Fala tu, Jim.

Por isso ele disse:

— Então prá mim isto é assim, Huck: sê fosse *ele* que êstivesse a ser libêrtado, e outra pêssoa quê lêvasse um tiro, sêrá quê ele ia dizer: «Salvem-me a mim, não há tempo prá ir buscar médico prá salvar este aqui»? É assim quê sê porta o sinhô Tom Sawyer? Sêrá quê ia dizer uma coisa dessas? Não, parece-mê quê *não*. Pois, então, porquê havia o Jim de dizer uma coisa assim? Não, eu não

mê vou afastar nem dois passos daqui sem um *médico*, nem quê tenha dê espêrar quarenta anos!



O JIM ACONSELHA UM MÉDICO.

Eu sabia que por dentro ele era branco, e achava que ele ia dizer exatamente aquilo — por isso estava tudo bem, e eu disse ao Tom que ia buscar um médico. Ele fez uma cena bastante grande, mas eu e o Jim não lhe demos ouvidos, por isso ele quis rastejar lá para fora e soltar ele próprio as amarras, mas não o deixámos. Por fim contou-nos o que lhe ia na alma, mas não mudou nada.

Quando me viu preparar a canoa, disse:

— Bem, se tens mesmo de ir, digo-te o que deves fazer quando chegares à aldeia. Fecha a porta e amarra uma venda apertada aos olhos do médico; depois obriga-o a jurar que leva o segredo para a cova; e põe-lhe na mão uma bolsa cheia de ouro; depois leva-o pelas ruelas e por toda a parte, às escuras, e depois trá-lo até aqui na canoa, dando umas voltas pelo meio das ilhas, revista-o e tira-lhe o giz, ou ele fará uma marca na nossa jangada para a poder voltar a encontrar. É assim que todos fazem.

Por isso eu disse que estava bem e fui-me embora, e o Jim quando visse chegar o médico tinha de se esconder na floresta até ele se ter ido embora.

Capítulo XLI

O médico era um velho, tinha um ar muito simpático e amável quando eu o acordei. Disse-lhe que eu e o meu irmão tínhamos ido à caça ontem à tarde na Ilha Espanhola e que tínhamos acampado num bocado de jangada que lá tínhamos achado, mas que a meio da noite ele devia ter dado um pontapé à arma dele, porque apanhara um tiro na perna, e queríamos que ele fosse lá curá-lo e que não dissesse nada a ninguém porque queríamos ir para casa nessa noite e surpreender os nossos pais.



O MÉDICO.

— Quem são os vossos pais?

— Os Phelps, que moram mais abaixo no rio.

— Ah — disse ele. E passado um minuto, diz:

— Como é que dizes que ele apanhou o tiro?

— Teve um sonho — disse eu —, que disparou contra ele.

— Estranho sonho — disse ele.

Então acendeu a candeia, pegou nos sacos da sela, e lá fomos. Mas ele não gostou do aspeto da canoa, quando a viu. Disse que era suficientemente grande para mim mas que não servia para duas pessoas. Eu disse:

— Não precisa de ter medo, sô doutor, levou-nos aos três sem problemas.

— Que três?

— Ora, eu, o Sid e... as *espingardas*, era o que eu queria dizer.

— Ah — disse ele.

Mas pôs-lhe o pé na borda, fê-la baloiçar, abanou a cabeça e disse que ia procurar uma maior. Mas estavam todas presas com correntes e cadeados, por isso ele pegou na minha canoa e mandou-me esperar ali por ele ou ir procurar mais longe, ou que se quisesse talvez fosse melhor ir para casa e prepará-los para a surpresa. Mas eu disse que não, expliquei-lhe como encontrar a jangada e ele pôs-se a caminho.

Daí a pouco tive uma ideia. Disse a mim mesmo: «E se ele não conseguir curar-lhe a perna assim em duas penadas, como se costuma dizer? E se demorar três ou quatro dias? O que é que vamos fazer? Ficar por aqui à espera enquanto ele dá com a língua nos dentes? Não, nem pensar; já sei o que vou fazer: vou ficar aqui à espera, e se ele voltar e disser que tem de lá ir mais vezes eu vou atrás dele, nem que seja a nadar, e agarramos nele e amarramo-lo e fugimos com ele pelo rio abaixo, e quando o Tom estiver bom damos-lhe o que aquilo valer, ou o que tivermos, e deixamo-lo na margem.»

A seguir rastejei para uma pilha de lenha para dormir um bocadinho, e quando voltei a acordar o Sol já ia bem alto por cima da minha cabeça! Disparei para casa do médico, mas disseram-me que ele tinha saído durante a noite e que ainda não tinha voltado. «Bem», pensei eu, «parece que isto está mal parado para o Tom, vou já para a ilha ter com ele.» Por isso fui a correr, e ao virar da esquina quase enfiei uma cabeçada no estômago do Tio Silas! Ele disse:



O TIO SILAS EM PERIGO.

— Ora, Tom! Estiveste aqui este tempo todo, seu patife?

— Eu não estive em parte nenhuma — disse eu —, só andámos à procura do preto, eu e o Sid.

— Mas onde é que se meteram? A tua tia tem estado muito preocupada.

— Mas não precisa de se preocupar — disse eu —, porque não nos aconteceu nada. Fomos a correr atrás dos homens e dos cães, mas eles avançavam demasiado depressa, e perdemo-los; mas depois pensámos que os tínhamos ouvido na água por isso arranjámos uma canoa e fomos atrás deles para o outro lado, mas não conseguimos encontrá-los, por isso continuámos pela margem acima até que ficámos tão derreados que amarrámos a canoa e adormecemos e só voltámos a acordar há coisa de uma hora. Depois remámos até aqui para ouvir as notícias; o Sid está agora nos correios a ver o que é que consegue ouvir, e eu estava a fazer um desvio para arranjar comida, e depois vamos para casa.

Por isso a seguir fomos aos correios ver se lá encontrávamos o «Sid», mas ele não estava lá; eu já tinha desconfiado que talvez não estivesse. O velho recolheu uma carta e esperámos mais um bocado, mas o Sid não chegava, por isso o velho disse:

— Anda, vamos, o Sid que vá lá ter a pé ou de canoa quando se tiver fartado de vadiar por aí. Nós vamos de carroça.

Não consegui que ele me deixasse ficar para trás para esperar pelo Sid; disse que não valia a pena, e que eu tinha de ir com ele para a Tia Sally ver que estava tudo bem.

Quando chegámos a casa, a Tia Sally ficou tão feliz por me ver que chorou e riu ao mesmo tempo, abraçou-me, e depois deu-me uma sova de meia-noite, e disse que o Sid quando chegasse ia comer do mesmo prato.

A casa estava a abarrotar de fazendeiros e das mulheres deles, para almoçar, e era um cacarejar como nunca se ouviu. A velha Mrs. Hotchkiss era a pior, não parava de tagarelar. Dizia:

— Olhe, comadre Phelps, estive a revistar todos os cantos daquela cabana e digo-lhe que o preto era louco. Foi o que eu disse aqui à comadre Damrell — não é verdade, comadre? Disse-lhe assim: «É louco!», com estas mesmas palavras. Toda a gente me ouviu: é louco, vê-se logo que é louco, foi o que eu disse. Vejam-me aquela pedra de moer, disse eu, vejam-me aquilo. Qual é a criatura que no seu perfeito juízo vai escrevinhar aqueles delírios todos numa pedra de moer? Aqui definhou um coração assim e assado; aqui fulano passou mais de trinta e sete anos de reclusão, e mais essa coisa do filho natural do Luís não-sei-quantos, e sei lá eu que mais lixo. É doido varrido, foi o que eu disse ao princípio e é o que eu continuo a dizer: o preto é louco, tresloucado, tão louco como o Nabucodonosor.

— E veja-me aquela escada de trapos, comadre Hotchkiss — disse a velha Mrs. Damrell —, para que raio havia ele de querer...

— É exatamente o que eu estava a dizer ainda agora à comadre Utterback, pergunte-lhe se não é verdade. Ela disse-me assim, «olhe pr'aquela escada», foi o que ela me disse, e eu, «sim, olhe-me pr'aquilo, pra que é que ele havia de querer uma coisa daquelas». Ela disse-me a mim, comadre Hotchkiss...

— Mas por que artes é que ele *conseguiu* enfiar ali aquela pedra de moer, há? E quem é que escavou aquele *buraco*? E quem...

— Ah, mas é *tal e qual* o que eu digo, compadre Penrod! Estava eu a dizer... Passe-me aí esse pratinho de melaço, se faz favor... Estava eu a dizer à comadre Dunlap, há coisa de um minuto: «*Como* é que será que ele meteu ali dentro

aquela pedra?» Sem *ajuda*, vejam bem, sem *ajuda*! *Essa* é que é essa. «Ah», disse eu, «não *me diga* uma coisa dessas! Pode crer que *houve* ajuda, e *não foi pouca*, ai pode crer que não! Houve pelo menos umas *doze* pessoas a ajudar este preto, e eu cá esfolava todos os pretos desta casa até que me dissessem quem foi, porque ainda por cima», disse-lhe eu...



A VELHA MRS. HOTCHKISS.

— *Doze*, diz a comadre! *Quarenta* não tinham bastado! Veja lá as serras que eles fizeram com facas, o tempo que aquilo não deve ter demorado; e o pé da cama que eles serraram com elas — é uma semana de trabalho para seis homens; e aquele boneco de palha na cama, e...

— Ah, pois *pode crer* que sim, compadre Hightower! É como eu estava aqui a dizer ao compadre Phelps. Diz-me ele assim: «O qu'ê que vossemecê acha disto, comadre Hotchkiss?» Digo-lhe eu: «Acho do quê, compadre?» Diz-me ele: «Do pé dessa cama assim serrado desta maneira!» «O que é que eu *acho*, compadre?», digo-lhe eu. «Pois cá pra mim não se serrou sozinho», digo eu, «alguém esteve lá a serrá-lo; é a minha opinião, pode concordar ou não, mas cada um tem a sua opinião, e se alguém aqui quiser arranjar uma melhor, que arranje, é o que eu digo.» Eu disse assim à comadre Dunlap...

— Ora, macacos me mordam, devem ter andado dezenas de pretos lá dentro todas as noites durante quatro semanas para fazer este trabalho todo, comadre Phelps. Pense só nessa camisa, coberta de uma ponta à outra de escrita africana secreta, feita a sangue! Deve ter havido uma jangada cheia deles mesmo aqui ao pé, o tempo todo. Ora, eu pagava bem dois dólares para me lerem aquilo, e quanto aos pretos que o escreveram, acho que agarrava neles e os chicoteava até...

— Gente a *ajudá-lo*, compadre Marples! Bem, se vossemecê tivesse estado nesta casa aqui há uns tempos pode crer que dizia isso. É que roubaram tudo aquilo em que conseguiram poisar as mãos, e connosco sempre a vigiar, repare! Roubaram essa camisa da corda, assim. E quanto ao lençol que usaram para fazer aquela escada, só Deus sabe quantas vezes o roubaram e deixaram de o roubar; e farinha, candelabros, colheres, e a velha escalfeta, e mais mil coisas que agora se me esquecem; o meu vestido novo — e isto apesar de andar eu e o Silas mais o meu Sid e o meu Tom sempre de vigia, dia e noite, sem que nenhum de nós conseguisse ver nem uma sombra nem um cabelo nem um só rasto nem ouvir nada de nenhum deles. E depois, no último minuto, oiçam bem, escapam mesmo debaixo do nosso nariz e não só nos enganam a *nós*, como também aos bandidos do Território Índio, e conseguem ir-se embora com o preto são e salvo, apesar de irem dezasseis homens e vinte e dois cães atrás deles! Digo-vos, nunca *ouvi* sequer uma coisa como esta! *Espíritos* não teriam feito melhor. E eu acho que foram *mesmo* espíritos — porque, vocês conhecem os nossos cães, são do melhor que há —, pois não é que nem chegaram a encontrar o rasto deles? Que alguém me explique isto, se conseguir! Seja quem for!

— Pois, de facto nunca ouvi...

— Santo Deus, é incrível...

— Que coisa, eu não tinha...

— E também roubavam em casa além de...

— Pelas almas! Eu tinha medo de *viver* num tal...

— *Medo*! Ora, eu tinha tanto medo que quase não conseguia ir para a cama, nem levantar-me, nem estender-me, nem *sentar-me*, comadre Ridgeway. É que eles tinham roubado até... Bem, imaginem só em que estado eu estava quando chegou a meia-noite ontem à noite. Podem crer que até tinha medo de que me levassem alguém da família! Tinha chegado a um ponto em que já nem conseguia raciocinar. Agora, de dia, parecem só tolices, mas dizia a mim mesma: «Estão os meus dois rapazes a dormir, sozinhos lá em cima naquele quarto» — e a verdade é que estava tão preocupada que subi pé ante pé e os tranquei! É verdade. Qualquer pessoa tinha feito o mesmo. Porque quando se tem medo assim aquilo não para, e pensa-se em coisas cada vez piores, até que

se começa a esgotar o bom senso a fazer todo o tipo de coisas amalucadas; começa-se a pensar: «E se eu fosse um rapaz, e estivesse lá em cima, e a porta não estivesse trancada...», e então... — ela parou, com um ar um tanto pensativo, e virou a cabeça devagar, e quando cravou os olhos em mim eu levantei-me e fui dar uma volta.

Pensei comigo mesmo que ia ser capaz de explicar melhor porque é que não estávamos no quarto de manhã se me afastasse um bocadinho para pensar no assunto. Mas não fui muito longe, para ela não mandar ninguém chamar-me. Quando entardeceu e as pessoas se foram embora, fui ter com ela e disse-lhe que o barulho dos tiros nos tinha acordado, a mim e ao «Sid», e que, como a porta estava trancada, mas queríamos ver o espetáculo, tínhamos descido pelo para-raios, e que nos tínhamos magoado os dois e que nunca mais queríamos voltar a fazer *aquilo*. Depois continuei e contei-lhe o que já tinha contado antes ao Tio Silas, e ela disse que nos perdoava, e que se calhar até não fazia mal, porque é o estilo de coisa que se espera de rapazes — quanto a ela, todos os rapazes eram bastante desatinados e, portanto, desde que não acontecesse nada de mal, ela achava melhor agradecer por nos ter vivos e sãos em vez de continuar a queixar-se de coisas que já estavam feitas. Depois beijou-me, fez-me uma festa na cabeça e deixou-se ficar com um ar absorto; daí a pouco deu um pulo e disse:

— Oh, leis e misericórdia, é quase de noite e o Sid não chega! O que *será* feito dele?

Eu vi a oportunidade, dei um saltinho e disse-lhe:

— Eu vou num instante à cidade buscá-lo!

— Não, não vais — disse ela. — Vais ficar exatamente onde estás; um perdido de cada vez é mais que suficiente. Se ele não estiver cá à hora do jantar, vai o teu tio procurá-lo.



A TIA SALLY FALA COM O HUCK.

Bem, ele não apareceu para jantar, por isso, assim que acabámos, o tio saiu.

Voltou por volta das dez, um bocado preocupado; não tinha encontrado rasto do Tom. A Tia Sally estava bastante preocupada, mas o Tio Silas disse que não havia razão para isso: «Rapazes são rapazes», disse ele, «e vais ver que esse amanhã de manhã aparece aqui são e salvo.» E ela teve de se contentar com isso, mas disse que ia ficar um bocado a pé a ver se ele voltava, e deixar uma luz acesa para ele a poder ver.

E quando eu subi para ir para a cama ela veio comigo e trouxe a vela, e aconchegou-me e tratou-me tão bem que me achei desprezível e não consegui olhar para a cara dela. Ela sentou-se na cama e falou comigo muito tempo, falando de como o Sid era um rapaz encantador, e parecia não se cansar de falar dele; não parava de me perguntar se eu achava que ele se podia ter perdido ou magoado ou talvez afogado, ou se estaria estendido a dez minutos dali morto ou a sofrer, e ela sem poder ajudá-lo, e escorriam-lhe lágrimas silenciosas, e eu dizia-lhe que estava tudo bem com o Sid, e que de manhã ele estaria de certeza em casa; e ela apertava-me a mão, ou beijava-me, e pedia-me que lhe dissesse isso outra vez, e outra, e outra, porque lhe fazia bem ouvir aquilo, a ela que estava tão angustiada. E quando estava para ir olhou-me mesmo nos olhos, com um olhar doce mas firme, e disse:

— A porta não vai ficar trancada, Tom, e também há a janela e o para-raios, mas tu vais-te portar bem, *não vais*? Não te vais embora? Não me faças uma coisa dessas...

Só Deus sabe como eu queria ir ver do Tom, e já estava pronto para sair, mas depois de ouvir aquilo não tinha saído nem que me tivessem dado um reino inteiro.

Mas a pensar nela e no Tom o tempo todo tive um sono muito agitado. Por duas vezes descí pelo para-raios nessa noite, fui pela calada até à frente, e vi-a sentada ali à janela, com a vela acesa, de olhos postos na estrada e com lágrimas a escorrer-lhe pela cara; queria poder fazer alguma coisa por ela, mas não podia; só jurar que nunca mais faria nada que a pudesse entristecer. À terceira vez acordei de madrugada e deslizei até lá abaixo e ela ainda lá estava, com a vela quase no fim, e ela adormecida com a cabeça grisalha apoiada na mão.

Capítulo XLII

O velho voltou outra vez à cidade antes do pequeno-almoço, mas não encontrou sinais do Tom; e os dois ficaram sentados à mesa a pensar, sem dizer nada, com um ar atormentado, a deixar arrefecer o café, e sem comer nada. Passado um bocado o velho disse:

— Eu dei-te a carta?

— Que carta?

— A que trouxe ontem do correio.

— Não, não me deste carta nenhuma.

— Bem, devo-me ter esquecido.

Por isso pôs-se a vasculhar nos bolsos; depois foi procurá-la onde a tinha deixado, trouxe-a e deu-a à tia. Ela disse:

— Oh, é de São Petersburgo... é da minha irmã.

Eu achei que um passeio me ia fazer bem, mas não conseguia mexer-me. Só que antes de ter sequer conseguido partir o selo, ela deixou a carta cair e desatou a correr, porque tinha visto uma coisa. Eu também vi. Era o Tom Sawyer numa enxerga, e o velho médico, e o Jim, trazendo o vestido de algodão dela, com as mãos amarradas atrás das costas, e mais uma data de gente. Escondi a carta por baixo da primeira coisa que me apareceu e saí a toda a pressa. Ela disparou na direção do Tom, a chorar e a dizer:

— Oh, está morto, morto, tenho a certeza de que está morto!



O TOM SAWYER FERIDO.

E o Tom virou um bocadinho a cabeça e balbuciou qualquer coisa que mostrava que não estava bom da cabeça; então ela ergueu os braços e disse:

— Está vivo! Graças a Deus! Isso basta! — e arrancou-lhe um beijo e voou para casa para preparar a cama, e a cada salto que dava em direção a casa ia atirando ordens à esquerda e à direita, aos pretos e a todas as outras pessoas, tão rápido quanto a língua lhe permitia.

Eu fui atrás dos homens para ver o que iam fazer do Jim, e o médico velho e o Tio Silas foram atrás do Tom para dentro de casa. Os homens estavam muito enervados, e alguns queriam enforcar o Jim para servir de exemplo aos outros pretos da zona, para não tentarem fugir e arranjar montes de sarilhos como o Jim tinha feito, deixando uma família quase morta de medo durante dias e noites a fio. Mas outros diziam que era melhor não, que não podia ser, porque o preto não lhes pertencia e o dono havia com certeza de aparecer e exigir que lho pagassem. Isso resfriou-os um tanto, porque as pessoas que fazem mais questão de enforcar um preto que não se portou como devia são sempre as que fazem menos questão de pagar por ele depois de terem feito dele o que queriam.

Mesmo assim, insultaram o Jim, e não foi pouco, e volta e meia davam-lhe um bofetão ou dois na cabeça, mas o Jim não dizia nada, e nunca deixou que se visse que me conhecia. Eles levaram-no para a mesma cabana, e vestiram-no

com a roupa que era dele; voltaram a acorrentá-lo; desta vez não o prenderam ao pé da cama mas a um grande gancho cravado no toro mais baixo da parede; acorrentaram-lhe as mãos, também, e ambas as pernas, e disseram que ia ficar a pão e água até chegar o dono, ou então vendiam-no num leilão se o dono não aparecesse ao fim de um certo período de tempo; taparam o nosso buraco e disseram que à noite a cabana tinha de ser vigiada por um par de fazendeiros armados, e que durante o dia ficava um buldogue amarrado à porta; por esta altura deram o trabalho por acabado e estavam a abalar com uma espécie de praga geral de despedida; depois veio o médico dar uma olhadela e disse:

— Não sejam demasiado duros com ele, porque é um bom preto. Quando cheguei ao sítio onde encontrei o rapaz, vi que não ia ser capaz de tirar a bala cá para fora sem ajuda, e que ele estava em demasiado mau estado para eu o deixar sozinho enquanto ia procurar ajuda; ia piorando e piorando, pouco a pouco, e passado um grande bocado perdeu o tino e não me deixava aproximar-me dele, e dizia que se eu lhe fizesse uma marca a giz na jangada ele me matava, e mais um sem-fim de tolices dessas, e eu vi que não ia ser capaz de fazer nada com ele naquele estado, e disse: «Preciso de *ajuda*, dê lá por onde der»; então no minuto seguinte este preto rastejou cá para fora, dizendo que me ajudava, e ajudou mesmo, e muito bem. Claro que eu pensei que ele devia andar fugido, e *eu* ali com ele! E tive de lá ficar o dia todo e a noite toda também. Foi cá uma situação! Tinha um ou dois doentes com resfriados na cidade, e claro que tinha gostado de ir ver deles, mas não fui, porque o preto podia fugir, e depois a culpa seria minha; e durante aquele tempo todo nem um só barco passou suficientemente perto para eu o chamar. Por isso tive de ficar ali parado até nascer o dia, e nunca vi um preto que fosse tão bom enfermeiro nem tão dedicado; apesar de estar a arriscar a sua liberdade para fazer aquilo, e de estar completamente esgotado — eu via perfeitamente que deviam ter puxado muito por ele nos últimos tempos. Gostei dele por causa disso; digo-vos, meus senhores, um preto destes vale mil dólares e muitas atenções! Eu tinha tudo aquilo de que precisava, e o rapaz estava ali tão bem como em casa — talvez melhor até, porque não havia barulho nenhum —, mas lá estava eu, com aqueles dois nas mãos, e lá tive de ficar até esta madrugada, quando se aproximaram uns homens num barco a remos; e como

por sorte o preto estava adormecido com a cabeça nos joelhos ao lado do doente, eu chamei-os com gestos e eles chegaram-se a ele em silêncio e agarraram nele e amarraram-no antes que ele tivesse tido tempo de perceber o que é que estava a acontecer, e não tivemos problemas nenhuns. Como o rapaz também estava a dormir um sono agitado, embrulhámos os remos, prendemos a jangada ao barco, e rebocámo-la até aqui sem mais ondas, e o preto não fez cena nenhuma nem disse uma única palavra desde o princípio. Não é um mau preto, meus senhores, se querem a minha opinião sobre ele.



O MÉDICO ELOGIA O JIM.

Alguém disse:

— Se é como diz, tenho de concordar, doutor.

E os outros também amansaram um bocado; e eu fiquei imensamente agradecido àquele velho médico por fazer aquele favor ao Jim, e fiquei contente por aquilo ser conforme à opinião que eu tinha do Jim, também, porque desde a primeira vez que o vi que achei que ele tinha um bom coração e que era boa pessoa. Então todos concordaram que o Jim se tinha portado muito bem, e que merecia que isso fosse reconhecido e recompensado. Por isso todos prometeram, com grande sinceridade, que não o voltavam a insultar.

Depois saíram e deixaram-no trancado. Esperava que eles dissessem que ele podia ficar com menos correntes, porque elas eram terrivelmente pesadas, mas não pensaram nisso, e eu achei que era melhor não me meter ao barulho, mas

que havia de contar a história do médico à Tia Sally assim que tivesse conseguido ultrapassar todos os escolhos que tinha pela frente — estou a falar das explicações que ia ter de fornecer para o facto de me ter esquecido de avisar que o Sid tinha apanhado um tiro, quando lhes contei que ele e eu tínhamos passado aquela malfadada noite a remar à procura do preto.

Mas tinha tempo de sobra. A Tia Sally ficou no quarto do doente dia e noite, e eu evitava o Tio Silas sempre que o via a deambular por ali.

Na manhã seguinte, ouvi dizer que o Tom tinha melhorado bastante, e disseram que a Tia Sally tinha ido dormir uma sesta. Por isso esgueirei-me para o quarto do doente, e achei que se ele estivesse acordado havíamos de conseguir inventar um conto que a família engolissem. Mas ele estava a dormir, e profundamente, também; pálido, e não com as faces afogueadas como quando chegara. Por isso sentei-me e fiquei à espera que ele acordasse. Daí a cerca de meia hora a Tia Sally entrou suavemente, e lá estava eu, encurralado mais uma vez! Ela fez-me sinal para não fazer barulho, sentou-se ao meu lado, e pôs-se a segredar, dizendo que agora todos podíamos ficar contentes, porque os sintomas dele eram ótimos e há horas que estava a dormir assim, parecendo melhor e mais calmo a cada minuto que passava.

Por isso ficámos ali sentados a olhá-lo, e passado algum tempo ele mexeu-se um bocado; depois abriu os olhos, muito naturalmente, e disse:

— Olá! Estou em *casa*! Como é que é possível? Onde é que está a jangada?

— Está a salvo — disse eu.

— E o *Jim*?

— Também — disse eu, mas sem grande convicção. Só que ele não notou, e disse:

— Que bom! Ótimo! Agora estamos todos sãos e salvos! Contaste à Tia?

Eu ia dizer que sim, mas ela meteu-se e disse:

— Contou-me o quê, Sid?

— Ora, a história toda de como as coisas se passaram.

— Que história toda?

— Ora, a história toda! Só há uma: a história de como eu e o Tom libertámos o preto.

— Valha-me Deus! Libertaram... Mas de que é que esta criança está a falar? Oh, meu Deus, meu Deus, está outra vez a delirar!

— Não, não estou a delirar, sei muito bem de que é que estou a falar. Fomos nós que o libertámos, eu e o Tom. Decidimos que íamos libertá-lo e foi isso que fizemos. E muito bem feito, também.

Ele tinha-se lançado e ela não tentou pará-lo, ficou simplesmente embasbacada, a olhar, e deixou-o ir falando; eu percebi que não servia de nada tentar meter-me.

— Sim, Tia, porque não foi nada fácil — foram semanas inteiras de trabalho; horas atrás de horas, todas as noites, enquanto a Tia dormia. E tivemos de roubar as velas, o lençol, a camisa, o teu vestido, as colheres, os pratos, as facas, a escalfeta, a pedra de moer, a farinha, e mais sei lá quantas coisas, e nem imagina o trabalho que nos deu fabricar serras, penas, inscrições, e mais isto e aquilo, e ainda menos sabe o divertimento que foi. E tivemos de fazer desenhos de caixões e de coisas, e de escrever as cartas nónimas dos ladrões, e de subir e descer pelo para-raios, escavar o buraco na cabana, fazer a escada de corda e mandá-la dentro de uma tarte; e enviar colheres e outras ferramentas dentro do bolso do teu avental...

— Valha-me Deus!

— ... e de encher a cabana de ratazanas e de cobras e por aí fora, para fazerem companhia ao Jim, e depois a Tia fez o Tom esperar tanto tempo aqui dentro com a manteiga no chapéu que quase deitou tudo por água abaixo, porque os homens chegaram enquanto nós ainda estávamos dentro da cabana, ouviram-nos e vieram atrás de nós, e eu apanhei a minha dose; saímos do caminho e deixámo-los passar à nossa frente, e quando os cães vieram não se interessaram muito em nós, e foram para onde havia mais alarido e mais excitação; nós metemo-nos na canoa e fomos até à jangada, e correu tudo bem, e o Jim tornou-se um homem livre, e foi tudo obra nossa, sozinhos, e foi mesmo bestial, *não acha*, Tia Sally?

— Bem, eu nunca ouvi nada assim em dias da minha vida! Foram *vocês*, seus malandrecos, que causaram estes sarilhos todos, que viraram as nossas cabeças todas do avesso e nos pregaram sustos de morte! Ah, se eu pudesse, isso saía-te do pelo agora mesmo! Só de pensar que eu passei noites sem conta... Ah,

espera só, seu patifório, é só pores-te bom e podes crer que vão os dois apanhar a sova das vossas vidas!

Mas o Tom estava tão orgulhoso e tão feliz que não conseguia ficar calado, e pôs-se a palrar furiosamente ao mesmo tempo que ela cuspiu coisas incendiadas, e continuaram os dois um por cima do outro, como numa assembleia de gatos, até que ela disse:

— Pois bem, goza enquanto podes, porque se eu te *apanho* a bisbilhotar ao pé dele outra vez...

— Ao pé de *quem*? — diz o Tom, deixando de sorrir, com um ar surpreendido.

— De *quem*? De quem te parece? Do preto, é claro!

O Tom olhou para mim com um ar muito sério e diz:

— Tom, não me disseste agora mesmo que ele estava a salvo? Não conseguiu fugir?

— O *preto*? — pergunta a Tia Sally. — Podes crer que não! Trouxeram-no para aqui, são e salvo, e está outra vez na cabana, a pão e água, e todo acorrentado, até que seja reivindicado ou vendido!

O Tom endireitou-se na cama, com os olhos em brasa e as narinas a abrir e a fechar como guelras, e gritou-me:

— Eles não têm o *direito* de o fechar! *Vai!* Não percas tempo. Solte-o! Ele não é escravo nenhum, é tão livre como qualquer outra criatura debaixo do Sol!



O TOM ENDIREITOU-SE NA CAMA.

— Mas *de que é que* esta criança está a falar?

— Estou a falar daquilo que sei, Tia Sally, e se não for lá ninguém, vou eu. Conheço-o desde que nasci, e o Tom, que aqui está, também. A velha Miss Watson morreu há alguns meses, e disse que tinha vergonha de ter querido vender o Jim para o Sul, e por isso escreveu no testamento que lhe dava a liberdade.

— Então, se ele já era um homem livre, para que raio andavas *tu* a querer libertá-lo?

— Bem, essa é uma boa pergunta — e é *mesmo* uma coisa de mulher! Queria viver uma aventura, e se fosse preciso tinha-me afundado em sangue até ao pescoço para... *Tia Polly!*

E não é que ela estava ali na soleira da porta, com um ar doce e sereno, que nem um anjo de barriga cheia — eu só queria desaparecer!

A Tia Sally saltou-lhe ao pescoço, quase lhe arrancou a cabeça com um abraço, chorou para cima dela. Eu encontrei um sítio bastante bom debaixo da cama, porque me pareceu que aquilo começava a aquecer para nós. Espreitei cá para fora, e daí a nada a Tia Polly do Tom conseguiu soltar-se e ficou ali de pé a olhar para o Tom por cima dos óculos, como se quisesse enterrá-lo no chão. Depois disse:

— Sim, acho que tens boas razões para te encolher. Eu se fosse a ti fazia o mesmo, Tom.

— Valha-me Deus! — disse a Tia Sally. — Ele mudou assim tanto? Este não é o Tom, é o Sid! O Tom... O Tom está... Esta agora, onde é que se meteu o Tom? Estava aqui ainda há um minuto.

— Onde é que se meteu o Huck *Finn*, queres tu dizer! Parece-me que depois destes anos todos a educar este patife, era mau sinal se não o reconhecesse. Sai de baixo dessa cama, Huck Finn.

Por isso eu obedeci, mas não me sentia muito corajoso.

A Tia Sally estava com o ar mais confuso que alguma vez vi numa pessoa, tirando o Tio Silas quando entrou e lhe explicaram a história toda. Parecia que estava bêbado, por assim dizer, passou o resto do dia sem perceber nada, e nessa noite pregou um sermão que lhe deu uma reputação estupenda, porque nem o homem mais velho do mundo teria podido entendê-lo. Por isso a Tia

Polly do Tom contou-lhes exatamente quem eu era, e eu tive de me levantar e explicar que me tinha visto numa grande embrulhada quando a Mrs. Phelps me tomara pelo Tom Sawyer, e ela interrompeu-me e disse: «Ora, podes continuar a chamar-me Tia Sally, já me habituei, isso pode ficar na mesma.»... Que quando a Tia Sally me tomou pelo Tom eu tive de encaixar, não havia outra maneira, e sabia que ele não se ia importar e até que na verdade ia adorar o mistério e que havia de arranjar uma aventura e ficar perfeitamente feliz. E assim foi, ele fingiu ser o Sid e fez as coisas o mais fáceis possíveis para mim.

E a Tia Polly dele disse que o Tom tinha dito a verdade quanto à Miss Watson ter libertado o Jim no testamento, e portanto, claro, o Tom Sawyer tinha arranjado o cabo dos trabalhos para libertar um preto livre! E até esse instante eu nunca tinha conseguido perceber como é que um rapaz com a educação dele *era capaz* de ajudar a libertar um preto.

Bem, a Tia Polly disse que quando a Tia Sally lhe tinha escrito que o Tom e o Sid tinham chegado bem, tinha pensado consigo própria:

— Vejam-me isto! Bem devia ter sabido, a deixá-lo ir-se embora sem ninguém para o vigiar. Portanto, agora vou ter de ir numa excursão de onze mil milhas, até ao fim do rio, para descobrir o que é que esta criatura anda a tramar *desta vez*, já que não chegava nenhuma resposta pelo correio.

— Homessa, mas eu nunca recebi carta nenhuma tua! — disse a Tia Sally.

— Porque é que terá sido? Eu escrevi-te duas vezes a perguntar que história era essa de o Sid estar cá.

— Bem, mana, eu nunca as recebi.

A Tia Polly virou-se devagar e com um ar severo e disse:

— Tu, Tom!

— Sim... *O quê?* — diz ele, com um ar meio insolente.

— Não te atrevas, seu desavergonhado! Dá-me as cartas.

— Que cartas?

— *As cartas*. Se eu tiver de agarrar em ti...



«DÁ-ME AS CARTAS.»

— Estão na arca. Tome. E estão exatamente como estavam quando as fui buscar ao correio. Não olhei para elas, nem lhes toquei. Mas sabia que iam trazer sarilhos, e por isso pensei que se não estivesse com muita pressa...

— Bem, precisas *mesmo* de levar uns bons açoitos, não há dúvida. E escrevi outra a avisar que vinha a caminho, imagino que essa também...

— Não, essa chegou ontem; ainda não a li, mas *não faz mal*, essa tenho eu.

Queria apostar dois dólares em como ela não a tinha, mas achei que se calhar não era pior estar calado. Por isso não disse nada.

Capítulo XLIII — O Último

Assim que apanhei o Tom a sós, perguntei-lhe qual era a ideia dele, na altura da evasão — o que é que ele contava fazer se a evasão tivesse corrido como deve ser e se tivéssemos conseguido libertar um preto que já era livre? Ele disse que aquilo que tinha planeado desde o princípio era que se conseguíssemos tirar o Jim dali ileso, íamos descer o rio com ele, sempre a ter aventuras até chegarmos à foz; depois contávamos-lhe que ele era livre e trazíamos-lo de volta para cima num vapor, em grande estilo; pagávamos-lhe pelo tempo que tinha perdido; escrevíamos uma carta antes de chegar, para reunir os pretos todos, e entrávamos com ele na cidade a dançar com uma procissão de candeias e uma banda, e então ele seria um herói, e nós também.



LIBERTO DA ESCRAVIDÃO.

Livrámos o Jim das correntes num abrir e fechar de olhos, e quando a Tia Polly e o Tio Silas e a Tia Sally descobriram como ele tinha sido bom a ajudar o médico a tomar conta do Tom fizeram uma cena enorme e arranjaram-no todo bem-posto, e ofereceram-lhe tudo o que ele quisesse para comer, e divertimentos, e nada de trabalho. Levámos-lo ao quarto do doente e tivemos uma grande conversa; o Tom deu-lhe quarenta dólares por fazer de prisioneiro

para nós com tanta paciência, e com tanto jeito, e o Jim estava doido de contente, e disse:

— Estás a ver, Huck, o que é quê eu tê dissê na Ilha de Jackson? Disse-tê quê tenho pelos no peito, e o quê é quê issô quer dizer, e disse-te que já tinha sidô ricô uma vez, e quê havia de voltar a ser, e agora é mesmo vêr dad'! Estás a ver! Não me digas nada, sinal é sinal, eu disse-te e sabia quê ia ser ricô com tanta certeza como eu estar agora de pé nesta sala!

Depois o Tom pôs-se a falar e a falar, dizendo que devíamos os três fugir dali uma noite e arranjar um fato e ir procurar aventuras no meio dos índios, no Território, durante uma semana ou duas; eu disse que estava bem, que podia ser, mas que não tinha dinheiro para comprar o fato e que não ia conseguir arranjar nenhum em casa, porque o mais provável era o Velho ter voltado e obrigado o Juiz Thatcher a dar-lhe tudo, e a esta hora já o devia ter bebido todo.



A GENEROSIDADE DO TOM.

— Não, não voltou — disse o Tom —, ainda está todo lá: seis mil dólares e até mais, e o teu Velho nunca mais voltou. Pelo menos até eu me vir embora.

O Jim pôs um ar meio solene e disse:

— Ele não vai voltar a aparecer, Huck.

Eu disse:

— Porquê, Jim?

— Não intêressa, Huck. O quê intêressa é qu'ele não volta.

Mas eu não o deixei em paz, até que por fim ele disse:

— Não tê lembrás daquêla casa que estava a boiar pelo rio abaixo, e do homem quê estava lá dentro, tápado, e eu fui lá dêstapá-lo e não tê deixei entrar? Pois bem, podes ir buscar o teu dinheiro quando quiseres, porqu'essê homem era ele.

O Tom está quase bom, agora; pôs a bala ao pescoço numa corrente de relógio e passa a vida a ver as horas, e portanto já não há mais nada para contar, que é uma coisa que me deixa bestialmente feliz, porque se eu soubesse o trabalho que dá fazer um livro nunca me tinha metido nisto, e nunca mais hei de recommear. Mas acho que tenho de me raspar para o Território antes dos outros, porque a Tia Sally diz que me vai adotar e que me vai sivelizar, e eu não posso com isso. Já tive a minha conta.



FIM.

Cumprimentos, Huck Finn.

OBRAS DO AUTOR NESTA EDITORA

As Aventuras de Huckleberry Finn

As Aventuras de Tom Sawyer

O Príncipe e o Pobre

Viagens de Tom Sawyer